

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

JORGE NASSAR FLEURY DA FONSECA

JOSÉ COELHO DA GAMA ABREU: visões de Belém
de um funcionário do império (c. 1855-1894)

Rio de Janeiro

2014

JORGE NASSAR FLEURY DA FONSECA

José Coelho da Gama Abreu: visões de Belém
de um funcionário do império (c. 1855-1894)

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Urbanismo da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PROURB-FAU-UFRJ) para obtenção do grau de Doutor.

Orientadora: Prof. Dra. Margareth Aparecida Campos da Silva Pereira

Rio de Janeiro

2014

F676 Fonseca, Jorge Nassar Fleury da,
José Coelho da Gama Abreu: visões de Belém de um
funcionário do império (c1855-1894) /Jorge Nassar Fleury da
Fonseca. – Rio de Janeiro: UFRJ/FAU, 2014.
185 f. : il. 30cm.

Orientador: Margareth Aparecida Campos da Silva Pereira.

Tese (Doutorado) – UFRJ/PROURB/Programa de Pós-
Graduação em Urbanismo, 2014.

Referências bibliográficas: p.181-185.

1. Urbanismo - História. 2. Belém (PA) - História - Sec. XIX. I.
Abreu, José Coelho da Gama, 1832-1906. III. Pereira,
Margareth Aparecida Campos da Silva. III. Universidade Federal
do Rio de Janeiro, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo,
Programa de Pós-Graduação em Urbanismo. IV. Título.

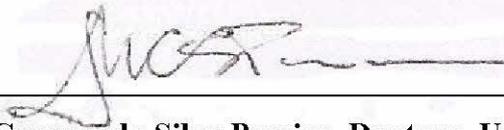
CDD 711

JORGE NASSAR FLEURY DA FONSECA

**José Coelho da Gama Abreu: visões de Belém
de um funcionário do império (c. 1855-1894)**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Urbanismo da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PROURB-FAU-UFRJ) para obtenção do grau de Doutor.

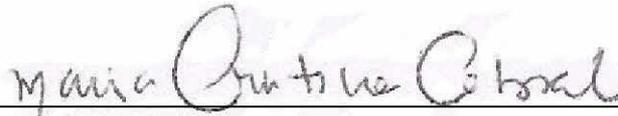
Aprovada em: 26 / 05 / 2014



**Margareth Aparecida Campos da Silva Pereira, Doutora, Universidade Federal do
Rio de Janeiro - UFRJ**



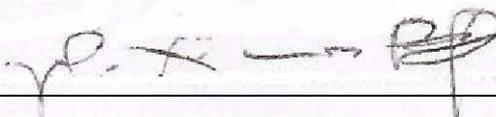
**Ana Lúcia Nogueira de Paiva Britto, Doutora, Universidade Federal do
Rio de Janeiro - UFRJ**



**Maria Cristina Nascentes Cabral, Doutora, Universidade Federal do
Rio de Janeiro - UFRJ**



**Marlice Nazareth Soares de Azevedo, Doutora, Universidade Federal
Fluminense - UFF**



Juliano Pamplona Ximenes Ponte, Doutor, Universidade Federal do Pará - UFPA

AGRADECIMENTOS

O processo de doutoramento é um tanto solitário, mas paradoxalmente ele não acontece sem a ajuda de várias pessoas. Não sendo diferente, esta tese só foi possível devido a um conjunto de colaboradores, parceiros e amigos que agradeço.

Evidentemente dentre estes está Margareth da Silva Pereira, a quem agradeço pelo acolhimento e orientação, por suscitar e incentivar o espírito de investigação e pesquisa bem como pela sua determinação de formar bons seres humanos.

À Prof. Ana Lucia Brito que sempre esteve presente nessa jornada e por suas preciosas contribuições diretas e indiretas à minha tese, desde suas aulas no seminário teórico avançado, até a minhas bancas de qualificação e defesa.

À Prof. Maria Cristina, pelas grandes contribuições em minha banca de qualificação.

À todos os professores e funcionários do PROURB, que formam esta comunidade de estudo e pesquisa, da qual tenho imensa satisfação em fazer parte.

À Keila, por estar incansavelmente pronta para ajudar a em todos os momentos que dela precisei.

Aos integrantes do grupo de pesquisa do Laboratório de Estudos Urbanos, pois sem eles esse caminho teria sido muito mais difícil e menos rico, em especial ao Mário, Dani e Priscila que sempre estiveram muito presente.

Também não posso deixar de agradecer ao Aldrin Figueiredo, meu orientador de mestrado que muito me ensinou e até hoje carrego comigo todas as suas contribuições enquanto professor, pesquisador e amigo.

Aos meus amigos de longas datas que longe ou perto estavam sempre comigo torcendo, dando forças e também me fazendo espairecer quando necessário.

Aos meus "amigos cariocas" que me fazem rir e suprem muito bem a falta que sinto dos "amigos paraenses"..

Ao Rafael Rodrigues, amigo e irmão que entende a ausência e mesmo de longe sempre está presente em todos os momentos.

À minha família, que mesmo distante e muitas vezes sem entender o que realmente faço, ou se "ainda estudo", sempre me apoiaram.

À minha melhor amiga e irmã Tathy, que também me ensinou muito nessa vida e contribuiu enormemente para minha formação enquanto ser humano. Agradeço por

sempre estar do meu lado e também compreender a distância e ter a certeza que isso não quer dizer que estejamos longe um do outro.

A meus pais, Jorge e Neusa, meus tudo, meu porto seguro. Não conseguirei jamais expressar minha gratidão e amor por eles. Sempre foram grandes incentivadores de minha vida nos estudos tendo sempre me apoiado em todas as minhas decisões.

À minha amiga, companheira e esposa, Aline Ferreira, por tudo que ela é e se tornou na minha vida. Por sua compreensão e paciência para aguentar meus momentos de estresse, sendo sempre alguém que está pronta para andar de mãos dadas até nos dias mais sombrios, onde é difícil ver uma luz no fim do túnel.

À Deus, por tudo!

RESUMO

Fonseca, Jorge Nassar Fleury da. **José Coelho da Gama Abreu**: visões de Belém de um funcionário do império (c1855-1894). Rio de Janeiro, 2014. Tese (Doutorado em Urbanismo) - Programa de Pós-Graduação em Urbanismo (PROURB), Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

Esta pesquisa aborda a história do pensamento urbanístico no Brasil, especificamente em Belém do Pará, a partir das representações e iniciativas de José Coelho da Gama Abreu (1832-1906). A cidade abordada passa por grandes transformações em seu aspecto urbano na segunda metade do século XIX, que a estruturam o que é hoje. Contudo essas alterações não serão abordadas diretamente, mas a partir da biografia intelectual de um ator social que se envolveu em inúmeras iniciativas e nas tomadas de decisões das questões debatidas nesse período sobre a forma da cidade. Gama Abreu foi viajante e cronista, mas também diretor de Obras Públicas, Presidente de Província, Intendente Municipal, além de vários cargos que assumiu ligados direta e indiretamente ao campo do urbano. Esses cargos fizeram com que sua vida cruzasse com uma série de outros atores sociais que também marcaram seus nomes na história urbana de Belém. Explora-se, nas páginas que seguem, as visões da cidade de Gama Abreu buscando ver nelas o que embasa hoje a forma urbana de Belém e mantém sua atualidade.

Palavra-chave: História do pensamento urbanístico; Belém; Século XIX; José Coelho da Gama Abreu.

ABSTRACT

Fonseca, Jorge Nassar Fleury da. **José Coelho da Gama Abreu**: visões de Belém de um funcionário do império (c1855-1894). Rio de Janeiro, 2014. Tese (Doutorado em Urbanismo) - Programa de Pós-Graduação em Urbanismo (PROURB), Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

This research focus on the urban thought history in Brazil, specifically in Belém-Pará, from the representations of José Coelho da Gama Abreu (1832-1906). The city approached undergoes large changes in its urban aspect in the second half of the nineteenth century, which structures the city nowadays. However these changes are not addressed directly, but from the social actor intellectual biography who was involved in numerous initiatives and decision-making of the issues discussed during this period concerning the shape of the city. Gama Abreu was director of Public Works, traveler and chronicler of perceptions that concerns urban issues, governor of the province, municipal quartermaster, beyond several previous positions directly and indirectly related to the urban field. These offices have made his life get crossed with a certain number of social actors which also marked their names on the urban history of Belém. It explores, in the pages that follow, the Gama Abreu city visions, aiming to see in them what underpins Belém today urban form and remains current.

Key-word: Urban Thinking HIstory; Belém; XIX century; José Coelho da Gama Abreu.

Lista de Imagens

Capítulo 1

Imagem 1. Esquema cartográfico de Belém do Grão Pará em meados do século XVIII.

Imagem 2. Planta levantada por Manoel Odorico Nina Ribeiro, a pedido da Vereação do Quatriênio 1883-1886.

Capítulo 2

Imagem 1. Catedral de Santa Maria de Belém, desenho do viajante Paul Marcoy in.: MARCOY, Paul. *Viagem pelo rio Amazonas*. Trad. Antonio Porro. Manaus: EDUA, 2001.

Imagem 2. Vista de da cidade de Santa Maria de Belém a partir da Baía, desenho do viajante Paul Marcoy in.: MARCOY, Paul. *Viagem pelo rio Amazonas*. Trad. Antonio Porro. Manaus: EDUA, 2001.

Imagem 3. Igreja da Nossa Senhora das Mercês em Santa Maria de Belém, desenho do viajante Paul Marcoy in.: MARCOY, Paul. *Viagem pelo rio Amazonas*. Trad. Antonio Porro. Manaus: EDUA, 2001.

Imagem 4. Mercado Municipal. In: Belém da Saudade. A Memória da Belém do início do Século, em Cartões-Postais. Belém: Secult, 1996.

Imagem 5. Teatro da Paz. In: Belém da Saudade. A Memória da Belém do início do Século, em Cartões-Postais. Belém: Secult, 1996.

Imagem 6. Salão nobre do Teatro da Paz. FIDANZA, Felipe Augusto. Teatro da Paz, 1875, albúmen, Coleção Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro - MAM-RJ - doação White Martins

Imagem 7. Palácio do Governo, desenho do viajante Paul Marcoy em 1847. in.: MARCOY, Paul. *Viagem pelo rio Amazonas*. Trad. Antonio Porro. Manaus: EDUA, 2001.

Imagem 8. Estrada de Nazaré em 1875. FIDANZA, Felipe Augusto. Teatro da Paz, 1875, albúmen, Coleção Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro - MAM-RJ - doação White Martins

Imagem 9. Estrada de São Jerônimo em 1875. FIDANZA, Felipe Augusto. Teatro da Paz, 1875, albúmen, Coleção Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro - MAM-RJ - doação White Martins

Imagem 10. Estrada de São Jerônimo em 1875. FIDANZA, Felipe Augusto. Teatro da Paz, 1875, álbumen, Coleção Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro - MAM-RJ - doação White Martins

Imagem 11. Largo de Nazaré, ao fundo a Igreja ainda não em sua forma de fins do século XIX. FIDANZA, Felipe Augusto. Arraial de Nazaré, 1875, álbumen, Coleção Gilberto Ferrez, Acervo do Instituto Moreira Salles

Imagem 12. Capela Nosso Senhor dos Passos / Capela Pombo. Fonte: OLIVEIRA, Domingos Sávio de Castro. Capela Pombo, Belém-PA, interpretação e perspectivas. Monografia de especialização. Belém: Faculdade de Arquitetura - Universidade Federal do Pará (FAU-UFPA), 2008

Capítulo 3

Imagem 1. Em verde Bairro de Batista Campos, em vermelho Bairro de Nazaré, em azul Bairro do Umarizal. Planta levantada por Manoel Odorico Nina Ribeiro, a pedido da Vereação do Quatriênio 1883-1886.

Imagem 2. Rua Santo Antônio, centro comercial de Belém. In.: SARGES, Maria de Nazaré. Belém: riquezas produzindo a belle-époque (1870-1912). Belém: Paka-tatu, 2002

Imagem 3. Mapa com o traçado das linhas de bonde no ano de 1871. Mapa: Interferências: Jorge Fleury, Fonte: Planta levantada por Manoel Odorico Nina Ribeiro, a pedido da Vereação do Quatriênio 1883-1886.

Imagem 4. Bonde de tração animal na Rua Conselheiro João Alfredo, 1870. Fonte: Belém da saudade: a memória de Belém no início do século em cartões postais. Belém: Secult, 1996

Imagem 5. Exposição do artista Carlos Azevedo no Foyer do Teatro da Paz Fonte: Belém da saudade: a memória de Belém no início do século em cartões postais. Belém: Secult, 1996

Imagem 6. Palácio municipal de Belém, atual Palácio Antônio Lemos, onde funciona o MABE - Museu de Arte de Belém. Fonte: Belém da saudade: a memória de Belém no início do século em cartões postais. Belém: Secult, 1996

Imagem 7. MHEP - Museu Histórico do Estado do Pará, projeto de Antônio Landi. Fonte: Fórum Landi

Imagem 8. Escola Politécnica de Lisboa, início sec. XX, In.: ARAUJO, Norberto de. Peregrinações em Lisboa, XI Vol. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, 1993

Imagem 9. Teatro da Paz. Fonte: Acervo digital de Antônio Sales

Imagem 10. Teatro da Paz. Fonte: Fidanza, Felipe Augusto. Teatro da Paz, ca 1875, álbumen, Coleção Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro - MAM-RJ -doação White Martins

Imagem 11. Cartão postal "El Embarcadero" no Parque do Retiro em Madri, 1870, Fototipia Castañeira y Alvarez, Madrid. Fonte: memoriademadrid.es

Imagem 12. Avenida da Imperatriz na entrada do Bosque de Boulogne. In.: ARPHAND, Adolphe. Les promenades de Paris: histoire, description des embellissements, depenses de creation et d'Entretien des Bois de Boulogne et de Vincennes, Champs-Elysees, Pacs, Squares, Boulevards, Places Plantes, 2 vol. Paris: J. Rothschild, Editeur, 1867-1873

Imagem 13. Bosque de Boulogne, Paris. Fonte: ARPHAND, Adolph. Les promenades de Paris: histoire, description des embellissements, depenses de creation et d'Entretien des Bois de Boulogne et de Vincennes, Champs-Elysees, Pacs, Squares, Boulevards, Places Plantes, 2 vol. Paris: J. Rothschild, Editeur, 1867-1873

Imagem 14. Almoço dos Intendentes realizado na intendência de Antônio Lemos, no Bosque Rodrigues Alves em 1903. Fonte: Pará, Governador (1901-1909: A. Montenegro). Álbum do Estado do Pará. Chaponet, 1908.

Imagem 15. Bosque Rodrigues Alves, In: Fonte: Pará, Governador (1901-1909: A. Montenegro). Álbum do Estado do Pará. Chaponet, 1908.

Imagem 16. Cais do Ver-o-peso. Fidanza, Felipe Augusto. Mercado Ver-o-peso, ca. 1875, albúmen, Coleção Gilberto Ferrez, Acervo do Instituto Moreira Salles

Imagem 17. Cemitério de Nossa Senhora da Soledade, Belém. Fidanza, Felipe Augusto. Mercado Ver-o-peso, ca. 1875, albúmen, Coleção Gilberto Ferrez, Acervo do Instituto Moreira Salles

Imagem 18. Cemitério de Santa Izabel, Belém. Fidanza, Felipe Augusto. Mercado Ver-o-peso, ca. 1875, albúmen, Coleção Gilberto Ferrez, Acervo do Instituto Moreira Salles

Imagem 19. Grupo de senhoras paraenses, representantes das classes abastadas da sociedade da borracha, 1870 In.: SARGES, Maria de Nazaré. Belém: riquezas produzindo a belle-époque (1870-1912). Belém: Paka-tatu, 2002

Anexos

Imagem 1. Boulevard Castilho França. Fonte: Belém da saudade: a memória de Belém no início do século em cartões postais. Belém: Secult, 1996

Imagem 2. Avenida São Jerônimo, atual Avenida Governador José Malcher, 1905. In.: SARGES, Maria de Nazaré. Belém: riquezas produzindo a belle-époque (1870-1912). Belém: Paka-tatu, 2002

Imagem 3. Trilhos dos bondes na recém pavimentado Boulevard da República, Belém, 1890. Fonte: Fidanza, Felipe Augusto. Boulevard da República 1, ca. 1890 albúmen, Coleção Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro - MAM-RJ -doação White Martins

Imagem 4. Praça da Trindade, início século XX. Fonte: Fidanza, Felipe Augusto. Boulevard da República 1, ca. 1890 albúmen, Coleção Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro - MAM-RJ -doação White Martins

Imagem 5. Praça da República, início século XX. Fonte: Fidanza, Felipe Augusto. Boulevard da República 1, ca. 1890 albúmen, Coleção Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro - MAM-RJ -doação White Martins

Imagem 6. Rua 15 de Novembro com a edificação do *Bank of London* em primeiro plano Fonte: Belém da saudade: a memória de Belém no início do século em cartões postais. Belém: Secult, 1996

Imagem 7. Docas do Bairro do Reduto. Fonte: Fidanza, Felipe Augusto, Docas do Reduto, ca. 1875, albúmen, Coleção Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro - MAM-RJ -doação White Martins

Imagem 8. Docas do Bairro do Reduto. Fonte: Fidanza, Felipe Augusto. Docas do Reduto, ca. 1875, albúmen, Coleção Gilberto Ferrez, Acervo do Instituto Moreira Salles

Imagem 9. "Leão na América", interior deste grande estabelecimento de modas em Belém. In.: SARGES, Maria de Nazaré. Belém: riquezas produzindo a belle-époque (1870-1912). Belém: Paka-tatu, 2002

Imagem 10. Paço Municipal e Provincial / Palácio Antônio Lemos, ao fundo vê se o Palácio do Governo (projeto do arquiteto italiano Antônio Landi). In: Belém da Saudade. A Memória da Belém do início do Século, em Cartões-Postais. Belém: Secult, 1996.

Imagem 11. Prédio da Biblioteca e Arquivo Público Municipal, na esquina da Travessa Campos Sales com a rua 13 de maio. In.: SARGES, Maria de Nazaré. Belém: riquezas produzindo a belle-époque (1870-1912). Belém: Paka-tatu, 2002

Imagem 12. Túnel de mangueiras na Travessa Quintino Bocaiúva, Bairro de Nazaré, 2008. Foto: Jorge Nassar Fleury

Imagem 13. Mercado Municipal. Foto: Jorge Nassar Fleury

Imagem 14. Mercado Municipal. Foto: Jorge Nassar Fleury

Imagem 15. APEP - Arquivo Público do Estado do Pará. Foto: Jorge Nassar Fleury

Imagem 16. Interior APEP - Arquivo Público do Estado do Pará. Foto: Jorge Nassar Fleury

Imagem 17. Teatro da Paz e um pouco da praça da República onde se situa, ambos projetos arquitetônicos e paisagísticos da segunda metade do século XIX. Foto: Jorge Nassar Fleury

Imagem 18. Palácio Municipal de Belém, conhecido como Palácio Antônio Lemos, onde funciona também o MABE - Museu de Arte de Belém. Foto: Jorge Nassar Fleury

Imagem 19. Ponte sobre lago com canoa no Bosque Rodrigues Alves. Foto: Jorge Nassar Fleury

Imagem 20. Fonte com chafariz no Bosque Rodrigues Alves. Foto: Jorge Nassar Fleury

Imagem 21. Passeio pelo Bosque Rodrigues Alves. Foto: Jorge Nassar Fleury

Imagem 22. Ponte sobre lago e vegetação nativa no Bosque Rodrigues Alves. Foto: Jorge Nassar Fleury

Índice

1. Introdução	15
1.1. Apresentação	15
1.2. A biografia intelectual de Gama Abreu: problemas de método	27
- A biografia em questão	30
- O urbanismo em debate: categorias de método	34
- Belém e as questões metodológicas da história das cidades	40
2. Gama Abreu, o funcionário do império	48
2.1. O contexto da instituição da repartição de obras públicas	51
2.2. O Jovem Gama Abreu e as questões urbanas	65
3. Crônicas de cidades: o pensamento urbanístico de Gama Abreu e suas ações	89
3.1. Abreu e os pilares do urbanismo: circulação	95
3.1.1. Rios e o sistema fluvial amazônico	95
3.1.2. As ruas: pavimentação e traçado	99
3.1.3. O sistema ferroviário	101
3.2. Abreu e os pilares do urbanismo: embelezamento	105
3.2.1. As edificações e sua importância	110
3.2.2. Baías, portos e natureza	116
3.2.3. Passeios e parques	118
3.3. Abreu e os pilares do urbanismo: salubridade pública	124

3.4. Abreu e os pilares do urbanismo: a sociedade e a justiça social	132
3.4.1. Cultura: comportamentos e diversões	132
3.4.2. Moda e vestuário	142
3.4.3. Cultura e arte	143
3.4.4. Teatros e Museus	144
3.4.5. Escolas e educação	145
3.4.6. Trabalho e trabalho escravo	147
3.4.7. Presídios e detentos	148
3.4.8. Fidalgos e discriminação	148
3.4.9. Mendigos	148
4. O legado de Gama Abreu: a conclusão de uma vida	151
5. Conclusão	159
6. Anexos	164
7. Fontes	176
8. Referências bibliográficas	181

1. Introdução

1.1. Apresentação

A presente pesquisa aborda um ator social que se envolveu em reflexões, projetos, tomada de decisões e execuções no campo das questões urbanas na segunda metade do século XIX, particularmente em Belém. Trata-se da ação de José Coelho da Gama Abreu (1832-1906) que desde sua formação na Universidade de Coimbra (1849-1853), até sua morte, exerceu uma intensa atividade naquela cidade. Contudo, sua carreira e suas posturas sofrem diversas guinadas e são marcadas por um momento de reclusão nos anos 1870 quando de suas inúmeras propostas e iniciativas para o desenvolvimento de Belém, tão fortes até então, parecem ser abandonados.

Neste período Gama Abreu viaja à Europa, onde permanece por mais de dois anos. Durante este período de viajante, ele vai ser um observador e um cronista de vários aspectos que envolvem o campo urbano. Sua viagem rendeu uma publicação em 3 tomos entre 1874 e 1876 intitulada *Do Amazonas, ao Sena, Nilo, Bosphoro e Danúbio, apontamentos de viagem*. A tese enfoca a biografia intelectual de Gama Abreu e as suas visões sobre a cidade de Belém no século XIX, desde o momento em que assume a direção da repartição de Obras Públicas da província do Pará em 1855, até quando, em 1894, ele deixa a Intendência Municipal de Belém.

Como se sabe, em meados do século XIX, as cidades foram palco de uma peça na qual o mundo acelerou ainda mais o seu ritmo cotidiano com a chamada segunda Revolução Industrial, e se os atores do espetáculo em cartaz foram os cidadãos, os diretores seriam os políticos de uma plateia na qual todos faziam parte. Termos como embelezamento e aformoseamento, salubridade pública, higiene, dentre outros, passaram a fazer parte do vocabulário social e do rol de problemas e soluções dentro do espaço político e edificado chamado cidade, passando a ser tema de discurso crítico de diferentes atores, indivíduos e grupos.

Em Belém as coisas não foram diferentes. Principalmente pelo fato de, a partir da descoberta do processo de vulcanização da borracha pelo estadunidense Charles Goodyear em 1840, a cidade ter passado por um rápido crescimento de acúmulo de riquezas por conta da exportação da goma elástica. Este fato rendeu aos cofres públicos quantias de recursos suficiente para a cidade passar por um período que foi intitulado de *Belle Époque*, além de permitir o enriquecimento e a formação de uma classe abastada e letrada que lhe marcaria a

história. A exemplo do que aconteceu em Paris em meados do século XIX e em fins do século XIX e início do século XX na capital Rio de Janeiro, Belém passa por obras que lhe conferem novas formas inspiradas nas reformas das cidades européias e brasileiras de então.

É preciso lembrar que no início do século XIX, a área urbanizada de Belém se restringia ao hoje chamado bairro da Cidade Velha e ao da Campina, e estava envolvida por terrenos alagadiços - particularmente pela zona do Piry. Apesar da proximidade, os dois bairros eram bem distintos. Cada um ficava de um lado do Forte instaurado a beira do rio, no encontro da hoje intitulada Baía do Guajará e do Rio Guamá. Os bairros beiravam o rio e a baía e cresciam em sentidos opostos um ao outro, por conta de sua situação geo-morfológica que lhe impunha limites fluviais (Imagem 1).

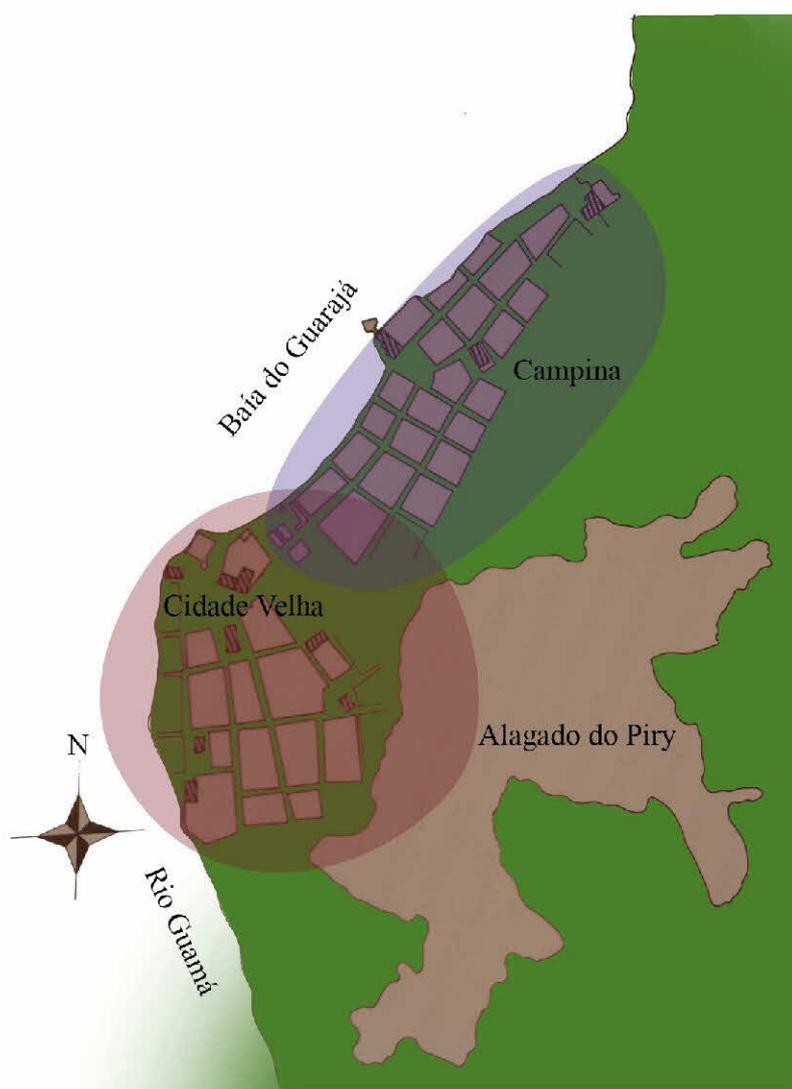


Imagem 1. Esquema cartográfico de Belém do Grão Pará em meados do século XVIII.

A cidade, fundada em 1616, crescia portanto em sentido longilíneo, a partir do vértice de um ângulo de quase 90°, respeitando a barreira natural a leste e sudeste - dos alagados e terrenos baixos - e a confluência do rio com a baía. Note-se que a zona alagada do Piry foi, por um longo tempo, assunto ignorado pelo temor da população das forças naturais na região¹. Posteriormente, no século XVIII, uma variada gama de possibilidades de seu aproveitamento começou a causar grande debates. Enquanto uns defendiam o aproveitamento desta espécie de lagoa, para tornar Belém a Veneza da Amazônia², outros queriam, ao contrário, expurgá-lo.

Só a partir de 1791, quando enfim foi proposto o aterro do alagado, a cidade começaria a crescer não mais ladeando os rios, mas em direção ao interior. A partir daí outras áreas começaram pouco a pouco a serem urbanizadas respeitando uma nova configuração. Neste período surgiram os bairros de Nazaré e Umarizal³ e tal crescimento pode ser percebido cem anos mais tarde na planta levantada por Manoel Odorico Nina Ribeiro, engenheiro da câmara, em encomenda da vereação do quadriênio de 1883 a 1886 (Imagem 2).

Belém então já exibia suas transformações oriundas do seu crescimento físico, quando ultrapassadas as áreas de barreiras naturais (como o Piry e a própria floresta), este seria estimulado principalmente pelo crescimento econômico proporcionado pela borracha exportada desde meados do século XIX. O que busca-se mostrar nas páginas seguintes é que essas mudanças não acontecem espontaneamente e nem aleatoriamente, mas sim a partir da existência de uma rede de pessoas executando, pensando, arguindo, confrontando, na qual destaca-se desde 1855, a figura de José Coelho da Gama Abreu.

¹ A sociedade falava da natureza como uma entidade. Tanto portugueses habitantes das terras lusas amazônicas como os viajantes que passavam pela cidade. Isso será mostrado em inúmeros casos mais adiante neste trabalho.

² A Veneza Amazônica foi como Gaspar Gronsfeld, um engenheiro alemão a serviço da corte portuguesa, imaginou e projetou a capital do Grão-Pará em 1771. Sobre isso ver em Fleury, Jorge Nassar. *Muralhas invisíveis*. Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Pará, 2009

³ CRUZ, Ernesto. Ruas de Belém: significado histórico de suas denominações. Belém: Cejup, 1992



Imagem 2. Planta levantada por Manoel Odorico Nina Ribeiro, a pedido da Vereação do Quatriênio 1883-1886.

Gama Abreu era filho de pessoas influentes e com certo poder aquisitivo. Seu pai, João Coelho da Gama Abreu, era oficial de marinha portuguesa e sua mãe, Anastácia Josefa Micaela da Gama Lobo, era filha do Tenente Coronel João da Gama Lobo. Tendo em mente o

início do século XIX, já que José nascera em 12 de abril de 1832, fica claro a importância, em Belém, dos militares na política, na educação e na engenharia, além de outros aspectos da vida cidadina. Essa influência dos militares em alguns diferentes aspectos da vida no século XIX na cidade, tem um caráter muito ativo a partir de 1835, quando foi desencadeada a revolta da Cabanagem⁴, só contida por volta de 1840.

Em 1837, com cinco anos de idade, Gama Abreu se muda com seus pais para Portugal, onde vive até 1846, quando, enfermo, regressa à Belém com catorze anos. Recuperado, aos dezessete anos volta à Portugal para cursar Direito na Universidade de Coimbra, onde obteve seu título em 1853. O corte da pesquisa que aqui ganha espaço começa assim em 1855, ano em que, já formado pela Universidade de Coimbra em direito e matemática, Gama Abreu volta mais uma vez a Belém onde fixou residência, iniciando sua carreira de funcionário público e, de certa forma, político. De fato, o jovem bacharel assume a direção da repartição de Obras Públicas com apenas vinte e três anos de idade, mas pode-se dizer que é aqui que ele também sela sua relação com o urbanismo, disciplina que tomava também forma através das grandes obras de "melhoramentos" públicos.

A divisão de Obras Públicas foi instituída em 1854, quando o presidente da província do Pará era Sebastião do Rego Barros (1803-1863), um engenheiro militar pernambucano, de cinquenta e um anos de idade, com patente de tenente coronel. Rego Barros havia sido preso em 1821, aos 18 anos, às vésperas da Independência, sob acusação de conspirar em favor da separação do Brasil. Reabilitado, Rego Barros foi, entre 1837 e 1839, ministro da Guerra já durante o governo de Marquês de Olinda (1793-1870), quando este assume a regência já do Império.

A repartição de obras paraense foi instituída sem um diretor, mas já com definições e normatizações das condições para o engajamento de um engenheiro e uma listagem de materiais para serem adquiridos na capital Rio de Janeiro e na França⁵. O profissional a ser engajado provavelmente viria da Europa, uma vez que o documento que cria a repartição estabelecia que receberia em réis um pagamento fixado em francos. Possuiria algumas

⁴ SALLES, Vicente. *Memorial da Cabanagem: esboço do pensamento político revolucionário no Grão-Pará*. Belém: CEJUP, 1992; DI PAOLO, Pasquale. *Cabanagem: a revolução popular da Amazônia*. Belém: CEJUP, 1986; CHIAVENATO, Julio José. *Cabanagem: o povo no poder*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984.

⁵ Estes materiais foram ser registrados em documento assinado por João Silveira de Souza (1824-1906), então secretário de governo. Anos depois, Souza ainda exerceu cargo de presidente de algumas províncias como a do Ceará, Maranhão e Pernambuco além da província do Pará, entre 1884 e 1885. Este ainda foi Ministro das Relações Exteriores do Brasil em 1868.

regalias como um bônus para despesas com a viagem além da passagem já paga pelo governo da província⁶.

Em 1855, um ano se passara desde essas decisões e engenheiro algum viera. Quem exercia interinamente o cargo de diretor de obras públicas era o Capitão d'Engenheiros Juvêncio Manuel Cabral de Menezes que, naquele ano, tivera que deixar a província e ir para a Corte do Império no Rio de Janeiro. Foi quando o então vice-presidente da província do Pará, João Maria de Moraes, decide, não existindo outro engenheiro que pudesse substituir o provável francês nem a Menezes, nomear para o cargo de diretor da repartição de Obras Públicas, o Dr. em matemática José Coelho da Gama e Abreu, a quem por certo não faltava "a idoneidade precisa para bem desempenhá-lo"⁷. É desta forma que o jovem Abreu assume a direção das obras da província do Pará, ingressando, então, em uma vida pública da qual jamais saíra.

Sem formação alguma em engenharia ou áreas afins, José Coelho da Gama Abreu começa a esquadrihar a cidade e a desenvolver o que foi uma longa carreira de altos e baixos. Associações, alianças temporárias e oposicionismos fazem parte da trajetória política de Gama Abreu, desde que assumiu a direção de obras públicas até 1871, quando, com trinta e nove anos, foi exonerado do cargo. Naquele ano, e após dezessete anos de criação, a repartição de Obras Públicas seria também extinta, durante o governo de Abel Graça. Durante o mandato de Gama Abreu percebe-se uma constelação de ideias saindo do papel: propostas e obras executadas ou paralisadas e interrompidas por conflitos políticos ou por falta de recursos, já que a época ainda não era o auge da exportação do látex.

Preocupado, além de outras coisas, com o embelezamento citadino, palavra que passa a utilizar em seus relatórios a partir de 1859, também gasta tempo pensando nos aspectos relativos à salubridade pública e ao ajardinamento. Antecipando o que aconteceu na capital Rio de Janeiro em 1864 quando, a pedido do Imperador Dom Pedro II, foi realizada uma grande reforma no Passeio Público pelo paisagista francês Auguste François Marie Glaziou (1833-1906)⁸, na província do Pará, em 1855 e a pedido de Gama Abreu, foram contratados

⁶ Fala que o Exm. Snr. conselheiro Sebastião do Rego Barros, presidente desta província, dirigiu á Assembléa Legislativa provincial na abertura da mesma Assembléa no dia 15 de agosto de 1854. Pará: Typ. da Aurora Paraense, 1854.

⁷ Exposição apresentada pelo Exm Snr Dr João Maria de Moraes, vice-presidente da província do Pará, por ocasião de passar a administração da mesma província para o Exm Snr Coronel Miguel Antônio Pinto Guimarães. Pará: Typ de Santos e Filhos, 1855. p. 13

⁸ VIDAL, Laurent; LUCA, Tania Regina de (Orgs). *Franceses no Brasil, séculos XIX e XX*. São Paulo: Ed. UNESP, 2009; HETZEL, Bia, NEGREIROS, Sílvia (org.). *Glaziou e as raízes do paisagismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Manati, 2011

nove jardineiros franceses para as tarefas de ajardinamento da cidade, todos ficando sob o seu comando.

A partir do segundo reinado e pelo menos até os anos 1870, observa-se que vários engenheiros militares atuaram em diversas províncias no território hoje entendido como brasileiro para dar suporte e garantir o controle e a hegemonia do governo central. Eram homens de confiança do governo do Império e do imperador, constantemente realocados em distintas regiões. Henrique de Beaurepaire-Rohan (1812-1894), por exemplo, militar e político, foi, além de Ministro da Guerra do Brasil, entre 1864 e 1865, presidente da província do Paraná, da Paraíba e também do Pará (1856-1857), pouco tempo depois de Gama Abreu assumir a direção da repartição de Obras Públicas.

Rohan em seus relatórios para o governo central sublinhava a capacidade e competência do "engenheiro" encarregado pela direção de obras públicas. Como se vê, um ano depois de assumir o cargo, Gama Abreu já estava sendo referido como sendo engenheiro e suas qualidades sendo exaltadas para o governo imperial. Por sua vez, os próprios relatórios enviados por Abreu para os presidentes da província eram, geralmente, também transcritos nos balanços destes últimos e enviados para o governo central. Beaurepaire no entanto é um dos poucos que atribui esses escritos ao próprio diretor da repartição de obras públicas. Certamente foram a responsabilidade e a competência para exercer seu cargo na repartição de Obras Públicas, que acabaram sacramentando sua importância para as questões urbanas em Belém. Beaurepaire-Rohan ressalta, por exemplo, que "quanto a essa especialidade (obras públicas) refiro-me ao bem deduzido relatório do diretor José Coelho da Gama e Abreu, e recomendo-vos o seu trabalho, que é feito com notável método e clareza"⁹.

É importante lembrar que, como mencionado, um novo ingrediente mudaria a história da capital paraense nesse período: a descoberta do látex. A intensificação da extração da goma elástica trouxe para os cofres públicos um acúmulo de capital até então não registrado. Também acarretou um movimento migratório importante, atraindo pessoas que se beneficiavam, seja através de empregos diretos ou indiretos. Esse processo causou uma explosão demográfica que a capital do Grão-Pará não estava pronta para receber, acabando por gerar demandas e pressões generalizadas que intelectuais e quadros técnicos e administrativos que detinham o poder de decisão naquele momento acabaram tendo que levar em conta.

⁹ Relatório apresentado á Assembléa Legislativa Provincial do Pará no dia 15 de agosto de 1856, por ocasião da abertura da primeira sessão da 10.a legislatura da mesma Assembléa, pelo presidente, Henrique de Beaurepaire-Rohan. Pará: Typ. de Santos & filhos, 1856. p. 15

Guardadas as proporções, Haussmann - responsável pela reforma urbana de Paris, comandada por Napoleão III - em seu discurso pronunciado diante do Conselho Municipal em 1855 comentava uma situação parecida com a que Belém iria viver ao ressaltar a presença dos estrangeiros na cidade. Como explanava o francês, estas pessoas mantinham seus mais caros interesses em seus países, tendo a capital francesa como um “grande mercado de consumo; um imenso canteiro de trabalho; uma arena de ambições ou, apenas, um encontro de prazer”¹⁰. Afinal, aquele não era o país natal para a maioria deles.

De fato, a cidade, até o século XVIII, não era simplesmente “no campo, mas do campo”. A primeira e, naquele momento, a segunda revolução tecnológica e das relações de trabalho acabou abalando a relação de complementaridade que mantinha unidos o campo e a cidade¹¹. A urbanização da era industrial, conferia ao Velho Mundo dois tipos de cidade grosso modo: a cidade aberta, como Londres; e a cidade fechada, como Paris, cercada pelas muralhas. Não é surpresa alguma que o primeiro plano mais elaborado se deu em uma cidade circunscrita por muralhas, onde a "desordem" criada pela limitação espacial talvez fosse mais chocante e sem esperança. Apesar do fato de que em 1850 a França estar em um patamar inferior ao da Grã-Bretanha economicamente, Paris foi a primeira cidade a ter um plano de regularização na era industrial¹², até mesmo por que, como se sabe, a Londres herdada do período medieval, havia sido totalmente renovada após o grande incêndio no século XVII.

Ora, Belém beneficiou-se das dinâmicas econômicas dessas revoluções e a difusão do látex gerou transformações. Como em alguns lugares do velho mundo, Belém passa pela experiência de mudança da cidade antiga, não apenas em sua organização espacial, mas também na mentalidade dos seus moradores, observando-se uma espécie de elogio às iniciativas de planejamento. A instauração de instituições públicas, como a já comentada Divisão de Obras Públicas, surgiu neste contexto quando parece ser necessária a presença de figuras como Gama Abreu, que pensam e estruturam a cidade e estão no cerne das decisões.

A partir do ano 1864, quando assume a presidência da província Couto de Magalhães, dito conservador, as coisas começam a mudar para Gama Abreu. Seus relatórios são combatidos violentamente e as iniciativas para as quais pedia execução ou sua própria gestão na Divisão de Obras Públicas passam a ser atacadas. O então presidente Magalhães confronta o que vinha sendo feito pela divisão de Obras Públicas escrevendo que "engrandecer não quer dizer possuir edifícios bonitos e superiores às nossas forças; não quer dizer ter passeios

¹⁰ HAUSSMANN, Georges. *Mémoires*. Paris: V. Harvard, 1890-1893. p. 199

¹¹ CHOAY, Françoise. *Destinos da cidade européia: séculos XIX e XX*. in: Rua, n. 6, Salvador, 1996

¹² CHOAY, Françoise. *Destinos da cidade européia: séculos XIX e XX*. in: Rua, n. 6, Salvador, 1996

agradáveis, nem árvores muito bem plantadas e em linha reta". Tudo isso era um luxo: "e luxo só deve ser atendido, depois que atendidas forem as necessidades"¹³. É neste momento que as forças de Gama Abreu serão testadas e as suas realizações em andamento na cidade começam a se esvaír.

Em 1867 Gama Abreu perde sua esposa¹⁴. O seu falecimento somado com o fato de, em 1871, quatro anos mais tarde, ter sido exonerado de seu cargo de diretor de obras públicas e da própria extinção da repartição leva a que se decida se ausentar por um tempo da vida política. Resolve então dedicar-se aos relatos de viagens que havia realizado em sua vida, sobretudo à viagem que fizera com sua esposa e filho entre 1867-68. Já em 1874-76 é então publicado um livro em três tomos de seus escritos intitulados *Do Amazonas ao Sena, Nilo, Bosphoro e Danúbio, apontamentos de viagem*¹⁵.

Nestes apontamentos, Gama Abreu declara que fez uma espécie de retiro em forma de viagem, mas, pode-se dizer que dentre outras coisas, trabalhou e apurou um pensamento sobre cidades, envolvendo o espaço construído e o social¹⁶. Os escritos de José Coelho da Gama Abreu estão divididos em capítulos que equivalem aos trechos de sua viagem. Em cada um deles arguiu sobre, por exemplo: diferenças entre portugueses e espanhóis, linhas férreas peninsulares, passeios públicos, museus, mendigos, organizações de caridade, organização social, bordéis, ladrões, cafés, dentre vários outros temas e aspectos da vida coletiva sobre os quais se detém¹⁷. Não é difícil, lendo seus apontamentos, classificar suas ideias dentre os quatro pilares do urbanismo - circulação, salubridade, embelezamento e justiça social¹⁸.

Nestes três volumes ele registrou o que percebia fazendo sempre paralelos com Belém. Arregimentando e fortalecendo suas opiniões, Gama Abreu regressa não mais como o jovem de 23 anos que assumira a diretoria de obras públicas em 1855, mas sim como um homem experiente de quarenta e dois anos. Mais seguro e convicto das coisas nas quais acreditava,

¹³ Relatório dos negócios da província do Pará. Dr. Couto de Magalhães, presidente do Pará, 1864. Pará: Typ. de Frederico Rhossard, 1864. p. 81

¹⁴ Vítima de parto laborioso de seu filho. Maria Pombo Brício (-1867), com quem Gama Abreu casara em 1857, era filha do comendador Jayme David Brício, membro da importante família Brício do Maranhão e estabelecida no Pará, e de Maria do Carmo Henriques da Silva Pombo, da renomada família Silva Pombo do Pará. Sobre o assunto ver em BARATA, Carlos. *Dicionário das famílias brasileiras*. São Paulo: Originis - Sociedade de Pesquisa, 1999

¹⁵ GAMA ABREU, José Coelho. *Do Amazonas ao Sena, Nilo, Bosphoro e Danúbio, apontamentos de viagem*. Lisboa: Typographia Universal, 1874

¹⁶ CHOAY, Françoise; *O Urbanismo: Utopia e realidades de uma antologia*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2003

¹⁷ GAMA ABREU, José Coelho. 1874, op. cit.

¹⁸ PEREIRA, Margareth da Silva. *Rio de Janeiro: L'ephemere et la perennite - histoire de la ville au XIXeme siècle*. Tese de doutoramento, 1887

retorna ao cenário político paraense. Cinco anos mais tarde ele assumiria a própria presidência da província do Pará (1879-1881), demonstrando, aos olhos de quem o pesquisa hoje, outra postura de vida. Um de seus atos foi a reestruturação da repartição de obras públicas, que voltou a funcionar no ano de 1881.

Neste momento sob a direção de José Felix de Soares, um dos engenheiros mais velhos no estado do Pará, a repartição de Obras Públicas ganhou força graças, também, ao aumento de recursos por conta do apogeu do látex¹⁹. A partir de 1881 a divisão de Obras Públicas seria restabelecida e comandada por pessoas que lhe dariam longevidade e notoriedade. Dois outros engenheiros foram contratados para auxiliar a repartição: Agostinho Autran e Henrique Américo Santa Rosa. Este último, figura muito importante na cena paraense. De fato, Santa Rosa se formou em engenharia civil na Escola Politécnica do Rio de Janeiro e, anos mais tarde, se transformou no geógrafo paraense mais importante da primeira metade do século XX e o primeiro historiador da natureza local²⁰.

Em 1881, Gama Abreu recebe também o título de Barão de Marajó, concedido pelos bons serviços prestados ao império. Em 1889, chefiou a comissão que seguiu em direção à Exposição Universal de Paris, como parte das festas em comemoração dos cem anos da Revolução Francesa, quando foi apresentada ao público a torre concebida por Gustave Eiffel (1832-1923). Festas do progresso, nas Exposições Universais as nações mostravam suas novidades em tecnologias²¹.

Belém participou de inúmeras destas feiras e o nosso, agora, Barão de Marajó, além de chefiar a delegação da Exposição Universal de 1889, também participou daquela realizada em 1893 em Chicago²². Mesmo depois de proclamada a república em 1889, continuava fazendo parte das grandes decisões e sendo escolhido para representar a cidade de Belém, o Pará e o Brasil. Em 1891, com cinquenta e nove anos, Gama Abreu assume a presidência do Conselho da Intendência Municipal de Belém, equivalente nos dias de hoje ao cargo de prefeito, onde

¹⁹ SARGES, Maria de Nazaré. *Belém, riquezas produzindo a Belle-Époque*. Belém: Paka-Tatu, 2002

²⁰ Gama Rosa foi diretor da seção de Obras Públicas por vinte e dois anos consecutivos, entre 1890 e 1912, os principais anos do áureo tempo da goma elástica. Foi responsável, dentre outras coisas, pelo próprio desenho e simbologia do Brasão do Pará no ano de 1903. Sobre o assunto ver em MORAES, Tarcísio Cardoso. *Geografia do poder: círculos intelectuais, natureza e historiografia na República paraense*. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História - ANPUH - São Paulo, 2011

²¹ PEREIRA, Margareth da Silva. *1908: um Brasil em exposição*. 2. Ed. Rio de Janeiro: Casa 12, 2010

²² GAMA ABREU, José Coelho. *The state of Pará: notes from the exposition of Chicago*. New York: The Knickerbocker Press, 1883.

permanece até 1894 - recorte final da presente tese. Em 1895, ele publicara uma *Corografia* intitulada *A Amazônia. As províncias do Pará e Amazonas e o governo central do Brasil*²³.

Como pode-se perceber, Gama Abreu vive vários momentos distintos em sua vida, todas elas tendo relação direta com as cidades, na qual uma das mais significativas mudanças foi no período entre 1874 a 1876 quando publica seus apontamentos de viagens. A presente pesquisa pretende focar desde o momento em que José Coelho da Gama Abreu assume a direção da repartição de Obras Públicas, em 1855, até o momento em que ele deixa a Intendência Municipal, em 1894.

Para tanto, será dividida em quatro capítulos estruturais, além do primeiro introdutório que apresenta o tema e também discute os aspectos teóricos e metodológicos. O segundo capítulo irá abordar os momentos iniciais do jovem Gama Abreu a frente da repartição de Obras Públicas, relacionando sua trajetória ao contexto. A intenção é fazer uma abordagem histórica da cidade neste momento e a forma como Gama Abreu lida com estes primeiros anos a frente da instituição tendo que exercer, com 23 anos, um cargo que não era o de sua formação específica.

O terceiro capítulo irá analisar, principalmente, os apontamentos de viagem escritos por Gama Abreu. A ideia é configurar e categorizar seus escritos dentro dos 4 pilares do urbanismo²⁴ de forma a melhor entender seu próprio pensamento. A intenção é relacionar estes escritos com os momentos que antecederam a publicação - à frente da repartição de Obras Públicas - e aquele após as viagens - quando Gama Abreu ainda não retornara ao cenário das decisões.

O quarto capítulo enfoca a fase em que foi presidente da província do Pará, iniciando-se em 1881 e se estendendo até 1889, quando reestrutura a reinstalação da repartição de obras públicas. Seguindo um percurso cronológico, a abordagem deste capítulo irá tratar a relação de Gama Abreu com a participação de Belém na Exposição Universal de Paris, em 1889. Para completar o desenvolvimento da tese, o capítulo cinco, quase uma conclusão, tem seu desfecho na Exposição Universal de Chicago, em 1893, e no momento em que este foi o primeiro Intendente Municipal, entre 1891 e 1894, no primeiros momentos de Belém na tão falada fase *Belle Époque*.

²³ GAMA ABREU, José Coelho. *A Amazonia, as províncias do Pará e Amazonas, e o governo central do Brasil*. Lisboa: Typ Minerva, 1883

²⁴ Sobre isso ainda retornaremos mais a frente. Sobre o assunto a referência são os seminários de doutorado de Margareth da Silva Pereira ou em escrito sua tese de doutoramento: PEREIRA, Margareth da Silva. *Rio de Janeiro: L'ephemere et la perennite - histoire de la ville au XIXeme siècle*. Tese de doutoramento, 1887

Fazendo uma abordagem das posturas de José Coelho da Gama Abreu ao longo de sua vida, percebe-se o amadurecimento de seu pensamento urbanístico, o que o torna uma importante figura para a história da cidade e do urbanismo em Belém e para a sua configuração ainda hoje.

1.2. A biografia intelectual de Gama Abreu: problemas de método

Quando nos deparamos com um estudo sobre um ator social, como José Coelho da Gama Abreu, personagem "histórico" da cidade e que ao mesmo tempo em que é nome de rua e possuiu o título de Barão do Marajó, é desconhecido em suas iniciativas, logo nos damos conta de um emaranhado de problemas que suscitam decisões e escolhas. Além do mais, somam-se inúmeros empecilhos e dificuldades sobretudo ao fazer um registro como este, se levarmos em conta como foi exposto até aqui - seu papel no desenvolvimento da cidade. Em momento algum a presente discussão se afastará do estudo da vida e obra de Gama Abreu. Contudo, como ponto de partida dos problemas metodológico que devem ser enfrentados, precisamos reafirmar a sua importância para a "história urbana". Como de fato já afirmado e espera-se demonstrar ao longo do presente trabalho, Gama Abreu está à frente de muitas das principais decisões que guiaram e deram forma urbanística e arquitetônica à Belém na segunda metade do século XIX, estruturando o que a cidade é hoje. Sua carreira como diretor de Obras Públicas, onde permanece durante mais de quinze anos, já é sintoma de seu papel no cenário dos debates e implementação de obras e em questões cidadinas e, mais tarde, da expansão da cidade.

Um dos motivos de ressaltar a sua importância para o urbanismo é o fato de que pouco se atenta, no Brasil, para atores como ele, que não estiveram diretamente à frente de pranchas desenhadas, mas de tomadas de decisões. De fato, a tradição dos estudos do urbanismo no Brasil privilegia uma história dos planos em detrimento dos projetos, programas e discursos textuais, isto é, de representações não gráficas. Silenciando, assim, figuras que alimentam o próprio campo de debates sobre o qual se fundaria, posteriormente, a disciplina. Não nos admira então que não se tenha ainda relacionado Gama Abreu com os precursores do pensamento urbanístico de Belém, ou do Brasil, ou sequer com a história da administração pública municipal ou estadual. Essa observação é particularmente importante quando comparada com o meio internacional. De fato, apesar da parca existência de antologias do pensamento urbanístico, como exemplo a de Françoise Choay, diversos pensadores são elencados e apontados por sua importância como reformadores urbanos ou sociais e foram lidos sob este viés.

Assim nos perguntamos como os urbanistas construíram um campo disciplinar e como este campo disciplinar vem sendo entendido e construído no Brasil? Mais que isso, como ultrapassar os limites construídos no campo até hoje a partir de uma biografia intelectual?

Fundamental também é, sabendo que o urbanismo é um campo interdisciplinar, descobrir como fazer com que dialogue com outras histórias construídas em outros campos do saber? Estes problemas se colocam à atividade de pesquisa na medida em que as ideias e o pensamento de Gama Abreu, uma figura "histórica" ligada à política, está sendo considerada como diretamente envolvida com a definição do espaço urbano de Belém na segunda metade do século XIX.

Antes de mais nada, precisamos ter em mente que a presente pesquisa analisa a vida de um indivíduo concreto e sua biografia profissional. O gênero biografia foi desqualificado na área dos historiadores por muito tempo. Entretanto, não se faz história sem pessoas, sem atores sociais, sem um lugar onde a história se passe e, por último, mas não menos importante, sem um modo de pensar o tempo histórico onde os fatos aconteçam.

É importante ressaltar o ineditismo da presente tese partindo do fato de que não existe abordagem de José Coelho da Gama Abreu enquanto pessoa que construiu e ajudou a pensar a cidade de Belém em sua forma física e social. Nem em livros e tampouco em teses e dissertações ele vem sendo objeto de pesquisa isolada, muito menos seu nome é relacionado ao viés de um pensador das questões cidadinas.

Além disso, raras são as pesquisas realizadas que apresentam, como esta, o cruzamento de um ator social e sua obra na cidade. Os textos sobre a segunda metade do século XIX em Belém, abordam edifícios de forma isolada ou outros aspectos distintos sem qualquer relação com o ambiente construído.

Também raras são as pesquisas que intentaram, por exemplo, uma história urbana de Belém, como a de Sarges, que acaba sendo referência pra qualquer pessoa que estude o período. Nesta pesquisa datada de 1987, fruto de seu empenho desde seu mestrado, não só falta a experiência dos sujeitos históricos, mas também desenvolve uma história urbana plena de uma visão neo-marxista de conceber a cidade, por parte dos atores sociais que aborda, e a sua própria de conceber uma pesquisa história. Ademais, ela também enfoca sobretudo o período das reformas cidadinas realizadas no período de Antônio Lemos (1897-1912)²⁵.

De fato não é analisada a cidade, nem Gama Abreu, muito menos a Belém de Abreu. Aqui nesta tese, além de ser realizada uma biografia do Barão de Marajó enquanto pessoa que construiu a cidade em sua forma, também é realizada a biografia de Belém, pois tampouco existe algo com esta abordagem.

²⁵ SARGES, Nazaré. *Belém: riquezas produzindo a Belle-Époque (1870-1912)*. Belém: Paka-Tatú, 2002.

Além disso, outra abordagem realizada nesta tese foi a de lançar um olhar "invertido" sobre os viajantes do século XIX. O que comumente se faz é analisar como estes percebiam o Brasil, aqui analisa-se como um brasileiro visualizava e registrava as cidades européias. A realização desta análise se fez também sem se distanciar da temática aqui intencionada, por isto a divisão das análises dos apontamentos de viagem de Gama Abreu foram inseridas em temas importantes às questões urbanas, o que também ajudava a perceber o seu pensamento em conexão com este campo.

Esse desafio nos remete a percorrer várias trilhas que não se consegue passar sozinho. Uma série de pesquisadores, estudiosos, literatos, autores emprestam suas palavras ao que aqui busca-se desenvolver. Alguns indo ao encontro e outros discordando das ideias aqui adotadas e seguidas. Alguns aparecem de relance, outros fazem um diálogo mais presentes na pesquisa e ainda existem aqueles que aparecem durante todo o percurso de forma enfática. Neste último caso encaixam-se algumas figuras constantes no trabalho, para a questão das biografias e das trajetórias profissionais, como é o caso de Françoise Choay (1925-), historiadora e professora de urbanismo e de suas teorias, autora de um dos primeiros levantamentos de figuras do século XIX com um perfil, que talvez possa ser comparado com o de José Coelho da Gama Abreu. Aqui talvez fosse possível associar Gama Abreu sobretudo ao que Françoise Choay chamou de "urbanismo de regularização". Em segundo lugar, Roger Chartier (1945-), historiador francês vinculado a historiografia da Escola dos Annales nos auxiliou a pensar a história cultural, inclusive aquelas específicas das cidades, como o caso de Belém. Também neste percurso que não se faz desacompanhado, François Dosse (1950-), professor do Instituto de Estudos Políticos de Paris, tem contribuído para a reflexão sobre a biografia como gênero e muito serviu a este trabalho. Por fim, também contribui para esta tese, Margareth da Silva Pereira, que dedica vários de seus textos e pesquisas ao estudo e entendimento do campo do pensamento urbanístico.

A biografia em questão

Apesar deste trabalho abordar a vida de uma figura ligada ao governo durante quase toda sua vida, aqui não se pretende fazer uma história política. Antes de mais, o que é feito aqui se identifica com um gênero da biografia, mais precisamente, da biografia intelectual. Esta busca analisar qualquer pessoa a partir de um estar no mundo que foi historicamente associado à esfera dos saberes disciplinares: artistas e artesões, literatos, cientistas, filósofos e demais pensadores. Apesar do "eclipse biográfico" registrado por Françoise Dosse - um dos mais renomados pensadores do gênero da biografia enquanto gênero, ao lado de Ricoeur, Foucault e Bourdieu - certas tradições de estudos disciplinares mantiveram práticas narrativas biográficas.

Outra questão é a da autoria que é tensionada ao máximo ao se esmiuçar sujeitos que quiseram se exprimir através de suas obras. "Vidobra", esta abordagem biográfica que busca lançar luz sobre este enredamento, também não é isenta de armadilhas, em particular o tratamento paralelístico entre vida e obra, pouco atento às assincronias entre meios de representação. Ao se realizar uma biografia intelectual, se percebe a reprodução de clivagens operadas por conceitos como arte e ciência, os quais se desdobram em uma miríade de campos e tradições disciplinares que, não raro, implicam no ofuscamento da riqueza de saberes multi e transdisciplinares que um sujeito pode agenciar de forma complexa²⁶.

A biografia é uma narrativa, portanto impinge uma sequência cronológica na qual um sujeito evoca um recorte de um outro, ambicionando sua verossimilhança. Como registrado no livro *Jean Moulin* do historiador francês Jean-Pierre Azéma, ele não procurava surpreender os mistérios de uma personalidade, mas "investigar suas origens, sua formação, descrever sua carreira profissional e cívica" e, reproduzindo a lista das estratégias e caminhos entre os quais seu personagem teve que escolher, "finalmente, explorar os contextos que orientaram seus atos"²⁷.

O mote central de estudar Gama Abreu, além do ineditismo, é compreender e conectar sua vida com o contexto da segunda metade do século XIX em Belém. Abordar a vida de um ator social importante para decisões urbanas na capital paraense faz com que entendamos melhor a história do pensamento urbanístico e, por conseguinte e de forma menos enfática, contribui para que tracemos uma história urbana de modo mais fino da capital paraense.

²⁶ DOSSE, François. *O desafio biográfico*. trad. Gilson César Cardoso de Souza, São Paulo: Edusp, 2009

²⁷ AZÉMA, Jean-Pierre. *Jean Moulin*, Paris: Perrin, 2003, p.24

Como dissemos, analisar a vida deste ator social suscita alguns problemas a serem enfrentados. Antes de mais nada, é necessária a atenção para não contar uma história a partir do devir da personagem. Como Dosse registra "alguns, não os mais fracos, quebraram a cara no retrato biográfico", pois não souberam "guardar distância"²⁸. Buscou-se ter cautela para não realizar a pesquisa buscando o ícone referencial que Gama Abreu se tornou - o Barão do Marajó - e tampouco criar uma biografia linear. Tentou-se, na medida do possível, se aproximar do conselho de Dosse, que detecta na coleção do psicanalista Jean-Bertrand Pontalis, uma forma de narrativa na qual "os autores utilizam temporalidades fragmentadas, não lineares"²⁹.

Evidentemente que, para efeito do entendimento de sua biografia, os capítulos da tese foram divididos levando em conta certa ordem cronológica, mas estes, em seu conteúdo, não apresentam a rigor uma trajetória de vida linear. Formando nebulosas a partir de cronologias, detectou-se momentos e fez-se conexões sem a rigidez de um tempo sequencial de seu percurso de vida. Em 1989, o sociólogo e filósofo francês Pierre Bourdieu (1930-2002), afirmava ter convicção de que a biografia não pode ser mais o relato linear de uma vida³⁰.

Houve uma absorção da biografia pela academia e outras iniciativas também contribuíram, cada uma à sua maneira, para renovar o gênero. Sophie Bajard, especialista em história moderna e história da arte, não tinha nenhum gosto especial pela biografia, o que a fascinava era a história, ela descartava a "falsa linearidade que conduz do nascimento a morte da personagem" e preferia "obras problematizadas"³¹.

A presente biografia intelectual de Gama Abreu tem, como campo de investigação, a vida póstuma do biografado e as inúmeras transformações de suas representações. Ora diretor de obras públicas, ora viajante ou ainda mesmo presidente de província, ele, apesar de ser pesquisado hoje, portanto após sua morte, foi uma pessoa de carne e osso que, como qualquer um, foi suscetível ao meio e a suas experiências, mudando e amadurecendo suas posturas e opiniões.

Distintas temporalidades foram percebidas na pesquisa, permitindo variações entre o respeito ao quadro cronológico, caracterizado por um percurso contínuo do nascimento à morte do personagem biografado, e as liberdades do pesquisador com relação ao uso e viagens no tempo. Visando a eficácia de sua biografia, em alguns momentos rompeu-se com a

²⁸ DOSSE, François. *O desafio biográfico*. trad. Gilson César Cardoso de Souza, São Paulo: Edusp, 2009, p.49.

²⁹ DOSSE, François. op. cit. p.51

³⁰ BOURDIEU, Pierre. *L'illusion biographie*, Paris: Actes de la recherche en Sciences Sociales, pp. 62-63, 1986

³¹ Idem

linearidade cronológica visando a adoção de vozes narrativas que participam dos registros das temporalidades.

Como já citado, neste trabalho seguiu-se ora uma tonalidade diacrônica, ora uma temática. Dessa forma, o resultado é um relato misto que busca encontrar coerências entre temporalidades diferentes, a da lógica própria à sucessão dos eventos na linha temporal e a da vida de Gama Abreu. A narração biográfica não é homogênea³². A unidade da vida de Abreu se depara com a diversidade de interpretações e apreciações não apenas das testemunhas de sua vivência, mas também do que sucedeu após sua morte. Entre a unidade biográfica e a pluralidade de sua recepção, esta tese se desenvolve em meio ao entrelaçamento da pulverização infinita das redes de Abreu, e igualmente não tem a pretensão da desconstrução total do ator.

O gênero biográfico impõe certo número de cânones. Um deles é fazer com que a narrativa da história siga, até certo ponto, uma cronologia, que permite conservar a atenção do leitor na expectativa de um futuro, ou de um desenrolar progressivo do tecido do problema. A intenção aqui é conseguir partilhar, na vida de Abreu, de pelo menos parte de sua carga de expectativas, tristezas, dúvidas, surpresas, alegrias. A ideia é preencher os hiatos e olvidos de uma vida com certa preocupação narrativa biográfica para melhor compreensão.

A narrativa tem nos detalhes da história alguns itens importantes. São curiosidades que complementam o seu desenrolar e ajudam a preencher algumas das lacunas citadas. Estas anedotas acabam por captar a atenção do pesquisador e, por conseguinte, do leitor, ao longo do percurso da pesquisa historiográfica, deixando sobretudo a noção de um melhor conhecimento de alguns melindres, deslizos e tomadas de decisões dos atores sociais abordados.

Aqui isso fica evidente por exemplo quando não é entendido com naturalidade o fato de Abreu, tendo vivido por muitos anos e se formado em Portugal, ter chegado a Belém ainda jovem e assumido um cargo de grande importância no governo. Jouhaud corrobora esse estranhamento ao registrar que nas leituras sintomáticas "dos traços miúdos, dos fatos insignificantes" que absorvemos coisas interessantes. Ele ainda reforça essa ideia ao afirmar que é identificando os micro atos do poder que ele se mostra por inteiro como tal, "na realização de cada ato de força, ainda que minúsculo"³³. No entanto é importante não se deter

³² Idem.

³³ Idem, p. 106.

apenas nisso, pois, é "graças a multiplicidade de enfoques e à variação incessante de análises que o biógrafo consegue escapar ao risco da ossificação"³⁴.

Outra preocupação que partilha-se com estes autores foi a de, sobretudo, não descentralizar demais o ator da história, não fazê-lo desaparecer no pano de fundo, ou que este se torne mais importante que o primeiro. As vezes isso não é tarefa fácil por conta do emaranhado de ações dos atores sociais que configuram a rede desta pesquisa. "Não há obra maior que tentar escrever o que chamaríamos de *a vida e a época de um homem*"³⁵. A quantidade de documentos à disposição sobre as atitudes de Gama Abreu e a época em que viveu e construiu seu percurso é vasta. Cabe ao pesquisador, ao biógrafo, a árdua escolha nesta massa de fontes do que é relevante para sua pesquisa. Não podemos esquecer que a pesquisa, o trabalho do historiador é também o recorte e a interpretação de um olhar.

Aqui não se almejou a vida pessoal de Abreu. Buscando o equilíbrio entre os escrúpulos da ciência e os encantos da arte, tentou-se distinguir uma tensão resultante desse imbróglio: uma ambivalência do gênero biográfico. Isso permite ao erudito verificar a autenticidade deste ou daquele fato em particular e, ao mesmo tempo, extrair do amontoado biográfico elementos para se informar eficazmente, com documentos de primeira mão³⁶.

Daniel Madelénat também aborda essa dualidade e qualifica como gênero "hiperbiográfico" ou psicológico, centrado exclusivamente na personalidade da biografia histórica, científica, artística, literária, onde o "interesse se desloca para as relações entre um ator, um criador e uma civilização ou cultura"³⁷.

Apesar de se ter uma clara definição da existência de pólos apostos e, neste caso, tem sua pertinência heurística, esta abordagem acerca de José Coelho da Gama Abreu se coloca nessa última qualificação de biografia, que intenta analisar os fatos eficazmente com a utilização de documentos como fontes históricas. Na realidade o essencial reside entre os dois extremos em múltiplas configurações híbridas. Entre *mimesis* e vidas imaginárias, o caráter individual da biografia se pauta em depender de uma indistinção epistemológica³⁸.

O desejo de realizar uma biografia intelectual de Gama Abreu com a máxima objetividade se pauta, também, em uma escrita atenta ao que é minúsculo, e até agora considerado como aparentemente insignificante. Por exemplo, a maioria dos trabalhadores de Belém conhecem o nome do Barão de Marajó, mas quem conhece seu nome, quem sabe sobre

³⁴ DOSSE, François. *O desafio biográfico*. trad. Gilson César Cardoso de Souza, São Paulo: Edusp, 2009, p.53

³⁵ Idem. p. 86

³⁶ DOSSE, François. *O desafio biográfico*. trad. Gilson César Cardoso de Souza, São Paulo: Edusp, 2009

³⁷ MADELÉNAT, Daniel. *La biographie*. Paris: PUF, 1984. p. 23

³⁸ DOSSE, François. 2009

sua ação cotidiana na Divisão de Obras Públicas? O que isso marca na paisagem de Belém? Buscar estudar estes detalhes dentre o acervo de fontes que se tem acesso é dar a sensação de uma completude da impossível reconstituição do indivíduo assim como de seu contexto. Viart, ao se referir ao apanhado de fontes ao qual o pesquisador tem acesso, registra o paradoxo: "se a verdade do biógrafo está no testemunho, ele nada testemunha a não ser a verdade de quem escreve, não de quem é objeto da escrita"³⁹.

As fontes, assim como os textos frutos de pesquisas sempre serão a "verdade" de quem os relata. Este trabalho se deteve nas fontes para uma tentativa de proximidade com o acontecido. A partir disso, construiu-se uma cronologia para fazer associações próprias, detectar nebulosas e emaranhados de acontecimentos para criar relação com as ocorrências registradas na vida de Gama Abreu. Como registra Cohn, hoje já se compreende que a história é um fazer levado a cabo pelo próprio historiador⁴⁰.

O urbanismo em debate: categorias de método

Ao levar em conta que o termo, a disciplina e a prática profissional denominada de "urbanismo" se consolida no começo do século XX, como considerar neste campo as contribuições de Gama Abreu, ou mesmo de um José Bonifácio, Grandjean de Montigny ou Bellegarde? Todos eles se dedicaram, em seus caminhos, a pensar as formas da cidade ou o seu assentamento, como no caso de Bonifácio⁴¹. Talvez sejam precursores de uma arte pública, de uma arquitetura urbana como sugere Peixoto⁴². Neste trabalho, consideraremos estes personagens utilizando a categorização de urbanistas ou pré-urbanistas, adotada por Françoise Choay em seu livro *O Urbanismo: utopias e realidades*⁴³.

Entretanto, deve-se também realçar a necessidade de se entender estas categorias como construções que suscitam avaliações e atualizações em seu uso. Ou seja, são noções instáveis. Choay, neste seu texto datado de 1965, separa os profissionais que estuda em dois blocos: pré-urbanistas e urbanistas. A principal diferença entre estes dois grupos é que, entre os

³⁹ Idem. p. 16

⁴⁰ COHN, Dorrit. *Vies fictionnelles, vies historiques: limites et cas limites*. Paris: Littérature, n. 105, março 1997, pp. 24-48

⁴¹ MAGALHAES, M. L. C. P. ; SANTOS, D. O. ; PEIXOTO, P. A. *A questão do assentamento na modernidade de José Bonifácio: para uma nova civilização e para novo assento das Ciências!*. In: XXV Simpósio Nacional de História: História e Ética, 2009, Fortaleza. Anais do Simpósio Nacional de História. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2009.

⁴² PEIXOTO, Priscilla Alves. *Os escritos de Manoel de Araujo Porto-alegre sobre cidade [1844-1853] - Temporalidades e Sedimentações*. Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2013

⁴³ CHOAY, Françoise. *O urbanismo: utopias e realidades*. São Paulo: Perspectiva, 2010

urbanistas, a cidade deixar de ser objeto de discurso e se transformam em programas e projetos de ação. Isso gera, para a presente tese, uma questão: todos os autores relacionados por Choay como "urbanistas" atuaram da segunda metade do século XIX em diante. Gama Abreu foi personagem atuante desta segunda metade do século XIX. Contudo, para além disso, ele não se envolve diretamente com a prática do desenho e nem faz propostas gráficas urbanas, mas tomou muitas decisões relativas a ideias e projetos - gráficos e não gráficos - acerca da cidade e das questões urbanas.

Ainda que por precaução, não se adota a ideia que Gama Abreu foi propriamente um urbanista como o termo seria definido no século XX. É preciso lembrar outra especificidade para o caso do Brasil e, especificamente, para a Província do Pará. Diferentemente da Europa, as preocupações com o planejamento urbano se confundiram com o próprio processo de colonização e no caso de Belém, desde o início do século XVII. A cidade, desde sua fundação em 1616, recebeu projeto de engenheiros portugueses ou de arruadores⁴⁴. Assim, a preocupação com questões urbanas, no Brasil, não surge portanto com a Revolução Industrial como muitos autores sublinham para o caso europeu. Portanto, é também possível compreender sua ação como estritamente ligadas aos "melhoramentos" urbanos e até por isso à reforma social e construída da cidade.

Aqui está então a chave para entendermos o personagem abordado nesta tese: uma figura pública, não-especialista, em um momento no qual essa especialização é relativa e que nestas páginas ganha espaço, e será considerado um "reformador social" e um pensador do mundo urbano. Lembremos aqui figuras como o Barão Haussmann presente em todos os livros de história do urbanismo e considerado urbanista e quem concebe a reforma de Paris, por exemplo.

Gama Abreu nunca foi intitulado, nem se apresentou e muito menos foi estudado *a posteriori* como um urbanista. De fato não é excessivo lembrar que a palavra urbanismo é recente. Bardet remonta a sua criação a 1910, para quem a palavra urbanismo parece ter aparecido pela primeira vez no *Bulletin de La Société géographique de Neufchatel*, por P. Clarget. Como ressalta Choay, "somente a partir da segunda metade do século XIX é que o discurso fundador de espaço enunciou suas pretensões científicas e designou seu campo de aplicação com o termo urbanismo". Para aquela autora, este termo, na verdade, foi criado para definir "a vocação de 'nova ciência urbanizadora', em 1867, por Cerdà"⁴⁵. Uma formação

⁴⁴ ARAÚJO, Renata Malcher de. As cidades da Amazônia no século XVIII. Porto/Portugal: Instituto Português do Livro e das Bibliotecas: Ministério da Cultura: FAUP Publicações, 1998

⁴⁵ CHOAY, Françoise. A regra e o modelo. São Paulo: Perspectiva, 2010. p. 3

discursiva e uma prática cuja paternidade se atribui ao século XIX, e que se localiza numa configuração epistemológica que teria começado a definir-se na virada dos séculos XVIII e XIX, e que consagram rupturas já operadas e organizam domínios de saber que, por sua vez, já começariam a delinear-se no *Quattrocento*⁴⁶.

Choay lembra ainda que foi a partir de então que os tratados de arquitetura italianos estabeleceram com o espaço edificado uma relação inaugural, sendo a certidão de nascimento dessa nova relação o tratado intitulado *De re aedificatoria*, que Leon Battista Alberti apresentou ao Papa Nicolau V em 1452⁴⁷. Nesta obra, o arquiteto italiano tem como objetivo exclusivamente a concepção, com o auxílio de um conjunto de princípios e regras, do domínio construído em sua totalidade, da casa à cidade e aos estabelecimentos rurais. O *De re aedificatoria* cria seu próprio campo teórico e prático⁴⁸ e abriria, assim, o lugar disciplinar que os teóricos do século XIX e XX chamaram urbanismo e da qual quiseram acreditar fazer uma ciência. Do século XV - dos tratados - ao século XX - dos escritos urbanísticos -, novos problemas foram sendo colocados em diferentes termos.

Neste ponto é válido sublinhar como a historiografia que circula nos meios de formação dos arquitetos-urbanistas hoje tende a misturar a história da cidade e a história do urbanismo. Nas disciplinas de história do urbanismo geralmente observa-se uma preocupação de estudo e pesquisa sobretudo com aqueles que intervieram na dimensão material das cidades, sendo estes os únicos entendidos como portadores de um saber com a capacidade realizadora de novas formas de espaço e sociedade. Em geral pouco ou nenhum espaço foi dado àqueles que apenas escreveram sobre ela. “Pensar o urbano é hoje uma necessidade”⁴⁹; para Françoise Choay, que com estas palavras solapa a noção contemporânea da persistência de um urbanismo “coisista”, imbricado na idéia fixa da cidade sobretudo como matéria “visível e visiva”. Atitude que Weber entenderia como a “obsessão do lugar”⁵⁰.

Sem apontar estes problemas ou os que surgem a partir do pressuposto que a cidade se revela na interação do seu espaço físico e social, não será possível discutir o pensamento de José Coelho da Gama Abreu em relação as questões urbanas. Como os romanos já diziam ser a relação da *urbs* (território físico da cidade) e da *civitas* (comunidade dos cidadãos que a

⁴⁶ Idem.

⁴⁷ Idem.

⁴⁸ CHOAY, Françoise. A regra e o modelo. São Paulo: Perspectiva, 2010

⁴⁹ CHOAY, Françoise. *Destinos da cidade europeia: séculos XIX e XX*. Rua, n. 6, Salvador, 1996. p. 18

⁵⁰ WEBER, Melvin. *Explorations into urban structure*. Philadelphia: The University of Philadelphia Press, 1967. p. 147

habitam), ou seja, uma relação quanto a um recíproco pertencimento à entidade territorial discreta e fixa e à uma população, sociedade.

Por outro lado, Choay enfatiza que para compreender melhor este momento histórico a partir de 1850, se faz necessário um melhor entendimento dessa relação da palavra e da coisa. Para tanto, três termos merecem destaque para a autora: cidade, urbanismo e técnica⁵¹. Os dois primeiros buscando a acepção original da palavra e o terceiro uma aproximação factual semântica, para mostrar o pouco reconhecido laço que amarra a técnica à cidade e faz desse termo uma palavra-chave no campo do urbano. Não percebamos cidade como a convenção que constitui um instrumento administrativo, jurídico e fiscal, mas sim o suporte estático que une uma tripla comunicação entre troca de bens, informações e afetos.

Por esta pesquisa tratar da biografia intelectual de Gama Abreu, discute tanto o universo físico da cidade, dos edifícios efetivamente construídos e sua territorialidade, mas também o seu espaço social. Por isso, há de se deter em certo momento para entender as motivações que conduzem este trabalho a acompanhar a vida do ator social e sua carreira. No decorrer deste percurso procuramos revelar objetivos, fontes e método, elaborando, assim, uma espécie de "contrato" com o leitor.

É evidente que este trabalho objetiva contribuir para a história do pensamento urbanístico no Brasil. Desta forma busca explorar um pouco mais este campo, sobretudo sua interface com a história urbana e as iniciativas de um ator social que se envolveu intensamente na tomada de decisões acerca das questões urbanas em Belém na segunda metade do século XIX. A proposta é pesquisar e analisar as representações de Gama Abreu com os aspectos físicos e sociais da cidade. Ao se fazer isso, deve-se, antes de tudo, questionar a forma com que estas representações estão plenas do vivenciado, visto, sentido, imaginado, sonhado, projetado.

Neste ponto, como ressalta Dosse, justificamos as escolhas e enfatizamos os argumentos que ensejarão uma maior proximidade com o personagem escolhido, em função da pesquisa e de seus objetivos⁵². Definida como o relato no qual o narrador se ausenta da história que conta, a biografia não é, porém, escrita a partir de uma exterioridade total. Nas palavras de Lejeune, "os textos dos biógrafos, embora compactos no nível do discurso, são em geral muitíssimo lacunares no que toca à informação"⁵³. Daí a noção da pesquisa histórica ser

⁵¹ CHOAY, Françoise. 1996. op. cit.

⁵² DOSSE, François. *O desafio biográfico*. trad. Gilson César Cardoso de Souza, São Paulo: Edusp, 2009

⁵³ LEJEUNE, Philippe. *Je est un autre*. Paris: Seuil, 1980. p. 77-78

um trabalho sem fim, onde cada nova pesquisa, por ser o recorte de um olhar e uma interpretação, deixa sempre margens e estimula novas pesquisas.

Nesta tese, quis-se dar informação sobre uma “realidade” exterior ao ator social, submetendo-se portanto à prova da verificação. “Sua finalidade não é a mera verossimilhança, mas a semelhança com o verdadeiro”⁵⁴. A história biográfica, diferente de diversos outros gêneros, deve sempre justificar sua escolha e explicar ao leitor em que essa vida vale a digressão.

Para perceber as transformações em Belém na segunda metade do século XIX, a ideia é trabalhar com o período em que foram concentradas as ações de José Coelho da Gama Abreu, facilitando, assim, a percepção da materialidade e da espacialidade da cidade necessária para se entender a história do pensamento urbanístico. Por outro lado, dessa forma, consegue-se ressaltar as transformações da perspectiva de Gama Abreu na compreensão da cidade. De modo qual, as formas de perceber e entender a cidade se modificam no período analisado, estas variações são evidentes. Observando o pensamento do jovem engenheiro já em outras décadas mais tarde, dentre suas preocupações passam a ser incluídas questões como saúde, salubridade, economia, agricultura, comércio, dentre outros temas primordiais agora ao chefe de estado observar das necessidades e carências da cidade para viabilizar melhoramentos.

Buscou-se olhar o passado até certo ponto instigado para compreender melhor a situação em que a cidade e o pensamento urbanístico se encontram hoje. Atualmente não há apenas urgência no enfrentamento dos problemas suscitados por uma urbanização sem precedentes no planeta, mas um volume grande de literatura que contribui diretamente para essa urbanização, pretendendo quase sempre fundamentá-la na razão⁵⁵.

Tais escritos estão submetidos à hegemonia da disciplina do urbanismo hoje, estejam eles discorrendo acerca da arquitetura dos edifícios, ou da relação que eles mantêm entre si com seu ambiente ou com a sociedade. Para a redação desta tese, um considerável número de fontes escritas foram levantadas: periódicos, relatórios, documentos e livros raros, principalmente os escritos pelo próprio José Coelho da Gama Abreu: corografias, cartas, diários, dentre outras. É evidente que para a história de Belém estes escritos não são banais.

Pautados novamente nos escritos de Choay em *A regra e o modelo* (1980), sua obra de maior envergadura, 15 anos posterior a *Urbanismo, utopias e realidades* (1965), a autora continua defendendo um urbanismo sem modelo icônico, e reconhece que a educação e

⁵⁴ LEJEUNE, Philippe. *Le pacte autobiographique*. Paris: Seuil, 1975. p. 36

⁵⁵ CHOAY, Françoise, 2010, op cit

formação (no alemão, *bildung*) dos homens e de suas sociedades passa por aquela de seu espaço e tempo e, portanto, traz em germe a noção de transformação⁵⁶.

Na publicação de 1980 a autora contrapõe a noção de modelo derivada da visão de utopia pautada no texto de Thomas Morus de 1516 que passa a ser confrontada por outra modalidade discursiva derivada dos tratados e que pensa a arquitetura e a construção da cidade a partir da noção de regras. Evidentemente, Choay promove um redimensionamento da questão discursiva, que sempre ocupando uma posição ainda mais central, recebe inflexões epistemológicas em relação àquela da Revolução Industrial motivado pela força do critério econômico no seu livro de 1965.

As duas tradições estudadas por Choay que interferiram na construção das cidades então foram os tratados e as utopias, representados respectivamente pela "regra" e pelo "modelo". No entanto, embora adotados respectivamente de forma positiva o primeiro e negativa ou pessimista o segundo pela autora, ambos detém consigo a noção "construtiva" tomada como "natural". Dessa forma escapa ainda neste quadro categórico e, de certo marcadamente dicotômico, outras hipóteses que pudessem responder por outras polaridades como por exemplo o antiurbanismo, ou o "urbanismo" americano ou brasileiro.

Nesse sentido, este trabalho também se pautará nas reflexões de Margareth da Silva Pereira, que segue o mesmo caminho de Choay, tentando aproximar sua reflexão à situações americanas, brasileiras em particular⁵⁷. Esta, pretendendo justamente complementar as categorias de Choay, estabeleceu uma tríade a partir da qual se pudesse ponderar tanto a tendência "construtivista" das utopias fortemente presente nas Américas, quanto inclusive uma tendência não-construtivista, que identificou no contexto da colonização, o Brasil como um *Jardim do Éden*, questionando o princípio moderno renascentista de 'vida de ação', entendido como ideal de vida virtuosa. Ao sujeito pós renascentista que vai se afirmando na ação, confrontado pela sua efemeridade, se interpõe o dilema de uma perenidade transcendental e uma vida de contemplação ou, exatamente por se saber efêmero, o embate constante na busca do que pode transcendê-lo. Neste trabalho, estas questões nos ajudam a pensar a figura de Gama Abreu mergulhado na potente natureza amazônica que como mostrou Pereira em outros casos contraria no cotidiano a visão edênica e exige ação.

Choay, ao centralizar seus escritos no tratado e na utopia, mostra que os dois procedimentos, a regra e o modelo, corresponderiam a duas atitudes fundamentalmente

⁵⁶ CHOAY, Françoise, 2010, op cit

⁵⁷ PEREIRA, Margareth, 1887, op cit

diferentes em face do projeto construtor e do mundo edificado⁵⁸. Choay os pergunta se o conceito e a imagem convencional, onde se abrigam desordenadamente centros históricos, cidades novas, periferias, não funcionam como um mito que tenta remediar a impotência ou a angústia e se esquece de dissimular a inadequação da palavra e da coisa? Como nos trabalhos de história da arquitetura e urbanismo, neste trabalho será levado em conta com as relações suscetíveis de ligar os escritos instauradores a espaços de fato realizados.

Para Choay, estes textos "instauradores" intentam discutir a cidade e podem ser divididos em duas categorias: os que veem no estabelecimento humano um projeto a realizar, que contribuem para produzir o mundo construído, para edificar novos espaços, estes são chamados de "realizadores" e os que se contentam em transformá-lo em tema de discussão, privilegiando a imaginação, a paixão ou a reflexão, estes serão classificados como "comentadores". Estes últimos não deixam de contribuir para a forma do mundo edificado na medida em que alimentam com sua substância os textos realizadores.

Utilizando as categorias de Choay, Gama Abreu, apesar de realizador, pode ser visto, em alguns momentos de sua vida, como um comentador, por sua produção literária enquanto observador de aspectos urbanos. Apesar disso, não apenas os seus textos, mas também suas ações visaram colaborar para a instauração do espaço edificado - direta e indiretamente.

Belém e as questões metodológicas da história das cidades

No presente texto, em alguns momentos, sente-se a necessidade de antecipar o que vem à frente, sobretudo em termos de novas questões e aberturas de arquivos desconhecidos. Esta pesquisa lida com o ineditismo do ator social abordado. Não existe pesquisa específica sobre José Coelho da Gama Abreu sob o viés do pensamento urbanístico em livros, artigos, ou mesmo em dissertações de mestrado e em teses de doutorado. Tampouco existe, na produção científica sobre Belém, uma história do pensamento urbanístico, ou quiçá uma história urbana, nos moldes em que atualmente se produz.

Esta pesquisa se justifica a partir de algumas hipóteses. A pressuposição central é de que Gama Abreu foi figura importante para a forma urbana de Belém na segunda metade do século XIX. É evidente que, principalmente por conta do latéx, a cidade sofreu transformações significativas neste período. Além de ser válido ressaltar as mudanças de

⁵⁸ CHOAY, Françoise, 2010, op cit

algumas ideias e arregimentação de outras em Abreu, tudo se torna mais significativo a partir da hipótese de que muitas de suas ações neste período estrutura o que a cidade é hoje.

O contexto da história pesquisada não é discurso neutro. As análises feitas de Belém de fins do século XIX evidenciam estratégias e práticas sociais (escolares, políticas, etc.) que tendem a legitimar um projeto reformador. Como afirma Chartier, a investigação sobre representações, como a que aqui ganha corpo, supõe sempre estar inserida num campo de concorrência e de competições cujos desafios se enunciam em termos de poder e de dominação. As lutas de representações tem tanta importância como as lutas econômicas para "compreender os mecanismos pelos quais um grupo impõe, ou tenta impor a sua concepção do mundo social, os valores que são os seus, e o seu domínio". Estas competições estão presentes na vida de Abreu. Começa a ficar evidente que o caminho a ser percorrido por esta biografia intelectual segue a linha da história cultural, que toma "por objeto a compreensão das formas e dos motivos - ou por outras palavras, das representações do mundo social - que, à revelia dos atores sociais, traduzem as suas posições e interesses objetivamente confrontados" e que, concomitante a isso, "descrevem a sociedade tal como pensam que ela é, ou como gostariam que fosse"⁵⁹

A história cultural como a entendemos, objetiva identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, lida. Este gênero suscita vários caminhos. O primeiro se refere às classificações, divisões e delimitações que organizam o entendimento do mundo social como categorias fundamentais de percepção e de apreciação. Como nas palavras de Chartier: "variáveis consoantes às classes sociais ou aos meios intelectuais, são produzidas pelas disposições estáveis e partilhadas, próprias do grupo"⁶⁰. Estes planos intelectuais juntos, criam os contornos graças aos quais o presente pode adquirir sentido, o outro tornar-se inteligível e o espaço ser decifrado.

Os planos de Belém buscados em fontes não apenas cartográficas, nos elucidam como a cidade foi modificada no decorrer de meio século - entre 1855 e 1894. José Coelho da Gama Abreu entende, propõe, escreve sobre a cidade em seu aspecto social e físico. Aqui se faz referência à Belém de Abreu, que foi observada, pensada e idealizada por ele. Também não se pode esquecer que ele viveu em um contexto distinto do atual, tendo outra formação intelectual, por isto é primordial o entendimento deste seu ambiente.

Para o habitante da cidade desta segunda metade do século XIX, foi de difícil assimilação a "revolução" urbana que se processa em termos que nenhum outro processo

⁵⁹ CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1988. p. 19

⁶⁰ Idem. p. 17

anterior havia ocorrido Três fatores combinados explicam o esforço discursivo de Gama Abreu: a quebra da velha unidade econômica; o fato da comunidade urbana estar perturbada com o aumento demográfico e crescimento da cidade; e o desenvolvimento e aumento da comunicação, com os trens, bondes, a imprensa diária e o telegrafo que gradualmente "reduziram" a distância entre Belém e outros centros. Os habitantes se depararam com a incidência de uma série de estranhezas, que Claude Levi-Strauss considera o pré-requisito de uma observação etnológica⁶¹.

No século XIX ainda não se observava o campo do urbano com o olhar frio da estatística, como em fins deste século, mas se passou a ter certo olhar clínico. Desde o final do século XVIII, quando são elaborados novos conceitos de trabalho, economia e arte, influenciados pelo domínio da perspectiva histórica, o homem ocidental começou a perceber com certa objetividade sua produção material e espiritual⁶².

Tanto nos Estados Unidos como na Europa, as distâncias não favoreceram o sistema industrial até a década de 1840, com o desenvolvimento de uma nova forma de comunicação que foram os trens. A locomoção pelos trilhos foi uma das maiores invenções técnicas da nova forma de produção. Em 1848, o transporte ferroviário já havia se tornado a "arma" mais poderosa dessa nova economia, ocasionando a prevalência de uma nova forma de ocupação territorial e urbana. O desenvolvimento das ferrovias nos países passou a mostrar a idade de suas economias.

Em 1869 as ferrovias foram instauradas em Belém, ligando pontos da cidade e também esta com o interior da província. Representantes da capital paraense demonstravam interesse em mostrar tais fatos, como evidenciam as fotos da cidade levadas as Exposições Universais. As representações do mundo social são assim construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses dos grupos que as forjam. Daí, para cada caso, é importante relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza⁶³.

É irrefutável que o conceito de representação adotado segue as palavras de Roger Chartier de seu livro *A história cultural*. Aqui não se pretende seguir as antigas definições que se mostravam na tensão entre dois sentidos: de um lado a representação de algo ausente - criando distinção entre o que representa e o que é representado - e, por outro, a representação como exibição de uma presença. A relação de representação entendida desse modo, como

⁶¹ LÉVI-STRAUSS, C. *Tristes trópicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

⁶² CHOAY, Françoise. 1996. op. cit.

⁶³ CHARTIER, Roger. 1988, op cit

relacionamento de uma imagem presente e de um objeto ausente, modela toda a teoria do signo que comanda o pensamento clássico⁶⁴. Pode-se colocar os termos de uma questão histórica fundamental: da variabilidade e da pluralidade de compreensões (ou incompreensões) das representações do mundo social e natural propostas nas imagens e nos textos antigos⁶⁵. Neste trabalho, o termo é entendido para além da idéia ligada à imagem, englobando os discursos textuais, as atitudes, palavras e toda uma variada gama discursos (eventos, fatos, falas, atitudes, ...) que possibilitem e permitam um entendimento do espaço urbano.

A problemática do mundo como representação, moldado através das séries de discursos que o apreendem e o estruturam, conduz a reflexões sobre o modo como uma figuração desse tipo pode ser apropriada pelos leitores dos textos (ou das imagens) que dão a ver e a pensar o "real"⁶⁶. As modalidades do agir e do pensar, como registra Paul Ricoeur, devem ser sempre remetidas para os laços de interdependência que regulam as relações entre os indivíduos e que são moldados, de diferentes maneiras em diferentes situações, pelas estruturas do poder⁶⁷.

Pensar assim a individualidade nas suas variações históricas equivale, não apenas a romper com o conceito de sujeito universal, mas também a inscrever num processo a longo prazo - caracterizado pelas transformações do Estado e das relações entre os homens - as mutações das estruturas da personalidade. Desta maneira, como sugere Lucien Febvre, o estudo pode ser fundamentado na história de longa duração das sociedades e na história das mentalidades quanto à disparidade das utensilagens mentais⁶⁸. O próprio tom da observação de Febvre convida a uma aproximação de seu contemporâneo Erwin Panofsky. Ambos, de modo paralelo e provavelmente sem influência recíproca, tentam, no mesmo momento, dotar-se dos meios intelectuais que permitiam pensar esse "espírito do tempo" - *Zeitgeist* - que, por exemplo, fundamenta todo o percurso de Burckhardt, mas que para Panofsky como para Febvre, mais do que aquilo que explica, é justamente aquilo que é necessário explicar⁶⁹.

Pensar de outra forma estas várias relações - entre a obra e o seu criador, entre a obra e o seu tempo, entre as diferentes obras da mesma época -, demanda que se forje novos conceitos: para Panofsky, o de hábitos mentais e o de força criadora de hábitos, que inspiraria,

⁶⁴ Idem

⁶⁵ ARNAULD, Antoine, NICOLE, Pierre. *La logique ou l'art de penser*. Paris: Presses Universitaires de France, 1965

⁶⁶ CHARTIER, Roger. 1988. op. cit.

⁶⁷ RICOEUR, Paul. *Temps et récit, III, Le temps raconté*. Paris: Seuil, 1985

⁶⁸ FEBVRE, Lucien. *Leur histoire et la nôtre*. Annales d'Histoire Economique et Soiale. Paris: A. Colin, 1953

⁶⁹ PANOFSKY, Erwin. *Architecture gothique et pensée scolastique*. Paris: Minuit, 1967

como se sabe, na atualidade de Pierre Bourdieu, para Febvre, o de utensilagem mental. Em ambos os casos, devido a estas novas noções, ganhava-se uma relativa distância dos processos habituais da história intelectual e, por isso, o seu próprio objeto encontrava-se deslocado.

Numa dada época, o cruzamento desses vários suportes (linguísticos, conceituais, afetivos) norteiam maneiras de pensar e de sentir que delineiam configurações intelectuais específicas e que, no caso dos que criam e instauram rupturas são colocados em crise, criticados. A tarefa primeira do historiador seria, portanto, se interrogar sobre essas representações na sua especificidade⁷⁰.

Gama Abreu e suas visões de Belém será observado a partir de três categorias de análise definidos por Chartier: representações, práticas e recepção. A recepção remete para as suas determinações fundamentais - sociais, institucionais e culturais - e inscritas nas práticas específicas que as produzem, desenhando uma história social das interpretações. Deste modo, conceder atenção às condições e aos processos que determinam as operações de construção do sentido é reconhecer, contra a antiga história intelectual, que as inteligências não são desencarnadas e, contra as correntes de pensamento que postulam o universal, que as categorias aparentemente mais invariáveis devem ser construídas na descontinuidade dos percursos históricos.

De fato, como mostra o historiador francês, as estruturas do mundo social não são um dado objetivo, tal como o não são as categorias intelectuais e psicológicas: todas elas são historicamente produzidas pelas práticas articuladas - políticas sociais, discursivas - que constroem as suas figuras. São estas demarcações, e os esquemas que as modelam, que constituem o objeto de uma história cultural levada a repensar completamente a relação tradicionalmente postulada entre as representações sociais⁷¹.

Posto isso, espera-se que a abordagem deste estudo acerca das representações de José Coelho da Gama Abreu, sua biografia intelectual e a relação disso com a história do pensamento urbanístico de Belém esteja melhor explicitada. Como já mencionado anteriormente, Abreu, durante sua vida, vai se aproximar a afastar do campo do urbano: como diretor de obra pública, escritor e teórico que tem a cidade materialmente e a sociedade - o urbano - como ponto central de seu interesse e de suas ação e obra, particularmente como presidente da província, como intendente municipal.

Gama Abreu viveu em um contexto onde as abordagens acerca da cidade, do espaço edificado e sua relação com a sociedade. Dão nascimento, também, à crítica à forma da cidade

⁷⁰ CHARTIER, Roger. 1988. op. cit.

⁷¹ CHARTIER, Roger. 1988. op. cit.

enquanto matéria e instituição política social. Gama Abreu, por exemplo, sem formação em engenharia ou áreas afins, contribuiu para um pensamento urbanístico que visa, sobretudo, modestamente, regularizar e organizar o crescimento das cidades.

O protótipo deste procedimento aparece antes mesmo da concepção da palavra urbanismo. Poderíamos chamá-lo de “plano regularizador”, que, segundo Choay, é evidente com as grandes obras na cidade de Paris idealizadas por Haussmann. A autora ainda escreve que a palavra regularização, que ela toma emprestado de Haussmann, tem por objetivo, ao contrário de conceber modelos, simplesmente regularizar uma cidade considerada desordenada⁷².

Na segunda metade do século XIX, Belém sofre uma série de transformações em seu aspecto físico e também no social. Enfrentando situações novas que eram vistas como dificuldades na capital paraense, Gama Abreu, estava à frente de decisões que eram responsáveis por implantar e mostrar à população local o que se considerava “benesses” do progresso e frutos da Revolução Industrial. Neste período foram implantados na cidade de Belém as ferrovias, mas também, como mencionado, as linhas de bondes, as ferrovias, o telégrafo, os materiais novos oriundos da industrialização - como o vidro, o cimento e o aço - passam a ser introduzidos nas construções, dentre outras inovações. A preocupação com a salubridade pública vinha desde o século anterior e o tema do embelezamento citadino, apesar de mais recente, vinha sendo discutido desde início do século, mas, sem recursos financeiros, nada pôde de fato ser feito até meados do século XIX.

Como se conhece, na tentativa de explicar as transformações que a cidade pré-industrial sofreu, os historiadores apontaram sobretudo fatores econômicos – capitalismo, luta de classes – e demográficos – crescimento, massificação, aumento de fluxo – condicionados pelo progresso da higiene, da epidemiologia e do êxodo rural. Em Belém não ocorreu uma mudança por conta da industrialização - que não acontece na cidade de forma significativa neste momento -, entretanto a preocupação com o espaço urbano e a regularização dos planos das cidades que vem de longa data, teve sua importância como objeto de debate acentuada, relacionada as novas técnicas que essa industrialização possibilitou em outras áreas.

O papel da técnica na transformação da cidade ainda pode ser mal conhecido por alguns. Os edifícios foram transformados em objetos técnicos pelo constante aperfeiçoamento, no correr da segunda metade do século XIX, de novos materiais, como o aço, o vidro e o concreto. Cerdá foi um dos primeiros a reconhecer este poder ao utilizar as

⁷² CHOAY, Françoise. 1969. op. cit.

técnicas de transporte, o motor da história espacial das cidades, acentuada pela invenção da estrada de ferro e pela utilização da eletricidade.

No quesito transportes, a partir de 1850, o trem fez a sociedade ocidental ascender a uma mobilidade de massa nunca antes tida. No item telecomunicações, o telégrafo, o rádio e o telefone com suas aplicabilidades informatizadas andaram lado a lado com os transportes, controlando todo seu funcionamento, além, é lógico, de multiplicarem a troca de informações entre os habitantes da cidade. Ampliando o campo de ação das cidades, estas técnicas transformaram a experiência do espaço e do tempo e, nesse mesmo sentido, o comportamento de toda uma sociedade. Como registrou Choay, “Deus *ex machina* que manipula o teatro urbano após o grande cataclisma da metade do século XIX”⁷³.

Neste ponto, próximo de Gama Abreu pelo caráter regularizador que Haussmann adota, Paris valor de limite: desfecho de uma tradição e início de outra. Este último pensou a cidade inteira com um equipamento higiênico concebido sob forma de redes técnicas isomorfas e de um sistema respiratório de espaços verdes⁷⁴. A capital francesa passa a ser um exemplo a ser seguido. Tanto o é, que em fins do século XIX é utilizado para cidades como Rio de Janeiro e Belém o termo designado para se referir ao momento da concepção da Paris de Haussmann: *La Belle Époque*.

Assim como Gama Abreu, Haussmann era fundamentalmente um administrador. O seu objetivo inicial era dar à cidade unidade e transformar em operativo o grande mercado consumidor, a grade oficina que era o aglomerado parisiense. Os pensadores deste assunto antes disso não imaginavam a cidade como um todo, que poderia funcionar como um único organismo, com uma única vida. Como Choay enfatiza, se chamamos urbanidade ao “ajustamento recíproco entre uma forma de tecido urbano e uma forma de convivibilidade, pode-se, apropriadamente, falar de uma urbanidade haussmanniana” (Choay, 1996:12). Seguindo os passos da filósofa francesa, pode-se fazer uma comparação sobre esta relação entre forma física e os aspectos de sociabilidade também pensados por Abreu.

Em Belém percebe-se que, na medida em que a cidade ia crescendo, novas características morfológicas foram circulando, sendo apropriadas por certos grupos e sendo construídas. Isto pode ser detectado ao analisar os planos e levantamentos de Belém realizados durante a segunda metade do século XIX. Na medida em que se tem um aumento

⁷³ CHOAY, Françoise. 1996. op. cit.

⁷⁴ HAUSSMANN, Georges. *Mémoires*. Paris: V. Harvard, 1890-1893; CHOAY, Françoise. *Les mémoires d'Haussmann*. Paris: Seuil, 2000

da escala das vias, dos lotes e das edificações, há um certo rompimento do quadro das relações sociais de proximidade características da vida social da cidade.

Isto, entretanto, abriu espaço para uma nova relação que constituiu uma estrutura diferente de cidade. Com gabaritos ampliados, passou a ter uma proporção de rigorosas dimensões entre vias, calçadas e edifícios. Nas palavras de Choay, analisando Paris, isso gerava uma continuidade que agradava ao olhar⁷⁵. Constituída por um diversificado mobiliário urbano cuidadosamente projetado, a Belém de Abreu, teve em suas calçadas e jardins com a presença de árvores e locais de área verde, o ambiente para relações sociais inéditas, aleatórias, anônimas, cosmopolitas.

As reflexões analisadas neste trabalho pretende ilustrar a biografia de Gama Abreu definida por dois objetivos interligados: por um lado, submeter a exame os legados e os postulados não questionados de uma forte tradição historiográfica; por outro, propor, graças ao apoio de algumas obras importantes - sociológicas e filosóficas - um espaço de trabalho entre textos e leituras, no intuito de compreender as práticas complexas que constroem o mundo como representação e, no caso de Abreu, também de ação.

⁷⁵ CHOAY, Françoise. 1969. op. cit.

2. Gama Abreu, o funcionário do império

Em um país como o Brasil do século XIX, ser funcionário público era estar perto dos "donos do poder". Era ser um pouco dono do poder, de maneira crescente à medida que se dava a subida na escala política e espacial - tudo de um modo mais distintivo do que hoje. Provavelmente nos dias de hoje um funcionário domine melhor a hierarquia de comandos e chefias, mas de maneira impessoal. Conforme Cândido, "é mais preparado, tende a ser um técnico, mas vale menos diante da burguesia mais rica, mais vasta, mais aninhada nas vantagens e benefícios do conforto que se compra"¹.

Em meados do século XIX, a classe média era ainda menor e composta, em sua maioria, pelos próprios funcionários, cujos cargos, dos poucos regularmente pagos, permitiam situar o indivíduo num quadro definido da hierarquia social. Quando se pensa que as oligarquias dos municípios, por exemplo, brigavam até à morte para disporem de lugares como agente do correio, fiscal, professor primário, coletor, oficial de justiça, escrivão; quando se pensa que as oligarquias provinciais, e mais pra frente estaduais, reservavam ciosamente para si a indicação do pessoal das repartições e de lugares como delegado, coletor provincial ou geral; quando se pensa nisso é que se vê até que ponto a vida da nação girava em boa parte à volta do ser ou não ser funcionário.

Como mostrou Antônio Cândido, ser funcionário era, como então se dizia, "ter uma posta", um lugar que dava renda, garantia, prestígio e posição. De cargo em cargo os funcionários iam-se "graduando" até perto do governo do país. Na esfera municipal estavam os mais modestos na época do Brasil imperial; nas capitais da província, eis os chefes de secretaria, encasacados, solenes, fita de condecoração na lapela, cumprimentando com gravidade e recebendo cumprimento de todos; afinal, na Corte, os do ápice, grisalhos, melhorando a situação financeira com os acúmulos de função ou as boas comissões, promovidos de oficiais a comendadores e dignitários, transitando da Ordem da Rosa ou da de Cristo para a do Cruzeiro, juntando ao nome o título de conselheiro, e até de barão, esteios da Monarquia, como foi o caso de José Coelho da Gama Abreu, que recebe o título de Barão do Marajó pelos bons serviços prestados a nação no ano de 1881.

¹ CANDIDO, Antônio. *Um funcionário da monarquia*, ensaio sobre o segundo escalão. Rio de Janeiro: Editora ouro sobre azul, 2002, p.11

Ser funcionário era entrar para essa "cadeia da felicidade", que no final podia situar os de maior êxito ao lado dos fazendeiros e comerciantes prósperos, acima dos sitiantes, caixeiros, artesãos, agregados, para não falar nos escravos².

Mas ser funcionário dependia de muita coisa. Dos favores, dos protetores, do parentesco e até da habilitação, do diploma. Gama Abreu foi filho de militar e teve a oportunidade de estudar quase a vida inteira em terras européias, mais especificamente em Portugal, primeiramente em Lisboa, e mais a frente em Coimbra, onde cursou a Universidade.

Ao regressar para Belém, em 1855, assumiu cargo importante dentro do escalão provincial. Nesse ponto, se envolveu com diversas ações relacionadas aos aspectos urbanos, sobretudo da cidade de Belém. A sua vida é marcada por um percurso que permeia a política, mas também propostas, projetos e obras que marcam ainda hoje a paisagem da capital paraense.

O primeiro cargo que assumiu foi, como vimos, o de Diretor de Obras Públicas da província, onde passou 16 anos de sua vida. O posto hoje é visto como técnico e ocupado por engenheiros, mas este não é o caso em meados do século XIX. Sua função, antes de tudo, é de governança, até mesmo de defesa, se pensarmos nas revoltas no Pará na primeira metade do século XIX. Assim, Gama Abreu executa tarefas concernentes a um cargo administrativo onde angariou muito conhecimento acerca deste campo, tendo que lidar com toda uma gama de permissões e empecilhos para exercer tal função: por exemplo, disponibilidade de verbas e de pessoal qualificado para determinados serviços; desenvoltura para pensar e propor obras bem como para conduzi-las; ter noção de projetos arquitetônicos e urbanísticos; pensar não apenas nas melhorias físicas, sociais e econômicas, mas como estas se influenciavam mutuamente; saber lidar com as disputas políticas e partidárias que interferiam nas aprovações e andamento de obras. Foram estes alguns dos conhecimentos adquiridos por ele ao longo do tempo que esteve a frente da repartição, sendo exonerado do cargo em 1871 e a repartição, ela própria, extinta durante quase uma década.

Entre 1874 e 1876, publicou seus apontamentos de viagem em 3 tomos, que examinaremos mais a frente. Abreu ainda publicou mais dois livros. Um intitulado *A Amazônia: as províncias do Pará e Amazonas e o governo central do Brazil*, no ano de 1883, publicado em 1895, e outro chamado *As regiões amazônicas: estudos chorográficos dos estados do Gram Pará e Amazonas*.

² CANDIDO, Antônio. *Um funcionário da monarquia*, ensaio sobre o segundo escalão. Rio de Janeiro: Editora ouro sobre azul, 2002

A extinção da Repartição de Obras Públicas evidencia certo abandono dos melhoramentos citadinos por parte das autoridades governantes da época, pois, bem como o próprio Abreu ressalta em seu discurso, a repartição de obras públicas se torna agente facilitador para o desenvolvimento e progresso de Belém. Quando assume a presidência da província do Pará entre 1879 e 1881, resolve, como uma de suas ações, reativar as Obras Públicas provinciais. Em 1881 ela foi recriada e passou a funcionar sem interrupções daí por diante.

Pode-se dizer que é neste novo momento de sua vida, como presidente da província, que Gama Abreu, agora já Barão do Marajó, teoriza sobre as províncias do Pará e do Amazonas em relação ao governo central do Império. Dentre outras atividades que exerceu, foi professor de matemática no Liceu Paraense (1854-1855), deputado tanto provincial (1867), presidente por um breve período da província do Amazonas (1867-1868), e ainda foi o primeiro intendente municipal de Belém já durante a república (1891-1894). Entretanto, apesar das suas intensas atividades políticas ele foi, de fato, um grande pesquisador, divulgador, administrador, viajante, escritor, que marcou com suas decisões e implementações a Belém na segunda metade do século XIX.

2.1. O contexto da instituição da repartição de obras públicas

Era uma manhã de quinta-feira na capital da Província do Pará, dia 15 de junho de 1854. Mês que faz parte da estação da menor quantidade de chuvas na região. Qualquer pessoa que estivesse pelas ruas dos arredores da Catedral de Belém (ver imagem 1) - situada em frente à fortificação, do lado oposto da praça que as separa -, ou nos balcões dos sobrados coloniais do século XVII e XVIII que compõem a vizinhança, se deparariam com uma grande quantidade de gente, de poder aquisitivo diferenciado e moradores de diversos locais da cidade. Todos faziam parte da Procissão de Corpo de Deus.

Também compunham o evento, que tomava algumas ruas da cidade, mais de mil homens em armas. Desfilando em alas, os Batalhões e Pelotões seguiam tocando instrumentos afinados nas bandas das suas devidas corporações e em meio a fogos de artifício. Foi uma manhã animada em meio às casas decoradas especificamente para esta festividade. Como publicado no jornal Treze de Maio, "ha anos que não víamos nesta cidade um ato tão solene e grandioso como este (...) [quando] rendemos ao mesmo tempo a devida homenagem à índole religiosa do povo paraense"³.

No mesmo dia que a sociedade paraense afirmava sua religiosidade, era finalizado e assinado o Regulamento de funcionamento da Repartição de Obras Públicas da Província do Pará. Autorizada pela lei de 26 de outubro de 1853, esta repartição entrou em funcionamento no ano seguinte, regida pelo regulamento assinado no dia 15 de junho pelo então presidente da província Sebastião do Rego Barros (1803-1863) e publicado no dia 20 de junho de 1854. Naquele momento as províncias eram governadas por um presidente, principal autoridade civil local. Este cargo, como o de chefe de polícia e dos juízes, era nomeado pelo Governo Central do Rio de Janeiro. Os negócios internos e mesmo quanto municipais eram resolvidos por uma assembléia provincial, eleita indiretamente pelo povo, além da Câmara Municipal, instituída desde 1828 na cidade.

³ Treze de Maio. Belém: Typ Santos e Filhos, 20 de junho de 1854, n 346, p.4



Imagem 1. Catedral de Santa Maria de Belém, desenho do viajante Paul Marcoy in.: MARCOY, Paul. *Viagem pelo rio Amazonas*. Trad. Antonio Porro. Manaus: EDUA, 2001.

Como qualquer resolução, a configuração legislativa do Brasil também foi formada em meio a disputas e conflitos. O Estado monárquico atingiu uma forma mais estável no ano de 1842, quando as instituições político-administrativas foram consolidadas, permanecendo praticamente inalteradas até o final do império. Por conta do processo de centralização política dessa legislação, muito pouco foi largado sob a responsabilidade das instituições político-administrativas municipais. A dificuldade em se tratando de um império, era em

muitos casos descentralizar ao mesmo tempo a guarda do controle sobre o território⁴. O poder municipal nesse difícil equilíbrio ficava contido, sendo deixadas, por outro lado, a cargo da esfera provincial praticamente a educação, a organização e a aprovação dos orçamentos provinciais e municipais⁵. Para auxiliar nesta tarefa, o presidente da província em exercício naquele momento no Pará assinou o documento de regulamentação de uma nova repartição, destinada ao encargo das obras públicas, em meio aos festejos católicos que aconteciam na cidade.

A sociedade belenense era de fato muito religiosa. Havia ali várias comemorações de cunho católico, religião instituída e disseminada pelos portugueses desde os primeiros momentos de sua colonização. Cada celebração era comemorada com uma festividade diferente que durava cerca de 9 dias - uma novena - e a cidade se enfeitava e ficava repleta de atividades que ocupavam grande parte do tempo e das preocupações da sociedade local.

Bates (1825-1892), um naturalista que viajou pela Amazônia entre 1848 e 1859, estando na cidade de Belém no início e no fim de sua jornada, registrou que "eram manifestações esplêndidas, com procissões artisticamente arranjadas, percorrendo as ruas, acompanhadas por milhares de pessoas, paradas militares, fogos de artifício e de músicas militares se juntavam às pompas"⁶ dessas cerimônias religiosas. Os dias santos comemorativos eram tantos e perturbavam de tal maneira o comércio e a indústria que, em 1852, o Governo foi obrigado a reduzi-los. Para isso obteve uma permissão de Roma para abolir alguns de menor significação.

Estas festas eram sobretudo custeadas com o dinheiro do povo, sendo a maioria bancada por uma única figura. Se por exemplo ficava sob a responsabilidade de um juiz, raramente apelava para esmolas e celebrava a comemoração à sua custa. As vezes a despesa chegava ao equivalente a várias centenas de libras. Na maioria desses festejos eram servidas bebidas para o povo todas as nove noites. Em algumas havia bailes duas ou três noites e no último dia um grande jantar⁷.

Pouco se trabalhava durante estas realizações e é evidente que para muitos se tratava mais de um divertimento que de um dever religioso. A maior destas celebrações era uma anual em honra à Nossa Senhora de Nazaré, padroeira da cidade. Esta se realiza até hoje sob o

⁴ PEREIRA, Margareth da Silva. Planejar o amanhã - o saber médico no Rio de Janeiro do século XIX: entre o elogio da previsão e a noção de interesse público. *Saúde e Direitos Humanos*, v. 3, p. 18-26, 2006.

⁵ GOUVÉA, Maria de Fátima Silva. *O império das províncias*: Rio de Janeiro, 1822-1889. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, FAPERJ, 2008.

⁶ BATES, Henry Walter. *Um naturalista no rio Amazonas*. São Paulo: EDUSP, 1979, p.121

⁷ Idem.

desígnio de Círio de Nazaré e acontece no segundo domingo de outubro. Nos dias atuais é um evento que reúne mais de dois milhões de pessoas que vão para Belém de todos os cantos do mundo. Em meados do século XIX também reunia pessoas vindas de todas as povoações vizinhas, incluindo até as cidades do Maranhão⁸.

A cidade de Belém foi implantada no lugar considerado, à época, o mais adequado para ser o porto de entrada da região amazônica e o pensamento era que seria um vasto empório. Embora tão perto da linha do Equador - distante a exatos 1° 28' S -, o clima não era excessivamente quente. Já registrara Bates, em 1848, que "durante três anos só uma vez o termômetro subiu a 95° F (35°C)". A temperatura máxima, por volta das duas horas, "apenas chega a 89° (31°C) e 94° (34°C), mas, por outro lado, nunca desce abaixo de 73° (22°C), havendo, portanto, uma temperatura uniforme elevada, deixando a média anual na casa dos 81°F (27°C)"⁹. Os viajantes estadunidenses diziam não ser um calor tão opressivo como o que se sente durante o verão em Nova York ou Filadélfia. Evidentemente a umidade é excessiva, mas as chuvas não eram contínuas como em muitos climas tropicais.

Essa região gozou, por muito tempo, da reputação de extrema salubridade. Depois da epidemia de varíola de 1819, que atacou na maioria índios, nenhuma epidemia grave assolou a província. Bates registrou ser "uma agradável surpresa verificarmos que não havia perigo em nos expormos ao sereno ou residirmos em lugares baixos e alagadiços"¹⁰. Alguns viajantes de então comentavam que os ingleses que ali residiam tinham a pele tão fresca como se nunca tivessem deixado seu país natal. Em 1848 a salubridade do Pará era notável para uma cidade situada no delta de um grande rio em plena zona tropical e rodeada de pântanos. Entretanto não gozou por muito tempo essa imunidade.

Como observou Marcoy em 1847, também "não havia cafés nem restaurantes à vista onde eu pudesse descansar nesse lugar primitivamente desprovido de conforto, nada além das esquálidas lojas e armazéns de onde saiam lufadas quentes de ar cheirando a bacalhau, couro, aguardente, toucinho e queijo" que, segundo ele, "teria dado enjoo a um habitante dos montes Cantal"¹¹.

A capital da Província do Pará também não possuía, naquela época, um calçamento que encantasse aos europeus. As ruas eram de terra avermelhada e poeirenta, que nas estações

⁸ Vale lembrar que até o ano de 1774 o Estado do Maranhão fazia parte do grande estado que foi designado de Grão-Pará e Maranhão a partir da chegada de Mendonça Furtado, irmão de Pombal, em 1751. O atual estado do Amazonas foi separado do Pará no ano de 1850, com o nome de Província do Rio Negro.

⁹ Idem. p.65

¹⁰ Idem. 1979. p.65

¹¹ MARCOY, Paul. 2001, op cit. p.293

com menos chuvas se apresentavam reduzidas a pó e durante as épocas chuvosas, enlameadas. O mesmo Marcoy registrara tal fato ao ressaltar de forma indignada as duas observações que fizera de forma simultânea: "as minhas calças, brancas como a neve ao desembarcar, haviam adquirido um tom avermelhado e as minhas meias estavam negras de pulgas", atribuindo tal fato ao chão batido que pavimentava as ruas, ele completava afirmando que "além do inconveniente de pulverizar e encharcar de vermelho todos os objetos ou criaturas que tem contato com ela, essa terra favorece a multiplicação de pulgas e piolhos".

Em 1850, chegava à Belém a Barca Dinamarquesa Pollux, vinda do porto de Recife, trazendo em seu convés um "fatal presente", como escreveu o Conselheiro Jerônimo Francisco Coelho (1806-1860), então presidente da Província de Pará, em seu relatório do mesmo ano¹². Esta prenda consistia na terrível epidemia que, então, já se presumia ser a febre amarela. A cidade foi atacada pela doença e ficou mobilizada para o seu combate que devastava rapidamente a população, tendo uma taxa, em sete meses, de 12000 enfermos e 506 mortos¹³. Uma das vítimas foi o tenente-coronel Antonio Ladislau Monteiro Baena (1782-1850), importante figura política e autor de um *Compêndio das Eras* e um *Ensaio Chorographico*¹⁴.

Sem titubear, o Conselheiro Jerônimo Coelho havia tratado de adotar, no combate à epidemia, diversas providências, a começar pela nomeação de uma comissão de três médicos "incumbida de propor todas as medidas sanitárias precisas"¹⁵. Este fato foi viabilizado pelas transformações econômicas e sociais que já aconteciam na cidade neste meado de século XIX. Se há algum tempo já estava instalada a preocupação com a salubridade pública, naquele momento ela ganhou viabilidade e execução em Belém.

No ano de criação da repartição de Obras Públicas da Província do Pará, em 1854, quatro anos após a epidemia, uma cidade do outro lado do oceano Atlântico passava por uma devastação demográfica por conta de uma epidemia que também assolava sua população. Era o cólera que solapava a cidade de Londres. Esta doença foi associada ao abastecimento de água da cidade a partir dos estudos e observações de diferentes territórios da cidade por um

¹² Relatório feito pelo exm.o sr. conselheiro Jerônimo Francisco Coelho, presidente desta província, e entregue ao 1.o vice presidente em exercício, o exm.o sr. dr. Angelo Custodio Corrêa, no dia 1.o de agosto de 1850. Pará, Typ. de Santos & filhos, 1850. p. 8.

¹³ Idem, p.11.

¹⁴ Sobre Antonio Baena ver em BRAGA, Theodoro. *Noções de Chorographia do Estado do Pará*. Belém, Pará: Empreza Graphica Amazonia, 1919, p. 182; BARROS, Michelle. *Germes da grandeza: Antônio Ladislau Monteiro Baena e a descrição de uma província do norte durante a formação do Império brasileiro (1823-1850)*. Dissertação de Mestrado, UFPA, 2006.

¹⁵ COELHO, Jerônimo Francisco, op. Cit., 1850, p. 9.

médico chamado John Snow (1813-1858)¹⁶. Este, analisando os aspectos morfológicos da cidade, e os associando com as incidências da doença, percebeu que a correlação entre eles estava no fato da semelhança das fontes de captação de água que as pessoas acometidas pela doença ingeriam¹⁷.

Em Belém, sucederam-se as epidemias desde 1850 e, em 1855, o cólera assolou o país abrindo suas portas na globalização do século XIX, e provocou terrível devastação. A salubridade da cidade foi aos poucos sendo restabelecida e, ao final da década de 1850, já quase recuperava sua boa reputação. No Pará não houve perturbações endêmicas graves e durante algum tempo acolheu e foi o sanatório dos inválidos dos estados de Nova York e Massachusetts, nos Estados Unidos, se tornando o lugar para onde médicos aconselhavam seus pacientes a irem para se restabelecerem de algumas doenças, como por exemplo a tuberculose¹⁸. Como completa Bates, "a temperatura uniforme, a vegetação perene, a frescura da estação seca, quando o calor do sol é amenizado pelas brisas marinhas e a moderação das chuvas periódicas, fazem do seu clima um dos mais agradáveis da face da terra"¹⁹.

Entretanto, é válido ressaltar que apesar destes fatos, existiam relatos como os do viajante Paul Marcoy, que por Belém esteve em 1847. Este registrou que "depois de vinte minutos eu não aguentava mais o movimento contínuo daquela multidão colorida. A temperatura estava um forno e eu ofegava no ar parado", ressaltando ainda que se não "lembrasse que era um francês e que era meu dever representar a respeitabilidade do meu país no estrangeiro, eu teria me aventurado a tirar o casaco (...) e deixado à mostra um palmo de língua"²⁰.

Talvez a expedição de Marcoy pela cidade de Belém tenha sido marcada pela decepção em sua breve estada - de apenas 1 dia - de encontrar a casa de um amigo seu inglês onde iria ficar hospedado, ter abandonado a mulher com um filho recém nascido alegando não ser seu, espancado seu sogro e retornado a Inglaterra.

O naturalista Bates, ao por os pés em Belém em 1848, logo percebeu que "aí residiam ainda muitas famílias de índios, pois a vida era semelhante à de uma grande aldeia, e não de uma cidade. Mas logo que começaram os vapores e houve mais atividade comercial, foram

¹⁶ JOHNSON, Steven. *O mapa fantasma: como a luta de dois homens contra o cólera mudou o destino de nossas metrópoles*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008

¹⁷ Os médicos passaram a ser associados com soluções urbanas que hoje são entendidas como um dos quatro pilares do urbanismo: a salubridade pública. Sobre o assunto ver em PEREIRA, Margareth da Silva. *Rio de Janeiro: L'ephemere et la perennite - histoire de la ville au XIXeme siècle*. Tese de doutoramento, 1887

¹⁸ MIRANDA, Cybelle Salvador. *Memória da assistência à saúde em Belém-PA: arquitetura como documento*. Anais I Enanparq, 2010.

¹⁹ BATES, Henry Walter. 1979, op cit. p.66

²⁰ MARCOY, Paul. *Viagem pelo rio Amazonas*. Trad. Antonio Porro. Manaus: EDUA, 2001

aos poucos abandonando a cidade"²¹. A mistura de raça do povo paraense é algo que até hoje pode ser percebido na população local, tendo em muitos a marca indígena bem forte.

O português e o negro também compõem as matizes que colore as ruas de Belém. Este ponto era corriqueiramente abordado nos relatórios dos viajantes quando estes passavam pela região e, principalmente, pela capital paraense. Marcoy escrevera que "o aspecto dessa população urbana era mais variado que mostruário de um alfaiate da moda". Destacava ainda que "todos os tons de pele, todas as cores possíveis de roupa, estavam expostas e combinadas sem serem confusas. Cada padrão de cor mantinha a sua particularidade". Completando, Marcoy afirmava que, "atenuado pelas sombras, o efeito desses tons vivos e discordes poderia ter sido menos gritante, mas à plena luz do sol o seu efeito era deslumbrante e vertiginoso"²². Essa pouca população de Belém ao virar a metade do século XIX, não tinha muitas opções de lazer e divertimento a não ser os arraiais e os festejos religiosos já comentados.

Essa sorte de cores era composta por uma população que, segundo afirmava com segurança Jeronymo Francisco Coelho (1806-1860), então presidente da província, no seu Relatório de 1º de outubro de 1848, era de 16.092 habitantes, em suas três freguesias da Sé, de Sant'Anna e da Santíssima Trindade (que compunham naquele momento a cidade de Belém), "sendo livres 5.103 homens e 5.904 mulheres e escravos 2496 homens e 2589 mulheres"²³. Entre 1835 e 1837, Belém tornou-se o *Theatrum* de um movimento revolucionário brotado das contradições entre os interesses das camadas populares e a camada dominante portuguesa, acrescida da política centralizadora da Corte em relação a província. A Cabanagem, como ficou conhecido o movimento popular, vai concorrer não somente para o decréscimo populacional como também para o enfraquecimento da economia e ocasionar transformações no urbano belenense.

Segundo Bates, embora o movimento já tivesse ocorrido há mais de uma década, a situação não estava totalmente restabelecida e o "número de habitantes da cidade tinha diminuição em consequência desses distúrbios e, de 24.500 em 1819, havia passado para 15.000 em 1848"²⁴.

Ora, o censo de 1872 estimou a população da capital em 61.997 habitantes, daí deduzir que ocorreu entre 1848 e 1872 um aumento considerável da população de Belém, juntamente

²¹ BATES, Henry Walter. 1979. op cit. p.114

²² MARCOY, Paul. 2001, op cit. p.292

²³ Falla dirigida pelo Exmº Snr Conselheiro Jerônimo Francisco Coelho, presidente da província do Gram-Pará a Assembléia Legislativa Provincial na abertura da sessão ordinária da sexta legislatura no dia 1º de outubro de 1848. Pará: Typ Santos & Filhos, 1848

²⁴ BATES, Henry Walter. 1979. op cit. p.21

quanto Gama Abreu está na repartição de Obras Públicas. Por sua vez, o período compreendido entre 1872 e 1890 apresentou um decréscimo da cidade, uma vez que o Censo Geral do Brasil de 1890 estabeleceu a população da capital da Província em 50.064 habitantes.

No entanto, segundo José Coelho da Gama Abreu, a população de Belém seria já no final de 1894 de 100 mil habitantes²⁵. Isso nos leva a deduzir, mais uma vez, que o Censo, ou a estimativa de Gama Abreu, apresentava o cálculo errado. Por outro lado temos conhecimento de que os censos então realizados no Brasil nem sempre correspondiam à realidade. No caso da Amazônia, como ressalta Sarges, "é patente a dificuldade de se fazer uma avaliação correta de sua população por ser ela uma região de grande extensão territorial" e por outro lado, sendo "flutuante parte da população de Belém, devido as frequentes entradas de nordestinos fugidos das secas, assim como as sucessivas saídas para o interior da região em busca de trabalho nos seringais"²⁶.

Belém, como registrado em alguns relatórios dos presidentes de províncias desde o ano de 1840, necessitava de algumas transformações no seu aspecto urbano, e aqui entendamos tanto no físico como no social. Era o que clamavam os atores em cena à época: queriam melhoramentos no ambiente construído e também séries de códigos de posturas para moldar os costumes da sociedade local. Em 1854 entrava em vigor no Brasil o decreto 1.318 que limitava a propriedade por interesse público e, obrigando demarcações e registros de posses, delegava aos vigários escrituração. Este mesmo decreto tratava das terras reservadas, limitava os lotes urbanos a dez braças (22m) de frente e cinquenta (110m) de fundos, além de reservar lotes para fortificações, cemitérios e servidões públicas. Eram interesses e preocupações urbanas no Brasil imperial que iam ao encontro de algumas medidas e soluções adotadas em Belém. É o caso da instituição, neste mesmo ano, da repartição de Obras Públicas.

Esta foi criada pelo fato de que desde a revolta da Cabanagem²⁷ - já comentada anteriormente - a cidade passou por severas destruições e, em 1854, ainda não haver se reerguido. Precisava de obras para suprir o que havia sido danificado e tentar não apenas estar

²⁵ GAMA ABREU, José Coelho. *As regiões amazônicas*, estudos chorográficos dos estados do Grão-Pará e Amazonas. Lisboa: L. da Silva, 1895, p.389

²⁶ SARGES, Maria de Nazaré. Belém: riquezas produzindo a Belle-Époque (1870-1912). Belém: Paka-Tatu, 2002, p.51

²⁷ Sobre este assunto ver em PINHEIRO, Luís Balkar Sá Peixoto. *Visões da cabanagem*: uma revista popular e suas representações na historiografia. Manaus: Valer, 2001; REIS, Marcos. *Cabanos*: a história. Pará: Maguen, 2011; DI PAOLO, Pasquale. *Cabanagem*: a revolução popular da Amazônia. Belém: Conselho Estadual de Cultura, 1985; CHIVENATTO, Julio José. *Cabanagem*: o povo no poder. São Paulo: Brasiliense, 1984

à altura do que havia sido, mas incrementado para além do que era antes da revolta, de forma a se adequar também às novas demandas. Desde início da década de 1840, era queixa constante o fato de não se ter corpo técnico qualificado para os serviços que os políticos clamavam. Após a revolta da Cabanagem, que durou de 1835 a 1840, o então presidente da província João Antônio de Miranda (1805-1861), em discurso na abertura da Assembléia Legislativa Provincial no próprio ano de 1840, registrava que "tem nos faltado operários, mestres, homens entendidos na arte do trabalho e na de delinear e mandar"²⁸.

Em 1843, o que se observa é também a falta de recursos para se pensar, propor e dar prosseguimento às obras. O presidente da província em exercício neste ano, José Thomaz Henriques, em relatório apresentado a Assembléia Legislativa Provincial para encaminhar ao governo central do Brasil, registra que "no estado deplorável de nossas finanças é com o maior constrangimento que vos falo de obras públicas, que a província tanto precisa, mas é de suma necessidade que continueis a habilitar o Governo com os precisos fundos para concluir o cais"²⁹. Como se vê, não bastava a falta de técnicos, também faltavam recursos financeiros para seguir adiante o projeto de reerguer a cidade após os abalos com a revolta.

Entretanto, durante esta década de 1840, um novo ingrediente é colocado em cena: o látex. Mal sabiam os administradores de então, mas este produto então abundante na região seria muito valorizado devido a descoberta, em 1840, do processo de vulcanização da borracha por Charles Goodyear (1800-1860). Ao fim da década, os cofres já começavam a apresentar melhoras, entretanto ainda era parca a presença de pessoas gabaritadas para exercer qualquer atividade na área da construção. Em 1853, em relatório do então presidente da província do Pará Ângelo Custódio Correa (1804-1855), é registrada "a falta de operários [que] não (...) permitiu dar princípio a vala principal (...), falta boa vontade, existe dinheiro, só falta quem o queira ganhar"³⁰.

Os recursos do governo já eram de tal forma significativo que este assumiu uma obra iniciada na Travessa do Passarinho³¹ que, despendendo quantia significativa de recursos,

²⁸ Discurso recitado pelo Exm. Snr. Doutor João Antônio de Miranda, presidente da província do Pará na abertura da Assembléia Legislativa Provincial, 15 de agosto de 1840, Pará: Typ Santos e Menos, 1840. p.23

²⁹ Discurso recitado pelo Exm. Snr. Coronel José Thomaz Henriques, presidente da província do Pará na abertura da segunda sessão da Assembléia Legislativa Provincial no dia 15 de agosto de 1843. Pará: Typ Santos & Menores, 1843, p.13

³⁰ Relatório feito pelo Exm. Senr. Dr. Angelo Custódio Correa, 1º vice presidente desta província, por ocasião de dar posse da administração da mesma ao exm. sr. Conselheiro Sebastião do Rego Barros. Pará, 16 de novembro de 1853, p.4

³¹ É nesta rua que, no final do século XIX se instalou a imprensa de Antônio Lemos (1843-1913), cujo periódico se chamava *A Província do Pará*. Sobre Antônio Lemos uma vasta bibliografia se descortina, como em: PINTO, Augusto Correa. *Antônio Lemos*. Rio de Janeiro: s/d; ROCQUE, Carlos. *Antônio Lemos e sua época*. Belém: Cejup, s/d. SARGES, Maria de Nazaré. *Belém, riquezas produzindo a belle époque*, Belém: Paka-Tatu, 2002

precisou obedecer diversas formalidades prescritas por lei para a verba ser liberada. Depois, o Presidente da Província foi encarregado, a "autorizar a Câmara Municipal desta cidade para continuar a obra da Travessa do Passarinho, (...) visto ter ela que despende quantia superior para que está habilitada"³².

Esta travessa, hoje com o nome de Campos Sales, era chamada dessa forma por causa do santuário e depois da capela dos Passos, que durante a Semana Santa servia para os atos religiosos. Fazia parte do solar de propriedade de Ambrósio Henriques da Silva Pombo (?-1837), um dos homens mais ricos da sua época, descendente de tradicional família paraense. Fazendeiro no Pará, ele era avô de Maria Pombo Brício, com quem Gama Abreu se casou, anos mais tarde, em 1857, assunto que será abordado mais a frente³³.

Entretanto, apesar das finanças mais expressivas, continuava ainda nítida a falta de pessoal qualificado para exercer algumas tarefas. Dentre estas estava a necessidade de operários para trabalhar com obras, em todos os setores que dizem respeito a este ofício. Tanto foi assim que em janeiro de 1854, pouco antes da inauguração da repartição de Obras Públicas, o presidente da província do Pará, Sebastião do Rego Barros, em ofício publicado no jornal Treze de Maio, expõe a necessidade de "contratar um engenheiro fora, ou dentro do Império, e mandar engajar, onde melhor convier, os operários que julgar necessários para o melhor andamento das obras públicas provinciais"³⁴.

Na verdade, o estado do Amazonas passava pelos mesmos problemas e, como escreveu em seu relatório Herculano Ferreira Pena (1800-1867), então presidente da província do Amazonas, "o desejo que eu tinha de dar impulso desde os primeiros dias da minha administração as diversas obras públicas, (...) encontrou por muito tempo o maior dos obstáculos na falta quase absoluta de operários e de materiais"³⁵.

No mesmo periódico Treze de Maio, em 16 de fevereiro, vem a tona uma nova publicação oficial do presidente da província do Pará, Sebastião do Rego Barros, se referindo a mais um dos encargos da já mencionada repartição. "(...) Os trabalhos de conservação, reparo e limpeza dos rios, canais, valas, estradas e plantações de arvoredo, serão incumbidos a Guardas Campestres sob a direção de obras públicas, quando esta estiver criada". Pelo texto

³² Relatório feito pelo Exm. Senr. Dr. Angelo Custódio Correa, 1º vice presidente desta província, por ocasião de dar posse da administração da mesma ao exm. sr. Conselheiro Sebastião do Rego Barros. Pará, 16 de novembro de 1853, p.4

³³ CRUZ, Ernesto. *Ruas de Belém*: significado histórico de suas denominações. Belém: Cejup, 1992

³⁴ Lei do orçamento provincial em Jornal Treze de Maio, 10 de janeiro de 1854, n.277, p.7

³⁵ Fala dirigida a Assembléia Legislativa Provincial do Amazonas, no dia 1º de agosto de 1854, em que se abriu a sua 3ª sessão ordinária pelo Exm. Presidente da província do Amazonas o Snr. Conselheiro Herculano Ferreira Pena

de Rego Barros, percebe-se que a repartição de Obras Públicas ainda não havia sido criada, mas a província já começava a se estruturar para tal.

Belém passa a ter seu primeiro códigos de posturas em 1845 e já apresentava vários artigos mostrando a preocupação com a forma da cidade e incitando direta ou indiretamente a divisão social e funcional do espaço urbano. Estes códigos não eram seguidos a risca e algumas das suas emendas não eram disseminadas. Vez ou outra era comum ver nos jornais sendo publicados alguns artigos com atualizações destes códigos para reforçar a necessidade de se agir dentro de certo padrão.

Um exemplo da divisão da cidade em relação a certas funções data de 6 de março de 1847. No jornal da cidade uma referência ao código de posturas delimitava lugares específicos para serem armazenadas e vendidas pólvora, por exemplo³⁶. Em 15 de julho de 1848, um outro pilar do urbanismo era abordado no periódico belenense - a salubridade pública - sendo referenciado novamente o código de posturas que estipulava lugares e formas adequadas para o transporte e abate dos gados para a melhor qualidade da carne verde vendida na cidade³⁷.

Em 25 de julho de 1854 a Capitania dos Portos, novamente no jornal Treze de Maio, solicita a republicação da normatização que proíbe as casas com fundos para a praia de possuírem trapiches, cercas, estivas, varandas e pontilhões de desembarque. Solicitava para as que tivessem tais elementos, que os retirassem, pois dificultava o controle de entrada e saída de pessoas e mercadorias para as devidas cobranças de imposto³⁸.

Esta é outra característica da cidade de Belém. Como ela foi instalada em um ponto propício para observação da entrada e saída de embarcações provenientes do oceano para os rios da região, a preocupação com a fortificação da cidade foi muito presente em todo o período do estabelecimento da cidade como forma construída.

A cidade era compacta e fechada em si, não existiam ruas à beira do rio, apenas os fundos das casas. Com medo das invasões de povos europeus de um lado e dos indígenas de outro, Belém se moldou como uma cidade amuralhada, sem de fato a ser. Houve alguns projetos para murar a cidade, entretanto nunca foram executados³⁹. Apesar de não terem sido

³⁶ Treze de Maio. Belém: Typ Santos e Filhos, 6 de março de 1847, n 682

³⁷ Treze de Maio. Belém: Typ Santos e Filhos, 15 de julho de 1848, n 817

³⁸ Treze de Maio. Belém: Typ Santos e Filhos, 25 de julho de 1854, n 361

³⁹ Sobre esses projetos ver em FLEURY, Jorge Nassar. Muralhas invisíveis. Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Pará, 2009.

levados adiante tais propostas, as representações dos habitantes sobre a cidade era como se ela tivesse sido construída circunscrita por tais proteções⁴⁰.

Em meados do século XIX, os viajantes que chegavam à região também sentiam tal fato e registravam em suas crônicas e em seus croquis (ver imagem 2). Marcoy, ao avistar ao longe a cidade em 1847, logo percebeu que se via em meio às casas "aqui e acolá a extremidade de uma rua que se perdia na perspectiva ou um cais cujos pilares o faziam parecer um gigantesco pente espetado na lama". Ainda registrava que a cidade, com sua longa sucessão de casas e campanários, era vista numa só olhada, ou seja, "uma interminável sucessão de casas quadradas de vários andares que refletiam a luminosidade do dia em suas paredes caiadas". Afirmava ainda que elas contrastavam com a "areia amarela da praia e seus telhados se destacavam do fundo azul do céu". Dizia que alguns detalhes "felizes compensavam em parte a secura e a rigidez do conjunto", como a "cúpula rococó de um convento [ou]; à [sua] frente os três blocos do edifício da alfândega". Acima dos telhados ainda se avistava "os mastros das bandeiras consulares e os caules esguios dos miritizeiros, as torres de Nossa Senhora das Mercês e da catedral"⁴¹.

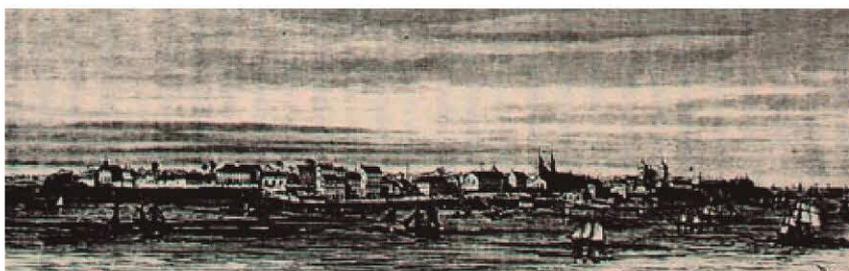


Imagem 2. Vista de da cidade de Santa Maria de Belém a partir da Baía, desenho do viajante Paul Marcoy in.: MARCOY, Paul. *Viagem pelo rio Amazonas*. Trad. Antonio Porro. Manaus: EDUA, 2001.

Nos pedaços de praia se via um vai e vem de pessoas e de barcos que de certa forma devia animar a cena. Bates por sua vez, em de 1849, percebeu que o aspecto da cidade, "ao amanhecer, era dos mais aprazíveis". Belém fora construída em uma faixa de terra baixa, apenas com pequenas elevações rochosas na extremidade sul. Isso fazia com que, ao ser avistada por quem se aproximava pelo rio, visse apenas uma faixa estreita de cidade composta

⁴⁰ Este é um assunto que até os dias atuais é muito discutido e provoca muita polêmica. Na década de 2000, foi criado um projeto chamado *Janelas para o rio*, uma parceria de órgãos públicos para criar espaços abertos para o rio Guamá e para a baía do Guajará. Isso começou a gerar polêmicas, pois ia de encontro ao patrimônio histórico da cidade que havia sido, desde a sua instauração em 1616, construída "de costas" para a baía, concisa em si mesma. Resultado disso é que em Belém, onde os rios da bacia amazônica são tão importantes, não se percebe a presença dos mesmos.

⁴¹ MARCOY, Paul. 2001, op. cit. p.286-87

com casas. Como Bates escreveu, a cidade "não se mostra como um anfiteatro". Destacou em sua observação que o casario branco com seus telhados vermelhos, "as numerosas torres e os zimbórios das igrejas e conventos, as copas das palmeiras que dominam as construções, tudo nitidamente destacado no claro azul dos céus, dão uma impressão de leveza e de alegria das mais gentis"⁴².



Imagem 3. Igreja da Nossa Senhora das Mercês em Santa Maria de Belém, desenho do viajante Paul Marcoy in.: MARCOY, Paul. *Viagem pelo rio Amazonas*. Trad. Antonio Porro. Manaus: EDUA, 2001.

Os rios eram e até hoje continuam sendo na região um elemento muito importante para o deslocamento das pessoas. Existe inclusive uma música paraense que diz "este rio é minha rua"⁴³. A região é repleta de rios, baías, canais, igarapés, furos, dentre outras denominações de vias fluviais que se fazem percebidas e são muito utilizadas. As pessoas chegam a quase todas as cidades da região através dessas ligações por água. Como ressaltará, em 1857, Henrique de Beurepaire Rohan, então presidente da província do Pará, "as vias de comunicação nesta

⁴² BATES, Henry Walter. 1979. op. cit. p.32

⁴³ Música de Paulo André Barata

província são quase todas fluviais"⁴⁴. Uma das preocupações dos políticos era em manter estes caminhos aquáticos sempre desobstruídos e prontos para serem navegados.

O ano de 1854 é realmente um marco. Naquele ano que a iluminação pública passou de azeite de andiroba - como funcionava desde 1838 - para gás líquido, ano também da fundação da Sociedade Beneficente Portuguesa. A cidade de Belém, apesar da demanda, ainda possuía atmosfera de um povoado muito simples, sem a estrutura e o ritmo de uma grande cidade daquela época, embora fosse uma das povoações mais importantes do Brasil. Isso se refletia como vimos até meados dos anos 1850, não apenas na falta de pessoas para trabalhar com as obras públicas, mas a falta de equipamentos e serviços urbanos.

Contudo, a capital paraense passaria por significativas transformações nos 5 últimos anos da década de 1850, principalmente a partir da criação da repartição de obras públicas e do momento em que José Coelho da Gama Abreu assume a direção da mesma em 1855. Reflexo dessas transformações podem ser percebidas sobretudo na quantidade de jornais que circulavam na cidade em 1850, apenas O Beija-flor; em 1854, apenas o Treze de Maio. Em 1860 já estavam em circulação, além do Treze de Maio que continuava sendo publicado, mais três jornais: a Gazeta Oficial, o Diário do Gram-Pará e o Diário do Comércio.

Em meados da década de 1850, quando é criada a repartição, as obras públicas já eram percebidas como uma necessidade e os cofres governamentais já estavam angariando recursos por conta da goma elástica. Se naquele momento o problema era a presença de técnicos, com uma repartição instituída isso ganharia viabilidade e rapidez.

⁴⁴ Relatório apresentado à Assembléia Legislativa Provincial do Pará no dia 15 de agosto de 1857, por ocasião da abertura da segunda sessão da 10ª legislatura da mesma Assembléia, pelo presidente Henrique de Beaurepaire Rohan. Pará: Typ Santos & Filhos, 1857

2.2. O jovem Gama Abreu e as questões urbanas

Os jornais de 9 de setembro de 1854 que circularam na capital paraense informavam que “o Sr José Coelho da Gama e Abreu, fizera um brilhante ato em Matemática, na Universidade de Coimbra, tomou o grau de Bacharel e lhe passaram as suas cartas muito honrosas”. A matéria, complementava o assunto afirmando haver Gama Abreu, “durante os anos que esteve nos estudos, adquirido os maiores prêmios das faculdades a que se dedicou”. Isso era motivo de orgulho para a cidade e exemplo para os jovens, pois isso, segundo o jornal, dava “provas de que, os Brasileiros, são talentosos e muito estudiosos”.

Em 1855, aparecem os primeiros registros de José Coelho da Gama Abreu na cena belenense. Não existem documentos de sua chegada, mas desde janeiro de 1855 seu nome já aparecia na lista do tribunal, estando sempre presente entre o jurados. Francisco José Furtado, Juiz de direito da 2ª vara criminal da cidade de Belém e presidente do Tribunal de Júri do Pará, registrara em 13 de abril daquele ano que “de conformidade com o artigo 286 do Código do Processo Criminal, que [dentre] os jurados mais assíduos, em assistir as Sessões do Júri, reunida nesta cidade no mês de março passado, [figurava] (...) Dr. José Coelho da Gama Abreu”⁴⁵.

Este marcava presença em Belém no tribunal do Juri depois de ter chegado de Portugal, onde concluíra seu curso superior em Matemática e Direito. Fato é que ao se fazer presente, as pessoas lembravam do seu nome, ainda mais tendo se formado doutor em uma importante universidade européia. Talvez tenha sido dessa forma que o capitão de engenheiros Juvêncio Manoel Cabral de Menezes, ao ter que servir a Corte, deixou vago o cargo que acabava de passar a exercer de diretor da repartição de Obras Públicas. Ato contínuo, o então vice-presidente da província em exercício, João Maria de Moraes, lembrou de nomear para o cargo Gama Abreu, “não existindo aqui outro engenheiro que (...) pudesse substituir [Menezes]”. E acrescentava que ao “Dr. em matemática José Coelho da Gama e Abreu, (...) por certo não falta a idoneidade precisa para bem desempenhá-lo”⁴⁶.

Em 7 de agosto de 1855, Gama Abreu ingressa em uma carreira que marcaria sua vida. Com 23 anos de idade, assumiu um cargo importante na administração da Província e o comando de uma área de conhecimento que não era originalmente a de sua formação. Para

⁴⁵ Periódico Treze de Maio. Belém: Typ Santos e Filhos, 19 de abril de 1855, n 476, p. 7

⁴⁶ Exposição apresentada pelo Exm Sr Dr João Maria de Moraes, vice-presidente da província do Pará, por ocasião de passar a administração da mesma província para o Exm Sr Coronel Miguel Antônio Pinto Guimarães. Pará: Typ de Santos e Filhos, 1855. p. 13

desempenhar sua função teve que aprender na prática muitas tarefas que o fizeram ser um profissional respeitável e competente rapidamente.

O próprio naturalista Bates, que havia ficado em Belém entre 1848 e 1851, após uma temporada pelo interior amazônico, ao regressar a Belém no ano de 1859, dá o seguinte depoimento:

"Achei o Pará muito modificado e melhorado. Não era mais aquele lugar com aspectos de aldeia cheia de mato, ameaçando ruína, que eu vira quando a conheci em 1848 (...) a população aumentara (para 20.000) pela imigração de portugueses, madeirenses e alemães, e durante muitos anos o considerável saldo de seu orçamento tinha sido gasto pelo governo em embelezar a cidade"⁴⁷

Os viajantes que passaram pela cidade após a segunda metade do século XIX são unânimes em seus depoimentos quando ressaltam o crescimento de Belém tanto em área como em população e densidade. Como resalta Sarges, entre 1840 e 1920, toda atividade econômica da região passou a girar em torno da economia extrativista da borracha. Em decorrência da nova economia que se instala, "novos contingentes chegam à cidade imprimindo uma ampliação e modificação"⁴⁸ na paisagem urbana.

A repartição de Obras Públicas era balizada pelo regulamento assinado à época de Sebastião do Rego Barros. Neste, era explícito que a repartição iria funcionar com um diretor e quantos engenheiros fossem necessários e receberiam o ordenado anual de 2.400\$000 réis; os ajudantes de engenheiros que fossem precisos, com salário por ano de 1.200\$000 réis; um secretário que receberia 800\$000; um porteiro com ordenado de 500\$000 réis; um guarda dos armazéns e instrumentos com salário anual de 400\$000; os administradores, inspetores, desenhistas, mestres, apontadores, feitores, conservadores e guardas campestre que fossem necessários, segundo a qualidade do serviço e o número de obras que se fizessem por administração. Os vencimentos destes empregados temporários seriam determinados pelo

⁴⁷ BATES, Henry Walter. *Um naturalista no rio Amazonas*. São Paulo: EDUSP, 1979. p.392-93

⁴⁸ SARGES, Maria de Nazaré. *Belém: riquezas produzindo a Belle-Époque (1870-1912)*. Belém: Paka-Tatu, 2002, p.52

Presidente da Província, ouvindo o Diretor, conforme aptidão dos mesmos e natureza do trabalho que lhes fossem incumbidos⁴⁹.

O diretor da repartição tinha, ainda segundo o seu regulamento de criação várias tarefas. Uma destas, de suma importância, era o relatório que teria que entregar ao Presidente da Província em exercício dois meses antes da abertura da Assembléa Provincial. Neste estaria contido - depois de exames e estudos feitos em conselho deliberativo da repartição composta pelo diretor, engenheiros e ajudantes de engenheiros - quais as obras novas que deveriam ser propostas ao Governo pelo diretor. Este deveria indicar também quais dessas são as mais úteis e urgentes requeridas pelo melhoramento material da província e também quais dentre as obras concluídas careceriam de reparos e conservação. Além disso, o relatório deveria ser acompanhado de justificativa do próprio diretor sobre as novas obras; do orçamento dos fundos necessários para o ano seguinte, incluindo serviços e necessidades materiais para tal; e de informações sobre cada um dos empregados da repartição bem como o estado da mesma e as providências que reclamassem, quer da Presidência, quer da Assembléa Provincial⁵⁰.

José Coelho da Gama Abreu, quando a frente das Obras Públicas, não precisou realizar peças gráficas. O único parágrafo do regulamento que abordava o assunto informava que o diretor precisava "proceder os trabalhos gráficos e estudos preparatórios de qualquer obra, por si ou por qualquer engenheiro, seja para a execução da mesma obra, seja para justificação de sua proposta"⁵¹. Entretanto, ele não estava totalmente dispensado de serviços que exigiam um conhecimento de engenharia ou áreas afins, pois teve que fazer inspeções, advertir, dar instruções a todos os empregados da repartição, bem como examinar pessoalmente e com a maior frequência possível as obras que estavam sob sua incumbência. No mais, era o responsável pelas finanças, relatórios, economia e escrituração, além de ter que propor ao presidente da província a nomeação, remoção, demissão e gratificação ou vencimento dos administradores, inspetores, desenhistas e apontadores das Obras Públicas.

Com estas tarefas sob sua responsabilidade, Gama Abreu assumiu a direção da repartição de Obras Públicas e, em 23 de agosto de 1855, enquanto circulava nos jornais da cidade o relatório do presidente da província que continha referências a Gama Abreu como o

⁴⁹ Periódico Treze de Maio. Belém: Typ Santos e Filhos, 20 de junho de 1854, n 346

⁵⁰ Periódico Treze de Maio. Belém: Typ Santos e Filhos, 20 de junho de 1854, n 346

⁵¹ Periódico Treze de Maio. Belém: Typ Santos e Filhos, 20 de junho de 1854, n 346, p.2

novo diretor, já havia também a notícia do início das obras da estrada que ligava a cidade de Belém à Bragança, no litoral nordeste da Província do Pará⁵².

Se ele já era cogitado em diversas rodas por ser um doutor formado em uma universidade européia, naquele momento, à frente de uma das repartições que tinha maior visibilidade dentro da província, principalmente na capital, ele passou a ser convocado para tudo o que pudessem aproveitar dos seus conhecimentos. Apesar de sua pouca idade, o que estava ao seu alcance procurou cumprir. Em 11 de dezembro de 1855 ele já era um dos membros examinadores para postulantes a um cargo na Tesouraria da Fazenda da Província. Em 28 de março do ano seguinte, por conta de seu vasto conhecimento da língua francesa que adquirira em seus estudos na Europa, ele também foi um dos examinadores dos exames que visavam selecionar uma pessoa para preencher a cadeira de francês no Lyceu Paraense⁵³.

Em dezembro de 1855 foi encerrada a Assembléia Legislativa Provincial e, em documento assinado pelo então Presidente da Província, solicitava o pagamento dos deputados que compuseram a mesma. Dessa forma, no ano seguinte abriram-se as votações para a composição da nova Assembléia. Em 8 de abril tornou-se público o resultado da primeira urna, a do colégio eleitoral da capital, presidida pelo doutor em medicina José da Gama Malcher (1814-1882). Nesta, um dos nomes mais votados foi o de José Coelho da Gama Abreu, recebendo 53 votos, embora ficando em 9º lugar. Ele também recebeu votos nos colégios do interior como é o caso de Cametá, com 1 voto, da Vila de Santa Ana, onde recebeu 7 votos, em Vigia, ficando com 17 votos, dentre outros.

Os procedimentos eleitorais no Brasil foram modificados em 1846, 1855, 1860, 1875 e 1881. A legislação eleitoral central determinava os critérios para definir quem votava. Alguns requisitos básicos eram levados em consideração para que o indivíduo fosse considerado um votante, como, por exemplo, possuir uma renda mínima. Após isso seu nome figuraria em uma lista de votantes organizada pela Mesa Eleitoral do distrito. Até 1881, os vereadores eram os únicos a serem eleitos diretamente. As outras eleições eram realizadas em dois estágios: os votantes escolhiam os eleitores, que por sua vez, escolhiam os representantes provinciais para a legislatura central e provincial. Os direitos de voto variavam de acordo com a residência e o distrito eleitoral. As legislaturas geral, provincial e municipal tinham durações diferentes. A legislatura provincial deveria durar dois anos.

Na realidade, poucos assuntos eram deixados sob a competência da Assembléia Provincial, como: divisões civis, judiciárias e eclesiásticas; educação pública; orçamentos

⁵² Periódico Treze de Maio. Belém: Typ Santos e Filhos, 23 de agosto de 1855, n 532

⁵³ Periódico Treze de Maio. Belém: Typ Santos e Filhos, 28 de março de 1856, n 696

municipais e provinciais, bem como previsão de gastos; empregados públicos municipais e provinciais, obras públicas, organização das estatísticas provinciais; legislar sobre reclamações de má conduta magisterial, incluindo até mesmo o poder para demitir alguém se o caso fosse provado; e legislar sobre processos contra o presidente de província. Os impostos de importação não estavam a cargo da Assembléia Provincial, mas esta poderia impor outras taxações. O presidente provincial era o encarregado de convocar a Assembléia todos os anos e também se tornava responsável por marcar as datas das eleições para a legislatura provincial. O presidente da Assembléia era a maior autoridade na legislatura provincial e este deveria ter um papel neutro, sem se identificar com um dos lados⁵⁴.

Fato é que muitos deputados eram incapazes de permanecer na assembléia durante todo o período de reunião - que deveria durar em média dois meses. Eles sabiam que a vitória nas eleições era o elemento chave para obterem todos os postos administrativos locais de porte, como a Guarda Nacional, a comissão responsável pelo registro eleitoral, e monitorar reclamações de procedimentos irregulares nas eleições. Uma vez eleitos, os políticos locais muitas vezes não tinham escrúpulos em deixar seus lugares nas mãos dos suplentes, que em sua maioria tinham tido uma votação muito pequena.

Apesar de ser um dos mais votados, não foram encontrados registros de Gama Abreu como integrante da Assembléia Provincial. Existia também aí um conflito de interesses, pois uma de suas funções como diretor das Obras Públicas era fazer os orçamentos, propor obras e investimentos, dentre outras coisas que seriam votados pela assembléia. Não que fosse empecilho, ou que de certa forma isso também não ajudasse nas aprovações que clamava ao exercer seu cargo. O que não elimina o fato de ele também não ter participado das mesas como eleitor - aqueles que o cidadão, enquanto votante, elege para escolher seus representantes.

Todos estes órgãos estavam subordinados à Presidência da Província. Esta por sua vez estava enraizada no interior de uma máquina muito centralizada. O cargo de presidente de província era preenchido por nomeação direta do Imperador, aconselhado pelo partido que estivesse no poder. O presidente da província não exercia um mandato, podendo ser exonerado ou pedir afastamento à revelia. Este sempre tinha vice-presidentes nomeados pela Assembléia local, teoricamente aptos a exercer interinamente o cargo até que novo presidente fosse nomeado por Carta Imperial e assumisse o cargo.

⁵⁴ GOUVÊA, Maria de Fátima Silva. *O império das províncias*: Rio de Janeiro, 1822-1889. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

Foi dessa forma, em carta assinada e datada de 14 de abril de 1856, que, em 29 de maio, assume a Presidência da Província do Pará Henrique de Beaurepaire Rohan (1812-1894), militar e político de família nobre. Seu pai, Jaques Antonio Marcos de Baurepaire chegou no Brasil na comitiva de Dom João VI em 1808. Seu filho Henrique era afilhado de D. Pedro I e, desde jovem gozou de prestígio na Academia Militar. Foi presidente da província do Paraná e da Paraíba, além de exercer o cargo de Ministro da Guerra do Brasil. Dentre várias coisas, uma que provavelmente tenha chamado atenção especial de Gama Abreu, foi o fato de Beaurepaire-Rohan ter realizado o plano para o Rio de Janeiro.

Essa nomeação fortaleceu a importância dos serviços de Gama Abreu a frente da repartição de Obras Públicas, principalmente pelo fato de Beaurepaire Rohan ser engenheiro. Quando na província do Pará, Rohan escrevia em seus relatórios para o governo central sobre Gama Abreu e sobre a capacidade e competência do “engenheiro” encarregado pela direção de obras públicas. Como se vê, um ano depois de assumir o cargo ele já era visto, mais do que matemático, como um engenheiro e tendo suas qualidades exaltadas para o governo imperial. É válido nesse ponto ressaltar que, epistemologicamente, a formação em engenharia talvez não fosse tão definitiva como hoje.

Os relatórios enviados pela diretoria de Obras Públicas para os presidentes da província eram, geralmente, transcritos nos balanços destes últimos para seus superiores do governo central. Beaurepaire, por exemplo, fazia questão de mencionar os relatórios de Gama Abreu ressaltando o seu “notável método e clareza”⁵⁵.

É neste período que Gama Abreu conhece mais detalhadamente o trabalho de Beaurepaire-Rohan, que acabaram influenciando suas ações. Além disso, provavelmente também conheceu o trabalho de André Rebouças que esteve em São Luis realizando trabalhos no porto. Isso sem contar no trabalho de Haussmann em Paris, que de certa forma torna esta cidade o modelo a ser seguido pelos atores então em ação na capital paraense, assunto que esta tese abordará mais a frente. Dessa forma Abreu não apenas recebe mas se apropria das idéias destes atores contemporâneos a ele.

Durante o período do mandato de Beaurepaire-Rohan a frente da presidência da província do Pará, o contato e a subordinação do diretor de obras públicas era diretamente feito com ele. Inúmeras foram as correspondências trocadas entre ele e Gama Abreu sobre as situações das obras e as tomadas de decisões que ambos tinham que realizar e que concernia

⁵⁵ Relatório apresentado á Assembléia Legislativa Provincial do Pará no dia 15 de agosto de 1856, por ocasião da abertura da primeira sessão da 10.a legislatura da mesma Assembléia, pelo presidente, Henrique de Beaurepaire-Rohan. Pará: Typ. de Santos & filhos, 1856. p. 15

às Obras Públicas. Em maio de 1856, por exemplo, um relatório de Beaurepaire Rohan se referia ao "diligente e probo diretor" Gama Abreu onde comentava que tinha ciência dos motivos pelos quais as obras andavam em passos lentos, sendo estes por conta da epidemia que assolava a capital e do inverno rigoroso - era tempo da estação chuvosa na região⁵⁶.

Por ser Gama Abreu exigente e responsável, ele cobrava isso de seus funcionários. Os trabalhadores que não tinham tais características eram desligadas de seus serviços. No dia 1º de julho de 1856, em ofício dirigido ao então presidente da província Beaurepaire Rohan, o diretor de obras solicita sua aprovação para a demissão de Leopoldino Protomartyr de Mello, apontador da obra do Colégio de Nossa Senhora do Amparo que estava em andamento e sob a responsabilidade da repartição. No dia 12 do mesmo mês ele tem a resposta do presidente autorizando a solicitação e completando ao dizer que devia "o respectivo engenheiro (Gama Abreu) propor outro para ser nomeado em seu lugar, visto não ter sido aprovado o indivíduo que para este fim foi por ele apresentado"⁵⁷.

Fato curioso, talvez por estar ainda se estabilizando em seu cargo e conhecendo as "regras do jogo", durante o mês de julho de 1856, quando o Juiz Comissário da Repartição das Terras Públicas da província do Amazonas estava pela capital do Pará realizando serviços diversos relativos à província vizinha, necessitou de algumas folhas de papel vegetal para a conclusão de seus estudos. Sem titubear Gama Abreu lhe concedeu as dez folhas de que precisara o Juiz, mas criou um ofício de empréstimo das folhas exigindo que estas fossem pagas de volta quando do retorno do Juiz à sua província e comunicou ao então presidente da província sua decisão⁵⁸. É válido lembrar que naquele tempo, a originalidade do papel vegetal o tornava artigo raro, tendo preços muito elevados.

Durante o período em que Gama Abreu esteve a frente da repartição de Obras Públicas, muitas obras foram propostas por ele. Em seu primeiro ano de mandato, em 1855, a cidade já estava passando, como vimos, pela mudança em seu sistema de iluminação pública e dentre suas primeiras preocupações já aparece o embelezamento citadino. Seu gosto, adquirido enquanto morava na Europa, de certa forma o influenciou a ver Paris como um modelo a ser seguido. Sendo então a repartição composta por um diretor e três engenheiros, ainda mandou trazer mais um engenheiro de Paris, bem como nove jardineiros, estes últimos para formarem a Guarda Campestre que seria responsável pelo ajardinamento da cidade.

⁵⁶ Periódico Treze de Maio. Belém: Typ Santos e Filhos, 31 de maio de 1856, n 696

⁵⁷ Periódico Treze de Maio. Belém: Typ Santos e Filhos, 15 de julho de 1856, n 786

⁵⁸ Periódico Treze de Maio. Belém: Typ Santos e Filhos, 21 de julho de 1856, n 791

Em seus primeiros anos a frente da repartição a maioria de suas propostas se limitaram a obras de conservação, reparos e pequenas intervenções - ou pelo menos as que foram aprovadas. Afeito e conhecedor de história, uma de suas primeiras intervenções mostrou a preocupação com o patrimônio da cidade, quando apresentou ao presidente da província um relatório que continha o estado de conservação da Igreja de Santa Ana, necessitando obras⁵⁹.

A igreja foi construída no século XVIII, seguindo o projeto do arquiteto italiano Antônio Landi que veio ao Pará compondo a Comissão Demarcadora de Limites, em 1753, quando a então capitania do Grão-Pará e Maranhão era governada por Mendonça Furtado.

Além das obras de reparos e consertos da mesma, aprovados por Beaurepaire-Rohan, ainda em 1856, Gama Abreu em seu relatório anual para o presidente da província, insiste sobre a necessidade de várias obras de que "não é possível prescindir-se na capital de uma província". Afirmava que além daquelas em andamento, a capital precisava de outras que seriam até de urgência, como o Palácio da Assembléia Provincial, o paço da Câmara Municipal, a casa para o internato, a praça do mercado, o Teatro, dentre outras⁶⁰.

Beaurepaire Rohan considerou "mais conveniente principiar-se por algum edificio rendoso". Assim ordenou que se tratasse o quanto antes, da construção da praça do mercado. O plano da praça foi feito pelo engenheiro Marcos Pereira de Salles, que orçou as despesas em 100.725\$185 réis. Já no ano seguinte Gama Abreu propõe a obra do novo Mercado Público (imagem 4). Este projeto é então aprovado e o mercado tem suas obras iniciadas em 1857, tendo sido concluído em 1860⁶¹.

⁵⁹ Como resposta de Beaurepaire a seu relatório, este mandou proceder, em "vista do que V. Mc. expõe acerca do estado em que se acha a Igreja de Santa Anna, tenho a recomendar-lhe que mande proceder ao orçamento da despesa que é necessário fazer-se com os consertos que reclama essa igreja. Ofícios da Província do Pará, Palácio da Presidência da cidade de Belém, em 23 de julho de 1856

⁶⁰ Relatório apresenado à Assembléia Legislativa Provincial do Pará, no dia 15 de agosto de 1856, por ocasião da abertura da primeira sessão da 10ª Legislatura da mesma Assembléia, pelo presidente Henrique de Beaurepaire Rohan. Pará: Typ de Santos & Filhos, 1856.

⁶¹ Braga, Theodoro. *Noções de Chorographia* do Estado do Pará. Belém: Empreza Graphica Amazônia, 1919



Imagem 4. Mercado Municipal. In: Belém da Saudade. A Memória da Belém do início do Século, em Cartões-Postais. Belém: Secult, 1996.

Como se vê, desde seus primeiros momentos a frente das Obras Públicas, Gama Abreu já clamava por algumas edificações que até os dias atuais são marcantes na paisagem da cidade. Outra implementação marcante em sua administração foi a proposta, projeto e execução do Theatro da Paz (imagem 5 e 6). Apesar de sua construção ter sido iniciada apenas em 1869 e sua conclusão em 1878, este foi solicitado pelo diretor de Obras Públicas desde seus primeiros anos a frente do cargo. Várias discussões houve acerca de onde alocar o dito teatro, o que demonstra as hesitações quanto que áreas da cidade seriam enobrecidas na divisão social do espaço urbano. Beaurepaire Rohan em seu relatório de 1856 afirmava que "precisamos de um theatro digno da capital da província; mas cumpre que ele seja convenientemente colocado". Dizia ela ainda que "o atual já não se compadece com a importância crescente que vai adquirindo a formosa cidade do Pará".



Imagem 5. Teatro da Paz. In: Belém da Saudade. A Memória da Belém do início do Século, em Cartões-Postais. Belém: Secult, 1996.

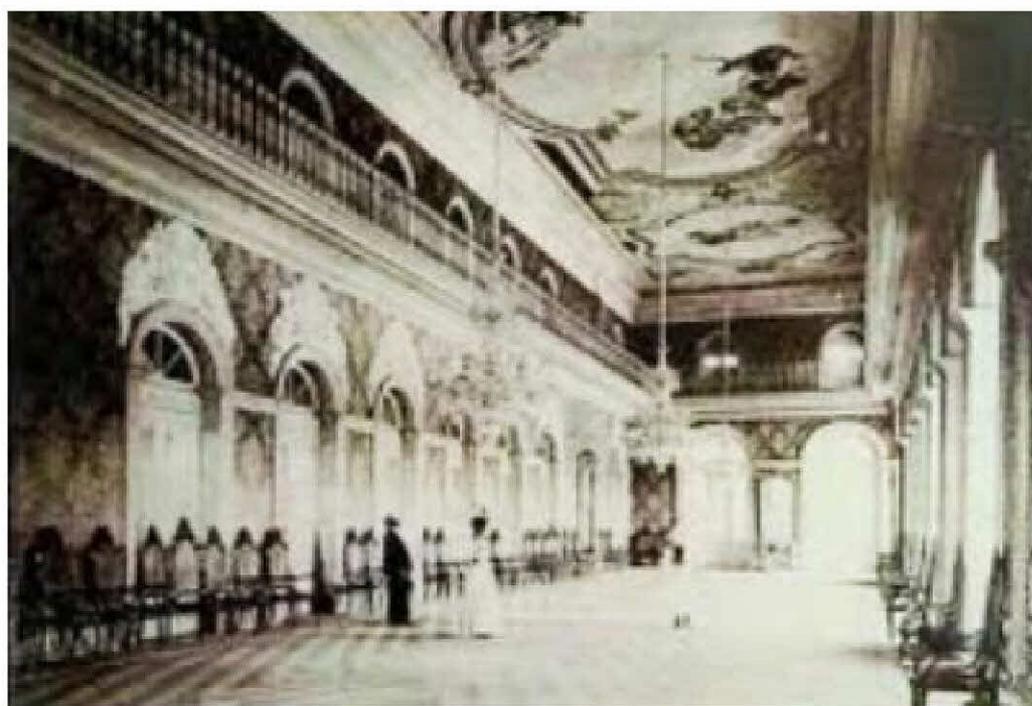


Imagem 6. Salão nobre do Teatro da Paz. FIDANZA, Felipe Augusto. Teatro da Paz, 1875, albúmen, Coleção Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro - MAM-RJ - doação White Martins

Em quase todos os relatórios de Gama Abreu, era abordado o assunto da necessidade de ter a capital um novo teatro. Ainda em 1856, a situação para se realizar uma obra de maior porte como a do teatro era mais problemática e, como o próprio Beaurepaire Rohan comenta em seu relatório, eram "notáveis os embaraços que se luta para pô-las em andamento, por falta

de pessoal próprio, e dos necessários materiais"⁶². Por fim, este é projetado e seu orçamento aprovado apenas em fins da década de 1860. Suas obras iniciaram em 1869, quando Gama Abreu ainda era o diretor da repartição de Obras Públicas. Em relatório do então presidente da província Pinto de Guimarães (1808-1882), já é registrada como em andamento, a obra do "Theatro de N. S. da Paz, contratado com João Francisco Fernandes e fiscalizada pelo ativo e zeloso engenheiro Antônio Augusto Calandrini de Chermont"⁶³. Este ficou pronto em 1878, após várias vezes as obras terem sido embargadas.

Enquanto Beaurepaire Rohan esteve a frente da província, para sanar a falta de material, a repartição de obras públicas gozou de isenção alfandegária para a importação dos mesmos. Em ofício de 16 de agosto de 1856, ficaram expedidas as convenientes ordens para que "pela Alfândega sejam despachados livres de direito os objetos constantes da relação que acompanhou o seu ofício de 13 do corrente, vindos da França para a repartição de Obras Públicas"⁶⁴.

Nos anos em que a repartição de obras públicas é instituída, a situação econômica do Brasil e especificamente em Belém melhora consideravelmente, seja pelo aumento dos recursos financeiros nos cofres públicos, seja pelo pensamento social que mudava, e pelos representantes da cidade que assumiam seus cargos.

Beaurepaire Rohan, em seu relatório de 1856, seu primeiro ano a frente da presidência da província do Pará, dará um importante depoimento sobre esse quadro. Ele escreve: "(...) a era das conspirações passou. As tempestades, que enegreceram outrora o nosso horizonte político, foram custosas lições que nos amestraram na carreira da existência social" e ainda afirmava: "em todas as províncias do império são as questões de melhoramentos materiais as que mais prendem a atenção pública, e é nestas felizes disposições que também encontrais o sentimento dos povos do Pará". Rohan completava seu discurso ao afirmar que em uma província "como o é esta, tão rica em recursos, não vos faltarão ocasiões de vos assinalardes por serviços importantes, que vos tornarão cada vez mais dignos da estima e gratidão daqueles que vos elevaram à honrosa posição de seus representantes"⁶⁵.

⁶² Relatório aprenhado à Assembléia Legislativa Provincial do Pará, no dia 15 de agosto de 1856, por ocasião da abertura da primeira sessão da 10ª Legislatura da mesma Assembléia, pelo presidente Henrique de Beaurepaire Rohan. Pará: Typ de Santos & Filhos, 1856. p.17

⁶³ Relatório com que o Exm. Snr. Coronel Miguel Antonio Pinto Guimarães, segundo vice-presidente da província do Pará passou a administração da mesma ao Exm. Snr. primeiro vice-presidente Conego Manoel José de Siqueira Mendes. Pará: Typ do Diário do Gram-Pará, 1870

⁶⁴ Ofícios da Província do Pará, Palácio da Presidência da cidade de Belém, em 16 de agosto de 1856

⁶⁵ Relatório apresentado à Assembléia Legislativa Provincial do Pará no dia 15 de agosto de 1856, por ocasião da abertura da primeira sessão da 10ª legislatura da mesma Assembléia, pelo presidente, Henrique de Beaurepaire Rohan. Pará: Typ de Santos & Filhos, 1856.

Como já comentado anteriormente e elucidado pelo viajante Marcoy, as ruas da capital paraense se apresentavam em péssimo estado, sem calçamento e, dependendo da época do ano, ora enlameada, ora se tornando terreno fértil para a disseminação de insetos, além de deixar a cidade com aspecto empoeirado. Em 1856, o mesmo presidente Beaurepaire Rohan, autoriza Gama Abreu a fazer, com "a possível brevidade e economia, reparar a estrada da Olaria, fazendo desaparecer os atoleiros que impedem o transito dos carros"⁶⁶. Ha muito tempo em Belém estas questões eram vistas como problemas, mas naquele momento além de chamarem mais atenção, existiam agora não só atores sociais preocupados em mudar este quadro, como recursos para serem investidos nessas melhorias. Isto é, no dizer de Françoise Choay, que a cidade passava de objeto do olhar crítico à objeto de intervenção.

Várias obras de melhorias do aspecto físico da cidade foram realizadas no período de 1855 a 1871. Além de dar seguimento aos trabalhos de abastecimento da cidade com água potável, que já vinha sendo parcamente realizado antes de nomeação de Gama Abreupara o cargo, ele, preocupado com a salubridade cidadina, também incluiu no *roll* das questões urbanas abordadas o aterramento das áreas alagadas bem como a pavimentação das ruas. Àquele tempo este também era visto como problema de saúde pública por causa das teorias dos miasmas além de contribuir, evidentemente, para o embelezamento da cidade.

No relatório de 1857 feito para passar a presidência da província para o comando de João da Silva Carrão (1910-1888), Henrique de Beaurepaire Rohan inclui o item "calçamento da cidade". Nele destaca que "o novo calçamento desta cidade é todo feito pelo sistema de Mac-Adam, mais ou menos modificado, segundo a natureza dos materiais de que é possível dispor". Completava ao afirmar que, deste sistema, "a maior vantagem, além de facilitar a rodagem, é a de dar o mais pronto esgoto às águas pluviais, que interessam sobremaneira à salubridade pública"⁶⁷.

Este sistema consistia em lajes rejuntadas com pedras menores. Na capital do Império, Rio de Janeiro, também durante a época de Beaurepaire Rohan havia sido iniciado a introdução deste método em algumas ruas. No seu plano para o Rio de Janeiro, Beaurepaire-Rohan recomendava a adoção da técnica inglesa patenteada por Mac-Adam, "que havia sido ensaiada por iniciativa da Câmara Municipal na rua da orla de Botafogo"⁶⁸. A adoção massiva desse sistema, conjuntamente com a de paralelepípedos, se dará, tanto na capital do Império

⁶⁶ Ofícios da Província do Pará, Palácio da Presidência da cidade de Belém, em 12 de agosto de 1856

⁶⁷ Relatório apresentado ao Ilm. e Exm. Senr. Dr. João da Silva Carrão, no ato de ser empossado da presidencia da província do Pará, por Henrique de Beaurepaire Rohan. Pará: Typ de Santos & Filhos, 27 de outubro de 1857

⁶⁸ ANDREATTA, Verena. *Cidades quadras, paraísos circulares: os planos urbanísticos do Rio de Janeiro do século XIX*. Rio de Janeiro: Mauad, 2006, p.117

como em Belém, após o ano de 1857. Pode-se dizer que em meados do século XIX os conhecimentos sobre cartografia e o instrumental técnico permitiam uma maior precisão técnica no traçado de caminhos e no nivelamento de suas inclinações relativas.

Dos conteúdos dos ensinamentos de topografia na Academia Militar, não se deduz que estes instrumentos fossem de uso habitual na cidade, mas Beaurepaire aponta que na capital Rio de Janeiro já haviam sido feitos nivelamentos para alguns dos aterros realizados, tarefa difícil que Haussmann⁶⁹ dedicou, entre os anos de 1850 e 1870, todo o seu empenho para preparar a base do plano de reforma de Paris, e Cerdá esbanjou todos os seus recursos econômicos para gerar o mapa no qual baseou seu projeto de "Ensanche de Barcelona"⁷⁰.

Belém não tinha tantos problemas quanto a topografia, pois era uma cidade muito plana, como já foi abordado anteriormente aqui e explicitado inclusive nas palavras de viajantes quando chegavam à capital paraense. Entretanto sofria justamente no regime das chuvas e em uma região cheia de rios, com o alagamento de várias novas áreas de expansão urbana.

Uma das grandes investidas de Gama Abreu foi justamente para se sanar o problema de acúmulo das águas nas ruas. Mesmo após Beaurepaire Rohan ter saído da presidência da província do Pará ele continuava com esta peleja. Primeiramente foram as principais ruas da cidade, as situadas nos lugares com maior poder aquisitivo e com maior circulação de pessoas.

Introduz-se aqui outra lógica de cidade em relação àquela do período colonial. De fato, agora nitidamente se observa uma violenta separação social e de áreas de atividades na cidade, até então misturadas. As atividades de comercialização de produtos, por exemplo, não são considerados nobres, daí que as áreas nos arredores do mercado passam a ser consideradas socialmente menos importantes e valorizadas por acolher estas funções. O contrário se observa em relação às atividades de divertimento das camadas mais ricas, como o teatro.

Como mostrou Pereira, esse processo já se observa desde fim do século XVIII, mas se acentua com a chegada da Corte. Essa "divisão social e funcional" do espaço urbano foi magistralmente mostrada por Marcel Roncayolo para a cidade de Marseille⁷¹, por exemplo, e inspirou Pereira em seus estudos sobre o Rio de Janeiro. No caso da capital do Império as hesitações observadas em Belém também são percebidas no Rio de Janeiro em relação a

⁶⁹ HAUSSMANN, Georges. *Mémoires*. Paris: V. Harvard, 1890-1893

⁷⁰ CHOAY, Françoise. *Destinos da cidade européia: séculos XIX e XX*. Rua, n.6, Salvador, 1996

⁷¹ RONCAYOLO, Marcel. *L'imaginaire de Marseille: port, ville, pôle*. Publication : Marseille - Chambre de commerce et d'industrie de Marseille, 1990

novos equipamentos urbanos que visam racionalizar o crescimento da cidade no século XIX – mercados, abatedouros, cemitérios – ou localizar antigas atividades – cortumes, fábricas de sabão⁷². São tendências que se exprimem nas entrelinhas dos códigos de postura que, como vimos, são discutidos em Belém nestes anos e a partir, sobretudo da década de 1840. Elas contribuem para a construção de uma lógica não apenas de eficiência e progresso, mas também de classe.

Em 1859 Gama Abreu propõe como meio "profícuo e pouco dispendioso para esgotar alguns dos pântanos que existem aos lados da estrada do Arsenal, a abertura de valas em todas as estradas ou ruas que (...) cortam esses pântanos". Ainda afirmava que, feitas tais valas, "sejam os donos dos terrenos obrigados a construir outras menores que esgotem para aquelas, e assentar por fim no lugar que mais conveniente for, da vala principal em que as mais despejarem", ainda completava que estas deveriam se compor de "uma comporta com o preciso jogo para dar saída às águas de todas elas e impedir a entrada das marés"⁷³.

As primeiras ruas de Belém que receberam novos calçamentos foram, dentro da nova lógica, as mais centrais e mais próximas ao Palácio do Governo - edificação esta construída no século XVIII também com projeto do arquiteto italiano Antônio Landi (imagem 7). Este palácio, durante o governo de Beaupaire Rohan teve atenção especial e, chefiada por Gama Abreu, se fez no local considerável reforma, válida de menção no relatório de 1858 que se referindo ao "belo prédio" edificado nos anos de 1762 e 1771 tinha sido reparado várias vezes, mas nunca haviam sido feito nele "obras tão consideráveis, e de tanta utilidade como as que resolveu fazer [Henrique de Beaupaire-Rohan]"⁷⁴.

Fato interessante é que a casa da família de Gama Abreu, onde este nascera em 1832, ficava à Praça Pedro II, nome dado à Praça pelo então presidente da província João Antônio de Miranda (1805-1861), em 1840, após reforma de alinhamento e de plantio de taperebazeiros naquela praça que então se chamava Largo da Pólvora. Era nesta praça que se situava também o Palácio do Governo e, mais à frente, foi construído, ao lado deste último, o Paço Provincial e Municipal (conhecido como Palácio Antônio Lemos), programa que também foi uma das solicitações de Gama Abreu⁷⁵.

⁷² PEREIRA, Margareth da Silva. *Rio de Janeiro: L'ephemere et la perennite - histoire de la ville au XIXeme siècle*. Tese de doutoramento, 1887

⁷³ ABREU, José Coelho da Gama. In: Fala dirigida à Assembléia Legislativa da província do Pará na segunda sessão da XI legislatura pelo exm. sr. tenente coronel Manoel de Frias e Vasconcellos, presidente da mesma província, em 1 de outubro de 1859. Pará: Typ Commercial de A. J. R. Guimarães, 1859.

⁷⁴ Relatório do dia 8 de dezembro de 1858, pelo presidente da Província do Pará Leitão da Cunha. Pará: 1858

⁷⁵ CRUZ, Ernesto. *Ruas de Belém: significado histórico de suas denominação*. Belém: Cejup, 1992

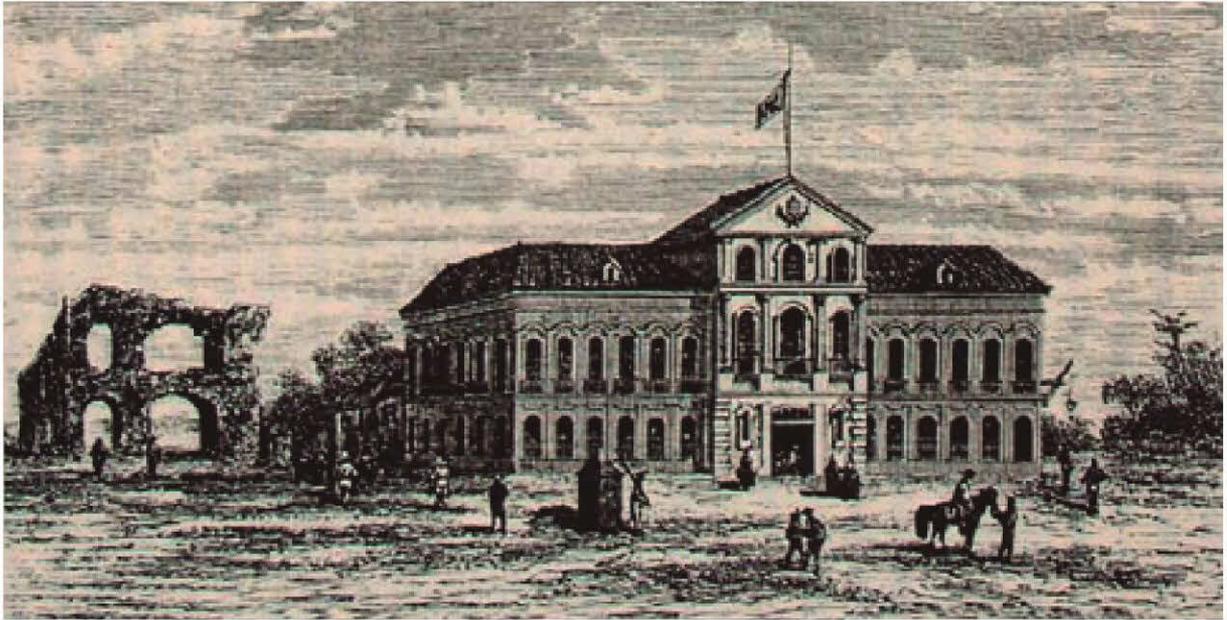


Imagem 7. Palácio do Governo, desenho do viajante Paul Marcoy em 1847. in.: MARCOY, Paul. *Viagem pelo rio Amazonas*. Trad. Antonio Porro. Manaus: EDUA, 2001.

Naquele ano, já se clamava por esta forma de pavimentação nas novas ruas que ligavam este centro mais antigo da cidade aos novos bairros. Como em relatório de Beaurepaire do ano de 1857, comentava que reparações haviam sido feitas na Estrada de Nazaré (imagem 8 e 9), "mas o que ela mais precisa é ser mac-adamisada, sem o que não se conseguirá torná-la transitável na quadra das chuvas. Esta obra é reclamada, a bem da salubridade pública"⁷⁶. Duas novas ruas davam acesso aos novos bairros a partir do centro mais antigo. À época ainda denominadas de estradas, a de Nazaré e a de São Jerônimo (imagem 12)⁷⁷.

⁷⁶ Relatório apresentado à Assembléia Legislativa Provincial do Pará, no dia 15 de agosto de 1857, por ocasião da abertura da segunda sessão da 10ª Legislatura da mesma Assembléia, pelo presidente Henrique de Beaurepaire Rohan. Pará: Typ de Santos & Filhos, 1857.

⁷⁷ Esta última, tempos depois, mudou seu nome para Rua José Malcher, médico contemporâneo a Gama Abreu, que também se transformou em nome de rua em Belém. Nos dias de hoje, as denominações das ruas dos bairros de Nazaré e Umarizal, bairros nascidos à época de Gama Abreu, são todas com nomes e datas referentes ao século XIX.



Imagem 8. Estrada de Nazaré em 1875. FIDANZA, Felipe Augusto. Teatro da Paz, 1875, álbumen, Coleção Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro - MAM-RJ - doação White Martins



Imagem 9. Estrada de São Jerônimo em 1875. FIDANZA, Felipe Augusto. Teatro da Paz, 1875, álbumen, Coleção Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro - MAM-RJ - doação White Martins

Como se disse, não era apenas a salubridade pública o que realmente clamava por estas melhorias, pois estes bairros eram onde moravam as pessoas com maior poder aquisitivo. Fugindo da "desordem" do centro comercial e das docas do cais do porto onde chegavam todas as embarcações, os habitantes de maior recurso começaram a se abrigar, principalmente no bairro de Nazaré, próximo ao centro, mas distante suficiente para que a "bagunça" comercial não interferisse no vai e vem dos moradores do lugar.

Até 1847, o bairro de Nazaré ainda era afastado e ficava em uma área entendida como "fora da cidade" de Belém. Tanto que neste mesmo ano, Marcoy, respondendo a oferta de um lugar para ficar na cidade feita pelo comandante de sua embarcação, ele respondeu que "sua sugestão seria ótima se eu fosse ficar na cidade, mas na verdade eu só quero passar por ela, porque estou indo para Nazaré"⁷⁸.

Em 1858 a estrada já era entendida como parte integrante da cidade de Belém. Neste mesmo ano, o então presidente da província do Pará, Ambrósio Leitão da Cunha (1825-1898), sucessor de Beaurepaire Rohan, autoriza a pavimentação da estrada de Nazaré. Relatava em tom de justificativa em seu relatório à Assembléia Legislativa Provincial no ano de 1858 que, "atendendo meu antecessor as reflexões que lhe fizeram o dr. inspetor da saúde pública e outros médicos desta cidade acerca da necessidade de remover daquela estrada as águas pluviais ali estagnadas, a que com muita razão atribuíam os casos de febre amarela", resolvia ele "mandar proceder ao calçamento regular da mesma estrada". Ainda alegava que isso proporcionava "ao mesmo tempo os cuidados que exigia aquele sítio hoje tão frequentado como lugar de recreio pela população da cidade"⁷⁹. Aos poucos as obras propostas por Gama Abreu iam saindo do papel, modificando a paisagem construída da cidade e, evidentemente, mudando hábitos sociais.

Nos primeiros momentos da colonização portuguesa, a cidade de Belém foi dividida em dois bairros: o da Cidade e o da Campina. O primeiro, com o decorrer do tempo, ficou conhecido pela denominação de Cidade Velha, como se conserva até hoje. A linha divisória de ambos era determinada pela travessa São Mateus (hoje Padre Eutíquio). Os outros bairro

⁷⁸ Foi então que o comandante retrucou perguntando "como sabe que tem que passar pela cidade para chegar em Nazaré?", e quando Marcoy respondeu que alguém o havia dito, o piloto afirmou que "esse alguém disse lhe a verdade: Nazaré fica a meia légua daqui, do outro lado da cidade; mas como a cidade é grande, tem muitas ruas e o senhor não sabe qual delas tomar, vou dar ordens ao meu ajudante que o acompanhe". Em MARCOY, Paul. *Viagem pelo rio Amazonas*. Trad. Antonio Porro. Manaus: EDUA, 2001, p.290

⁷⁹ Relatório lido pelo exmo. sr vice-presidente da província, dr Ambrósio Leitão da Cunha, na abertura da primeira sessão ordinária da XI legislatura da Assembléia Legislativa Provincial no dia 15 de agosto de 1858. Pará: Typ Commercial de Antônio José Rabello Guimarães, 1858

foram surgindo a medida que a população da cidade foi crescendo junto com sua economia, a partir do final da década de 1840.

Dentre os bairros surgidos no século XIX, o bairro de Nazaré é assim chamado por estar ali edificada a Igreja de Nossa Senhora de Nazaré (imagem 10 e 11), que vai se consolidando sobretudo com as obras da basílica construída justamente na segunda metade do século XIX⁸⁰.



Imagem 10. Estrada de São Jerônimo em 1875. FIDANZA, Felipe Augusto. Teatro da Paz, 1875, álbum, Coleção Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro - MAM-RJ - doação White Martins

⁸⁰ A estrada de Nazaré tinha este nome pelo fato de ser a ligação do bairro da Cidade e da Campina - centro comercial - à igreja. Sobre o assunto ver em CRUZ, Ernesto. *Ruas de Belém*, significado histórico de suas denominações. Pará: Conselho Estadual de Cultura, 1970



Imagem 11. Largo de Nazaré, ao fundo a Igreja ainda não em sua forma de fins do século XIX. FIDANZA, Felipe Augusto. Arraial de Nazaré, 1875, albúmen, Coleção Gilberto Ferrez, Acervo do Instituto Moreira Salles

A partir de 1861, Gama Abreu se envolve com vários outros negócios. Estes vão testar ainda mais sua força, pois estando ligado ao governo, qualquer outro interesse que envolvia ganho de dinheiro comprometia o nome e a idoneidade dele frente aos cargos que havia assumido.

Nesse ano ele iniciou uma atividade para produção de chocolate a partir da produção de cacau na região e também começou a explorar a extração de óleos vegetais indígenas. Em 27 de fevereiro de 1861, o jornal *Treze de Maio* veiculava na cidade uma portaria "isentando qualquer imposto provincial pelo tempo de dez anos, os produtos das fábricas movidas a vapor, de José Coelho da Gama e Abreu & Ca."⁸¹.

Era um motivo muito forte para ser o comentário na cidade como um benefício por ele estar ligado ao governo. Três meses depois, outra portaria circulava pelos jornais da cidade concedendo ao "Dr. José Coelho da Gama e Abreu, diretor da repartição de obras públicas e dos reparos do Seminário Episcopal, quinze dias de licença com os respectivos vencimentos"⁸². Gama Abreu não aceitou o pagamento deste ordenado referente ao período

⁸¹ Periódico *Treze de Maio*, 27 de fevereiro de 1861, n.7, p.3

⁸² Periódico *Treze de Maio*, 1 de maio de 1861, n.25, p.2

que se ausentara e também conseguiu que o mesmo jornal publicasse tal fato algum tempo depois, em agosto do mesmo ano⁸³.

Isso tudo é reforçado e levado a ser percebido por este prisma, pois em 1859, o jornal *Diário do Commercio*, com impressão de José Joaquim de Sá, fez uma varredura e exposição de todos os imóveis onde funcionavam sedes de repartições ou instituições ligadas aos governo que fossem alugadas. Na realidade o exposto foi o nome dos proprietários que alugavam seus espaços para o governo. A própria edificação onde funcionava a repartição de obras públicas era um espaço alugado do médico José Malcher (1814-1882). Outro prédio alugado ao governo era onde funcionava o Lyceu Paraense, de propriedade de Gama Abreu.

O periódico divulgou que "o sr. dr. Gama e Abreu tem um prédio e alugou-o para o Lyceu... Oh! Que escândalo! Que proteção decidida! Que esbanjamento de dinheiro! Demonstrei antes que o Lyceu estava bem acomodado, que a casa para onde se muda não apresenta vantagens sobre aquela em que se achava". O *Diário do Commercio* completava a matéria afirmando que "não era uma necessidade a mudança; sabeis do vosso amigo o sr. dr. Freitas o atropelo em que se achavam as aulas do Lyceu por falta de espaço"⁸⁴. Fato é que havia reclamações à época de alguns problemas relacionados ao espaço onde funcionava o Lyceu Paraense e que por um tempo procuraram soluções entre reparos e construção de novo prédio ou aluguel.

Desde os primeiros dias de Gama Abreu a frente da direção das obras públicas, ele já mencionava a necessidade de se ter um prédio exclusivo para o funcionamento das repartições do governo, naquele momento ocupando vários imóveis. Cada repartição e cada setor do governo funcionava em um prédio e em um local diferente da cidade. Abreu afirmava que isso era prejudicial ao seu bom desenvolvimento e à boa composição e comunicação entre as partes integrantes da engrenagem governamental. A partir de 1856 ele já propunha a construção de um Paço Provincial e Municipal, de preferência situado próximo ao já existente Palácio do Governo. A Assembléia Provincial se reunia nos altos do prédio da Alfândega. Esta por sua vez usava o prédio do convento do Mercedário, contíguo a Igreja das Mercês que estava inutilizado. Quando esta edificação se encontrava em obras de reparos, tudo o que funcionava nela era espalhado por outros lugares na cidade.

O Paço que foi a marca de sua peleja no cargo da direção da repartição de Obras Públicas, era ora reforçada pela Assembléia e, principalmente pelos Presidentes de Província,

⁸³ Periódico *Treze de Maio*, 14 de agosto de 1861, n.55, p.3

⁸⁴ Periódico *Diário do Commercio*, 31 de maio de 1859, n. 120, p.2

ora combatida vorazmente. Após alguns anos afirmando a necessidade de tal construção, finalmente foram iniciadas as obras em 1860, sendo paralisadas três anos depois.

Em 1861, as divisões internas do partido conservador deram origem ao Partido da Liga Progressista, uma coalizão de conservadores descontentes e membros do partido liberal. O novo partido manteve o controle do governo central até 1868. Esse período, conforme análise de Francisco Iglésias, marcou o final de uma era⁸⁵. Algumas características marcaram a trajetória histórica de um grupo, cuja formação sociopolítica carregava em si as sementes de sua própria destruição. Foi essa complexa trama de estratégias econômicas que alinhou intimamente o império do Brasil à escravidão - duas faces de uma mesma moeda⁸⁶. Além disso, em outro literal campo de batalha, o Estado imperial enfrentava crescentes tensões com países vizinhos no cone sul da América latina, conflitos estes que acabaram por culminar com a guerra do Paraguai. Essa acabou por exacerbar as tensões existentes no interior da sociedade brasileira em fins da década de 1860, estando o exército profundamente descontente com o governo central⁸⁷.

As dificuldades de se concluir a guerra também causaram profundas divisões no interior do partido conservador, dando origem a dissidência, em 1871. Os primeiros anos de 1870 foram marcados pelos efeitos de todas as contradições acumuladas na construção do império no Brasil⁸⁸. Com a ascensão progressiva dos liberais no cenário político, o centralismo imperial foi sendo cada vez mais posto em xeque. De início foi fundado em 1870 o partido republicano. Uma indicação clara de que os políticos brasileiros iniciavam uma nova fase na qual um desafio era formalmente estabelecido em oposição à monarquia⁸⁹. Outro grande passo foi dado pelo governo central com a edição da Lei do Ventre Livre, aprovada em 1871.

Foi na década de 1860, mais precisamente em 1864, ano em que a iluminação pública de Belém deixa de ser realizada à gás líquido e passa a ser à gás carbônico, que assume a presidência da Província do Pará Couto de Magalhães, dito conservador. As coisas começaram a mudar para Gama Abreu. Seus relatórios passam a ser combatidos violentamente e, o que clamava em seus documentos por mudança, execução ou instituição,

⁸⁵ IGLÉSIAS, Francisco. *Vida política*, 1848-1866. In.: História geral da civilização brasileira. Tomo II O Brasil monárquico - 3º volume Reações e Transações. Dir Sérgio Buarque de Holanda. 5ed. São Paulo: Difel, 1985

⁸⁶ MATTOS, Ilmar R. de. *O tempo Saquarema*, a formação do Brasil imperial. São Paulo: Hucitec, 1987.

⁸⁷ GRAHAM, Richard. *Brazil from the middle of nineteenth century of Paraguayan War*. In: BETHELL, Leslie (org.). *The Cambridge History of Latin America*. Cambridge University Press, 1985, vol. III, p.745-794.

⁸⁸ BASTOS, A. C. Tavares. *A província*. Rio de Janeiro, 1870

⁸⁹ GOUVÊA, Maria de Fátima Silva. *O império das províncias*: Rio de Janeiro, 1822-1889. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, FAPERJ, 2008.

era derrubado e atacado. O então presidente Couto de Magalhães confronta o que vinha sendo feito pela divisão de Obras Públicas escrevendo que "engrandecer não quer dizer possuir edifícios bonitos e superiores às nossas forças; não quer dizer ter passeios agradáveis, nem árvores muito bem plantadas e em linha reta". O novo presidente da província acreditava ser tudo isso luxo, "e luxo só deve ser atendido, depois que atendidas forem as necessidades"⁹⁰. É neste momento que as forças de Gama Abreu serão "testadas". Ele se deparou então com opositoristas políticos que iriam caracterizar suas lutas até o fim de sua vida: ora mais ativo, ora recolhendo-se para angariar mais força.

Em 1867, no ano em que Belém recebe a visita de Dom Pedro II, Gama Abreu se torna deputado provincial e geral pelo Pará, cargo que vai exercer concomitante ao de diretor de obras públicas até 1870. Por 3 meses, entre 25 de novembro de 1867 e 9 de fevereiro de 1868, Gama Abreu exerceu também o cargo de presidente da província do Amazonas. Ainda em 1867 Gama Abreu perde sua esposa, vítima de parto laborioso de seu segundo filho José Brício Coelho da Gama Abreu. Maria Pombo Brício (-1867), com quem Gama Abreu casara em 1857, era filha do comendador Jayme David Brício, membro da importante família Brício do Maranhão e estabelecida no Pará, e de Maria do Carmo Henriques da Silva Pombo, da importante família Silva Pombo do Pará⁹¹.

Maria Pombo Brício era descendente de Ambrósio Henriques da Silva Pombo (?-1837). Fazendeiro, este era um dos cidadãos mais ricos de sua época na cidade de Belém. Em sua residência na capital paraense existia a Capela de Nosso Senhor dos Passos - a Capela Pombo (Imagem 12). Esta é uma capela de singular valor artístico e arquitetônico, sendo a capela anexa à residência e construída "encaixada" entre duas edificações. O projeto desta capela também é atribuído ao arquiteto italiano Antônio Landi⁹². A capela recebeu este nome pelo fato de nas comemorações da Semana Santa servir para os atos religiosos.

O falecimento de sua cônjuge somado com o fato de, em 1871, quatro anos mais tarde, ter sido exonerado de seu cargo de diretor de obras públicas e a repartição ter sido extinta, mexe com a vida de Abreu que resolve se ausentar da vida pública por um tempo. Neste período, uma de suas ações consiste em finalizar os textos de suas percepções de viagens, o que rendeu a publicação de um livro em três tomos, entre 1874 (os dois primeiros) e 1876 (o terceiro e último tomo), intitulados *Do Amazônas ao Sena, Nilo, Bosphoro e Danúbio*,

⁹⁰ Relatório dos negócios da província do Pará. Dr. Couto de Magalhães, presidente do Pará, 1864. Pará: Typ. de Frederico Rhossard, 1864. p. 81

⁹¹ BARATA, Carlos. *Dicionário das famílias brasileiras*. São Paulo: Originis - Sociedade de Pesquisa, 1999

⁹² OLIVEIRA, Domingos Sávio de Castro. *Capela Pombo, Belém-PA, interpretação e perspectivas*. Monografia de especialização. Belém: Faculdade de Arquitetura - Universidade Federal do Pará (FAU-UFPA), 2008

*apontamentos de viagem*⁹³, publicado em Lisboa pela Typographia Universal, de Thomaz Quintino Antunes, impressor da casa real.



Imagem 12. Capela Nosso Senhor dos Passos / Capela Pombo. Fonte: OLIVEIRA, Domingos Sávio de Castro. Capela Pombo, Belém-PA, interpretação e perspectivas. Monografia de especialização. Belém: Faculdade de Arquitetura - Universidade Federal do Pará (FAU-UFPA), 2008

Na verdade, estes relatos partiram de anotações feitas em várias viagens que ele realizou durante sua vida, ou como ele dizia, por alguém que foi "ora estudante, ora caçador, empregado público, político, jornalista, viajante"⁹⁴. Dentre estes vários perfis, percebe-se no texto vestígios de um pouco de cada um, pois não se constata uma uniformidade em no estilo, nem no modo de encarar e perceber as coisas, que se modificavam conforme o meio que habitava e as demandas necessárias em cada distinta ação, distintas em diferentes momentos de sua vida.

⁹³ GAMA ABREU, José Coelho. *Do Amazonas ao Sena, Nilo, Bosphoro e Danúbio, apontamentos de viagem*. Lisboa: Typographia Universal, 1874

⁹⁴ GAMA ABREU, José Coelho da. *Do Amazonas ao Sena, Nilo, Bosphoro e Danúbio: apontamentos de viagens*. Lisboa: Typographia Universal, 1874, p. 3

Entretanto os apontamentos se fundamentam em uma viagem específica que Gama Abreu fez em 1866-1867 com sua esposa e seu filho para a Europa, desembarcando em Lisboa em Fevereiro de 1867, quando ainda era diretor de obras públicas, pouco menos de um ano antes da morte de sua cômjuge e de assumir o cargo de deputado provincial pelo Pará e também a presidência da província do Amazonas. Nesta viagem, realizou o roteiro que segue em seus apontamentos, tendo sua esposa e filho permanecido em Paris enquanto ele realizava a parte oriental da viagem, que incluía partes do leste europeu bem como do norte africano.

Utilizando esta viagem como base, ao escrever em 1873, ele inseriu comentários de anotações e as vezes memórias de simples percepções que havia feito em viagens anteriores ou posteriores, quando morou em Portugal e foi um estudante na Universidade de Coimbra, por exemplo ou na década de 1870.

Cada página de seu livro compara o percebido por ele mundo afora com sua cidade natal, principalmente sobre assuntos com os quais se envolverá até aquele momento de sua vida. Assim os paralelos são inúmeros não apenas desde sua formação intelectual até seus atritos a frente da direção da repartição de obras públicas, mas também com o que viveu entre a viagem de 1866 e o momento de sua escrita em 1873.

3. Crônicas de cidades: o pensamento urbanístico de Gama Abreu e suas ações

Apesar de José Coelho da Gama Abreu se afastar da vida pública com a extinção da repartição de obras públicas, ele, evidentemente, não consegue mais "tirar este cargo de si". Tal fato pode ser percebido quando, em 1874, foi publicado o primeiro e segundo tomo e em 1876 o terceiro e último dos seus apontamentos de viagem. Suas impressões, que são em suas palavras "filhas dos fatos que testemunhei e dos países que percorri"¹, não seguem uma sequência cronológica ou linear do tempo.

No itinerário seguido, ele parte de Belém rumo a Lisboa. Entretanto suas percepções começam antes de deixar as terras da província do Pará, pois já nas primeiras linhas este faz uma profunda análise de sua cidade natal. Estes pensamentos o acompanharam em todo o percurso, pois em vários momentos que abordava aspectos de determinados lugares, estava fazendo comparações de uns com os outros e destes com Belém.

Antes de atravessar o Atlântico, sua jornada já era longa. De saída faz paradas em São Luis, Natal e Recife, cidades onde pelo menos permaneceu uma noite. Com isso teve oportunidade de conhecer e reencontrar pessoas além de passear por estes lugares observando, comparando e em muitas vezes criticando estas cidades que faziam parte de um mesmo sistema político e econômico que Belém.

Abreu, com receio do que pudessem pensar de suas opiniões, explicita já nas primeiras páginas que não é "daqueles que desdenham de tudo o que é nacional, elogiando somente o que é estrangeiro", pois "há muitas coisas em que prefiro o Brasil, mesmo que muito mais atrasado à civilizada Europa".

Entretanto, qualquer que fosse o momento de sua vida que escrevesse, acreditava ser válida uma advertência para que não o julgassem parcial em suas colocações: mesmo "o amor pelo pátrio solo, nem a mal entendida vanglória me farão deixar de censurar aquilo que no meu país achar digno de crítica"². O direito de criticar supõe uma soma de conhecimentos, que ele mesmo afirmava estar longe de possuir, entretanto havia erros tão salientes, tão palpáveis, que não resistia ao desejo de apontá-los.

No início de seus apontamentos já deixa claro a forma que conduzirá seus escritos quando, por exemplo, chega a São Luis, no Maranhão. Em seus registros acerca daquele

¹ GAMA ABREU, José Coelho da. *Do Amazonas ao Sena, Nilo, Bosphoro e Danúbio*: apontamentos de viagens. Tomo 1. Lisboa: Typographia Universal, 1874, p. 3

² GAMA ABREU, op.cit., Tomo 1, 1874, p.38

lugar, Abreu se prolonga na análise sobre esta cidade aos moldes de como fazia em seus relatórios enquanto diretor de obras públicas do Pará, relatando a situação, os itens necessários e os de extrema urgência a serem executados. Como por exemplo o porto de São Luis que pouco mais tarde seria realizado sob os cuidados de André Rebouças. Após o vapor que Abreu viajava aportar na cidade, ele percebeu que "o melhoramento deste porto é um dos trabalhos que mais urgentemente deve chamar atenção do governo senão quiser ver perdida a importância [desta] (...) cidade"³.

Ao atravessar o Atlântico, seu primeiro porto de desembarque foi Lisboa. De lá, antes de seguir viagem, fez breves excursões à algumas cidades portuguesas que havia anteriormente visitado ou morado por certo tempo. Nestas, também não se poupou ao trabalho de fazer comparações sobretudo com o que observou em algum momento no passado, principalmente no caso de Coimbra, onde morou enquanto estudante universitário e da qual também preservava sentimentos de sua juventude.

De Lisboa, Abreu seguiu viagem por trem até Madri. É válido lembrar que naquele momento estas viagens não se faziam de forma rápida, mas em lentas velocidades e sempre realizando paradas em alguns pontos específicos, seja por conta de alfândega nas fronteiras, seja para mudar de transporte ou mesmo para simples descanso de uma viagem cansativa de vários dias. Foi o que aconteceu em Badajoz, fronteira entre Portugal e Espanha, onde Gama Abreu passou dois dias "preso" na alfândega por conta de um tabaco que havia levado consigo do Brasil.

Ao sair de Madri a caminho de Paris realizou também algumas paradas. Ao deixar a capital espanhola seguiu para o norte até Valladolid. De lá avançou nordeste já na direção da capital francesa, tendo parado ainda em Burgos, Irun e Bordeaux.

Por ser afeito a história, em algumas destas cidades realizou verdadeiras digressões acerca da história do lugar, como foi o caso de Bordeaux. Entretanto como Abreu mesmo afirmava, não se intitulava de "arqueólogo ou de historiador, nem porque [tendo] lido um ou outro livro, observado estas ou aquelas ruínas, (...) [aspirasse] ao título de antiquário". A verdade é que ele encontrava "prazer e uma certa melancolia na observação das antiguidades e da sua história", mas nem por isso pretenda "dar provas de erudito neste ramo"⁴.

Em Paris Abreu permanece por bom tempo, além de ser nesta cidade que ele deixa seu filho e esposa enquanto segue viagem. Sobre esta cidade muito ainda vai ser analisado mais

³ GAMA ABREU, op.cit., Tomo 1, 1874, p.18

⁴ GAMA ABREU, op.cit., Tomo 1, 1874, p.133

pra frente. Deixando Paris para trás, Abreu seguiu sul fazendo sua primeira parada em Brunoy, depois Melun, Montereau, Dijon, Chalons-sur-Saône, Macon e, enfim, Lyon. Outra cidade que se alongou em seus relatos, ao deixar Paris rumo a Lyon, foi Dijon, antiga capital da Borgonha que, dentre outras coisas, afirmava ser um dos lugares que havia sido "pátria de muitos heróis da época republicana"⁵.

Gama Abreu seguia então sua jornada rumo ao sul, à cidade de Marselha, de onde iria pegar um vapor para atravessar o mar Mediterrâneo até o Egito, onde faria uma primeira parada em Alexandria. Entretanto, ainda no caminho para o porto francês, dentre suas breves paradas, se deteve em Avignon e Fontaine-de-Vaucluse, onde afirma ter parado apenas em homenagem à poesia e aos amores de Petrarca, para visitar a fonte onde o poeta ia inspirar-se. Mostrando, dessa forma, ser conhecedor e admirador de poesia, Gama Abreu se prolongou ao falar de Petrarca, Laura e todos os fatos e fontes históricas que envolviam a existência ou não deste amor do poeta.

Embarcando então no vapor Saïd, Abreu seguiu sua viagem para o Egito, até desembarcar em Alexandria. No caminho passou por alguns portos e cidades, dilatando um pouco mais seus apontamentos para contar as histórias sobre seus pensamentos sobre muitos lugares. Nas viagens a vapor Abreu também sempre despendia consideráveis momentos para observar os próprios passageiros e, percebendo reações e também conversando, tentava sempre "decifrá-los". Em geral aproveitava os momentos em que o tempo estava ameno e convidativo e que os passageiros passavam mais tempo no convés. Passou rapidamente pela Córsega, Capri, Sicília e Messina.

Utilizando a estrada de ferro, Gama Abreu deixou Alexandria rumo ao Cairo, mas não fez isso sem antes passar 3 horas na cidade de Bennah, onde a linha férrea se bifurcava. De lá seguiu leste em direção a Zagazig, cidade egípcia, e antes de chegar a seu destino ainda passou pelo canal de Suez que estava na fase final de construção, o qual o fez escrever algumas páginas sobre sua execução bem como acerca de seu construtor, Ferdinand de Lesseps. Tendo havido algumas idealizações desse canal desde aproximadamente 1800 a.C., foi, desde então, construído e abandonado diversas vezes. Entretanto foi definitivamente retomado em 1859, já pela Companhia Suez, de Ferdinand de Lesseps, sendo concluído em 1869.

⁵ GAMA ABREU, op.cit., Tomo 2., 1874, p.19

Depois do Cairo, sua próxima parada foi em Jerusalém. A forma mais comum de se fazer essa viagem àquele tempo era pelo mar de Alexandria à Constantinopla e de lá ir à cavalo até Jerusalém. Entretanto por Gama Abreu afirmar já estar cansado de tantas viagens por mar, preferiu ir por terra. Saiu do Cairo e voltou a Zagazig, de lá tomou uma barca que o conduziu até Tell-el-Kebir, onde passou o dia com Ferdinand de Lesseps. Depois seguiu para Ismaïlia, onde pegou camelos para chegar a Jerusalém, fato que rendeu aos seus apontamentos anedotas curiosas sobre seu mal estar e seu arrependimento devido aos solavancos do caminhar daquele animal. Desta cidade fez algumas viagens para localidades próximas, como foi o caso de Belém, Jerichó, Ramla, Sharona, Lydda, Cesareia e Jaffa.

Desta última Gama Abreu seguiu para Damasco. Dezoito horas depois de ter deixado a cidade de Jaffa em direção ao norte, margeando o mar Mediterrâneo, chegou a Beirute, cidade que, nas palavras dele, "eleva-se acima das águas, graciosa e fresca, cercada de jardins, mirando-se nas águas plácidas do Mediterrâneo"⁶. De lá seguiu para o interior da Síria, até Damasco.

Na capital síria contratou um guia, dois ajudantes e cavalos e depois de "dois dias de marcha um pouco violenta cheguei à aldeia de Balbeck", cujas ruínas aguardava impacientemente para conhecer. Este percurso foi marcado por uma de suas decepções, pois quando pensava em um árabe, imaginava "ordinariamente na mente um cavaleiro envolto em branco *bournous*, com armas brilhando aos raios do sol do deserto, montando em fogo corcel". Em contrapartida ao seu quadro idealizado se deparou com um "pobre diabo coberto de andrajos sórdidos, ou quando muito, pouco brilhantes pelas cores, armados com alguma velha espingarda, cujo cano muitas vezes (...) [estava] amarrado à coronha com cordas [e] quase sempre a pé, outras vezes montado em um burro ou cavalo magro"⁷.

Seguindo viagem, partiu em direção a Tripoli, capital da Líbia, onde aproveitou para desembarcar e conhecer um pouco da cidade enquanto o navio descarregava mercadorias. Ao regressar ao navio, este seguiu para a cidade de Latakia, litoral mediterrâneo da Síria. Margeando a costa oeste ao norte o próximo porto foi na cidade de Alexandreta, atual Iskenderun, já na Turquia. O vapor seguia dessa forma até Rhodes, seu destino final, contornando terras continentais do sul europeu - norte do mar Mediterrâneo - onde ainda ancorou na cidade de Messina.

⁶ GAMA ABREU, op.cit., Tomo 3., 1876, p.5

⁷ GAMA ABREU, op.cit., Tomo 3., 1876, p.41

De Rhodes, Abreu seguiu para Lesbos, outra ilha no mar Egeu e, seguindo seu caminho pelo mar, seu próximo destino será a cidade de Constantinopla, atual Istambul. Até lá, neste curto caminho, onde era ainda preciso atravessar o estreito de Dardanelos e ancorou brevemente na cidade de Gallipoli. Quando o vapor que Abreu estava a bordo soltou âncora no porto de Constantinopla, este se deparou com uma cena de caos. Eram agentes de hotéis, barqueiros, e mais uma gama de pessoas "fazendo uma espantosa gritaria". Segundo Abreu, todas aquelas "vozes, gritos, respostas, descomposturas em turco, em árabe, em grego, em italiano, em francês, em armênio, desconhecidas aos passageiros, ensurdecem, tonteiam, impacientam e irritam".

Atordado que ficou, Gama Abreu viu-se "instado por um, detido por outros, puxado por um terceiro, enquanto que outro quase me arrancava o paletó". Escreve ainda que perdeu a paciência "pela primeira vez na minha vida, praguejei como um carreiro português ou arrieiro espanhol em todas as línguas de que tenho conhecimento, e terminei por sentar-me junto às minhas bagagens resolvido a não sair no vapor sem ver o convés limpo de toda aquela turba gritadora"⁸. Isso foi apenas o começo de uma cidade que fez Gama Abreu despender mais de 100 páginas de seus apontamentos, abordando vários e diferentes aspectos urbanos que esta cidade o fez pensar.

Deixando Constantinopla, Gama Abreu passou pelo rio Bósforo até chegar ao Mar Negro e seguiu. Subindo o rio Danúbio até chegar em Viena, onde seus apontamentos de viagem terminam. Ao navegar pelo Danúbio parou em algumas cidades ainda antes de atingir seu destino final: Silistra e Widdin, na Bulgária; Orsowa, na Romênia; Belgrado, hoje Sérvia; e Budapeste, Hungria.

Não apenas estas cidades por onde passou, mas também os caminhos e deslocamentos que enfrentou, fizeram Abreu escrever um pouco de seus pensamentos acerca de vários aspectos da vida em sociedade, das cidades em seu aspecto físico e social. Dentre estas páginas repletas de descrições e opiniões, pode-se separar seus escritos por temáticas distintas.

Fazendo-se uma leitura atenta aos aspectos do urbanismo, o resultado que aqui se obteve foi a separação em temas ligados aos pilares do urbanismo, a saber: embelezamento, salubridade pública, circulação e justiça social⁹. Evidentemente em muitas passagens ao tratar

⁸ GAMA ABREU, op.cit., Tomo 3, 1876, p.108

⁹ PEREIRA, Margareth da Silva. *Rio de Janeiro: L'ephemere et la perennite - histoire de la ville au XIXeme siècle*. Tese de doutoramento, 1887

de um assunto aborda-se concomitantemente dois, três e por vezes até os quatro pilares ao mesmo momento. Nestes casos optou-se sempre pelo mais relevante dentro do aspecto abordado. Como resultado, obteve-se uma mescla sutil das temáticas que não se apresentam de forma hermética.

3.1. Abreu e os pilares do urbanismo: circulação

3.1.1. Rios e o sistema fluvial amazônico

Destacando já no título de sua publicação a comparação entre sua região natal e as demais por ele abordadas, Abreu ressalta a importância não apenas do rio Amazonas para a região, mas de toda a bacia hidrográfica que faz parte da geografia local. *Do Amazonas ao Sena, Nilo, Bosphoro e Danúbio: apontamentos de viagens*, sua viagem antes de mais nada colocava o lugar do rio Amazonas dentre todos os rios do mundo, dessa forma seladas já na apresentação de seu livro. Nas primeiras linhas Gama Abreu registrou que do Nilo, o Amazonas "nada tem a invejar", pois se as cheias do primeiro fertilizavam as terras por ele banhadas com seu lodo, o segundo além de facilitar as comunicações e transportes, ainda refresca a terra nas horas de elevação de suas marés ou mesmo nas cheias periódicas¹⁰.

Gama Abreu, ao passar pelo Cairo em sua jornada, registrou que o rio ali não era muito largo, mas que possuía alguma profundidade. Em suas palavras, "acostumado como estou aos gigantescos e majestosos rios da América com duas, três, seis léguas de largura, com profundidade entre 100 e 200 metros, o velho Nilo não me causou a mínima admiração"¹¹.

Possuindo uma das maiores áreas durante o império, as terras da Província do Pará eram muito pouco habitadas. As áreas mais densas eram, à exemplo da região egípcia, as próximas às margens dos rios. A diferença era a quantidade justamente de rios que existia na região amazônica.¹² A área central achava-se, em grande parte, deserta, ou habitada sobretudo pelo ameríndio que, segundo Abreu, era "habitador das sombrias solidões das florestas virgens"¹³. Os centros populacionais brasileiros, e no caso amazônico, por vezes bem distantes entre si, comunicavam-se pela rede de rios que cortavam a província.

Abreu afirma que, desde a revolta dos cabanos em 1835, tempo de não interrompida paz, a região só obteve significativo desenvolvimento sobretudo a partir de 1852, quando a Companhia de Comércio e Navegação do Amazonas inaugurou a primeira linha de barcos a vapor que percorreram as águas do grande rio. Iniciando com percursos desde a capital à

¹⁰ GAMA ABREU, op.cit., Tomo 1, 1874, p.8

¹¹ GAMA ABREU, op.cit., Tomo 2, 1874, p. 162

¹² ARAÚJO, Renata Malcher. As cidades da Amazônia no século XVIII. Porto: Universidade do Porto, 1992

¹³ GAMA ABREU, op.cit., Tomo 1, 1874, p.7

fronteira do Peru, logo atingiu destinos ainda mais longínquos. Poucos anos depois, outras companhias foram organizadas para estes deslocamentos e, na década de 1870, o Pará já tinha comunicação a vapor com todos os pontos do império e também com a Bolívia, Peru e Venezuela.

Além dessas ainda existiam as linhas transatlânticas unindo o Pará por navegação direta com Lisboa, Liverpool e o Havre; as linhas americanas uniam com os Estados Unidos¹⁴. Abreu descrevia ainda que duas outras linhas de vapor estavam sendo formadas, uma para a França e outra para Hamburgo. Ele ainda supunha que a província estava em vias de abrir outra fonte de receita que mudaria o comércio com os países banhados pelo Pacífico: as linhas férreas em construção à época. Para superar as cachoeiras do rio Madeira, uma linha férrea estava sendo construída ligando o ponto máximo que atingiam os vapores naquele rio com um outro ponto onde confluem três grandes rios da Bolívia: o Grande, o Madalena e o Guaporé¹⁵. Era um esboço inicial do que no século seguinte seria a chamada Estrada de Ferro Madeira-Mamoré.

Abreu culpa o sistema centralizador brasileiro de não existirem mais linhas de vapor e mais companhias instituídas. Para todas estas manobras era necessária a aprovação do governo central, o que gerava, em consequência disto, "delongas intermináveis"¹⁶. Apesar disso Abreu, em todos os seus relatórios, ressaltava a importância e a disponibilidade de investimentos para as obras de melhoramentos para o cais de Belém, pois eram importantes para o crescimento da cidade não apenas nos aspectos comerciais.

Também demonstrou novamente preocupação com tal fato ao chegar em Fortaleza, onde viu grande número de casas em construção, intenso movimento comercial, obras em andamento de um paço para assembléia provincial e outra para um palácio presidencial. Não poupou rogar para que "o monarca com a má escolha dos presidentes não faça entorpecer este desenvolvimento"¹⁷. Registrou então ser Fortaleza uma das cidades que tinha especial interesse em conhecer pela sua morfologia, pois assegurava que a fama desta era de ser uma das mais alinhadas do Brasil.

Abreu se mostrou atento aos aspectos da morfologia urbana e compartilhava da ideia de que o traçado regular de uma cidade lhe confere um aspecto de beleza, o que foi mantido

¹⁴ LIMA, Alexandre Martins de. *Pelos trilhos dos tramways: modernidade e urbanidade em Belém do Pará de 1869 a 1947*. NAEA - Núcleo de Altos Estudos Amazônicos. Belém: UFPA, 2008.

¹⁵ GAMA ABREU, op.cit., Tomo 1, 1874, p.12

¹⁶ GAMA ABREU, op.cit., Tomo 1, 1874, p.15

¹⁷ GAMA ABREU, op.cit., Tomo 1, 1874, p.25

em Belém em seu crescimento ao longo da segunda metade do século XIX, principalmente a partir das ações de Gama Abreu a frente da repartição de obras públicas e por ter estado também sempre ligado a tais decisões nesta cidade. Os bairros que surgiram entre 1854-1871 em Belém, a exemplo de Nazaré, Umarizal ou mesmo Batista Campos¹⁸, possuem suas ruas com traçado ortogonal (ver imagem 1), todas medindo entre 10 e 14 metros de largura e arborizadas, com passeios sombrosos proporcionado por túneis de mangueira plantadas ao longo do século XIX.

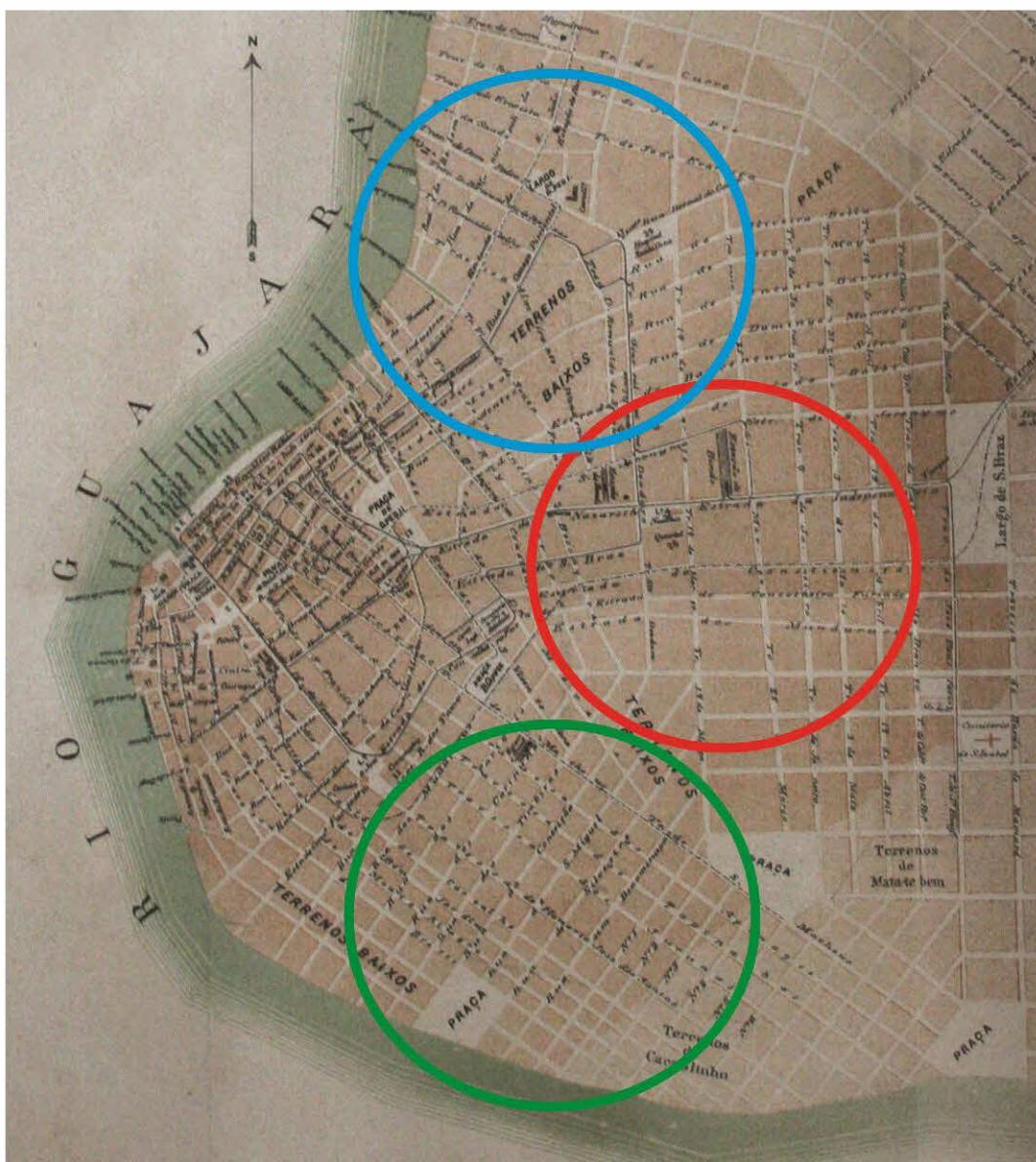


Imagem 1. Planta levantada por Manoel Odorico Nina Ribeiro, a pedido da Vereação do Quatriênio 1883-1886.

¹⁸ CRUZ, Ernesto. *História de Belém*. Belém: UFPA, 1973

Foi também preocupações morfológicas que chamou a atenção de Gama Abreu ao analisar o plano de Madri, que, tendo uma população de mais de 300 mil habitantes, estava em rápido crescimento. Relatava ele que o governo havia mandado traçar um novo plano para a cidade que abrangia o dobro da superfície que a cidade ocupava até aquele momento. Os bairros que por este plano foram projetados seriam os "mais regulares possíveis, com ruas largas e arborizadas, o que de certo tornará esta parte a mais bela de Madri"¹⁹.

Segundo Gama Abreu, todas as cidades que visitou possuíam uma fisionomia inerente à sua especialidade, que as caracterizava em relação às demais cidades. Dessa forma, o aspecto da cidade manufatureira era diferente da puramente agrícola, a que era simplesmente sede do governo não se parecia com a que se distinguia em possuir um porto de mar, etc. Entretanto ele comentava que Paris é uma cidade única.

Gama Abreu contudo, ressaltava que, paradoxalmente, Paris não tinha fisionomia própria, ou melhor, todas as fisionomias lhe eram próprias. Conforme seus relatos, Paris ocupava, dentre todas as cidades, o primeiro lugar na indústria, nas ciências, nas artes e na literatura. Em suas palavras a cidade era "manufatureira como Londres, Birmingham, Manchester e Lyon; alegre e risonha como Florença e Milão; e guerreira como Metz e Anvers". Apregoava ainda seus atributos dizendo que o prazer nesta cidade só servia de descanso ao labor incessante e que passear por Paris era como um longo "perpassar por entre florestas de chaminés, fábricas e oficinas; tão depressa se vêem passeios frondosos, amenos jardins, e casas de campo, como se nos deparam palácios e castelos senhoriais" e que "ao ruído das oficinas sucede o sossego melancólico dos campos e dos bosques, ou a música dos teatros, dos cafés e das revistas militares"²⁰.

De acordo com suas observações, nos lugares mais concorridos, cruzavam-se, quase em número igual, "os parisienses, os estrangeiros e os provincianos, os ricos e os pobres, os peões e os cavaleiros, os capitalistas e os trabalhadores, a carruagem elegante e o carro fúnebre, o coche de gala e a carroça do aldeão"²¹. Por isso afirmava que Paris não possuía fisionomia própria, mas sim a reunião de todas as outras cidades, confundindo-se entre si por graduações sucessivas.

Paris tinha algumas semelhanças com a capital paraense no que tange a população flutuante. Salvo devidas proporções, Belém era um entreposto e ponto de conexão de pessoas

¹⁹ GAMA ABREU, op.cit., Tomo 1, 1874, p.94

²⁰ GAMA ABREU, op.cit., Tomo 1, 1874, p.156

²¹ GAMA ABREU, op.cit., Tomo 1, 1874, p.157

e mercadoria para toda a região norte do Brasil²². Tanto é que Abreu se mostraria atento a estas oscilações. Afirmava que a circulação de pessoas estranhas à cidade de Paris diariamente, girava em torno de 30 mil indivíduos. Gama Abreu fazia um cálculo rápido e pensou que, se cada um deste gastasse uma libra por dia, ficava em Paris 30 mil libras diariamente, explicitando a importância desse acolhimento e do incentivo e preparo para receber estas pessoas, fossem turistas, comerciantes, investidores ou trabalhadores.

Abreu afirmava que as indústrias, o trabalho de inteligência, o comércio e as operações bancárias concentraram em Paris as grandes fábricas, os comerciantes, os banqueiros e os proprietários mais notáveis, os mais ilustres homens da ciência, os escritores afamados e os artistas mais exímios. Em suas palavras, "é a união de todos estes elementos que se deve o ser Paris a capital do mundo civilizado". Passou então a querer esta sorte de pessoas também em Belém.

3.1.2. As ruas: pavimentação e traçado

Quando Abreu relata os aspectos urbanos de Lisboa, não deixa de abordar características que tiravam um pouco de sua beleza, como era o caso das vias públicas. Sobre o sistema viário havia muito a se fazer, pois as ruas eram calçadas de um modo a que só por milagre as carruagens podiam resistir. O sistema de paralelepípedos era ainda desprezado e o asfalto, cujo emprego torna fácil a construção de largos passeios também ainda era pouco usado, o asfalto comprimido, que naquele momento já se empregava nas ruas com muito trânsito em Paris, ainda não era sequer cogitado em Lisboa.

Observou também que em Constantinopla, as ruas eram sempre cheias de gente transitando para todos os lados. Uma "desordem" da qual Abreu sempre se queixava, ao menos até conseguir entendê-la. Nesta cidade, por ter passado mais tempo, conseguiu perceber e se deleitar com a "bagunça alheia". Segundo ele, nas ruas próximas aos bazares percebia algum interesse a mais, diferentemente das outras.

Em suas palavras, aqui elas não eram "escabrosas" como em Pera, outro bairro daquela cidade. Dos dois lados destas ruas se elevavam casas térreas pintadas com cores marcantes e com esse gênero de construção a que chamavam *mucharabies*, muito empregado no Brasil, a partir da influência moura que os lusos trouxeram.

²² MEIRA, Augusto. *Evolução histórica de Belém do Grão-Pará*. Belém: Grafisa, 1976

Estas ruas apresentavam um número maior de lojas, mas de acordo com Abreu, o que crescia em maior número era a quantidade de "vendedores ambulantes, vadios, estrangeiros e as velhas". Pode-se dizer que em "Istambul tudo é ambulante, aqui são vendedores de bolos louros e apetitosos, por outro lado são talhadas de melancia, ali é um *fritatore* semelhante aos de Roma, mas ambulantes", ainda haviam aqueles com tabuleiros pendurados no pescoço vendendo frutas secas e cristalizadas, uvas, pêssegos, morangos, "tudo passeia, tudo vos segue e tudo vos persegue"²³.

Para ele, os bazares eram uma grande porção da cidade turca. A entrada era feita por uma arcada que nada oferecia à admiração, mas que, uma vez ultrapassada, dava lugar a um mundo de surpresas. Era um vasto espaço cercado por muros e portas e nele traçados pequenos quarteirões cortados por travessas, ruas e becos, algumas pequenas praças com a sempre presente fonte ao centro. "Todas estas ruas e praças cobertas por uma abóbada continua deixando de espaço a espaço largas clarabóias por onde (...) [penetrava] a luz"²⁴.

O bazar era dividido em ruas setORIZADAS e destinadas aos diferentes ramos de comércio, mas muitos viajantes afirmavam acerca de Belém, ele via ali um paradoxo entre a imensa riqueza que se achava acumulada, e tudo que estava agregado a mesquinhez das lojas ou à falta de asseio nas ruas (ver imagem 2).

²³ GAMA ABREU, op.cit., Tomo 3, 1876, p. 140

²⁴ GAMA ABREU, op.cit., Tomo 3, 1876, p. 141



Imagem 2. Rua Santo Antônio, centro comercial de Belém. In.: SARGES, Maria de Nazaré. Belém: riquezas produzindo a belle-époque (1870-1912). Belém: Paka-tatu, 2002

3.1.3. O sistema ferroviário

Nosso biografado, em seus apontamentos, demonstra ser um intelectual culto e de gosto refinado. Também nas obras que realizava, planejava ou propunha, sempre enfatizava dois aspectos, o de sua funcionalidade e o de sua beleza. Foram estas duas características das cidades e de suas arquiteturas que ele analisaria mundo à fora. As características percebidas por ele em cada cidade, geralmente possuíam alguma relação com o que percebia em sua cidade natal e pode-se dizer que é partir de Belém que pensava as outras cidades. Abreu, por exemplo, se mostrou atento às linhas férreas em grande parte pela novidade, mas também pelo fato de estas estarem sendo implantadas em Belém na segunda metade do século XIX.

Em seus apontamentos, ele despende boa parte para abordar a questão da linha férrea de Recife e sua estação na cidade, enfatizando que nem de longe esta podia ser comparada a uma estação de segunda ordem das que se encontram na Europa. A falta de "gosto, de elegância e de comodidade" imperavam ali, única e exclusivamente.

É interessante perceber a cultura de cada época e de cada lugar e, a partir dos apontamentos de Gama Abreu, compreende-se acerca da cultura da segunda metade do século

XIX, principalmente de um cidadão natural da província do Pará, no Brasil, mas que havia também se educado aos costumes europeus, em Portugal.

Abreu afirmava que havia viajado de todas as formas possíveis, mas que a linha férrea que fez uso entre Lisboa e Madri havia sido uma das mais interessantes. Dizia ele que tudo nela era regulamentado, "a hora de partida, a hora de chegada, o preço do bilhete, o espaço que se deve ocupar, o número de toques de campainha de chamada, e de silvos de partida, o peso da bagagem a que cada passageiro tem direito", enfim, tudo estava previsto e regulamentado, calculado, e acabava sendo tudo "prosaico nesta forma de locomoção"²⁵.

Abreu comentava ainda não saber o motivo exato da escolha de algumas pessoas em optar por viajar entre Portugal e Espanha em navios à vapor ao invés de utilizarem a linha férrea. Acreditava que fosse pelos altos preços, pela pouca comodidade quanto a alimentação, a pouca velocidade, os constantes atrasos nas horas de chegada e os contínuos descarrilamentos em algumas linhas, principalmente nas portuguesas. Entretanto esta era uma das linhas que mais se desenvolvia, principalmente devido ao crescente número de navios vindos da América que atracavam em Lisboa para que as pessoas daí se dirigissem para outros lugares da Europa.

É interessante observar que os primeiros bondes que surgiram na cidade de Belém, de acordo com Rocque, datam do ano de 1868, quando o industrial e também Cônsul americano James B. Bond ganhou o direito de explorar na cidade uma nova modalidade de veículo durante um período de 30 anos²⁶. Nesta época, Gama Abreu ainda era diretor de obras públicas e muita importância teve nestas novas decisões, bem como influência nas propostas e planos de onde esta malha de *tramways* iria transitar na cidade²⁷ (ver imagem 3 e 4).

²⁵ GAMA ABREU, op.cit., Tomo 1, 1874, p.85

²⁶ ROCQUE, Carlos. História geral de Belém do Grão-Pará. Belém: Distribel, 2001

²⁷ SARGES, Maria de Nazaré. Belém: riquezas produzindo a belle-époque (1870-1912). Belém: Paka-tatu, 2002



Imagem 3. Mapa com o traçado das linhas de bonde no ano de 1871. Mapa: Interferências: Jorge Fleury, Fonte: Planta levantada por Manoel Odorico Nina Ribeiro, a pedido da Vereação do Quatriênio 1883-1886.

3.2. Abreu e os pilares do urbanismo: embelezamento

O percurso narrativo de Abreu em apontamentos tem como ponto de partida o Amazonas, mas ele não poderia começar sua série de crônicas sobre cidades sem abordar Belém. Enfatizando que se tratava de uma cidade relativamente nova, ele considera entretanto que desde seu início ela havia herdado vários erros comuns à maior parte das cidades de Portugal. Conta com alguns edifícios notáveis, entre eles a Catedral, templo religioso arquitetonicamente "grandioso, mas no estilo tão vulgarizado no Brasil das igrejas latinas"²⁸.

Por outro lado, já que se tratava de obras em andamento e que tiveram suas próprias ações no bojo das respectivas idealizações, ele destacava a edificação do novo teatro (imagem 5) que podia "ombrear com os melhores da Europa" e o palácio (imagem 6), destinado ao funcionamento de todas as repartições públicas provinciais que, "quando terminado segundo plano aprovado, deve ser um edifício importante"²⁹. Ainda era digno de destaque em suas notas o palácio de residência do presidente de província, projetado por Antônio Landi no século XVIII (hoje Museu Histórico do Estado do Pará - imagem 7).

Ao analisar sua cidade natal, Abreu sempre a compara com a Europa, e torna esta última um modelo a ser admirado e seguido, a exemplo de muitos profissionais brasileiros que tiveram parte de sua formação naquele continente. Isto fica ainda mais evidente quando ele aborda um dos pontos altos da cidade, no seu entendimento, em termos de embelezamento. Uma coisa que é "superior a tudo quanto no seu gênero tenho visto, ainda nas mais belas cidades da Europa", eram as chamadas *estradas* à época, que são ruas muito extensas, em linha perfeitamente reta, dotadas por ambos os lados de "frondosas árvores, cuja corpulência é inteiramente desconhecida na Europa". Algumas ruas com mangueiras e outras com palmeiras preenchiam o horizonte de quem por elas transitava, e faziam verdadeiros túneis verdes, ou nas palavras de Abreu, "uma comprida colunata sustentando uma abóbada de verdura". Tudo parecia concorrer, como as árvores ainda ganhavam corpo, para que estas estradas se tornassem um "encantador passeio", como já acontece "a qualquer [outro] passeio da Europa"³⁰.

²⁸ GAMA ABREU, op.cit., Tomo 1, 1874, p.15

²⁹ GAMA ABREU, op.cit., Tomo 1, 1874, p.16

³⁰ GAMA ABREU, op.cit., Tomo 1, 1874, p.16

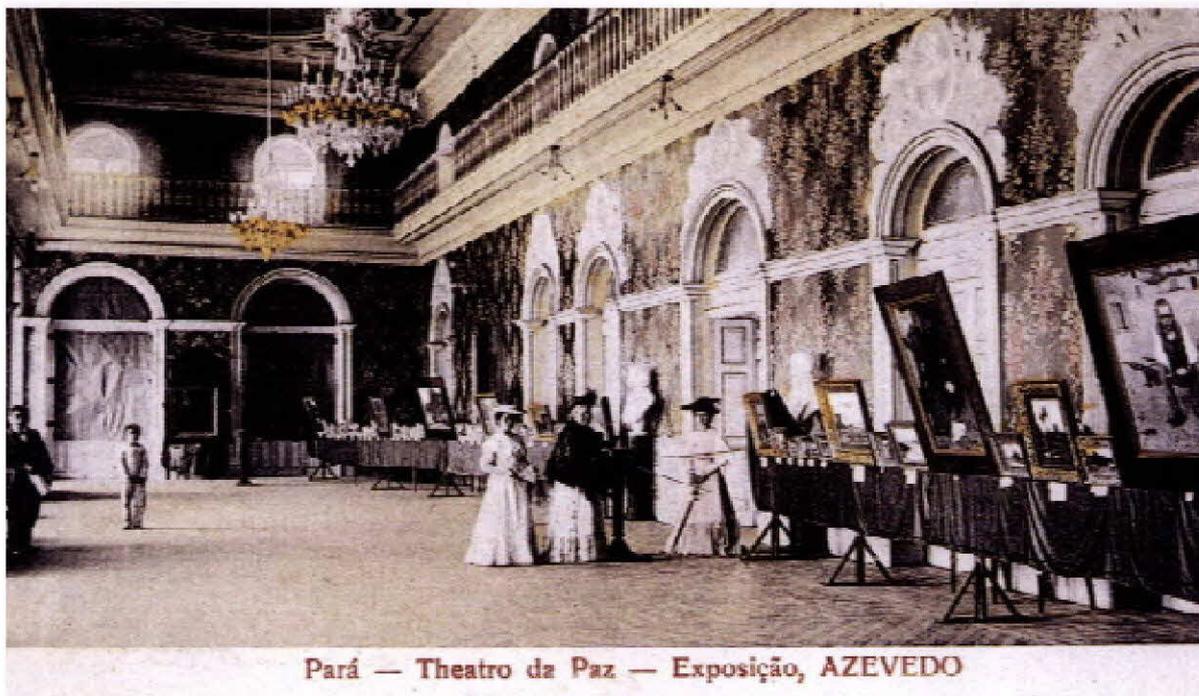


Imagem 5. Exposição do artista Carlos Azevedo no Foyer do Teatro da Paz Fonte: Belém da saudade: a memória de Belém no início do século em cartões postais. Belém: Secult, 1996



Imagem 6. Palácio municipal de Belém, atual Palácio Antônio Lemos, onde funciona o MABE - Museu de Arte de Belém e a prefeitura da cidade. Fonte: Belém da saudade: a memória de Belém no início do século em cartões postais. Belém: Secult, 1996

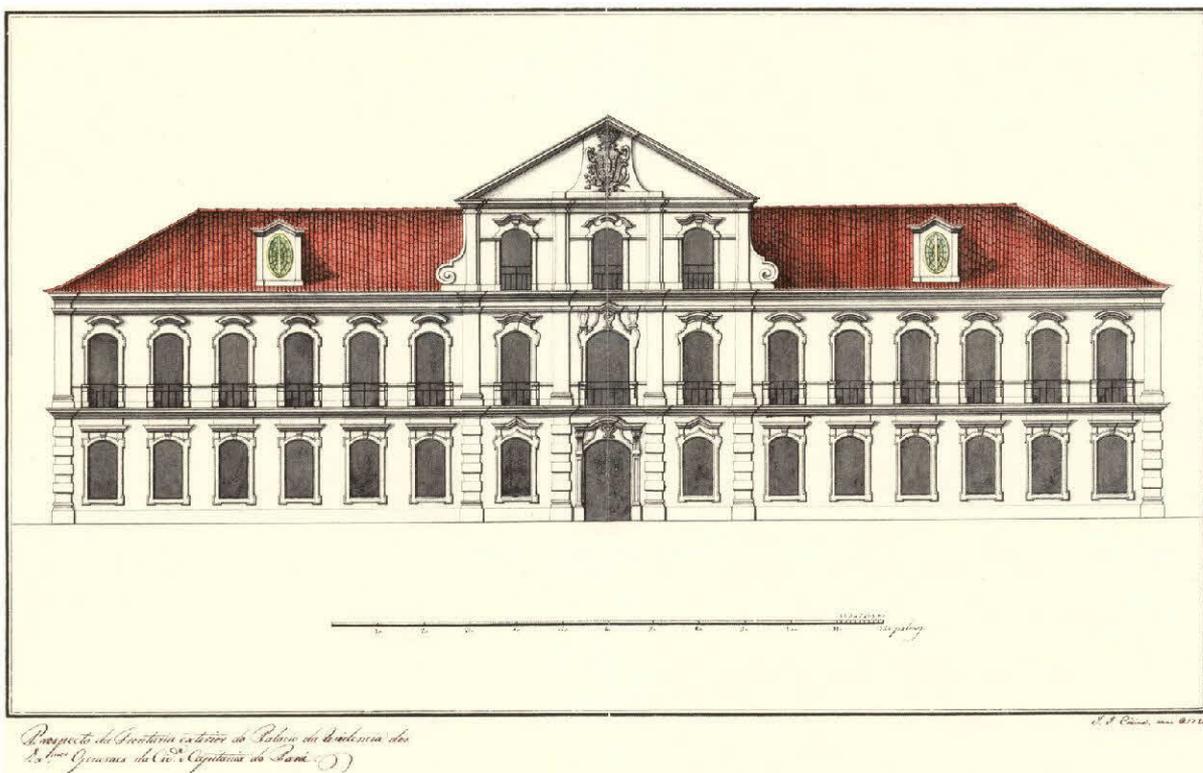


Imagem 7. MHEP - Museu Histórico do Estado do Pará, projeto de Antônio Landi, século XVIII.
 Fonte: Fórum Landi

Este mesmo assunto foi abordado quando de sua chegada em São Luis. Gama Abreu acreditava que não vinha procurando embelezar a cidade dando-lhe caminhos pelos quais pudessem passear. Afirmou que existia apenas uma estrada mal cuidada, chamada de Caminho Grande, onde, segundo ele, era o único lugar no qual os maranhenses podiam gozar as belas noites de luar. Entretanto, por contraste, ao chegar em Fortaleza o desembarque acontecia em uma rua bastante larga e recentemente calçada, onde se deparou de imediato com um elegante quartel situado em uma elevação, ficando exposto à brisa vinda do oceano.

Ora, no Rio Grande do Norte aconselhava ao viajante a se contentar em apreciar apenas de longe a cidade para não sofrer a decepção que sentiu. Na verdade, a entrada de navio à cidade apresentava uma vista "pitoresca e agradável". Os palmares que margeavam o rio de um e outro lado ofereciam um aspecto "muito mais bonito do que as sombrias linhas de verdura das costas do Pará, ou os intermináveis lençóis de areia das costas do Ceará"³¹. Com as ruas sem calçamento, acreditava porém ter sido influenciado pela vontade em comer cocos e não os ter com tanta abundância quanto imaginou ao avistar a cidade de longe.

³¹ GAMA ABREU, op.cit., Tomo 1, 1874, p. 27

Semelhante percepção se deu ao chegar à Paraíba, onde afirmou que a cidade "deixa muito a desejar" e, diferente do que acontece com cidades situadas em encostas, viu uma "perspectiva triste e sombria". Afirmou ser o calçamento "horrrível", e os edifícios sem apresentar nada interessante, "nem sob o ponto de vista arquitetônico, nem pelo lado artístico". A obra mais notável que viu ali foi uma ponte de ferro que atravessava o rio e que, apesar de não ter estudado seu plano, pareceu-lhe "elegante e sólida"³².

Atento ao item embelezamento, Abreu registrou pelos lugares que passou seu juízo a respeito de tal assunto. Ao chegar em Recife notou que um dos fatores que contribuía para certo aspecto agradável e seu embelezamento era a sua situação, pois aquela cidade era cortada por dois rios que a dividiam em três bairros. Ainda registrou que cada bairro tem sua feição diversa, de modo que se alguém julgar a cidade pelo bairro do Recife, iria considerá-la "horrrível, detestável, pois este bairro, pouco asseado, com ruas quase todas tortuosas, casas de péssima construção, deixa ao turista uma péssima impressão". Entretanto, ao passar ao bairro de Santo Antonio, já formulou um juízo mais favorável, pois "o calçamento neste bairro é em grande parte de paralelepípedos, a iluminação distribuída prodigamente e as ruas melhor alinhadas"³³.

O bairro do Recife era o dos negociantes e o de Santo Antônio onde se encontravam os lojistas, os lugares de "divertimento público". Neste último se encontram "muitas casas mesquinhas e acanhadas, entretanto são em menor proporção do que no bairro do Recife, as ruas já não oferecem o mesmo aspecto imundo e repugnante" completava ainda afirmando que "já se encontram muitas edificações elegantes, ruas largas, bons passeios, ótimo calçamento"³⁴.

Abreu afirmava que, também em Lisboa, algumas coisas não a deixam parecer tão bela. Uma dessas coisas diz ele ser a frontaria das lojas, onde não ha o luxo que se nota nas de Paris, Londres e mesmo de Madri. Talvez por conta dos lucros não permitissem empregar grandes capitais nestas fachadas, já que também não tem o movimento de Paris, superior a trinta mil pessoas diariamente, segundo seus apontamentos. Seja por qual motivo for, afirmava ele que o fato era que isso deixava menos feio as ruas e tirava ao *flaneur* o seu máximo prazer, o de flunar. Entretanto, já naquele momento as coisas pareciam começar a

³² GAMA ABREU, op.cit., Tomo 1, 1874, p. 159

³³ GAMA ABREU, op.cit., Tomo 1, 1874, p.35

³⁴ GAMA ABREU, op.cit., Tomo 1, 1874, p.35

mudar, pois Abreu afirmava que o mármore já era empregado com prodigalidade em Lisboa auxiliado pela marcenaria, realizada com primor.

Para Abreu, as cidades deveriam passar por obras generalizadas que conferissem a elas aspecto mais agradáveis. A exemplo do que tentava implantar em Belém, detectou, quando esteve em Paris, os grandes momentos de reformas regularizadoras da cidade. Atribuiu os melhoramentos materiais da capital francesa a três momentos específicos: o primeiro depois da restauração, em 1815; o segundo depois da revolução de julho, em 1830; e a terceira e maior de todas na época do reinado de Napoleão III, sob os cuidados de Haussmann.

Esta última reforma transformou a cidade de Paris no modelo a ser imitado na capital paraense. Todos queriam conferir à cidade aspectos da "capital da civilização mundial". Conforme sua percepção, bairros inteiros como o Batignolles, Passy, Auteuil, Courcelles, Belleville e Menilmonant, foram incluídos dentro da circunscrição urbana, e ao redor da imensa cidade, um caminho de ferro ligou estes pontos distantes entre si. Em suas palavras, se pelo lado de "Belleville e Montmartre, Paris cresceu e se embelezou, pelo lado de Neully e Batignolles tomou ainda maior incremento a cidade, templo das artes, do trabalho e do prazer"³⁵.

Gama Abreu em meio àquela Paris recém reformada se enchia de ideias, principalmente com relação à abertura dos imensos "*boulevards*", que, por si só já se tornavam notáveis. Em suas palavras, "pela sua importância, pela sua beleza e pela magnificência e fausto que nela se ostentam, não posso deixar passar despercebida: falo dos *boulevards*, e de algumas das principais *passages*"³⁶. Para ele, Napoleão III então proporcionava com estas edificações o "bem estar das classes laboriosas, e dava largas ao orgulhoso desejo de tornar Paris o modelo, o mimo, a maravilha, composta de mil maravilhas do nosso século"³⁷.

Em Paris, Gama Abreu admirava a avenida dos Campos Elyseos, a qual afirmava ser "a mais bela do mundo", e ainda o "pomposo Arco do Triunfo", que na sua opinião eram duas coisas dignas de admiração tanto do parisiense como do estrangeiro. Ainda é valido de menção seu encantamento com a rua Laffayette, que em sua concepção é digna pela sua "extensão, alinhamento e boas construções"³⁸.

³⁵ GAMA ABREU, op.cit., Tomo 1, 1874,

³⁶ GAMA ABREU, op.cit., Tomo 1, 1874, p.168

³⁷ GAMA ABREU, op.cit., Tomo 1, 1874, p.161

³⁸ GAMA ABREU, op.cit., Tomo 1, 1874, p.161

Os bulevares eram "o centro da vida parisiense, durante o dia as lojas com o seu fausto deslumbrante, durante a noite os cafés e os restaurantes resplandecentes de luz, encerram em seus salões e gabinetes as cenas da vida de *bohème* ou *galanteadora*"³⁹. Para Gama Abreu, havia sido nos que ocorreram as cenas mais terríveis, assim como as mais burlescas, da história de Paris.

3.2.1. As edificações e sua importância

Abreu, entretanto, também se mostra atento às cidades brasileiras, ainda pode ser lido nos seus apontamentos que Recife, por exemplo, já possuía também algumas edificações dignas de atenção se comparadas à Belém: o Hospital da Caridade, o Arsenal da Marinha, a Casa de Detenção, o Teatro e, como não seria diferente, o Palácio da Presidência da Província. Talvez motivado pelo seu explícito desejo de edificar na capital da província do Pará também um Palácio para abrigar as diversas repartições provinciais e municipais, Abreu comenta que o palácio de Recife é um grande e belo edifício, mas que ressentia-se, por ser como muitas obras públicas das províncias do Brasil, da leviandade que tem os presidentes por serem admiradores de Vignola ou Palladio. Ressalta ainda que, diferente de vários outros palácios presidenciais, aquele encontrava-se bem mobiliado.

Em seus registros já em solo europeu, José Coelho da Gama Abreu ressalta os diversos monumentos notáveis existentes em Lisboa, sendo os mais salientes: a Basílica do Coração de Jesus, onde o trabalho de seu interior em pedra merece destaque, sendo o exterior, segundo ele, uma "imitação pouco inteligente" da basílica de São Pedro em Roma; o Convento dos Jerônimos, em estilo Manuelino, que, para Abreu é uma mistura do Gótico com algumas ornamentações orientais; a Escola Politécnica (ver imagem 8), de uma simplicidade extrema que o remete aos escritos de Palladio, para quem os edifícios devem guardar no seu aspecto concordância com o fim a que são destinados; enfim, o palácio de Mafra, situado nos arredores da cidade de Lisboa e o castelo da Pena, em Sintra.

Uma edificação que também recebeu destaque na abordagem de Gama Abreu foi o Palácio Real, em Madri, que, formando um quadrado de 140 metros de lado por 30 de altura, formava em seus ângulos, pavilhões salientes. Na descrição de Abreu, o pavimento principal é de ordem jônica um pouco irregular, ornado de meias colunas e pilastras, sendo os capitéis

³⁹ GAMA ABREU, op.cit., Tomo 1, 1874, p.184

destas dóricos, "o que não me parece de grande efeito". Notou também que em apenas duas fachadas da edificação existiam portas de acesso, sendo cinco no lado sul, e apenas uma no oriental, fato que ele não achava "conveniência alguma"⁴⁰.

Na sua opinião, a ornamentação interior era um pouco carregada, mesmo assim, digna de atenção, especialmente por conta das pinturas. A capela real e a biblioteca também mereceram particular menção, a primeira por conta também de suas "magníficas pinturas das escolas modernas e antigas", e a segunda pelas "inumeráveis riquezas que encerram os cem mil volumes de que é formada"⁴¹.



Imagem 8. Escola Politécnica de Lisboa, início sec. XX, In.: ARAUJO, Norberto de. *Peregrinações em Lisboa*, XI Vol. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, 1993

Analisando estas passagens pode-se perceber que o pensamento de Abreu está em concordância com a ideia estilística da arte no século XIX⁴². Ele não apenas observou e

⁴⁰ GAMA ABREU, op.cit., Tomo 1, 1874, p.86

⁴¹ GAMA ABREU, op.cit., Tomo 1, 1874, p.108

⁴² ARGAN, Giulio Carlo. *Arte Moderna*. São Paulo: Companhia das letras, 1992.

registrou as cidades em que ficou mais tempo, mas relata sobretudo as cidades menores e os percursos das viagens e também opinava e contava experiências vividas.

Dentre os lugares por onde passou, ficou por uma noite em Bordeaux quando realizava o percurso de Madri à Paris. Sobre o edifício do Grande Teatro de Bordeaux, afirmou que não havia rival na França para sua beleza e que bem poucos na Europa eram superiores. Dentre os teatros que já havia conhecido, afirmou que nenhum de Paris, nem os dois grandes teatros de Londres, nem o de Lisboa ou o do Oriente em Madri o igualavam. Ainda afirmava que só era "excedido pelo teatro Scala de Milão, pelo de São Petersburgo e talvez pelo (...) de Viena"⁴³.

Mesmo o edifício da Opera de Paris, quase concluído à época, "abundando em beleza e arte, e em riqueza de materiais", não tinha, na sua opinião, "o grandioso do todo, a simplicidade de forma e o caráter imponente", que apresentava o teatro de Bordeaux, um dos "poucos que conserva ainda traços dos grande edificios da antiga Grécia"⁴⁴. Completou sua abordagem sobre o teatro afirmando que "possuía tudo quanto é costume encontrar-se nos mais belos teatros do mundo"⁴⁵, descrevendo com detalhes desde os pilares e peristilo, até o vestibulo, a frisa, as escadas, as galerias, os cafés e a sala de inverno.

É valido também ressaltar que, em Belém, o Teatro da Paz (ver imagem 9 e 10) começou a ser executado a partir de 1869, época que Gama Abreu era o diretor das Obras Públicas, tendo ele participado das decisões, projeto e obra. Nele percebe-se muitas das características valorizadas por Abreu em seus apontamentos de viagem. No momento em que os escreveu, o teatro ainda não tinha sido finalizado, o que evidencia também suas intenções ao analisar todos estes outros em solo europeu⁴⁶.

⁴³ GAMA ABREU, op.cit., Tomo 1, 1874, p.133

⁴⁴ GAMA ABREU, op.cit., Tomo 1, 1874, p.134

⁴⁵ GAMA ABREU, op.cit., Tomo 1, 1874, p.135

⁴⁶ BRAGA, Theodoro. *Noções de chorografia do Estado do Pará*. Belém: Empreza Gráfica Amazônia, 1919



Imagem 9. Teatro da Paz. Fonte: Acervo digital de Antônio Sales



Imagem 10. Teatro da Paz. Fonte: Fidanza, Felipe Augusto. Teatro da Paz, ca 1875, albúmen, Coleção Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro - MAM-RJ -doação White Martins

Uma preocupação recorrente de Abreu, percebida inclusive nos seus relatórios enquanto diretor de obras públicas, era com a situação ou o local que deveria ser construído qualquer que fosse a edificação. Ele dá provas disso ao analisar também o lugar de locação do teatro de Bordeaux, afirmando que tinha sido "bem escolhido", pois não só forma um dos lados de uma "bela praça", mas é inteiramente isolado pelas quatro ruas que o circundam. Esta situação também coincide em parte ao Teatro da Paz, alocado em meio a uma praça, com vias construídas ao seu redor para a melhor circulação dos espectadores.

Quando José Coelho da Gama Abreu cruzou o mediterrâneo almejando chegar ao Cairo, se deparou com outras culturas: a árabe e no interior dela a muçulmana e de modo geral o oriente. Também foram outras as edificações que se deparou, tendo outra arquitetura, arranjo e funcionalidade. Chegando no Cairo percebeu que os principais monumentos que recomendavam a sua visita eram as mesquitas, principalmente a de Hassan, de Kaït-Baï, de Mehmet-Ali, de Tonloun, e de Gam' a-el-Azhar. Também se destacavam o palácio e jardins de Choubra, Boulack, Embabeh, as pirâmides, Heliópolis, o poço de José e os bazares do Cairo, que também eram "curiosíssimas excursões".

A mesquita de Hassan, que ficava situada na praça de Roumeileh, era a primeira em tamanho e "magnificência e sobretudo pela riqueza de arquitetura". Abreu exclamou que uma das coisas que mais admirou nesta mesquita foi encontrar, "pendente da abóbada, um lustre de bronze, de rico trabalho". Em todo o edifício e sua decoração, encontrou muito luxo e ostentação, "a sala, onde está o túmulo do fundador da mesquita, apresenta único ornamento, a cúpula que a cobre". Notou ainda em todo o edifício a "maior decrepitude, que ainda assim não encobre o luxo e profusão de mármore que havia no interior"⁴⁷.

Outra edificação que chamou atenção de Abreu, principalmente por não haver igual na Europa e nem edificação que cumprisse tal função, são os denominados "*kan* persas". Estes, ligados a um hábito cultural do local, satisfaziam parte dos fins a que é destinado um hotel no mundo ocidental, mas também parte dos fins a que são destinados os mercados e as praças de comércio ou bolsas. Este lugar oferece apenas moradia e água. O que parece estranho deriva dos costumes muçulmanos, onde cada viajante levava consigo os seus tapetes em que se sentavam durante o dia e os colchões em que dormiam durante a noite.

Conforme Abreu, a forma arquitetônica de um *kan* oferecia grande analogia com a dos conventos antigos, com um pátio central e o claustro formado em cada andar por uma galeria

⁴⁷ GAMA ABREU, op.cit., Tomo 2, 1874, p.118

sobre a qual abriam-se os ambiente e dentro deles, ao invés de um frade, havia um comerciante.

Quando da passagem de Gama Abreu pela praça Esbekiehn, no Cairo, Egito, percebeu que ali havia um misto de árabe e europeu. As lojas árabes, os cafés e os músicos locais, tocando em instrumentos a ele desconhecido com um ritmo também estranho, mas que em suas palavras, também não desagradava, revelavam o oriente, ao passo que a forma da praça, as casas que a cercavam, todas com risco europeu, recordavam o ocidente. Ainda exclamava que ao menos ali naquela praça não havia o risco de ser pisado como nas demais ruas, que não passavam de um caminho entre duas linhas de casas e lojas, cortado por uma infinidade de passagens e pátios e becos sem saída.

Complementava ele que no Cairo, como antigamente acontecia na França e em Flandres, e ainda naquela época também acontecia em Lisboa, haviam ruas exclusivamente destinadas à certos ofícios ou profissões. Em uma, por exemplo, só se vendiam perfumes, em outras apenas essências e pastilhas da pérsia e de Bagdá, ou ainda outra que vendiam apenas cachimbos.

Abreu relatou que as construções eram muito diferentes das européias. Umas com a ogiva ou com a curva em forma de ferradura, outras recortadas em madeira, os chamados "moucharabies", os minaretes, onde a certas horas se ouvia o "*muezin* gritar" o seu eterno *Allah-akbar*, e finalmente os trajes de todas as formas e cores a animarem este quadro, justificam a alta estima em que os muçulmanos tinham pela cidade do Cairo.

Em Constantinopla alegava que as ruas, onde se situavam as lojas eram estreitas, ora mal caçadas, ora sem calçamento algum, mas cheias de movimento, gente que, apressada, vai ao mercado, homens que voltam carregados de compras, outros de fardos com mercadorias, vendedores com tabuleiros ao pescoço vendendo objetos de pouco valor, outros pastéis, doces, frutas, e à proporção que se aproximava do bazar, maior era a concorrência. As lojas começavam a aparecer umas em seguida às outras, especialmente as destinadas à venda de tabaco. Logo ainda apareciam os que vendiam cachimbos, *tchibouks*, *narguilehs* e artefatos de âmbar.

A indústria e o comércio de tabaco era muito forte no mundo oriental. Abreu, que era um fumante, se declarava um *ehonté* (descarado). Para ele, o cachimbo turco era um deleite puramente sensual, e se fumado em um rico *narguileh*, então juntava-se ainda o pecado da vaidade. Afirmava que naqueles lugares respeitavam-se "o fumante como respeitavam um

mártir". Dessa forma, afirmava que o fumar tinha sido um "martirologio", antes de chegar a ser um gozo ou um vício elegante.

Apesar de no oriente afirmar que não havia um cidadão que não fumasse, tanto o tabaco como o café haviam sido proibidos por uma legislação. Estes dois produtos significando a ocidentalização dos costumes e de sua cultura, sofreram severos rigores. Exclamava ele que a loja que se vende tabaco naquela região era tudo que havia de mais simples: um mostrador onde estão dispostos em pequenos montes os diferentes tipos.

O relatado por Abreu também se assemelha às impressões dos viajantes europeus quando em terras americanas. De fato este mundo árabe em muito se assemelhava às paisagens brasileiras, principalmente a partir da influência que eles exerceram nos portugueses quando tiveram suas colônias naquelas terras, influências estas que por sua vez haviam sido levadas pelos lusos para a sua colônia americana.

3.2.2. Baías, portos e natureza

Nas repetidas e longas viagens que Gama Abreu fez, teve a oportunidade de conhecer não apenas palácios e paços, mas também novas tecnologias ou pessoas, aspectos políticos e econômicos nos cais e nas estações de cada localidade por onde passou. Entretanto, apenas algumas coisas julgava interessante e provocava algum tipo de registro, o que explicita o recorte de seu olhar.

Dentre as baías e ancoradouros que conheceu destaca os de Smyrna, Nápoles, Constantinopla, o do Rio de Janeiro, mas também o de Lisboa como dentre os que possuem beleza e encanto. Talvez este último, pelos longos anos que Abreu passara em terras lusas, esteja vinculado a algum fator emocional, como ele mesmo comenta, entretanto não acredita muito nessa hipótese. Para ele, na chegada a Lisboa, quando o vapor avançava pelo rio Tejo, a paisagem gerava um contraste com os dias de Oceano. Ali já se via alguns campos de cultivo que, dependendo da estação, se encontravam semeados ou mesmo repletos de trigo. A paisagem também mudava na medida em que iam se aproximando da capita, começando a aparecer casas de campo, palácios e logo a cidade espalhando-se pelo litoral subindo as encostas.

Segundo Abreu, Nápoles, apesar de não possuir uma baía tão extensa quanto a do Rio de Janeiro, possui um golfo com "beleza e encanto". Sobre a então capital brasileira, afirmava que em lugar nenhum do mundo existia uma baía com grandeza e pitoresco que a

rivalizassem. Abreu declarava que Smyrna, Nápoles e Constantinopla ofereciam cada uma um quadro, mas o Rio de Janeiro apresentava diversos, ainda que todos do mesmo gênero, enquanto Lisboa "apresentava ora uma paisagem de Holbein, ora um marinha de Turner", ora trazia à imaginação "os pórticos e as praças de Palladio"⁴⁸.

A vantagem que gozava Lisboa por estar próxima a terrenos montanhosos de aspecto pitoresco, e por ser ao mesmo tempo banhada por um "belo rio" que, antes de se lançar ao mar, se espalhava com margens distantes uma da outra e oferecia aos seus habitantes "lindos arredores", entre eles os pedregulhos à beira mar próximo a torre de Belém que, para Gama Abreu, mais pareciam trabalho de ourivesaria que uma obra de defesa.

Nos arredores de Lisboa também encontravam-se algumas praias, dentre elas a de São José de Ribamar, Caxias, Cascais, "cuja tristeza nem a concorrência da época de banhos poderia animar", mas cuja baía oferecia "um lindo quadro marítimo", e Sintra, "a mais mimosa flor de Portugal, cujas belezas é impossível descrever"⁴⁹. Nesta última tudo era grandioso e agradável, com sombras dos arvoredos, vistas que se perdiam no azul do horizonte, montanhas, águas cristalinas.

Sobre Coimbra, onde havia cursado a universidade, dizia ser ao mesmo tempo bonita e feia. Bonita vista de fora e feia de dentro. No alto de um monte, cercada de verdes e banhada pelo rio Mondego, a cidade oferece um panorama "risonho e agradável", que lhe confere o título de "*Urbem ridentem*". Interiormente apresenta um quadro nem um pouco análogo a isto. A cidade baixa era um composto de ruas estreitas e úmidas, onde "o sol penetra com dificuldade, e as casas são velhas, desiguais e mesquinhas". No bairro alto as edificações melhoravam alguma coisa, o "sol brilha um pouco mais desassombradamente nas ruas, entretanto ainda estas são estreitas e tortuosas". O que porém havia de pior na cidade, conforme Abreu, era compensado pela "beleza dos arredores, onde se viam quadros tão belos, tão pitorescos, que iguais dificilmente em outra parte se encontravam"⁵⁰.

Aqui também se revela a mentalidade de Gama Abreu em consonância com a dominante no seu tempo, valorizando beleza e a ordem da linha reta, ou compreendendo a salubridade a partir das teorias miasmáticas contestadas pelas pesquisas médicas a partir de finais do século XIX. Entretanto, também se revela em seus comentários a força de uma leitura da vida social e das qualidades dos homens e de suas instituições que é feita através

⁴⁸ GAMA ABREU, op.cit., Tomo 1, 1874, p.55

⁴⁹ GAMA ABREU, op.cit., Tomo 1, 1874, p.63

⁵⁰ GAMA ABREU, op.cit., Tomo 1, 1874, p.74

das construções e da arquitetura ou, mais ainda, dos "monumentos". A boa cidade precisava ostentar bons cenários naturais ou construídos que a espelham. Marcel Roncayolo identificou a consolidação desse paralelismo simplista no século XIX designando-o como "postulado ecológico" no qual o meio é visto como capaz de expressar seus habitantes⁵¹. Choay por sua vez mostraria sua gênese e difusão a partir dos relatórios utópicos do século XVI e que engendram e alimentam a ideia de modelo⁵².

3.2.3. Passeios e parques

Ao longo dos apontamentos de viagem de José Coelho da Gama Abreu, percebe-se a valorização da natureza (que é elevada à modelo) e seu interesse também pelos parques, praças e passeios que existiam nas diversas cidades por onde passou. Quando em Madri, destaca serem nas praças uma das maiores movimentações da sociedade, sendo as duas principais, na sua opinião, a *Puerta del Sol* e a do Oriente. Entretanto afirma que encontravam-se as paisagens mais bonitas nos passeios e nos parques.

Em Madri ele destacou o parque do Retiro (ver imagem 11) como o que "aformoseava" a paisagem da cidade pelo lado do nascente. Mas destacou o Prado como o mais "belo e magnífico passeio". Este tinha no centro uma alameda, "bordada de árvores", onde transitavam os carros, e, ao lado destas, "largas e belíssimas ruas". Em determinado ponto a alameda principal se alargava formando um grande espaço adornado com "oito belas fontes", cujo desenho era devido a Boaventura Rodrigues. Afirmava ainda que este passeio era o desafogo dos madrilenos, onde inclusive nos dias de inverno, estação na qual ele havia visitado a cidade, "quando a atmosfera limpa e serena adquire a sua máxima transparência, todos ali (...) [concorriam] a gozar dos raios do sol". A partir das cinco horas da tarde, "um sem número de carruagens, conduzindo a melhor sociedade de Madri", animava "aquelas longas avenidas"⁵³. O passeio do Prado era dividido em três partes distintas: o Prado, o passeio de Recoletos e a *Fuente Castellana*.

⁵¹ RONCAYOLO, Marcel & PAQUOT, Thierry (orgs.) *Villes et Civilization Urbaine – XVIIe. – Xxe. Siècle*. Paris : Larousse, 1992. 503-520.

⁵² CHOAY, Françoise. *A regra e o modelo*. São Paulo: Perspectiva, 2010

⁵³ GAMA ABREU, op.cit., Tomo 1, 1874, p.99



Imagem 11. Cartão postal "El Embarcadero" no Parque do Retiro em Madri, 1870, Fototipia Castañeira y Alvarez, Madrid. Fonte: memoriademadrid.es

A Espanha era um lugar repleto de passeios nas cidades. Ao passar pela cidade de Valladolid, Abreu conheceu o do Campo Grande, que, apesar de toda a sua história e da atenção que estava recebendo aquela época do governo com várias obras executadas, não superava em beleza, segundo seu juízo, o *Paseio de las Moreras*, nesta mesma cidade de apenas 30 mil habitantes àquele tempo.

Outro passeio muito admirado por Abreu foi o Bosque de Boulogne (ver imagem 12 e 13), situado nos arredores de Paris. Dizia ele que este bosque era o passeio por excelência, afirmando que em Paris, àquela época, não se perguntava "vai ao bosque de Boulogne?", dizia-se somente "vai ao bosque?" - estava entendido qual ele era, não obstante haver outros⁵⁴.

⁵⁴ GAMA ABREU, op.cit., Tomo 1, 1874, p.238



Imagem 12. Avenida da Imperatriz na entrada do Bosque de Boulogne. In.: ARPHAND, Adolphe. Les promenades de Paris: histoire, description des embellissements, depenses de creation et d'Entretien des Bois de Boulogne et de Vincennes, Champs-Elysees, Pacs, Squares, Boulevards, Places Plantes, 2 vol. Paris: J. Rothschild, Editeur, 1867-1873



Imagem 13. Bosque de Boulogne, Paris. Fonte: ARPHAND, Adolph. Les promenades de Paris: histoire, description des embellissements, depenses de creation et d'Entretien des Bois de Boulogne et de Vincennes, Champs-Elysees, Pacs, Squares, Boulevards, Places Plantes, 2 vol. Paris: J. Rothschild, Editeur, 1867-1873

Abreu comentava que neste bosque "a natureza pouco ou nada fez em favor deste local, a arte tudo". Bosque, ruas, atalhos, carreiros, grutas, quedas d'água, lagos que se governam com uma torneira, chalés, casas de bebidas, restaurantes espalhados pela área de 8 km², barcos e vapores para percorrer os lagos, velocípedes, tudo ali se achava reunido para "chamar a concorrência, e tornar o bosque não apenas o ponto mais agradável para os passeios e folgas do artista, do poeta e do trabalhador, mas também o mais propício para a exposição do luxo e fausto da classe rica da grande cidade"⁵⁵.

Havia contudo uma diferença no modo de aproveitar o parque de uns e outros. Segundo Abreu, "os pobres, que pouco têm a desperdiçar, procuram aproveitá-lo indo cedo", onde almoçavam "alegremente gozando a fresca sombra do seu arvoredo", passando ali o dia e voltando para a cidade no fim de tarde. Em contrapartida, as pessoas com maior poder aquisitivo entravam no bosque das quatro às seis horas. Porque? "Porque era moda, acredite o leitor que nem eles mesmos poderão dar outra razão". Era então das quatro às sete que *tout Paris* ia ao bosque. Este termo era "quase cabalístico, com ele se explicam as maiores incongruências, os maiores disparates"⁵⁶ que o estrangeiro observava na cidade.

Além do Bosque de Boulogne, "a que a moda tem dado a primazia", existia também o Bosque de Vincennes, que talvez por muitos fosse considerado superior àquele. Conforme Abreu, neste bosque existiam edificações a serem admiradas, como o palácio real, a prisão de estado e o forte, além do próprio bosque. Este ficava a uma distância de 2 km de Paris e, além de um passeio agradável, acontecia ali o que não era comum nos passeios dos arredores da cidade: o não encontrar transeuntes, aproveitando-se assim, de uma verdadeira transição de aspectos.

Apesar de todos os parques por ele visto, o que Abreu mais admirou foi o de Boulogne. Em todos os sentidos de seu aspectos, modismos, localização, dentre outros tantos, inclusive a artificialidade dos espaços, o que o fez pensar que um passeio destes poderia ser construído em qualquer lugar do mundo.

De fato, Gama Abreu se tornou presidente da província do Pará em 1879, ficando no cargo até 1881. Durante seu mandato, uma de suas ações foi recriar a repartição de Obras Públicas e, dentre outras, propor um bosque em belém, que teve sua inauguração no ano de 1883⁵⁷. Foi pautado neste seu vislumbre e deslumbre pelo *Bois de Boulogne*, que Abreu se

⁵⁵ GAMA ABREU, op.cit., Tomo 1, 1874, p. 239

⁵⁶ GAMA ABREU, op.cit., Tomo 1, 1874, p. 139

⁵⁷ BRAGA, Theodoro. *Noções de corografia do Estado do Pará*. Belém: Empresa gráfica Amazônica, 1919.

tornou um dos responsáveis pela proposição e projeto do Bosque Rodrigues Alves⁵⁸. Situado à margem da cidade, no bairro do Marco da Légua (hoje conhecido apenas como Bairro do Marco), zona leste de Belém que ficava, naquela época, afastado do centro da cidade, exatamente como sua inspiração francesa.

O bosque belenense (ver imagem 14 e 15), hoje Jardim Zoobotânico da Amazônia Bosque Rodrigues Alves, possui 15 hectares de floresta primária em terra firme preservada e muito representativa da flora regional. A maioria da vegetação era oriunda de mata virgem antiga e algumas plantas exóticas que foram introduzidas⁵⁹. Além das espécies botânicas, ainda foram projetados e edificados no bosque as estátuas dos legendários guardiões da floresta, Mapinguari e Curupira, o chalé de ferro, fontes, a gruta de pedra sabão, o portão monumental da entrada principal, além de lagos e quedas d'água, se tornando uma "réplica" tropical do Boque de Boulogne.



Imagem 14. Almoço dos Intendentes realizado na intendência de Antônio Lemos, no Bosque Rodrigues Alves em 1903. Fonte: Pará, Governador (1901-1909: A. Montenegro). Álbum do Estado do Pará. Chaponet, 1908.

⁵⁸ CRUZ, Ernesto. *História do Pará*. Belém: UFPA, 1973

⁵⁹ Para a botânica sistemática, este tem uma variedade de plantas sendo algumas de enormes proporções que, se plantadas hoje levariam muitas décadas para atingir o porte que tem, dentre elas as maçarandubas, adirobas e seringueiras.



Imagem 15. Bosque Rodrigues Alves, In: Fonte: Pará, Governador (1901-1909: A. Montenegro). Álbum do Estado do Pará. Chaponet, 1908.

3.3. Abreu e os pilares do urbanismo: salubridade pública

Assim como o embelezamento e a circulação citadina pareciam estar atreladas às ideias de Abreu, em seus discursos, o assunto tocante a salubridade pública esteve muito próximo e também a justiça social. Evidentemente, os assuntos muitas vezes se interpenetravam em suas falas. A saúde pública, como vimos, era também muito utilizada por ele como caráter persuasivo para suas ideias e tentativas de implementações dos aspectos que conferiam certo embelezamento para a cidade.

Abreu estava dessa forma atento não apenas à aparência da cidade ou as questões de salubridade como foram pensadas majoritariamente naquele momento, mas se mostrava ciente do que era necessidade e do que era o "supérfluo" e passa a adotar também discurso cauteloso de convencimento da sociedade para suas ações.

Estes aspectos também são percebidos nos apontamentos de viagens de José Coelho da Gama Abreu. Neste seu texto, como já observado em inúmeras passagens até aqui, é explícita a preocupação com as questões da salubridade pública, tendo se mostrado atento à questões como, por exemplo, a localização e quantidade de hospitais, cemitérios, matadouros, e outros equipamentos e serviços urbanos como, despejos dos dejetos e lixos proveniente das diversas casas pela cidade, drenagem dos pântanos, pavimentação das ruas, circulação de ventos e incidência de sol, fontes de abastecimento de água, dentre vários outros.

Abreu desembarcou com sua esposa e seu filho em Lisboa, em fevereiro de 1867. Havendo passado boa parte de sua vida em terras lusas, naquele momento fazia doze anos que não punha os pés naquela terra. Ao chegar, registrou de imediato que a cidade tinha se alargado de maneira condigna com o Tejo, tendo as edificações abandonado o modelo implementado pelo Marquês de Pombal na baixa - centro de Lisboa -, ao qual para ser bom, segundo Abreu, faltavam as duas condições mais necessárias: a luz e o ar. Dizia ele ainda que, naquele momento, Lisboa rivalizava com "qualquer outra cidade que mereça o nome de civilizada"⁶⁰.

Em contrapartida a isso estava, como vimos, Coimbra. Afirmava que nesta cidade a situação era muito diferente. A cidade baixa era um "composto de ruas estreitas e úmidas, onde o sol penetra com dificuldade, e as casas são velhas desiguais e mesquinhas".

⁶⁰ GAMA ABREU, Tomo 1, 1874, p.57, op.cit.

Completava ao afirmar que no bairro Alto melhoravam algumas edificações e o sol incidia um pouco mais nas ruas, apesar de ainda serem estreitas e tortuosas.

Abreu, em suas ações na capital paraense se mostra atento à abertura de novas ruas e no calçamento das mesmas para que estas se apresentassem de forma a permitir a circulação do vento e a melhor incidência de luz. Para tal as ruas e estradas, sempre em linhas retas e longas, apresentavam grandes larguras. Nestas ainda eram sempre presentes as árvores de grande porte plantadas em linha reta, acompanhando o traçado da rua, de forma a dar um ambiente mais salubre e prazeroso para o caminhar.

Possuindo luz e ar, Abreu destaca que a cidade de Badajoz não possuía outro item essencial para a salubridade de um lugar: a água. Esta cidade espanhola, situada na fronteira com Portugal, era praticamente uma parada obrigatória para quem atravessava a fronteira por linha férrea. Abreu parou nesta cidade ao fazer o percurso de Lisboa para Madri de trem. Em Badajoz não havia fontes nem água corrente. A única água que ali corria era a do rio Guadiana que "mais parece um lodoso regato do que um rio". Em geral a água que bebiam os habitantes provinha de cisternas, onde recolhiam água durante o inverno.

Contribuindo para o problema da salubridade, também estava a presença de fábricas de sabão e curtumes na localidade que "espalham a grande distância as suas emanações pouco aromáticas", o que também era um fator "essencialmente desagradável ao olfato"⁶¹.

O momento em que mais foi colocado em evidência suas preocupações com a questão da saúde pública foi quando Abreu inicia sua jornada ao oriente. Quando cruza o mar mediterrâneo em direção a Alexandria, percebe o quanto aquele lugar o remete a uma outra realidade cultural, com uma grande diversidade desde comportamentos e hábitos até vestimentas e higiene. Exclamava de "quantas ilusões perdidas, quantos sonhos de ouro substituídos por repugnantes realidades, se esvaeceram com a minha viagem à Palestina e à Turquia"⁶².

Suas primeiras impressões ao chegar à Alexandria não foram nada agradáveis. Já em seu primeiro contato, ao alugar um pequeno barco que o levasse do seu vapor até a costa, alegava que estas embarcações eram "pesadas e imundas, como os barqueiros". Ao chegar à terra, a impressão não melhorou. Para sua surpresa o bote encalhou na praia para que desembarcasse ao invés de atracar em um cais. Logo de saída daquele lugar também se

⁶¹ GAMA ABREU, Tomo 1, 1874, p.80, op.cit.

⁶² GAMA ABREU, Tomo 2, 1874, p.89, op.cit.

deparou com uma ponte enegrecida de sujeira, e ainda se achava "meio podre, pouco cômoda e segura"⁶³ para os trabalhadores que carregavam e descarregavam pesados fardos.

Ao caminhar pela cidade a situação só se complicava, pois percebia que a presença dessa sujeira estava por todos os lugares, inclusive nas casas à beira-mar, cujo "aspecto imundo", juntamente com a falta de calçamento da maior parte das ruas da cidade, faziam Gama Abreu se debruçar sobre a importância do tema da salubridade na cidade. As ruas produziam uma nuvem de poeira e em momentos de chuva, lama e lagoas se formavam nelas.

Nos bairros próximos ao porto viviam as classes pobres e as que eram empregadas em trabalhos mais grosseiros do comércio. Suas casas eram "mesquinhas e irregulares", e em sua maior parte de madeira enegrecida. Grande número desses casebres, ou os chamados cafés, eram "verdadeiras tascas com solo de terra batida pelos pés, e com mesas, sem cobertura, de madeira escurecida pela imundice"; ou lojas de barbeiro, sendo "pequenas cavernas nojentas e escuras, em que um artista ainda mais nojento rapa as cabeças e as barbas" dos habitantes locais; ou ainda barracas, "onde se prepara a comida para a população pobre"⁶⁴.

Essas cenas chocavam Abreu que as percebia e interpretava com um misto de horror e fascínio por estar se deparando, naquele momento, pela primeira vez com alguns hábitos completamente distintos de que estava acostumado. Afirmava que "o espetáculo não é belo, mas não deixa de ser curioso para quem o vê pela primeira vez"⁶⁵. Entretanto eram cenas que "agrediam sua vista, mas o fizeram pensar que semelhantes coisas também existiam nas outras cidades, a diferença era que em muitas aconteciam em lugares muito distante dos quais frequentava.

Ressaltava que a diferença se dava pelo fato de que, naquelas cidades orientais não havia um "transição gradual e insensível dos bairros pobres, para os mais opulentos, em que habitam quase todos os europeus. A transição ali era rápida e imprevista". Para tal dava o exemplo de Londres, onde quem desembarcava nas "vizinhanças das docas de Santa Catharina, de Wapping ou de outros lugares sórdidos e imundos como estes, antes de chegar aos suntuosos bairros de Regent Street e de Piccadily, vai atravessando outros que gradualmente se vão apresentando melhores". Outro exemplo que ainda registrou foi o de Paris, afirmando que quem entrava na cidade pela Gare de Lyon e caminhava até os

⁶³ GAMA ABREU, Tomo 2, 1874, p.99, op.cit.

⁶⁴ GAMA ABREU, Tomo 2, 1874, p.100, op.cit.

⁶⁵ GAMA ABREU, Tomo 2, 1874, p.108, op.cit.

boulevards interiores, passava por "uma gradação não interrompida, em que, de rua para rua, as casas vão aparecendo mais suntuosas, as lojas mais luxuosas e as ruas mais largas"⁶⁶.

Outro item comparado por Abreu entre as cidades européias e do oriente foi a falta de divertimentos nestas últimas. Em número muito limitado e de "péssima qualidade". Os aspectos de todas as cidades que passou ao cortar aquelas terras era o mesmo, "mesquinho, pobre e triste". Ali ele não via a animação das povoações européias, sendo a maioria situadas à beira das vias férreas, onde se desenvolviam muitas pequenas indústrias. Naquele território, ao invés de elegantes chalés, de vistosas casas de campo ou de jardins aprazíveis, apenas se deparava com "casas ou choupanas feitas de barro de uma cor escura, a maior parte delas não caiadas, e nem se quer rebocadas, com os tetos chatos e também feitos do mesmo barro", completava que tudo aquilo era "lúgubre e sórdido", tudo mostrava "pobreza, decadência e ignorância"⁶⁷.

Abreu percebeu o quanto algumas cenas o chocavam. Estas faziam que ele se apercebesse de cenas em sua terra natal tão chocantes quanto aquelas, mas que por ser acostumado com tais imagens acabava por não as perceber. Como era o caso das feiras e de como e onde os objetos eram vendidos e dispostos nestes grandes lugares de venda e troca de mercadoria, bem como os produtos que ficavam lado a lado.

Em suas andanças na cidade de Zagazig, uma cidade bastante populosa dentre as que conhecera no oriente, se deparou com uma praça de mercado no centro do povoado. Naquele lugar havia chamado sua atenção o fato de venderem desde cereais até cavalos, onde se misturavam produtos alimentícios, animais, seus dejetos e os insetos que eram atraídos por estes.

Nas proximidades deste local, ao caminhar pela "aldeia, cujas ruas e becos são estreitíssimos e tortuosos, por não haver alinhamento das casas, que só depende da vontade dos proprietários", se deparou com muitas senhoras já de idade avançada e não poucas crianças, estas brincando e aquelas sentadas junto das soleiras das portas, todas "com os olhos inflamados e até ulcerados, pois que a oftalmia é mais do que comum nas classes inferiores do Egito". Afirmava ainda que "as moscas passeavam impunemente pelas pálpebras vermelhas daquelas infelizes, sem que parecesse causar-lhes isso impressão alguma", e que todas as

⁶⁶ GAMA ABREU, Tomo 2, 1874, p.104, op.cit.

⁶⁷ GAMA ABREU, Tomo 2, 1874, p.105, op.cit.

idosas que pode perceber apresentavam caras, mãos, pés e canelas "a mais repugnante sordidez"⁶⁸.

Em todas as cidades do oriente que visitou, registrou que pouco caso se fazia dos chamados melhoramentos materiais, apesar de nas principais ter observado alguns. Em Jerusalém, por exemplo, Abreu afirmava que "nem um só dos mais vulgares [melhoramentos] é atendido, nem se quer o que dizem respeito à saúde pública". Criticava dizendo que por toda parte se encontravam "montes de lixo, em que toda a classe de despejos são lançados, os quais entrando em fermentação por efeito da umidade e do calor, produzem gases deletérios⁶⁹ muito prejudiciais à saúde". Nestas pilhas de dejetos percebia sempre a presença de cães raquíticos, "sordidos e asquerosos, que ali vão buscar alguns restos danificados para a sua nutrição"⁷⁰.

Dessa forma entendia poder se deduzir que não havia, em Jerusalém, diversões, passeios, nem lugares de reunião para a população, "apenas nos bazares pobres e imundos se encontra uma população de aspecto doentio e mal vestida, que procura com os seus negócios ganhar algum dinheiro"⁷¹.

Como também próprio da época e em consequência de outro fator que observou relacionado a salubridade citadina era com relação ao local dos sepultamentos⁷². A partir de meados do século XIX, no Rio de Janeiro, por exemplo, foi aprovada uma lei contra os sepultamentos em igrejas de uso até então. Daí o interesse de Gama Abreu. Registrou ele que, naquelas cidades orientais, estes "se faziam por toda parte sem que neles se observem as precauções ainda as mais comedidas, os corpos são colocados à flor da terra, e as vezes em local, por onde primeiro passam os ventos que lavam a cidade"⁷³.

Este assunto é tocante aos aspectos implementados na cidade de Belém pelo próprio Gama Abreu. Quando assumiu a direção de obras públicas já existia na cidade, contemporâneo às iniciativas discutidas na Corte, o Cemitério da Nossa Senhora da Soledade (imagem 22), inaugurado em 1850 e situado, já naquele momento, perto do centro. Por conta das epidemias, este foi fechado 30 anos depois, por José Coelho da Gama Abreu, tendo um número entorno de 30 mil mortos sepultados no local.

⁶⁸ GAMA ABREU, Tomo 2, 1874, p.125, op.cit.

⁶⁹ Como já foi dito, Gama Abreu acreditava que as causas das doenças eram as emanções de substâncias prejudiciais no ar.

⁷⁰ GAMA ABREU, Tomo 2, 1874, p.207, op.cit.

⁷¹ GAMA ABREU, Tomo 2, 1874, p.207, op.cit.

⁷² As teses miasmáticas também foram discutidas na corte, como mostra PEREIRA, Margareth da Silva. *Rio de Janeiro: L'ephemere et la perennite - histoire de la ville au XIXeme siècle*. Tese de doutoramento, 1887

⁷³ GAMA ABREU, Tomo 2, 1874, p.208, op.cit.

Abreu propôs um novo cemitério para Belém. Foi então construído um novo, ainda em funcionamento até os dias de hoje, chamado Cemitério de Santa Izabel (ver imagem 23), inaugurado em 1870, após esta grande viagem de Abreu, já respeitando o que acreditava ser o mais indicado para a capital paraense, estando não só mais afastado do centro habitado, mas respeitando o regime dos ventos⁷⁴.

Abreu passara por cidades que considerou privilegiadas do ponto de vista das belezas naturais. Como Alexandreta, um "insignificante lugar", em suas palavras que tinha uma "bonita posição à beira de um lindo golfo, que de um lado olha para as montanhas do Taurus cobertas de neve e do outro para as cadeias da Síria", mas que, apesar "dessas belezas, é insalubre a ponto dos habitantes viverem em Baylan, a duas léguas para o interior"⁷⁵.

Já em Constantinopla, Abreu ainda registra a falta de salubridade na cidade pelo fato do acúmulo de lixo em lugar inapropriado, escrevendo que as casas "que formam os lados são mesquinhas e pouco limpas, as ruas que vou cortando são estreitas, tortuosas e de péssimo aspecto, espalhados entre as casas alguns espaços vazios que notei, servem de depósito de lixo"⁷⁶.

Fato curioso que tocou Abreu foi ter percebido, em algumas mesquitas que entrou, a convivência, em meio ao silêncio destes templos, de pachás de vestes arrogantes e mendigos com vestimentas humildes em trapos, ou mesmo um sheik ou dervixes, todos mudos e respeitosos.

Mais adiante, em seu percurso pelo oriente, ao estar em Damasco, Gama Abreu se depara com um outro aspecto que conferia a cidade ares insalubres. Quando caminhava pela rua chamada Es-Sultani pelos muçulmanos, comumente conhecida como rua Direita pelos cristãos, na capital Síria, constatou que era tortuosa e sem calçamento e estava entre as "mais empoeiradas do mundo", tornando-se "uma das mais lamacentas" nos dias chuvosos.

Entretanto este não era o único obstáculo desta rua. Nela encontravam-se "legiões de cães sem dono que nela dormiam sossegadamente, banhando-se com voluptuosidade nos raios de sol e nas ondas de poeira, tomando a rua de lado a lado". Para Abreu este era, sobretudo para os europeus que ali transitavam, uma "desagradável diversão". Há de se levar em consideração que não se aborda aqui qualquer rua, tratava-se da rua onde se encontravam as

⁷⁴ BRAGA, Theodoro. *Noções de corografia do Estado do Pará*. Belém: Empreza gráfica Amazônica, 1919

⁷⁵ GAMA ABREU, Tomo 3, 1876, p.61, op.cit.

⁷⁶ GAMA ABREU, Tomo 3, 1876, p.109, op.cit.

melhores lojas, mais ricas e que forneciam os produtos da Europa e da Ásia: "a rua da aristocracia comercial"⁷⁷.

Abreu ainda menciona que os cães, sobretudo em Constantinopla, faziam parte de uma contradição. Para a religião muçulmana, os cães e os porcos são considerados animais sujos, o que faz com que a sociedade não os crie dentro de casa. Entretanto há uma quantidade significativa de cães que vagam pelas ruas e, paradoxalmente, os muçulmanos quase são como defensores dos que vagam pela proximidade de suas casas⁷⁸.

Para ele ainda era fato curioso observar o quanto os muçulmanos "que nunca tiveram pretensões a mais caridosos do que outro qualquer povo, que nunca tiveram sociedades protetoras de animais, protegem a raça canina". Enquanto os ingleses, "essa raça filantrópica, protetora de todos os animais, lhes declara crua guerra, de modo que se reconhece o bairro preferido dos ingleses pela ausência dos cães"⁷⁹.

Quando em Bordeaux, na França, Abreu se deparou com um aspecto que considerava interessante: a índole beneficente de seus cidadãos. Comentava isso a partir de alguns edifícios de caridade que existiam no lugar: o grande hospital, o hospital dos alienados, o dos incuráveis, o da maternidade e o da velhice. Comentava também ser o primeiro o principal, que dispunha das melhores condições de higiene, possuindo oito jardins e seis pátios, que dão luz e ar a todas as enfermarias que podem conter 800 leitos. Em geral de aspecto grandioso, o edifício era completamente isolado e a fachada era composta por um frontão sustentado por colunas dóricas.

Ao se alongar na descrição deste edifício, escreveu se sentir obrigado a mencionar que, "sem receio de errar, e com certo orgulho", que este e outros edifícios de caridade que conhece na Europa não são nada superiores aos dois grandes hospitais, o da Misericórdia e o dos Alienados, no Rio de Janeiro. A amplitude do primeiro, "a boa disposição e asseio - direi até luxo - que nele se nota nas suas diversas repartições fazem que possamos nós os

⁷⁷ GAMA ABREU, Tomo 3, 1876, p.21, op.cit.

⁷⁸ Era muito comum o ver diariamente "darem comer a um bom numero de cães vadios, tomar cuidado não só das mães que criam os filhos, como destes, para que durante o inverno os não mate o frio". Nos bairros habitados por europeus o número de cachorros pelas ruas era reduzido e "era curioso a maneira porque se acha organizada a existência do grande número de cães que vagueiam; cada bairro tem sua matilha numerosa cujos indivíduos vivem na melhor harmonia com os que compõem a matilha do bairro contíguo", e ainda completava que "até que um destes transponha os limites do bairro que lhe pertence". A explicação para isso estava no fato de que, conforme Abreu, "os cães de cada bairro têm por assim dizer a sua subsistência garantida pela caridade dos habitantes, a invasão de estranhos vai diminuir-lhe o bem estar, assim o egoísmo dá a explicação disto, afinal muito se parecem com os homens". in.: GAMA ABREU, Tomo 3, 1876, p.199, op.cit.

⁷⁹ GAMA ABREU, Tomo 3, 1876, p.201, op.cit.

brasileiros se orgulhar de como esse estabelecimento se acha". O que provava para ele, que a caridade, "base de toda a associação"⁸⁰, era entre os brasileiros uma virtude.

⁸⁰ GAMA ABREU, Tomo 2, 1874, p.80, op.cit.

3.4. Abreu e os pilares do urbanismo: sociedade e justiça social

Ao longo da narrativa dos apontamentos de viagem de José Coelho da Gama Abreu, ele "conversa" com o leitor e vez ou outra comenta entender se este o censurar por ser "prolixo na descrição do material da cidade, não tendo tocado no que respeita à vida". Ele aceita a censura, mas trata de atenuá-la relatando também "alguma coisa que, por mais saliente, me lembre dos costumes do povo"⁸¹.

3.4.1. Cultura: comportamentos e diversões

No Cairo, Abreu exclamou que ao atravessar as ruas do lugar, presenciava e não pôde "deixar de admirar, a vida e o movimento daquele povo". Segundo ele, podia-se dizer que parecia uma "imensa galopada". Mais de vinte mil pessoas passeavam montadas em burros. Em meio a isso, e do barulho ensurdecedor das vozes, ficava "aturdido o pobre estrangeiro, que não está acostumado com isso, apanhando encontrões pela direita do burro a galope, e pela esquerda do burriqueiro", e esbarrando, quando procurava livrar-se deles, "com um dos muitos cegos que se encontram no Cairo", ou ainda com "alguma recua de camelos, transportando materiais"⁸².

Abreu sempre se mostrou irritado com este tipo de "desordem", que sempre lhe chamaram a atenção. Nos lugares que passava despendia um tempo relatando estes fatos, as vezes com um tom mais incisivo, outros mais ameno, mas sempre explanando. Inclusive afirmava ser a vida em Belém também caótica.

Podemos melhor compreender o que entendo por caos desde que aportou em São Luis nos primeiros dias de sua jornada. Quando da chegada de Abreu em território maranhenses, percebe-se um misto de comparação entre esta, sua terra natal e ao mesmo tempo com a Europa, quando aborda os costumes sociais. Ele relata que a sociedade do Maranhão é em extremo amável e que há lá "muito mais sociabilidade do que no Pará". Nota ainda que a feição característica do povo local é a sua paixão pela música e pelos teatros e ressalta ainda a presença de um desejo por estes divertimentos que "toca a loucura". Entretanto afirma que

⁸¹ GAMA ABREU, op.cit., Tomo 1, 1874, p.109

⁸² GAMA ABREU, op.cit., Tomo 2, 1874, p.202

este fascínio deu frutos e, naquele momento, a cidade era presenteada com um "magnífico teatro de 2ª ordem, enquanto no Pará só presentemente se conclui o teatro provincial"⁸³.

Listando uma série de diferenças entre as duas cidades, Abreu exalta o número de "homens ilustrados" em São Luis. Justifica isso sobretudo com o fato do curso de humanidades que ali se frequenta ser mais desenvolvido do que o de Belém, onde muitas "cadeiras" tem sido oferecidas por sistema de patronato. Dessa forma, não se espantava daquela província estar mais desenvolvida em termos de instrução pública naquele momento. No Pará, registrou que havia uns dez anos que o número de escolas primárias tinha tido um considerável aumento mas lamentava que as nomeações e contratações de professores eram, em geral, "filhas de conveniências políticas"⁸⁴.

É aqui que Abreu destaca a vida social em sua terra natal como caótica, mas com suas comparações. Ruas cheias com carros que transportam mercadorias para fora da alfândega ou para os trapiches, companhias a trabalharem no acondicionamento de gêneros que chegam do interior nos numerosos vapores que enchem as docas, grupos de negociantes que discutem sobre interesses do comércio, caixeiros ocupados nos seus variados negócios, tudo isso, dizia ele, dava à cidade uma vida que não se encontrava na vizinha maranhense (ver imagem 16). Das cinco horas da tarde em diante as cenas mudavam, sendo as vezes o aspecto mais sombrio interrompido pelas carruagens que passavam nas estradas, mas, de forma geral, Belém durante a noite era essencialmente triste. No Pará havia menos prazeres, mas em compensação, mais crescimento, completava ele.

Também cedo pela manhã o movimento e a animação pelas ruas da capital paraense era fraco, ou pelo menos se comparado também a Recife. Abreu, sobre esta cidade, percebe que, ao raiar do sol além de ao entardecer, ela apresenta uma interessante animação, sendo distinto do que apresenta-se nas cidades do norte do Brasil. Nestas, onde os rios são quase os únicos meios de comunicação, percebia-se movimento apenas à beira do rio, ou quando muito nas ruas próximas a ele. Já na capital de Pernambuco a movimentação disseminava-se por todos os bairros com cavalos, carros e as estradas férreas substituíam a montaria, a canoa e o barco a vapor que o Pará apresenta, afirmando que eram dois quadros "completamente diversos".

⁸³ GAMA ABREU, op.cit., Tomo 1, 1874, p.19

⁸⁴ GAMA ABREU, op.cit., Tomo 1, 1874, p.20



Imagem 16. Cais do Ver-o-peso. Fianza, Felipe Augusto. Mercado Ver-o-peso, ca. 1875, álbumen, Coleção Gilberto Ferrez, Acervo do Instituto Moreira Salles

Este movimento, tanto em Recife quanto na então capital do Império, o Rio de Janeiro, só decrescia entre as sete e dez horas da noite, diferentemente do que acontece na vida social das cidades da Europa central que, segundo Abreu, com exceção de Portugal, que possuía hábitos semelhantes aos do Brasil, naquela época havia um acréscimo de circulação com empregados e operários passeando após suas jornadas de trabalho entre as seis até a meia noite. O mesmo acontecia com a gama da sociedade com maior poder aquisitivo, que ia conversar nas tascas, cafés ou iam aos teatros.

Entretanto ele encontrou uma cena diferente ao chegar na cidade do Porto, em Portugal. Naquela cidade ficou surpreso com o movimento que notou ao raiar do dia no "pequeno mundo", e mais tarde, afirmava ele, no mundo dos "ricos e abastados". Todos os dias se organizavam empresas, fundavam-se bancos, traçavam-se linha de navegação, empreendia-se vias férreas, os navios e vapores abundavam no porto e a alfândega enchia-se de mercadoria. O portuense tinha orgulho de sua cidade mercantil, sua importância comercial e vangloriava-se de ser uma cidade livre.

Escrevia Abreu que os lisbonenses mostravam-se naqueles anos mais receosos em alguns aspectos e, até em política, esperam a iniciativa do Porto. Para ele, esta cidade também deu provas de seu arrojado ânimo com a exposição que ali aconteceu. Ainda não era possível "estabelecer paralelo entre o palácio da exposição do Porto e o *Cristal Palace* de Londres ou o da *Industrie* de Paris", mas, contudo, se julgar-se o edifício apenas em relação a Portugal, e ainda mais a cidade do Porto, excederá toda a expectativa e dará "segura prova do animo"⁸⁵.

Para Abreu, a diferença entre Lisboa e as outras capitais européias, provém da população, que é menos expansiva ou menos impressionável do que o francês, menos impulsivo que o espanhol, menos alegre do que o italiano. Em suas palavras, "nas horas em que em Paris e Londres tudo é movimento, vida e animação, em que os cafés e restaurantes estão cheios de consumidores e *flaneurs*, jazem no silêncio dormindo o sono dos justos Lisboa e Rio de Janeiro"⁸⁶.

Mesmo em Madri, no passeio do Prado, Abreu destaca que em duas partes distintas, no passeio de Recoletos e na *Fuente Castellana*, as pessoas as frequentavam durante a tarde. Entretanto no passeio do Prado propriamente dito, o movimento se dava majoritariamente pela parte da noite, mesmo no inverno. Ali existiam cadeiras para o descanso ao redor das quais se formavam pequenas reuniões, ou *tertullias*, onde, segundo ele, a "vivacidade espanhola se deixa bem sentir"⁸⁷.

Abreu em seus relatos, bem como vários viajantes que passaram por Belém em meados do século XIX, afirmavam que Belém não possuía restaurantes ou cafés onde se pudesse sentar para descansar, apreciar a paisagem ou fugir do sol. Estes passaram a surgir na cidade apenas em fins do século XIX.

Contrapondo a isso, Abreu exclama que Paris é a cidade dos cafés. Quando subia as linhas dos bulevares os cafés sucediam-se sem interrupção, todos extraordinariamente frequentados. Os cafés ocupavam parte notável na vida parisiense. Percebia também que, a depender do bairro que frequentasse, o aspecto dos ambientes, dos usuários e seus comportamentos mudavam. "Se vamos ao Marais, não se vê a população ruidosa e de *blouse* do bairro do Templo, nem tão pouco a dos bairros aristocráticos, ou a multidão sempre apressada dos bairros comerciais como o de Sebastopol"⁸⁸.

⁸⁵ GAMA ABREU, op.cit., Tomo 1, 1874, p.70

⁸⁶ GAMA ABREU, op.cit., Tomo 1, 1874, p.37

⁸⁷ GAMA ABREU, op.cit., Tomo 1, 1874, p.100

⁸⁸ GAMA ABREU, op.cit., Tomo 1, 1874, p. 175

Notava ainda o tempo demasiado que o parisiense passava no café, preferindo-o à própria casa, tendo este o prazer em prolongar as comidas. Se o jantar era em um restaurante, saía dele para ir a um café, onde procurava mesa sobre o passeio para ver quem passa. "É este o costume que só em França e na Suíça encontrei, e que é realmente agradável, pois permite simultaneamente saborear o legítimo moka, e gozar, pela colocação das mesas na rua, do variado espetáculo que oferecem as fisionomias e trajés dos transeuntes"⁸⁹.

Conforme Abreu, o parisiense que pertencia, ou queria pertencer, às classes que constituíam o *tout Paris*, tinham a obrigação de achar frescas as horas de calma, e de detestar fora de certas horas o que em outras os divertiam. Por isso escolhia o tempo do calor para passear, e praticar outros disparates, se desculpando, unicamente, por serem praticados "por *tout Paris*".

A moda em Paris era a "rainha de todas as coisas". Era ela que fazia com que nos meses de calor tropical, não se visse nem um só cidadão com chapéu, e em compensação todos usavam bengalas ou *badines*; em contrapartida, todas as mulheres, estando ao sol ou à sombra, não dispensavam a sombrinha aberta, a qual de tão pequena provavelmente de nada lhes servia. Segundo Abreu, essas ainda iam passear no Bosque de Boulogne apenas guardadas pelos seus "*king's-charles*" (uma raça de cães), alguns dos quais do tamanho de um punho.

Na França, Inglaterra e Itália a ideia de um café público, conforme Abreu, trazia consigo a imagem de salas elegantes, belas pinturas, espelhos, mesas de belo mármore e numerosos criados. Nos cafés em Constantinopla dispensava-se tudo isto. Lá eles eram "destinados a mais de um fim, pois além de cafés, são barbearias e divãs".

Surpreendia-se ainda ao observar que em todo o oriente o café era tomado de uma maneira diferente da que tomava-se nos outros lugares do mundo. Ali cada xícara de café era feita em uma cafeteira pequena individual. Abreu ainda percebeu que um muçulmano nunca tomava um café sem antes tomar um copo de água, ao passo que na Europa era mais comum tomá-lo depois.

De acordo com ele, o tomar café no oriente trazia consigo o cachimbo, o fumo. "Não me recorde de ter visto um muçulmano que simultaneamente não fumasse, uns o *tchibouk*

⁸⁹ GAMA ABREU, op.cit., Tomo 2, 1874, p. 176

outros o *narguileh*, o primeiro muito conhecido, o segundo não o é tanto, e exige certa prática, que quando não há, dá em resultado o cansaço proveniente da forte aspiração"⁹⁰.

Outro ponto que ressaltou da cultura do povo oriental diz respeito ao seu comércio. Afirmava que o vendedor oriental informa o preço sem mais encarecimento da mercadoria e espera uma posição do comprador. Em contraponto a isso, o vendedor francês em especial, segundo ele, procura vender o mais caro possível, não hesitando em atribuir um preço maior do que vale a mercadoria.

Na Inglaterra também havia quem especulasse com a boa fé dos compradores, mas não em tão grande escala como na França. Neste último país, tudo estava montado no sentido de explorar delicadamente o estrangeiro. Para ele, o francês engana agradando, o inglês é mais leal porém rude, o turco preferível a ambos, pois pautado em sua boa fé chegava a acreditar na dos outros.

Abreu, depois de doze dias que havia deixado o porto de Recife, percebeu uma animação no vapor por conta da aproximação da costa européias. Crescia também o número de vapores vistos no horizonte. Ao mesmo tempo, variava a aparência das pessoas que viajavam com ele. Era fevereiro e a temperatura havia descido a uns 10 graus o que fizera reduzir o número de pessoas que transitavam pelo convés e, os poucos que ali apareciam, "tinham já substituído por fatos grossos e próprios de inverno os alegres e ligeiros fatos usados no Brasil"⁹¹.

Lisboa àquela época era taxada como uma cidade triste. Abreu concordava e complementava dizendo que de fato, para o estrangeiro que não tem muitas relações que lhe proporcionem reuniões frequentes, seja na cidade ou nos seus arredores, Lisboa é triste. Além de teatros e dois circos, "não oferecia mais nada em que passar as noites, e menos em que passar os dias". Na região do Chiado - bairro lisboeta - encontrava-se alguns bulevares, entretanto era uma região pequena e com pouca variedade não só nas coisas como nas pessoas, que, segundo Abreu, quase todos se conhecem. Eis que Lisboa, agradável aos naturais de lá, "se torna insípida pra quem apenas passa por ela"⁹².

Outra cidade que percebeu ter esta mesma característica foi Constantinopla. Em sua chegada já exclamava que as ruas do bairro comercial, próximas ao porto, apesar de não

⁹⁰ GAMA ABREU, op.cit., Tomo 3, 1876, p.124

⁹¹ GAMA ABREU, op.cit., Tomo 1, 1874, p.51

⁹² GAMA ABREU, op.cit., Tomo 1, 1874, p.58

serem muito estreitas, estavam sempre cheias de gente. Estas formavam ladeiras ora em planos inclinados, ora em degraus, e possuíam casas pouco higiênicas, como vimos.

Esses aspectos chamavam sua atenção por se tratar de algo "exótico" aos seus costumes, mas ele se identificava, dada sua formação, com os valores do mundo ocidental. Assim, seu hotel em Constantinopla o tranquilizaria. Ele comentava: "felizmente logo à entrada da minha futura habitação tive uma íntima alegria, pois (...) [apresentava] uma agradável disposição", possuía um vestíbulo ornado de flores e arbustos e seu hospedeiro uma "boa e risonha fisionomia"⁹³.

Para quem passava rapidamente por Constantinopla, a cidade parecia monótona, mas o visitante que demorasse alguns dias a mais e buscase conhecer a vida do lugar, descobria prazeres de uma cidade rica e diversificada que a maior parte dos viajantes desconhece.

Um de seus cemitérios, por exemplo, poderia ser comparado ao "Corso, ao Bois de Boulogne ou ao Prado de outras cidades"⁹⁴. Ali passeava-se em ruas sombreadas e as gargalhadas não eram raras. As "famílias turcas, sentadas sobre as lápides, conversavam e riam entre si, enquanto que os homens que estão em cima das lápides, sem respeito pelos que estão embaixo, fumam e bebem café"⁹⁵.

Imaginava que por isso ao se passear nos cemitérios de Constantinopla não se sentia o vago temor que se liga a tais lugares, por mais que ainda observasse que "estes cemitérios muçulmanos em si mesmos são mais próprios a infundir respeito do que são as nossas necrópoles ornadas de vasos, ajardinadas em alegretes, maciços de flores, guarnições vistosas"⁹⁶.

Era muito comum encontrar sobre as pedras sepulcrais viúvas e membros da família com a cara encostada à terra falando com o morto, expressando-lhe sua saudade. Abreu ainda esperava que a mania do embelezamento desses espaços por parte dos europeus não entrasse ali, para que pudesse sempre conservar seu caráter grandioso, triste e fúnebre.

Ora, como vimos, este assunto lhe era interessante pelo seu trabalho na construção do Cemitério de Nsa. Sra. da Soledade, mas também na concepção, provavelmente, após a viagem de 1866-1867, de um novo cemitério mais distante do núcleo habitável de Belém. O Cemitério de Santa Izabel (ver imagem 17 e 18), inaugurado em 1870. Ainda em

⁹³ GAMA ABREU, op.cit., Tomo 3, 1876, p. 110

⁹⁴ GAMA ABREU, op.cit., Tomo 3, 1876, p. 115

⁹⁵ GAMA ABREU, op.cit., Tomo 3, 1876, p. 115

⁹⁶ GAMA ABREU, op.cit., Tomo 3, 1876, p. 116

funcionamento até os dias de hoje, este apresenta um tamanho grande e, apesar das lápides europeizadas, o cemitério em si não apresenta o embelezamento que Gama Abreu tanto criticou nos cemitérios europeus⁹⁷.



Imagem 17. Cemitério de Nossa Senhora da Soledade, Belém. Fidanza, Felipe Augusto. Mercado Ver-o-peso, ca. 1875, álbumen, Coleção Gilberto Ferrez, Acervo do Instituto Moreira Salles

Religioso que era, José Coelho da Gama Abreu ora ou outra ficava impactado com as diferenças culturais, principalmente dos povos orientais e muçulmanos. Alegava ele que, "tudo que respeita os gozos materiais, no Oriente é aquilatado por uma maneira diferente da que é geralmente empregada pela moral universal", completava escrevendo que "ali a religião santifica o que nós chamaríamos prostituição"⁹⁸. Abordava a questão do concubinato que era uma prática regular como o casamento, sendo a poligamia motivo de orgulho, segundo ele.

⁹⁷ BRAGA, Theodoro. *Noções de corografia do Estado do Pará*. Belém: Empresa gráfica Amazônica, 1919

⁹⁸ GAMA ABREU, op.cit., Tomo 3, 1876, p. 117

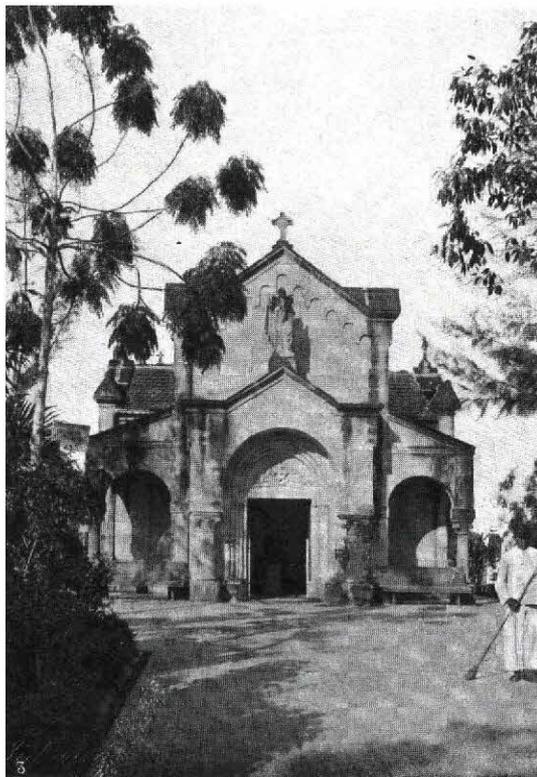


Imagem 18. Cemitério de Santa Izabel, Belém. Fidanza, Felipe Augusto. Mercado Ver-o-peso, ca. 1875, albúmen, Coleção Gilberto Ferrez, Acervo do Instituto Moreira Salles

Ao rever a cidade de Coimbra, em Portugal, onde estudara em seu tempo de universitário, Abreu exclamou que foi um mundo de desilusões. Havia passado doze anos que ele deixara a cidade para regressar a Belém e, em seu tempo o que dava feição característica a ela era a Universidade. Era partir dela que a movimentação da cidade, alegre e turbulenta, se dava e o aspecto das ruas diferia de todas as cidades pela presença dos estudantes que, com hábitos de certa forma religiosos lhe davam feição especial, mas segundo ele, a feição acadêmica desaparecera. Tal fato se devia à ligação da cidade através das linhas férreas, o que tornava a viagem até a cidade rápida, mas já nas vésperas de feriados favorecia que os alunos todos saíssem da cidade, embora facilitasse as visitas dos pais aos filhos estudantes.

Durante sua viagem de trem entre Lisboa e Madri, Abreu se admirou com o choque de cultura entre Portugal e Espanha, que não apresenta uma transição gradativa. "Nas fronteiras terminam os dois reinos física e moralmente". Dentro do "postulado ecológico" já citado, que pensa poder ler nas formas físicas e materiais os aspectos morais e civilizacionais, o que se aplica à paisagem natural, também pode ser aplicado para os aspectos físicos das pessoas. Assim, para Abreu, o português é "*plus carré*", mais repleto de corpo que o espanhol, em consequência "seu queixo mais quadrado indica nele maior tenacidade em seus empenhos",

tem estatura mais elevada. Nas mulheres outras são as diferenças, a portuguesa é "mais cheia de formas e tem em geral o rosto redondo", a espanhola "tem mais graça, quando não mais distinção", o rosto oval e os cabelos abundantes. "Inegavelmente o tipo espanhol feminino é muito mais gracioso do que o masculino, exatamente o inverso do que acontece em Portugal, com exceção de uma ou outra província"⁹⁹.

Por suas características culturais e inclusive físicas, os espanhóis, ao contrário dos portugueses, gostavam de reuniões, de ruídos. As gargalhadas deles soavam estrondosas e envolta com os alegres gritos das crianças. O português usava cores escuras ou suaves, já seus vizinhos ibéricos gostam de cores "vistosas e garridas" que, como sua alegria, chamavam atenção. Nestes transluzia-se, apesar dos governos absolutos, fradescos e constitucional com que se tinha mascarado o governo militar que os tinha regido, a "alegria nativa e uma certa fanfarrice" que não lhe ficava mal, "principalmente em certa parte da população, a quem as conveniências sociais ainda não alteraram de todo o caráter primitivo"¹⁰⁰.

Durante seus deslocamentos Abreu passou por inúmeras cidades e capitais que ora se contrapunham, ora apresentavam os mesmos traços. Entre Alexandria e Cairo, percebeu que os aspectos das cidades que passava pelo caminho havia mudado consideravelmente, desde que deixava certas áreas do mediterrâneo. Segundo ele, de Alexandria até Bennah se encontravam apenas três povoações consideráveis. O aspecto de todas elas era o mesmo, "mesquinho, pobre e triste". Não se via nelas a animação das povoações européias, situadas à beira das vias férreas. No lugar dos elegantes chalés, de vistosas casas de campo ou de jardins aprazíveis, ele apenas se deparava "com casas ou choupanas feitas de barro de uma cor escura, a maior parte delas não caiada, e nem se quer rebocadas, com os tetos chatos e também feitos do mesmo barro, tudo isso é lúgubre e sórdido, tudo mostra pobreza, decadência e ignorância"¹⁰¹.

Quando chegou ao Cairo, acreditou também que só ali havia se conservado a "pureza na raça, nos costumes e nos vestuários". Via-se ali, naquele momento, como sempre se viu, "a pompa aliada à maior sordidez, as belezas da arquitetura oriental a par da depravação de gosto, que se nota onde dominou, ou domina o turco"¹⁰². Em todo o caso, para ele, ali era o único ponto que visitou onde o cunho oriental se revelava.

⁹⁹ GAMA ABREU, op.cit., Tomo 1, 1874, p.77

¹⁰⁰ GAMA ABREU, op.cit., Tomo 1, 1874, p.85

¹⁰¹ GAMA ABREU, op.cit., Tomo 2, 1874, p.108

¹⁰² GAMA ABREU, op.cit., Tomo 2, 1874, p.109

Podia-se remontar aos tempos mais remotos, os hieróglifos e as gravuras encontradas nas pedras dos monumentos e nos sarcófagos das múmias, mostravam que ainda naquele momento se conservavam não poucos hábitos e instrumentos em tudo semelhantes aos que dominavam no Egito 2000 anos antes da era cristã.

Abreu afirmava que os árabe é em geral um povo fraco, o egípcio era a exceção desta regra. A diferença que se notava no moral era também visível na parte material da cidade. Complementava ainda ao escrever que entre Constantinopla e o Cairo havia uma diferença "como a que apresentam Berlim e Paris"¹⁰³.

3.4.2. Moda e vestuário

Acerca dos vestuários, Abreu pouco se prolongou, merecendo destaque apenas a sua percepção sobre os trajés de banho e, como era de se esperar, do bom vestuário dos franceses. Os arredores de Lisboa possuíam algumas praias para onde uma parte da sociedade ia em seu momento de lazer. Ali podia perceber os trajés banhistas, nos quais os homens mostram nada mais que os bíceps e a panturrilha e as mulheres não mostram coisa alguma, deixando, ainda assim, perceberem-se muitas partes que elas mesmas desejariam encobrir.

Já em Paris, Abreu percebia que nos cafés dos bulevares principais, os frequentadores apresentavam tipos diferentes, e que se diferenciavam muito dos que frequentavam os cafés dos outros bairros. O seu vestir é, "além de elegante, adequado à hora que marca o relógio". O parisiense, dizia ele, "verdadeiro *habitué du boulevard*, usa pelo menos três *toilettes* por dia, a *toilette* de manhã, *toilette d'homme de cheval*, membro do *sport* e do *jockey club*, a *toilette* para jantar e a *toilette* para visitas, não falando nas de baile, de campo, etc"¹⁰⁴.

¹⁰³ GAMA ABREU, op.cit., Tomo 2, 1874, p.157

¹⁰⁴ GAMA ABREU, op.cit., Tomo 1, 1874, p. 176



Imagem 19. Grupo de senhoras paraenses, representantes das classes abastadas da sociedade da borracha, 1870
In.: SARGES, Maria de Nazaré. Belém: riquezas produzindo a belle-époque (1870-1912). Belém: Paka-tatu, 2002

3.4.3. Arte e cultura

Como se viu até aqui, Abreu se mostrou atento, às interferências que as implementações físicas na cidade influenciavam na sociedade, sua postura e sua cultura e, na maior parte das vezes, tecendo paralelismos simplórios, simplistas, generalizantes e pouco complexos. Ainda em Portugal, Abreu atribuiu um crescente desenvolvimento no campo artístico ao desenvolvimento das linhas férreas, pois estas tiraram de certa forma o isolamento do país em relação à Europa central. Para ele, era o distanciamento de países do eixo artístico mais desenvolvido que fazia com que em Portugal não chegassem certas artes e nem o requinte de bom gosto e conforto que ele notava em outros povos.

Reconhecia que a este fato também se devia a península ibérica ter conservado o seu tipo característico, tanto moral como físico, e não lhe ter acontecido, como em outros países que são até certo ponto influenciados por outras culturas. Abreu ainda ressaltava que a

facilidade das comunicações deveria levar, com imediatas consequências, o progressivo desenvolvimento comercial entre Espanha e Portugal e o aumento do valor das terras próximas as linhas férreas. Frisava que "é este um bom incentivo para melhorar as culturas, verdadeira fonte de riqueza para o país"¹⁰⁵. Talvez por este motivo e Abreu sempre foi um incentivador em melhorias que trouxessem à Belém conexão mais rápida e direta com diversos países ou mesmo cidades brasileiras.

3.4.4. Teatros e museus

Abreu sempre se queixou em seus relatórios da falta que fazia um bom teatro na cultura do povo paraense. Se afirmava tal coisa, provavelmente teria percebido esta influência em outros lugares, como em Portugal na época em que morou enquanto estudante. Quando regressou para lá em sua viagem como cronista, escreveu que, naquele momento, já não mais valia o dito de algum tempo atrás de que Lisboa não tinha um número de teatros suficiente em relação à sua população e também que só havia diversão para os abastados.

Em 1867, momento de sua visita, dizia ter aumentado consideravelmente o número de teatros na cidade, e os seus preços eram módicos quando comparados com a maior parte das capitais da Europa. Estes novos teatros preencheram as lacunas que existiam e estavam espalhados pela cidade nos bairros de maior população e que, segundo Abreu, recebiam um público muito mais exigente que os franceses e ingleses.

Já na cidade de Madri, Abreu comenta serem nas praças as principais movimentações da sociedade, sendo as duas principais, na sua opinião, a *Puerta del Sol* e a do Oriente. Nesta última é onde se encontrava o Teatro Real ou como também era chamado, Teatro do Oriente, cuja construção, iniciada em 1818, só foi finalizada em 1850, depois de longas pausas. O teatro comportava cerca de dois mil espectadores e possuía poltronas forradas em veludo e camarotes decorados pelos proprietários.

Nesta casa de espetáculos, como ressalta Abreu, tudo ajudava a sobressair a "beleza tão notável das mulheres espanholas, ostentando os seus alvíssimos colos entre rendas e gazes, e subjungando com os seus olhares profundos, cujo brilho só tem rival nos das mulheres orientais"¹⁰⁶. Completava ainda relatando que os sons das músicas, ora vibrantes de comoção,

¹⁰⁵ GAMA ABREU, op.cit., Tomo 1, 1874, p.87

¹⁰⁶ GAMA ABREU, op.cit., Tomo 1, 1874, p.93

ora languidos como um suspiro também contribuía para revelar no semblante das pessoas presentes seus próprios sentimentos.

Segundo ele, os teatros de primeira ordem em Paris eram um pouco tristes, já que as reações dos espectadores eram sujeitas às conveniências da boa sociedade. Em Londres o público era gélido e frio como as fisionomias britânicas ao contrário de Madri onde semblantes com feições em "extremo pronunciadas, de uma grande mobilidade, (...) [somada ao] caráter extremamente expansivo [do espanhol], fazem com que no teatro o entusiasmo se manifeste por mil formas próximas do delírio"¹⁰⁷.

A alta sociedade espanhola, apesar de uma "delicadeza extrema", não possuía, ainda, as maneiras pautadas em uma "etiqueta exagerada" que fizeram Gama Abreu exclamar que permitisse "Deus que nunca possua". Nas suas palavras, isso exigia que o prazer se limitasse a um "ligeiro movimento de lábios", e que excluía dos salões "o riso franco e aberto, condenando todos os sentimentos"¹⁰⁸.

Abreu descreveu a cena expansiva cultural madrilena como o "mundo ideal". Para ele, a Espanha era uma terra de bravos, nobre pelo espírito, grande pelas recordações; composta pela alegre Andaluzia, do orgulho Aragão, da católica Galícia, da Catalunha manufatureira, e assim não poderia deixar de "ocupar na história um elevado papel". Talvez esse seu apreço pela Espanha se devesse também ao fato dele ter passado naquele país "os anos mais viris da mocidade, quando os olhos das filhas da Andaluzia" faziam vibrar nele "as cordas mais sensíveis da alma"¹⁰⁹.

José Coelho da Gama Abreu afirma de forma categórica que, de todos os museus que havia visto, sem mesmo excetuar o do Louvre, nenhum causou igual admiração que o do Prado, em Madri, tal é "o número e a beleza de seus quadros". Para ele, era fácil, porém, explicar a enorme acumulação de primores de arte que se encontrava no Prado, pois era formado não apenas pelas grandes escolas de arte espanhola de Madri, Valencia e Sevilha, mas também pelas principais produções artísticas dos países que a Espanha dominou no apogeu de sua glória.

Nomes como Rubens, Van Eyck, Ticiano, da Vinci, Rafael, Michelângelo, del Bosco, Veronese, dentre outros listados por Abreu, já figuravam no seu acervo, que, para ele, além de

¹⁰⁷ GAMA ABREU, op.cit., Tomo 1, 1874, p.97

¹⁰⁸ GAMA ABREU, op.cit., Tomo 1, 1874, p.98

¹⁰⁹ GAMA ABREU, op.cit., Tomo 1, 1874, p.129

boas obras, mostrava "o bom gosto e o conhecimento da arte"¹¹⁰, que havia presidido a disposição dos quadros e atestavam o apreço que tais obras mereciam. Para completar, o museu ainda era instalado em uma edificação grandiosa, situada em um lugar adjetivado por Abreu como "magnífico", em meio ao passeio do Prado.

Comparações com o que quis implementar em Belém como a locação do Teatro da Paz ou mesmo o Palácio Provincial em meio a praças não faltam. Abreu também foi um grande incentivador das artes e da educação, pois dessa forma acreditava que ajudava a desenvolver a cultura e os conhecimentos da sociedade.

3.4.5. Escolas e educação

Gama Abreu, ao começar sua viagem de 1866-1867 e iniciar sua narrativa, já se detinha em um assunto que lhe era caro. Começava pela observação da natureza, mas também, formado em leis, embora sem explicitar, abordava o assunto da justiça social, quando, ao percorrer o rio Marajó Açú, na ilha do Marajó, se depara com um casebre onde vivia um "pobre caçador" com sua família. Para o seu espanto o homem tinha 10 filhos e a sua surpresa não parava por aí, pois ficou ainda mais tocado ao saber que todos eles frequentavam a escola da região e que, para chegarem até lá, tinham que percorrer uma légua em uma embarcação a remo que as crianças mesmo conduziam. Na claridade crepuscular daquele lugar, "tudo tinha um tom de tristeza e poesia" que ele nunca mais pôde esquecer¹¹¹.

No Cairo, anos mais tarde, Abreu se surpreendeu com a mesquita de Gam'a-el-Azhar, que quer dizer mesquita magnífica, que além de templo, era também casa de ensino, considerada ainda naquele momento como a principal escola do oriente. Conforme Abreu, havia nela uma circunstância que a distinguia das universidades e academias européias, pois os estudantes pobres, além do ensino de teologia e de direito muçulmano, encontravam ali os meios de viver. Naquele lugar, além de uma distribuição diária de pão e azeite, ainda recebiam mensalmente uma soma para as suas necessidades. Como instituição de caridade, eram ainda ali recebidos e sustentados 300 cegos de baixa renda, para os quais estava reservada uma parte do edifício, o que tornava esta mesquita simultaneamente templo, colégio, universidade, biblioteca e asilo para enfermos e peregrinos.

¹¹⁰ GAMA ABREU, op.cit., Tomo 1, 1874, p.101

¹¹¹ GAMA ABREU, op.cit., Tomo 1, 1874, p.10

Em Constantinopla, uma mesquita também mereceu, de Gama Abreu, admiração destacada: a Bayezidieh ou a mesquita de Bayezid. Este edifício, além de templo, também abrigava maktebs (escolas primárias), medresses (escolas superiores) e imarets (hospitais) e junto à mesquita, como de hábito, ainda existia o lugar das abluções e dos banhos.

3.4.6. Trabalho e trabalho escravo

Monarquista naqueles anos, Gama Abreu tinha pensamentos que, até certo ponto, estavam de acordo com o lema igualdade, fraternidade e liberdade disseminado pela Revolução Francesa. A exemplo disso, percebe-se que este, ao estar em Fortaleza, no Ceará, nota que era muito pequeno o número de escravos em relação à população livre no local. Registrou ser o trabalho quase todo feito por "braços livres", o que garantia ter grande influência no aumento da riqueza da província. Dizia que, embora desagrade aos escravagistas, nunca o trabalho do escravo poderá competir com o trabalho feito pelo homem livre. Onde existe as duas formas de trabalho, sempre um é nocivo a outro. Abreu ainda acrescentava ao escrever que honrava a toda a população brasileira mostrar que a liberdade dos escravos era uma aspiração de todos os homens sensatos do império, e não um ato partido unicamente da iniciativa do imperante¹¹².

Quando o vapor *Guyenne*, o qual estava a bordo, aportou na ilha de São Vicente, já em terras lusas, notou que a raça africana que vivia naquele lugar, não obstante serem livres, beiravam a miséria. Registrou ainda ter recebido a oferta de uma negra para comprar seu filho de quatro anos por quatro libras. Abreu afirmava não ser escravagista e que, pelo contrário, defendia ideias opostas. Entretanto, acreditava que o negro, uma vez livre, confundia as ideias de liberdade e ociosidade. Ainda registrava que isso não poderia ser resultado da educação, pois não só os que são criados nos hábitos do trabalho, mas também aqueles que viviam nas cidades e tinham relativamente mais ilustração do que os camponeses da Europa, recaem no "embrutecimento preguiçoso" assim que se encontravam em liberdade.

¹¹² GAMA ABREU, José Coelho da. *A Amazônia: as províncias do Pará e Amazonas e o governo central do Brasil*. Lisboa: Typ. Minerva, 1883

3.4.7. Presídios e detentos

Assim como acerca ao tocante à escravidão, Abreu se mostrava atento às questões de discriminação e de recolocação no mercado dos ex-detentos. Ao visitar a penitenciária de Recife, afirmou que aquela não utilizava o sistema de completo isolamento que via adaptado nos presídios dos Estados Unidos. No nordeste brasileiro pôde perceber que os presos trabalhavam em conjunto não sabendo se era melhor assim ou o método estadunidense. Em todo o caso o sistema em Pernambuco obrigava-os a um trabalho, que sendo uma forma de distração, os tirava das ruas ao mesmo tempo em que se tornava uma fonte de receita revertida em benefício do Estado e dos próprios detentos.

Em seus apontamentos, Gama Abreu aparentava estar preocupado com algumas questões de exclusão social como com a questão da recolocação social e no trabalho de pessoas que tivessem cometido algum crime ou roubo. Dizia ele que uma pessoa presa e que tenha cumprido sua pena junto a sociedade, ao sair da cadeia iria encontrar nada além do desprezo, da repulsão, até a fome, o que o levaria a cometer novo crime que o reconduziria a prisão.

3.4.8. Fidalgos e discriminação

Quando em Braga, cidade de Portugal, Abreu percebe-se ser esta era uma cidade "fradesca", onde estavam seguros o frade pregador, o lazarista, a irmã da caridade, o missionário, e o fidalgo de província. Este último, acreditava em "sangue azul", para quem a revolução francesa era um crime, a república uma blasfêmia contra Deus e, que julgava, ainda, que a religião excluía o exercício da razão, enfim era o genuíno "defensor do altar e do trono", nas palavras dele. Naquela cidade a atmosfera era impregnada de "perfumes nobiliários" e com dificuldade ali se tolerava que nas festividades públicas o "plebeu que pelo seu trabalho alcançou ricos haveres, ombreie o fidalgo".

3.4.9. Mendigos

Lisboa em 1867 era repleta de mendigos. Gama Abreu, ao desembarcar naquela cidade com sua família, logo à saída da alfândega exclama que "tanto eu como os demais passageiros fomos cercados por um bom número de mendigos de todas as idades solicitando

obstinadamente esmolos"¹¹³. Confessa que poucos meses depois, ao estar na cidade do Porto, não via o mesmo tormento com os mendigos, o que afirmava ser resultado obtido pelos esforços do governador civil que então dirigia aquela cidade.

A atmosfera que se via nas ruas mais concorridas do centro de Lisboa, às portas das lojas mais frequentadas, cheias de mendigos, não era próprio de uma cidade que podia ombrear com muitas das melhores da Europa. Isso acabava por evocar, para Abreu, suas recordações da infância, quando viveu em Portugal, e afirmava que neste aspecto nada havia mudado naquela cidade. "O mendigo, o cauteleiro e o titular de recente data, são as pragas desta cidade"¹¹⁴.

Já acerca da Espanha, dizia Abreu que era injustamente julgada pela maior parte das pessoas. Os tópicos sobre os quais giram todas as acusações eram a existência dos combates de touros, a da superstição que acompanhava a religião naquele lugar e a dos mendigos. Quanto a este último aspecto, Abreu não defendia a península ibérica dizendo que ali não havia tal situação de mendicância, mas que existia em toda a Europa. Criticavam a Espanha pelos seus mendigos, mas, perguntava ele, "por ventura Madri, Barcelona e Cadiz tem mais mendigos que Viena e Berlim?"¹¹⁵.

Juntamente com esta crítica, Gama Abreu ia de encontro aos críticos ao dizer que estes se esqueciam também de abordar as instituições de caridade que, segundo ele, tinham em abundância na Espanha. Uma das mais recomendáveis naquele momento na Europa era a Sociedade do Pecado Mortal, que cuidava da "reabilitação daqueles que uma vez fraquejaram no caminho de honra"¹¹⁶.

Na França, por exemplo, país "civilizado por excelência", se uma mulher engravidasse de um homem que não fosse seu marido, não encontrava casa que pudesse "dar à luz o fruto de seu erro". Abreu ainda registrou que depois disso o que ganhava é o desprezo de todos. Se procurasse trabalho em qualquer casa, não achava acolhimento pois não poderia apresentar atestados. A pessoa era repelida por toda a parte, a fome e o abandono faziam-na descer todos os degraus "à escala da infâmia até ser inscrita nos registros da polícia"¹¹⁷.

Tocado pela condição dos menos favorecidos, Abreu comentou que a história do aumento progressivo dos estabelecimentos de caridade e a ação direta que nele tinha a

¹¹³ GAMA ABREU, op.cit., Tomo 1, 1874, p.9

¹¹⁴ GAMA ABREU, op.cit., Tomo 1, 1874, p.56

¹¹⁵ GAMA ABREU, op.cit., Tomo 1, 1874, p.119

¹¹⁶ GAMA ABREU, op.cit., Tomo 1, 1874, p.121

¹¹⁷ GAMA ABREU, op.cit., Tomo 1, 1874, p.121

população, mostravam que no Brasil o exercício da caridade não era somente um encargo do governo, como acontecia na França, onde quase todos os estabelecimentos desta ordem eram subsidiados por verbas públicas. Dizia ele ser a caridade na França de caráter "oficial" e que a "virtude mais cristã, mais pessoal, aquela que mais satisfação dá a quem a pratica e a quem a recebe, a virtude primordial da sociedade"¹¹⁸, era exercida apenas "oficialmente" naquele país, a custa do governo.

Já no Brasil crescia e prosperava os donativos voluntários e se via a abnegação dos administradores destes lugares. Era a caridade que ia "procurar os infelizes para lhes aliviar o sofrer", ao passo que na França era o governo que determinava "recolher os desvalidos, como medida policial, pois não podia deixar morrer"¹¹⁹ milhares de pessoas.

Nota-se nesses comentários de Abreu tanto uma tendência republicana quanto liberal que não lhe impediram de, apenas poucos anos mais tarde, receber o seu baronato.

¹¹⁸ GAMA ABREU, op.cit., Tomo 1, 1874, p.137

¹¹⁹ GAMA ABREU, Tomo 1, 1874, p.137, op.cit.

4. O legado de Gama Abreu: a conclusão de uma vida

Ao longo de seus apontamentos, Abreu evidencia as intenções de suas propostas nas ações à frente não apenas da direção de Obras Públicas no início de sua carreira, mas sobretudo, mostra o pensamento que norteou suas ações que aconteceram depois que escreveu seus livros de viagem. Principalmente quando assume a Presidência da Província, entre 1879 e 1881 e, mais a frente, também a Intendência Municipal, entre 1891 e 1894, se tornando também o primeiro intendente de Belém. Neste momento, Abreu se torna um dos atores responsáveis pelas transformações urbanas de Belém neste final de século XIX.

Como já comentado, Paris foi de fato o modelo a ser seguido em Belém na segunda metade do século XIX, principalmente a partir das grandes reformas na cidade realizadas pelo barão Haussmann. Aquela Paris recém reformada encheu Gama Abreu de ideias e, dentre elas, estava a abertura dos imensos bulevares, que, segundo ele, por si só já se faziam notáveis. Nas suas palavras, a avenida Champs Elysées era "a mais bela do mundo"¹.

Dentre suas ações, além do já mencionado investimento em iluminação pública, Abreu também foi um dos responsáveis pela abertura de grandes bulevares e a transformação das estradas em largas avenidas e com bom calçamento, como foi o caso da Estrada de Nazareth, sua paralela, a de São Jerônimo, que davam acesso aos novos bairros surgidos naquele momento², ou mesmo o Boulevard Castilho França, que ficava as margens do rio, onde se situava o Mercado Municipal (ver anexos, imagem 1, 2, 3, 4 e 5). O pensamento de Abreu era transformar a paisagem de Belém no "centro da civilização" como ele também se referia à capital francesa. Nos dias de hoje essas ruas já não apresentam aquela mesma imagem, mas continuam sendo avenidas largas e com árvores de grande porte que conferem uma feição à cidade.

Atualmente Belém é conhecida como a cidade das mangueiras pela presença de árvores centenárias deste tipo que com frequência superam os 40 metros de altura. Estas se fazem presentes sobretudo nos bairros que surgiram na segunda metade do século XIX, principalmente no bairro de Nazaré, mais central e onde as casas da população com maior poder aquisitivo se encontravam naquela época. Hoje é comum a existência de ruas na cidade

¹ GAMA ABREU, José Coelho da. *Do Amazonas ao Sena, Nilo, Bosphoro e Danúbio: apontamentos de viagens*. Tomo 1. Lisboa: Typographia Universal, 1874, p. 161

² BRAGA, Theodoro. *Noções de chorografia do Estado do Pará*. Belém: Empresa Gráfica Amazônia, 1919

com os famosos túneis de mangueira, fornecendo grande sombra o ano inteiro em uma região onde o calor não dá tréguas (ver anexos, imagem 12).

Abreu também esteve, como já vimos, a frente da proposta, projeto e execução da obra do Mercado Público³ que teve suas obras iniciadas em 1857, e concluídas em 1860. Antes do fim do século XIX este mercado foi ampliado, seguindo projeto de Francisco Bolonha, devido a carência de espaço que este já proporcionava para tal função⁴.

Atualmente ele é conhecido por vender mais especificamente a carne vermelha, e o mercado de ferro do Ver-o-peso, hoje vende apenas peixes. Este último foi construído apenas no início do século XX e, situado um em frente do outro, também é cartão postal da cidade. Por este motivo os dois recebem popularmente os nomes de Mercado de Peixe e Mercado de Carne. Este último, da época de Gama Abreu, passou recentemente por uma completa restauração, tendo sido reinaugurado em 2011 (ver anexos, imagem 13 e 14).

Outro aspecto definido no século XIX que marca a paisagem de Belém é o traçado regular em malha de xadrez das ruas abertas naquela época, a saber as do bairro de Nazaré, Umarizal, Batista Campos e ainda do Marco da Léguas, hoje conhecido com o nome de bairro do Marco.

A pavimentação que foi aplicada em grande parte das ruas naquele momento, também não existe mais. Devido ao aumento do tráfego e do acréscimo de pesos sobre elas, muitas delas foram asfaltadas, tendo ficado enterrado todo o sistema de paralelepípedo adotado no século XIX. Vez ou outra se tornam aparente novamente a depender do desgaste do asfalto e da periodicidade que a rua é recapeada.

É nulo também o que restou da infraestrutura dos bondes que foi implantada na cidade na segunda metade do século XIX, nada tendo sobrado além de restos e menções em fontes importantes para que se possa atualmente escrever a história desse lugar. Em 2007 houve tentativa e altos investimentos na capital paraense, principalmente através da prefeitura do Partido dos Trabalhadores, sob o comando do então prefeito Edmilson Rodrigues, para se reativar o bonde e sua linha que circulava no centro da cidade - especificamente nos bairros da Campina e Cidade Velha - em fins do século XIX. Entretanto por problemas técnicos e construtivos, este bonde nunca conseguiu completar a primeira volta, ficando também desativado até os dias de hoje.

³ CRUZ, Ernesto. *História de Belém*. Belém: UFPA, 1973

⁴ SILVA, G. G. *Arquitetura de ferro no Brasil*. 2 ed. São Paulo: Nobel, 1987

Abreu, ao pensar em bondes, idealizava conferir à cidade toda a tecnologia da época. Além disso, ele também sabia da sua importância econômica para a região. Dessa forma é inevitável pensar que ele também mostrou atenção ao que toca o assunto dos investimentos no comércio, da produção para exportação bem como do que estes proporcionam para os recursos públicos. Quando ainda era diretor de Obras Públicas, vários bancos foram instalados na cidade, como é o caso do Banco Comercial do Pará, fundado em 1858, mais a frente o *Bank of London*, em 1874 (ver anexos, imagem 6), dentre vários outros⁵.

Ainda em 1864, foi também fundada a Associação Comercial do Pará com a denominação de Praça do Comércio do Pará. Esta se transformou na Associação apenas em 1899, juntamente com a reforma de seu estatuto. O objetivo era proporcionar ao comércio e à indústria um centro de apoio e auxílio, que, investigando as suas necessidades, pudesse, além de promover o seu desenvolvimento, defender os seus direitos⁶. A instalação deste órgão se deu pelo fato da indústria e, sobretudo o comércio, já apresentarem certo desenvolvimento àquela época⁷.

Abreu se tornou também um grande apreciador da moda européia e sobretudo parisiense. Assim como ele, diversos outros atores daquele momento também admiravam as vestimentas européias e isto era percebido no dia a dia da sociedade paraense. As pessoas, sobretudo as com maior poder aquisitivo, em muitos momentos queriam viver, se portar e se vestir como se estivessem na Europa, e por este motivo, isso também se tornou um comércio. Várias eram as lojas que abriram naquele momento vendendo roupas e acessórios da moda em voga no continente europeu. Estas, sempre que chegavam novas peças, anunciavam o fato nos jornais da cidade e em geral realizavam uma espécie de desfiles em seus estabelecimentos para que as pessoas pudessem admirar e desejar aqueles trajes⁸.

Abreu estimulou ainda o que pôde não apenas da importação referente à moda, mas também de livros, artes, dentre outros. Acreditava que "é este um bom incentivo para melhorar a cultura, verdadeira fonte de riqueza para o país"⁹. Talvez por este seu pensamento,

⁵ GAMA ABREU, José Coelho da. *As regiões amazônicas: estudos corographicos dos estados do Gram Pará e Amazônas*. Lisboa: Impressão de Libanio da Silva, 1895

⁶ MOURÃO, Leila. *Memória da indústria paraense*. Belém: FIEPA, 1989

⁷ GAMA ABREU, José Coelho da. *A Amazônia: as províncias do Pará e Amazonas e o governo central do Brazil*. Lisboa: Typ. Minerva, 1883

⁸ Treze de Maio. Belém: Typ Santos e Filhos, 26 de junho de 1879, n 46, p.6

⁹ GAMA ABREU, José Coelho da. *Do Amazônas ao Sena, Nilo, Bosphoro e Danúbio: apontamentos de viagens*. Tomo 1. Lisboa: Typographia Universal, 1874, p.87

foi um incentivador e investidor nas melhorias de Belém que trouxessem à cidade conexão cada vez mais rápida, direta e cômoda com mais países e mesmo cidades brasileiras.

Dentre as edificações que foi responsável, algumas merecem destaque, como o Teatro da Paz, que, como já vimos, tiveram suas obras iniciadas em 1869 e concluídas em 1878, mas talvez as edificações mais importante de sua vida tenham sido, o já mencionado, Palácio Municipal de Belém - hoje Palácio Antônio Lemos, onde funciona a prefeitura e o Museu de Arte de Belém (MABE) - e também o Bosque do Marco da Légua, que mais tarde recebeu o nome de Bosque Rodrigues Alves - hoje Jardim Zoobotânico Bosque Rodrigues Alves, status adquirido em 2002.

O palácio (ver anexos, imagem 10), após longos debates de convencimento e persuasão por parte de Abreu, principalmente por envolver recursos financeiros altos, iniciou suas obras em 1860, enquanto ele ainda era diretor de Obras Públicas¹⁰. Três anos depois as obras foram suspensas pela primeira vez. Tendo sido inúmeras vezes reiniciadas e paralisadas, o prédio foi inaugurado em 1883, com o nome de Paço Municipal e Provincial e hoje ele é conhecido na cidade como Palácio Antônio Lemos, pois era de onde este, quando intendente municipal em fins do século XIX (1897-1912), fazia seus despachos.

Abreu se tornou o grande responsável, em seu mandato enquanto presidente da província, pela reinstalação, em 1881, da repartição de Obras Públicas, desativada desde a sua exoneração do cargo em 1871. Foi apenas depois disso que foram concluídas, no mesmo ano de 1883, as obras do Palácio Municipal e também o Bosque (ver anexos, imagem 19, 20, 21 e 22). Este é atualmente é uma grande área verde de 15 hectares no centro da cidade de Belém.

Em 1894, Abreu foi um dos principais atores que se envolveu na transformação de uso da edificação onde funcionava o Banco Comercial do Pará desde 1858, para o estabelecimento da Biblioteca e Arquivo Público Municipal. O prédio ficava na Travessa Campos Sales, no bairro da Campina. A biblioteca pública permaneceu neste prédio até o ano de 1986, quando, não cabendo mais ali, mudou-se para o Centro da Fundação Cultural Tancredo Neves (CENTUR). No antigo prédio permanece até hoje em funcionamento o Arquivo Público do Estado do Pará - APEP - aberto ao público para quem quiser visitar, realizar consulta ou pesquisa no acervo ali presente (ver imagem 15 e 16).

¹⁰ CRUZ, Ernesto. *As obras públicas no Pará*. Belém: Imprensa Oficial do Estado, 1967.

Em suas atitudes, Abreu sempre se mostrou coerente, e seguindo essa lógica, para ele, não bastava apenas implementar obras à moda parisiense, precisava-se também educar uma população para se portar, vestir e agir aos moldes europeus. Isso para ele ia além de edificar escolas e proporcionar boa educação em sala de aula. Necessitava também de alguns mecanismos reguladores da vida social.

Ao longo da segunda metade do século XIX, o poder público implementou através da redação e instituição de algumas leis, Códigos de Postura, Código Penal, ação policial, dentre outros recursos usados com a finalidade de controlar e impor normas para homens e mulheres, sobretudo aqueles com menor poder aquisitivo. Dessa forma se tornava alvo de especial atenção, principalmente em um momento em que o trabalho compulsório passava a ser trabalho livre na década de 1880¹¹.

Essas leis e Códigos de Postura Municipais regulamentavam a vida social na cidade e justificavam a ação da Polícia Municipal junto à população cidadina. O controle do poder público ia além da esfera do visual da cidade, se estendeu à moralidade dos habitantes, tanto que pelo código de posturas de 1897 ficava proibido fazer "algazarra, dar gritos sem necessidade, apitar, fazer batuques e sambas"¹².

Estes Códigos ficaram mais frequentes a partir da década de 1880. Um dos primeiros no sentido de europeizar a sociedade foi instituído em 1880, quando José Coelho da Gama Abreu era então o intendente municipal. Dessa forma estes códigos permitiam a imposição da polícia e iam "moldando" a sociedade. Dentre várias normas estabelecidas por ele não se podia andar sem camisa, cuspir nas ruas, andar com animais nos bondes, dentre outros.

Por exemplo, o Código de Posturas do Município do ano de 1880, em seu título IV, capítulo XVII, artigo 105, estabelecia que era proibido sob pena de 20 mil réis de multa proferir nas ruas e lugares públicos palavras obscenas", ainda proibia "praticar em público atos ou gestos reputados imorais ou obscenos". O capítulo XIX, artigo 107, estabelecia que "era proibido, sob pena de 30 mil réis de multa fazer bulhas, vozeiras e dar altos gritos sem necessidade"¹³.

¹¹ ALMEIDA, Conceição. Mulheres, violência e cidade: "demônios de saias" na Belém oitocentista. ANPUH, Anais do XXII Simpósio Nacional de História. João Pessoa, 2003.

¹² SARGES, Maria de Nazaré. Belém: Riquezas produzindo a Belle-Époque (1870-1912). Belém: Paka-tatu, 2002, p. 26

¹³ APEP - Arquivo Público do Estado do Pará. Coleção das Leis da Província do Gram Pará do ano de 1880. Pará, Typ. do Diário de Notícias. Lei nº 1028 de 05 de maio de 1880. Artigo 105.

Apesar de Abreu ter se tornado um dos atores sociais mais importantes na segunda metade do século XIX em Belém, ele ficou, de certa forma, eclipsado pela figura de Antônio Lemos, jornalista que é eleito Intendente de Belém entre 1897 e 1912. Este acaba recebendo os méritos pelas séries de transformações realizadas na cidade neste momento, possibilitada, sobretudo pelos recursos oriundos da exportação da goma elástica.

Dessa forma, Gama Abreu é transformado por pesquisadores em figura secundária nas ações ocorridas neste período. Apesar disso, é ator presente em quase todos os textos que abordam esta cidade na segunda metade do século XIX. Ora, como uma figura tão importante na conformação da cidade acaba sendo "esquecida", mas de certa forma aparece na maioria dos textos? Se as pesquisas esbarram nele, então ele já não deveria ter sido estudado mais detalhadamente?

Talvez a resposta a essas perguntas se deva a inúmeros motivos. Um deles é o fato de as mudanças mais significativas, ou as mais estudadas - estimuladas sobretudo pela pesquisa de Sarges - que aconteceram em Belém, sucederam na virada do século, quando Lemos já estava na intendência. Muitos também não conseguem analisar uma cronologia mais ampla deste período e entender que o cenário de mudança é principalmente possibilitado a partir das ações de pessoas que estavam pensando a cidade tempos antes e criaram um ambiente propício.

Por sua vez, estes atores, como Gama Abreu, também realizaram algumas implementações, além de terem iniciado várias outras que ficaram por ser concluídas e outras ainda esquecidas. À exemplo disso observa-se o próprio Palácio Municipal que hoje recebe o nome de Palácio Antônio Lemos, pois foi o local onde este trabalhou em seu mandato de cerca de 14 anos na intendência municipal. O que não se comenta é que foi Abreu o idealizador desta edificação e também quem tanto lutou para que esta fosse realizada e, após o início de suas obras, para que esta fosse concluída, o que aconteceu, como vimos, no ano de 1883.

Obras como esta se tornaram emblemáticas na paisagem de Belém e, já em meados do século XX, várias edificações concebidas neste período foram incluídas na lista de bens tombados pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN. Dentre vários casos, destaca-se, por exemplo, o próprio Palácio Antônio Lemos, além dos conjuntos de casas do século XIX situadas nas então denominadas Estrada de Nazareth e Estrada de São Jerônimo - atualmente Avenida Nazaré e Avenida Governador José Malcher, respectivamente. Entretanto, apesar da "oficialização" da importância desses bens em

Índice

1. Introdução	15
1.1. Apresentação	15
1.2. A biografia intelectual de Gama Abreu: problemas de método	27
- A biografia em questão	30
- O urbanismo em debate: categorias de método	34
- Belém e as questões metodológicas da história das cidades	40
2. Gama Abreu, o funcionário do império	48
2.1. O contexto da instituição da repartição de obras públicas	51
2.2. O Jovem Gama Abreu e as questões urbanas	65
3. Crônicas de cidades: o pensamento urbanístico de Gama Abreu e suas ações	89
3.1. Abreu e os pilares do urbanismo: circulação	95
3.1.1. Rios e o sistema fluvial amazônico	95
3.1.2. As ruas: pavimentação e traçado	99
3.1.3. O sistema ferroviário	101
3.2. Abreu e os pilares do urbanismo: embelezamento	105
3.2.1. As edificações e sua importância	110
3.2.2. Baías, portos e natureza	116
3.2.3. Passeios e parques	118
3.3. Abreu e os pilares do urbanismo: salubridade pública	124

envolvido em inúmeros assuntos provinciais e municipais. Por exemplo, pode-se citar o seu envolvimento com a distribuição e assentamento nas terras da colônia agrícola de Benevides quando foi Presidente da Província do Pará¹⁸.

Como se pôde perceber, muitas foram as contribuições das ações de José Coelho da Gama Abreu que deixaram um legado físico para os dias atuais. Além disso, ainda existem contribuições difíceis de mensurar que ficam restritas ao campo das ideias e pensamentos. É o caso, a partir de sua influência na sociedade da época, da disseminação de suas opiniões acerca dos ideais de igualdade, fraternidade e liberdade, principalmente ao que se refere à contribuição do trabalho assalariado ao invés do escravo.

Abreu estava em voga em um momento conturbado da vida política e econômica do país, figurando entre monarquistas e republicanos. Entre 1879 e 1881 foi presidente de província. No ano em que deixa a presidência recebe o título de Barão do Marajó pelos bons serviços prestados a nação. A partir desse momento é o responsável pela seleção de trabalhos e partida das comitivas paraense para algumas Exposições Universais, como foi o caso da de Paris, em 1889, e a de 1893, em Chicago.

Estas duas datas mostram sua influência e hegemonia mesmo o cenário brasileiro tendo mudado com relação ao seu sistema político e econômico, principalmente com a proclamação da república em 1889 e a abolição da escravidão no ano anterior, tendo se tornado, como vimos, em 1891, o primeiro intendente municipal de Belém.

¹⁸ NUNES, Francivaldo Alves. *A semente da colonização: um estudo sobre a colônia agrícola Benevides* (Pará, 1870-1889). Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Pará, 2008.

5. Conclusão

A presente tese buscou, não apenas através de um viés da História Urbana, mas também a partir do pensamento urbanístico alcançado por meio do desenvolvimento de uma biografia intelectual de José Coelho da Gama Abreu, analisar o período de renovação urbana da virada do século XIX e XX de Belém.

Estas renovações aconteceram devido a uma série de fatores, dentre eles: as ações de atores sociais que desde meados do século XIX já estavam pensando a cidade, e dentre eles Gama Abreu; o crescente capitalismo em escala global e, sobretudo local, a partir da posição do Brasil como exportador de matéria prima e o crescente mercado de consumo do látex, principalmente após a descoberta do processo de vulcanização da borracha por Charles Goodyear em 1840; a situação política brasileira que também se tornava gradativamente mais descentralizada, o que permitia certa autonomia por parte das províncias e municípios.

Gama Abreu, apesar de sua formação em direito, possuía tanta qualificação para tarefas ligadas às questões urbanas quanto, por exemplo, qualquer médico ou engenheiro que exercesse tais funções naquele momento. A partir de suas posturas e seu caráter reformador, Abreu pode ser então entendido como um urbanista na concepção e entendimento dessas funções para fins do século XIX.

Sua vida foi marcada pelos contatos e cruzamento com outros atores sociais também em voga naquele momento sobretudo na cidade de Belém. Um dos mais importantes, logo no início de sua carreira como funcionário público, quando ainda era um jovem a frente da direção da repartição de obras públicas, foi Henrique de Beaurepaire-Rohan. Pela formação de engenheiro deste último e pelos cargos de "alto escalão" que exerceu no governo imperial no Brasil, destaca-se aqui não apenas a importância de seus conhecimentos compartilhados com Abreu, mas também sua importância política no império.

Percebe-se o crescimento pessoal de Abreu ainda mais acentuado após o contato com Rohan. De fato durante o mandato deste como presidente da província do Pará, Abreu troca com ele uma grande quantidade de correspondências esclarecendo dúvidas, pedindo conselhos, bem como críticas de suas ações, além, evidentemente, de aprender com ele várias técnicas e processos do ofício de engenheiro.

Gama Abreu inicia assim a sua vida de funcionário público a frente da direção da repartição de obras públicas, lugar onde aprendeu muito e também muito pode fazer e propor para a cidade de Belém. Vários foram os serviços, equipamentos e obras públicas propostas

por ele que merecem destaque, como o Mercado Municipal, o Teatro da Paz, o Palácio Municipal, o Bosque Rodrigues Alves, dentre outras. Abreu passou dezesseis anos a frente desta repartição.

A partir da análise de seus pensamentos, pode-se concluir também que Abreu tem uma grande importância em levar para Belém, bem como dotá-la dos progressos e tecnologias que estavam sendo utilizadas nas principais capitais do mundo. Isso também se evidencia por ele ter freqüentado inúmeras Exposições Universais, sobretudo as que, a partir do recorte do seu olhar, pôde selecionar as obras da província do Pará que figuraram nas exposições de Paris e de Chicago, em 1889 e 1893 respectivamente.

Além disso, em um diálogo entre o universal e o particular, ele foi um ator que se envolveu com diversas problemáticas específicas brasileiras, sobretudo no caso de Belém, como se percebe em seus pensamentos contrários a uma centralização de poderes e decisões no Brasil. Defendia com isso a descentralização e a autonomia das províncias em relação ao governo central. Assim, ainda demonstrou certas tensões entre liberalismo e escravismo e entre centro e periferia.

As ações de Gama Abreu como administrador público pode também ser analisada a partir de uma relação tensa entre as concepções *higienistas* e a necessidade de modernização funcional capitalista então nascente no Brasil, inclusive diante do surgimento de uma economia de exportação principalmente da goma elástica na região norte.

Dessa forma, retomando as classificações de Françoise Choay de urbanistas culturalistas e progressistas, quando abordada a figura de Gama Abreu, pode-se destacar que este foi um progressista: pró-modernização, racionalização e “eficiência” econômica capitalista. Suas ações não estavam dissonantes do pensamento em viga em muitos lugares durante fins do século XIX. Ele faz parte então da gama de atores responsáveis pela criação de um novo tipo de segregação social e espacial nas cidades.

Foi a partir dessas suas posturas e pensamentos que Abreu realiza seus apontamentos de viagem. Nestes, ficam ainda mais evidentes e coerentes suas ações enquanto funcionário do império e também como pensador das questões urbanas.

Destaca-se então as preocupações de Abreu quanto ao embelezamento citadino. Suas ações a frente dos cargos que assumiu enfatizam o que se percebe em seus apontamentos: um olhar atento às benesses conferidas à imagem da cidade dentre serviços, equipamentos e aspectos paisagísticos, isso tudo sob um determinado comportamento social que conferia aspectos estéticos às cidades. Em Belém, ainda controlava o social a partir de uma série de

Códigos de Posturas, alguns elaborados por ele próprio. Um dos principais deste período foi publicado em 1880, justamente quando Abreu era o presidente da província.

Apesar de ser preocupado com a salubridade cidadina, Abreu também utilizava esta preocupação como meio para outros fins, principalmente para conseguir apoio às propostas para o embelezamento que tanto desejava. Entretanto este não era seu único objetivo. Ele demonstrava que isto de fato era entendido como um problema por ele. Indo ao encontro do que se pensava naquele momento acerca da saúde pública, em seu pensamento vigorava as teorias miasmáticas, na qual as doenças teriam origem nos miasmas: o conjunto de odores fétidos de matéria orgânica em putrefação nos solos e lençóis freáticos contaminados.

Dessa forma, se preocupava em dotar a cidade de equipamentos e aspectos que a livrassem dos maus que pudessem acometê-la. Assim, pensou em espaços para matadouros e cemitério fora do centro da cidade, um Mercado Público onde os alimentos pudessem ser vendidos de forma a não ficarem expostos ao tempo, um sistema de ajardinamento e plantio de árvore que fossem responsáveis pela "melhora" do ar que circulava na cidade, além de obras em geral que conferissem à cidade melhor circulação de ar e iluminação natural. É valido ainda ressaltar que essas teorias foram contestadas já em fins do século XIX por pesquisas médicas.

Um fator agravante na cidade de Belém é a sua cota em relação ao nível do mar, sendo uma cidade muito plana e com gabarito baixo, o que resultava em muitas áreas alagadas e pantanosas. Por conta desse aspecto natural o crescimento de Belém foi comprometido por muito tempo e, em fins do século XVIII, quando foi finalmente ultrapassado uma dessas principais barreiras, denominada de alagado do Piry, a cidade se expandiu. Essa expansão acontece já no século XIX, sobretudo na segunda metade, quando a cidade se recuperava da revolta da Cabanagem (1835-1840) e os recursos da província melhoravam por conta da crescente exportação da goma elástica. Essa expansão foi realizada principalmente a partir da abertura de estradas construídas sobre as faixas mais elevadas de terra.

No século XIX, sobretudo a partir da segunda metade do século com as ações de Abreu, tanto as estradas mais recentes como as datadas do século XVIII foram objetos de preocupação. Em suas conformações são observados aspectos de embelezamento e salubridade, pois estas possuíam árvores plantadas em linha reta, acentuando o traçado das ruas, e também pavimentações em paralelepípedos.

Esse revestimento das vias de circulação, além deixar uma paisagem mais bonita e com aparência comparável às grandes capitais européias, elas evitavam que ficasse um chão

em terra batida, onde os viajantes de meados do século XIX afirmavam ter muitas pulgas e carrapatos, facilitando a proliferação de doenças. Com relação as árvores, além de deixar o visual mais agradável, também beneficiavam a salubridade, se levar em conta as crenças daquele período acerca dos miasmas.

Por Abreu se mostrar extremamente político em suas atitudes, não é dissonante de suas observações o relato de questões relativas à caridade, mendicância e discriminação. Além de tudo, seus apontamentos de viagem foram escritos em um período específico e pra sociedade que vivia naquele momento. Abreu também sabia da importância do impacto de suas idéias expostas em seus livros na sociedade da época, sobretudo seus devidos julgamentos.

Também preocupado com o social, ou querendo ser visto como figura atenta a isso, ele expõe seus pensamentos contrários ao trabalho escravo. Apesar de ser um monarquista declarado, sempre se mostrou um liberal em suas idéias e pensamentos. Isso fez com que estivesse em voga em dois momentos políticos distintos no Brasil: no império, sendo inclusive agraciado com o título de Barão de Marajó em 1881 pelos bons serviços prestados à nação; e também na república, tendo inclusive se tornado o primeiro intendente municipal de Belém.

Logo que retornou a Belém de sua formação em direito e matemática, foi professor do Lyceu Paraense. Daí pra frente sempre foi relacionado e se mostrava envolvido com as questões tocantes a educação. Além disso, também sabia a influência que a educação tinha sobre o comportamento das pessoas em sociedade. Dessa forma investiu na formação da biblioteca e do arquivo público, além do teatro e espaços para exposições de arte que ele também afirmava ter impacto social.

Dessa forma, conclui-se que Gama Abreu se preocupava não apenas com o ideário nascente do urbanismo, então disciplina em formação, mas também com a funcionalidade da cidade em modernização para as novas atividades, o comércio veloz, a exportação, a circulação de bens, mercadorias e serviços, a articulação regional entre cidades, o saneamento, a dimensão paisagística e das artes urbanas no espaço citadino.

Seria então uma preocupação gerencial, de razões funcionais e econômicas, em paralelo a outra, de manifestação estética, mas que representava um ativo fundamental nas cidades de proeminência econômica da época; a profusão de monumentos, da produção do espaço público e do impacto visual do quadro urbanístico (bulevares, avenidas, praças, parques, águas, vegetação, mobiliário urbano, etc.).

Esta nova paisagem urbana então em formação na cidade de Belém pode ser evidenciada nos cartões postais que começaram a circular a partir de 1890, aumentando sua quantidade a medida que o fim do século se aproximava. Apesar de grande parte dessa produção se concentrar no período em que Antônio Lemos já era o intendente municipal (1897-1912), estes apresentavam fotografias feitas desde 1870, além de, naquelas datadas da virada do século, também se perceber muitas contribuições das ações de Abreu.

O mais interessante então é perceber, a partir de tudo o que foi abordado nesta tese, os elementos em destaque nestas imagens que sofreram influência das ações de Gama Abreu direta ou indiretamente, seja a quantidade de comércios estabelecidos na cidade, os bancos a partir de incentivos e investimentos em itens que acarretaram melhorias econômicas, nos trilhos dos bondes, na eletricidade e iluminação pública, no calçamento das ruas e praças, na arborização da cidade, nas casas construídas naquele momento que hoje são inclusive tombadas pelo IPHAN, no mercado público, no Teatro da Paz, no Bosque Rodrigues Alves ou ainda no Palácio Municipal.

Eram então as imagens mostrando a paisagem urbana de Belém para os belenenses e para o mundo através de cartões postais e evidenciando as interferências das ações de José Coelho da Gama Abreu nessa nova conformação visual da cidade.

6. Anexos



Imagem 1. Boulevard Castilho França. Fonte: Belém da saudade: a memória de Belém no início do século em cartões postais. Belém: Secult, 1996

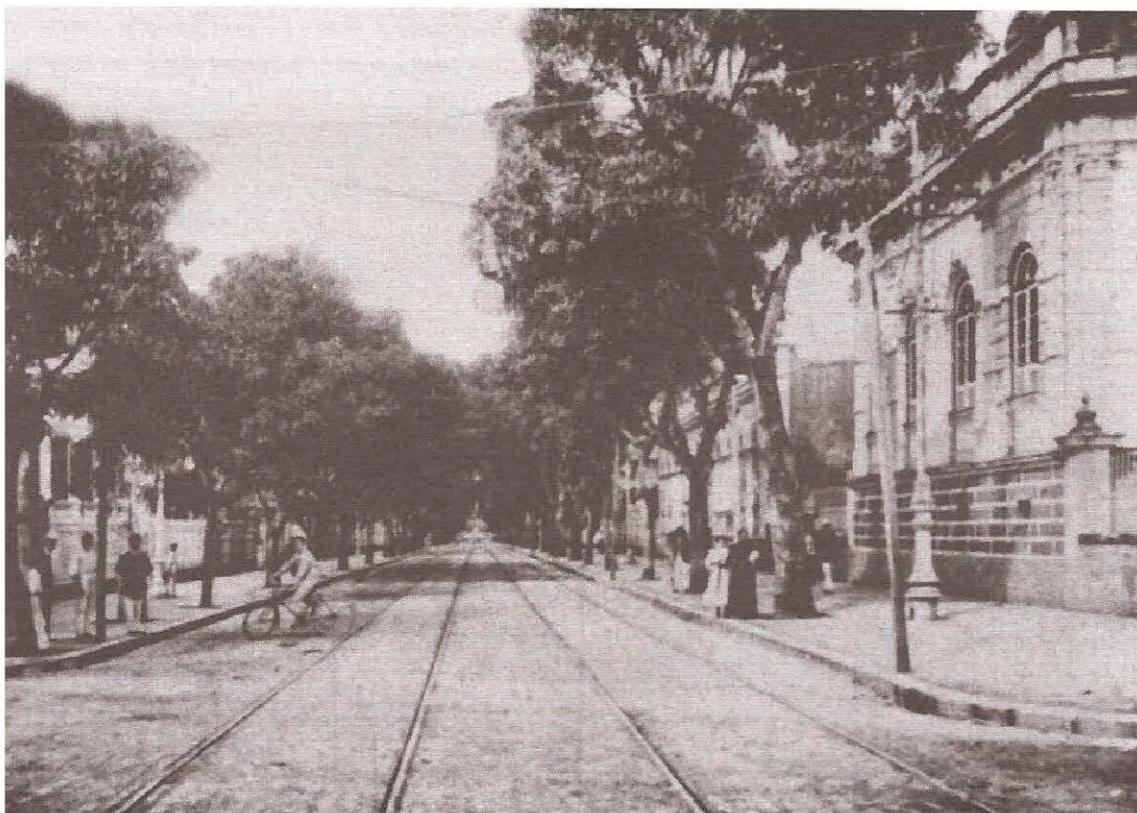


Imagem 2. Avenida São Jerônimo, atual Avenida Governador José Malcher, 1905. In.: SARGES, Maria de Nazaré. Belém: riquezas produzindo a belle-époque (1870-1912). Belém: Paka-tatu, 2002



Imagem 3. Trilhos dos bondes na recém pavimentado Boulevard da República, Belém, 1890. Fonte: Fidanza, Felipe Augusto. Boulevard da República 1, ca. 1890 albúmen, Coleção Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro - MAM-RJ -doação White Martins



Imagem 4. Praça da Trindade, início século XX. Fonte: Fidanza, Felipe Augusto. Boulevard da República 1, ca. 1890 albúmen, Coleção Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro - MAM-RJ -doação White Martins



Imagem 5. Praça da República, início século XX. Fonte: Fidanza, Felipe Augusto. Boulevard da República 1, ca. 1890 álbumen, Coleção Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro - MAM-RJ -doação White Martins



Imagem 6. Rua 15 de Novembro com a edificação do *Bank of London* em primeiro plano Fonte: Belém da saudade: a memória de Belém no início do século em cartões postais. Belém: Secult, 1996

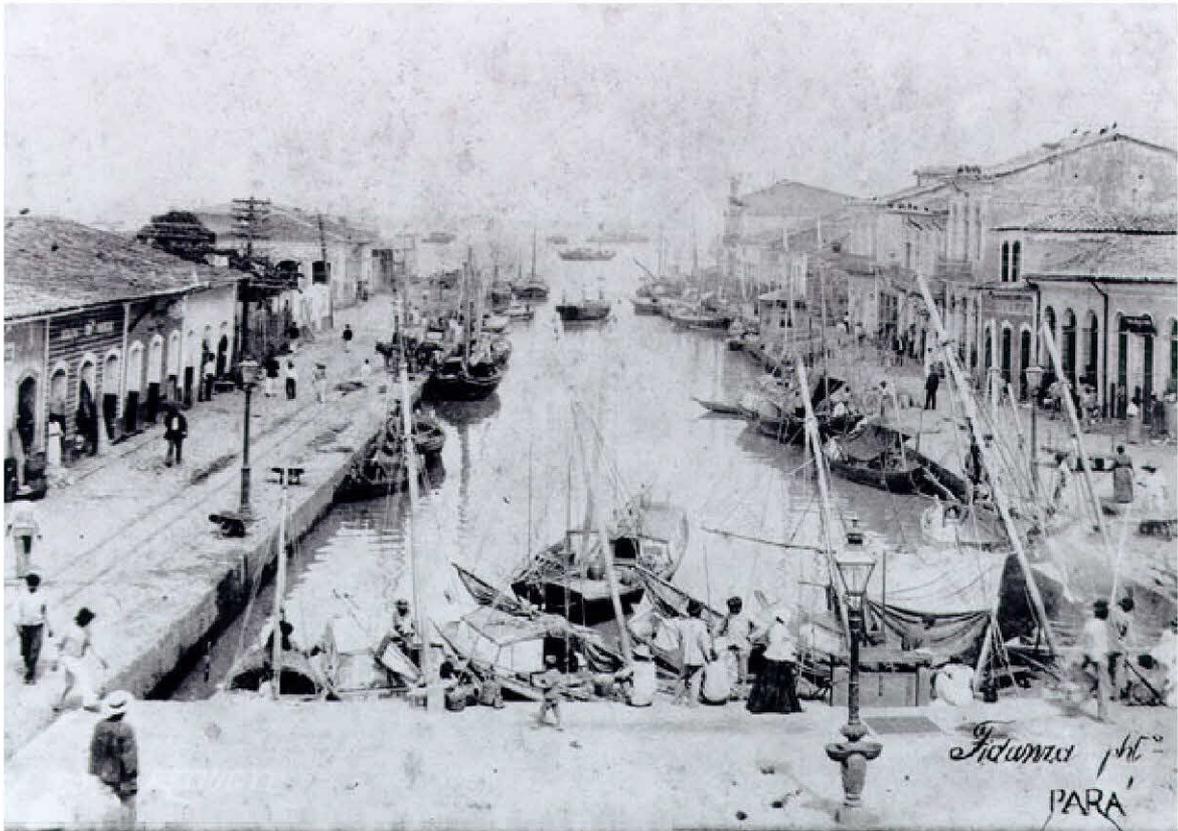


Imagem 7. Docas do Bairro do Reduto. Fonte: Fidanza, Felipe Augusto, Docas do Reduto, ca. 1875, albúmen, Coleção Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro - MAM-RJ -doação White Martins



Imagem 8. Docas do Bairro do Reduto. Fonte: Fidanza, Felipe Augusto. Docas do Reduto, ca. 1875, albúmen, Coleção Gilberto Ferrez, Acervo do Instituto Moreira Salles

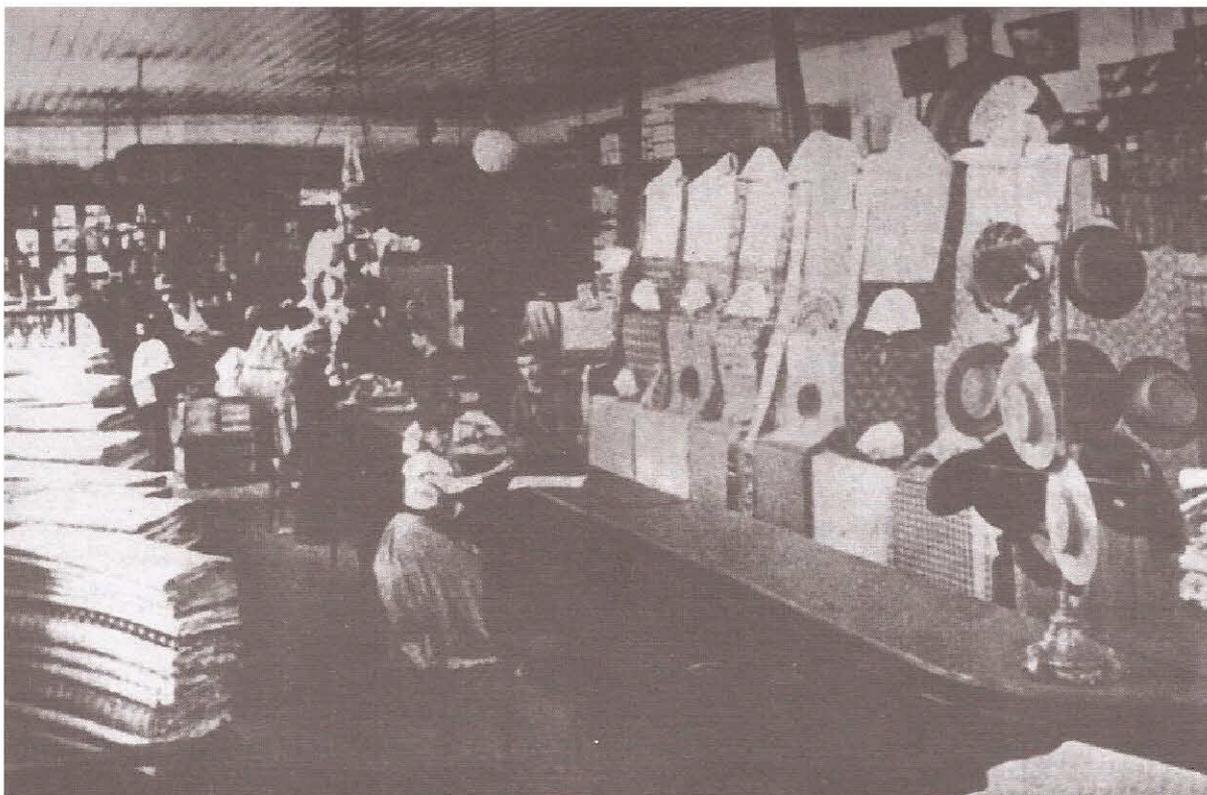


Imagem 9. "Leão na América", interior deste grande estabelecimento de modas em Belém. In.: SARGES, Maria de Nazaré. Belém: riquezas produzindo a belle-époque (1870-1912). Belém: Paka-tatu, 2002



Imagem 10. Paço Municipal e Provincial / Palácio Antônio Lemos, ao fundo vê se o Palácio do Governo (projeto do arquiteto italiano Antônio Landi). In: Belém da Saudade. A Memória da Belém do início do Século, em Cartões-Postais. Belém: Secult, 1996.



Imagem 11. Prédio da Biblioteca e Arquivo Público Municipal, na esquina da Travessa Campos Sales com a rua 13 de maio. In.: SARGES, Maria de Nazaré. Belém: riquezas produzindo a belle-époque (1870-1912). Belém: Paka-tatu, 2002



Imagem 12. Túnel de mangueiras na Travessa Quintino Bocaiúva, Bairro de Nazaré, 2008.
Foto: Jorge Nassar Fleury



Imagem 13. Mercado Municipal. Foto: Jorge Nassar Fleury



Imagem 14. Mercado Municipal. Foto: Jorge Nassar Fleury



Imagem 15. APEP - Arquivo Público do Estado do Pará. Foto: Jorge Nassar Fleury



Imagem 16. Interior APEP - Arquivo Público do Estado do Pará. Foto: Jorge Nassar Fleury



Imagem 17. Teatro da Paz e um pouco da praça da República onde se situa, ambos projetos arquitetônicos e paisagísticos da segunda metade do século XIX. Foto: Jorge Nassar Fleury



Imagem 18. Palácio Municipal de Belém, conhecido como Palácio Antônio Lemos, onde funciona também o MABE - Museu de Arte de Belém. Foto: Jorge Nassar Fleury

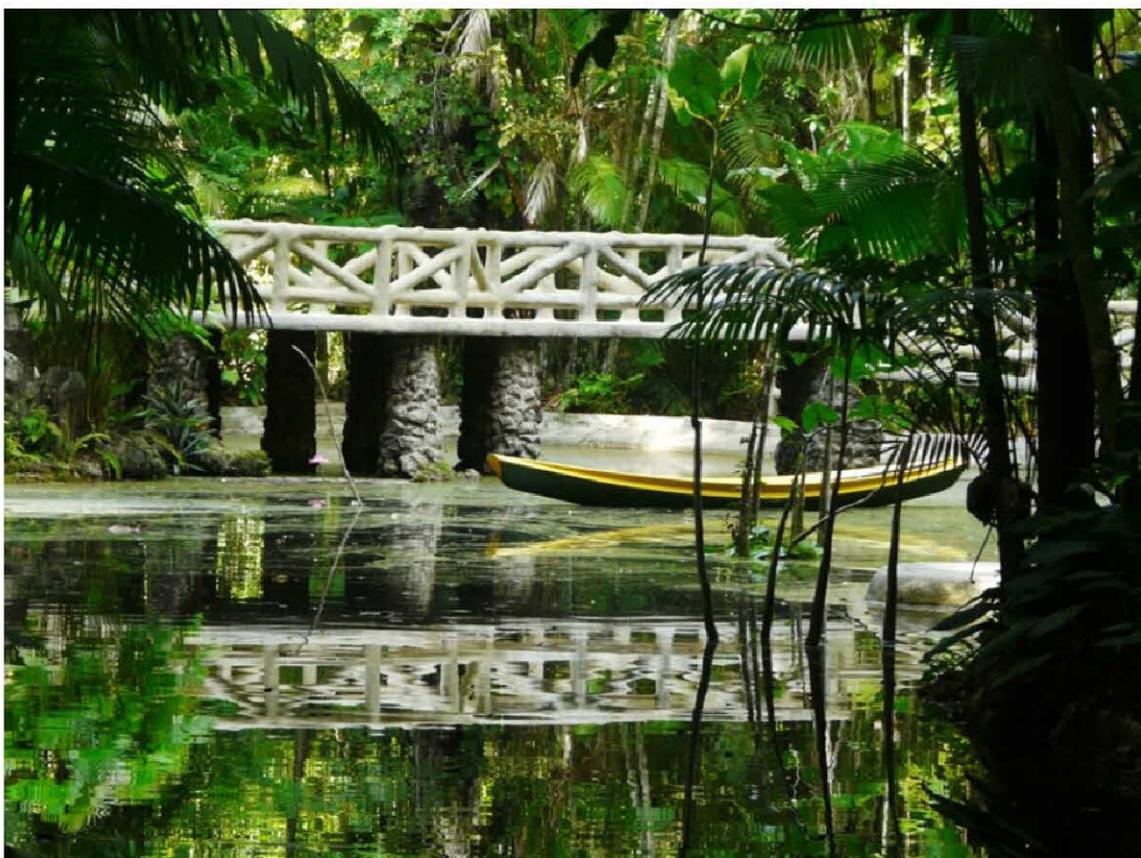


Imagem 19. Ponte sobre lago com canoa no Bosque Rodrigues Alves. Foto: Jorge Nassar Fleury



Imagem 20. Fonte com chafariz no Bosque Rodrigues Alves. Foto: Jorge Nassar Fleury



Imagem 21. Passeio pelo Bosque Rodrigues Alves. Foto: Jorge Nassar Fleury

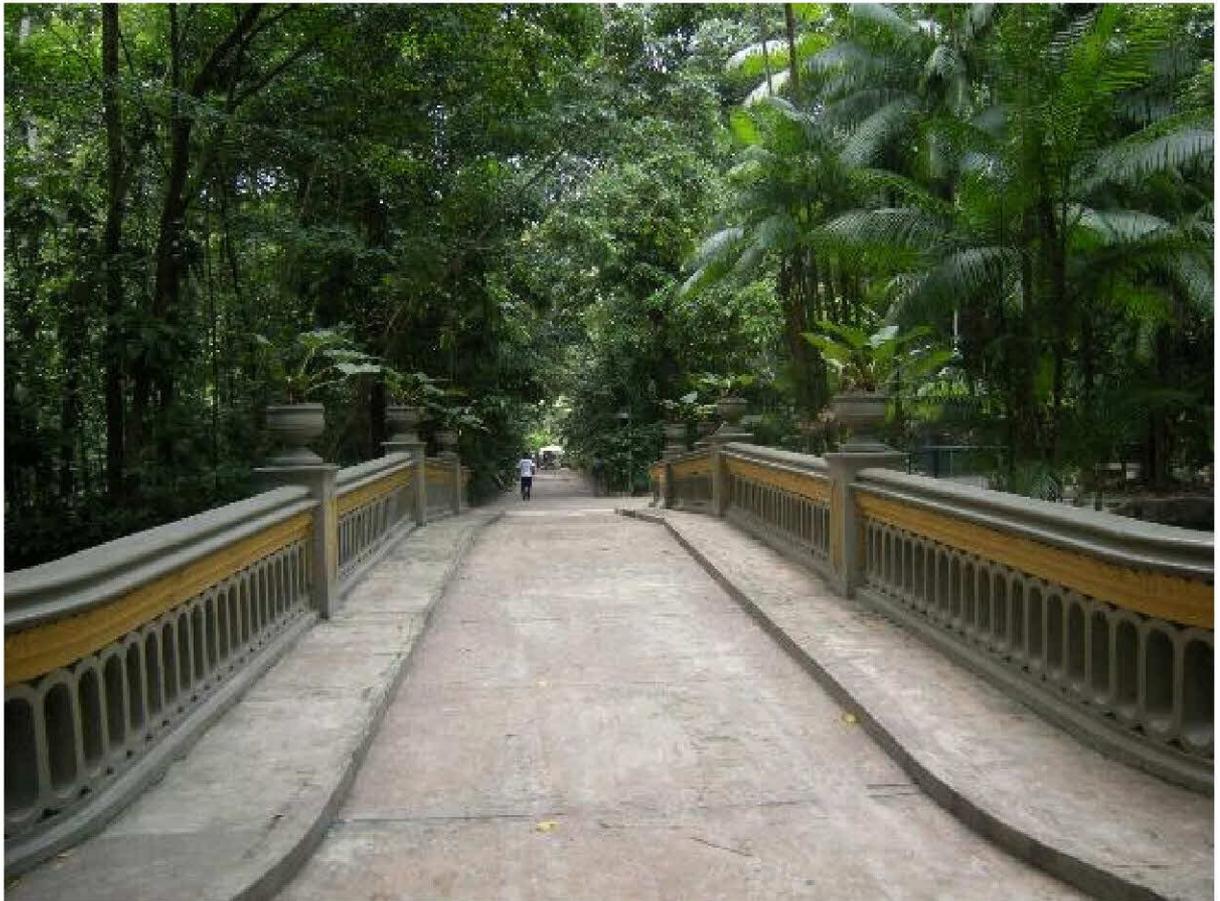


Imagem 22. Ponte sobre lago e vegetação nativa no Bosque Rodrigues Alves. Foto: Jorge Nassar Fleury

7. Fontes

Cartografia

Arquivo Público do Pará

Planta topographica da cidade de Belém com atual distribuição de encanamentos para o abastecimento d'água, n. 06, gav. 04

Projeto da comissão do saneamento de Belém, n. 05, gav. 04

Prospecto da capela do Santíssimo, anexado em MP, n. 11 gav. 05

Planta da cidade de Belém (capital do Pará), mandada levantar pela Pará Gas Works pelo engenheiro James Eagle, em 12 de maio de 1863. n. 12

Plano geral das linhas de carris de ferro concedida pela Câmara Municipal de Belém, n.17, gav. 05

Biblioteca Nacional

Reis, Inácio Antonio dos. Planta da cidade de Belém do Gram Pará. [S.l.] : Real Archivo Militar, [s.d.].

Mapoteca do Museu Emilio Goeldi

Mappa da distribuição geográfica das principais árvores fornecedoras de Goma Elástica no Estado do Pará, segundo os dados fornecidos pelo Museu Goeldi, organizado pelos Drs. José Picanço Diniz e Jacques Huber, n.436

Biblioteca Pública Arthur Vianna

Planta topographica da Cidade de Belém com a actual distribuição de encanamentos para o abastecimento de água. n. 42

Mappa do Estado do Pará por Henrique Santa Rosa, n. 43

Patrimonio do conselho municipal de Belém, capital do Estado, com uma população de 190.000 almas. n. 57

Planta topographica das nascentes do Utinga. Captação dos Manaciaes. Administração dos Dr. José Paes de Carvalho e Augusto Montenegro. n. 73

Publicado

Mapa da Província do Grão-Pará In.: Atlas do Império do Brazil... pelo Conselheiro Barão Homem de Melo e Tenente Coronel de Engenheiros Francisco Antônio Pimenta Bueno, organizado e gravado por Claudio Lomellino de Carvalho. Rio de Janeiro, Paulo Robin & Cia, 1882, n.V – Anotado e corrigido pelo Barão do Rio Branco

Planta da Cidade do Pará. Mandada levantar pela vereação do quadriênio de 1883-1886 pelo engenheiro da Câmara Manoel Odorico Nina Ribeiro. In.: As regiões amazônicas – estudos chorograficos dos estados do Gram-Pará e Amazonas – pelo Barão do Marajó. Lisboa: Imprensa de Libanio da Silva, 1895, entre paginas 394-395

Mapa do estado do Pará organizado pelo engenheiro Henrique Americo Santa Rosa, segundo as notas Ilm. Snr. Domingos Soares Ferreira Penna e as melhores plantas existentes. Desenhado por J. C. Correa de Faria e José de Castro Figueiredo. Pará, Lith

de C. Wiegandt, 1892 In: Revista do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro, tomo LVIII, parte II, Rio de Janeiro, 1895, págs. 393-394

Planta da cidade de Belém do Pará levantada pelo engenheiro Manoel Odorico Nina Ribeiro. In.: Ensaio de iconografia das cidades portuguesas do Ultramar, por Luís Silveira. 4v. Lisboa, Ministério do Ultramar 1955. 4º v. p. 513, est. 936

Reprodução da obra que esta no Album dês principales avenues, places, monuments, ports, statues de l'État de Pará, que está apenso a obra l'État de Pará, editada por A. Lahure, em Paris, 1897.

Ofícios

Ofícios da Província do Pará, Palácio da Presidência da cidade de Belém, em 23 de julho de 1856

Ofícios da Província do Pará, Palácio da Presidência da cidade de Belém, em 12 de agosto de 1856

Ofícios da Província do Pará, Palácio da Presidência da cidade de Belém, em 16 de agosto de 1856

Periódicos

Citados

Periódico Treze de Maio. Belém: Typ Santos e Filhos, 6 de março de 1847, n 682

Periódico Treze de Maio. Belém: Typ Santos e Filhos, 15 de julho de 1848, n 817

Periódico Treze de Maio, 10 de janeiro de 1854, n.277

Periódico Treze de Maio. Belém: Typ Santos e Filhos, 20 de junho de 1854, n 346

Periódico Treze de Maio. Belém: Typ Santos e Filhos, 25 de julho de 1854, n 361

Periódico Treze de Maio. Belém: Typ Santos e Filhos, 19 de abril de 1855, n 476

Periódico Treze de Maio. Belém: Typ Santos e Filhos, 7 de agosto de 1855, n 525

Periódico Treze de Maio. Belém: Typ Santos e Filhos, 23 de agosto de 1855, n 532

Periódico Treze de Maio. Belém: Typ Santos e Filhos, 28 de março de 1856, n 696

Periódico Treze de Maio. Belém: Typ Santos e Filhos, 31 de maio de 1856, n 696

Periódico Treze de Maio. Belém: Typ Santos e Filhos, 15 de julho de 1856, n 786

Periódico Treze de Maio. Belém: Typ Santos e Filhos, 21 de julho de 1856, n 791

Periódico Diário do Commercio, 31 de maio de 1859, n. 120

Periódico Treze de Maio, 27 de fevereiro de 1861, n.7

Periódico Treze de Maio, 1 de maio de 1861, n.25

Periódico Treze de Maio, 14 de agosto de 1861, n.55

Consultados

O Beija-Flor. Belém, 1850-1851

O Incentivo. Belém, 1851
13 de Maio. Belém, 1853-1856, 1961
O Colono de N^a Senhora do Ó. Belém, 1856-1857
O Director. Belém, 1857
O Adejo Literário. Belém, 1857
Gazeta Oficial. Belém, 1858-1860
Diário do Gram-Pará. Belém, 1858-1868
Diário do Comércio. Belém, 1859
A Epocha. Belém, 1859
A Estrela do Norte. Belém, 1863-1865
Jornal do Pará. Belém, 1867-1878
Diário de Belém. Belém, 1868-1874, 1876-1882
Liberal do Pará. Belém, 1869-1889
Colombo. Belém, 1869
O Futuro. Belém, 1872
Baixo Amazonas. Belém, 1872, 1876, 1883-1886
A Regeneração. Belém, 1873-1876
A Constituição. Belém, 1876-1884, 1886
A Província do Pará. Belém, 1876-1877, 1879-1883, 1885-1892, 1896-1902, 1905-1911
A Boa Nova. Belém, 1877-1879
Diário de Notícias. Belém, 1881-1898
Gazeta de Notícias. Belém, 1881
Jornal da Tarde. Belém, 1881
Diário de Belém. Belém, 1886, 1888
República. Belém, 1886-1887
A Arena. Belém, 1887
O Caixeiro. Belém, 1889
O Evoluir. Belém, 1889
O Porvir. Belém, 1889
O Trabalho. Belém, 1889
O 31 de Agosto. Belém, 1889
Reação. Belém, 1889, 1891
O Democrata. Belém, 1890-1895
O Aprendiz. Belém, 1890

O Gladio. Belém, 1890
A Pátria. Belém, 1890
Revista Estudantina. Belém, 1890
Sylvio Romero. Belém, 1890
A República. Belém, 1890-1897, 1899-1900
A Voz do Caixeiro. Belém, 1890
O Apologista Cristão Brasileiro. Belém, 1890-1910
O Pimpão. Belém, 1891
Diário Oficial. Belém, 1891-1917
O Correio Paraense. Belém, 1892-1894
A Pátria Paraense. Belém, 1894
Folha do Norte. Belém, 1896-1917
O Holophote. Belém, 1897
O Pará. Belém, 1897-1900

Relatório de Presidentes de Província

Discurso recitado pelo Exm. Snr. Doutor João Antônio de Miranda, presidente da província do Pará na abertura da Assembléia Legislativa Provincial, 15 de agosto de 1840, Pará: Typ Santos e Menos, 1840

Discurso recitado pelo Exm. Snr. Coronel José Thomaz Henriques, presidente da província do Pará na abertura da segunda sessão da Assembléia Legislativa Provincial no dia 15 de agosto de 1843. Pará: Typ Santos & Menores, 1843

Falla dirigida pelo Exm^o Snr Conselheiro Jerônimo Francisco Coelho, presidente da província do Gram-Pará a Assembléia Legislativa Provincial na abertura da sessão ordinária da sexta legislatura no dia 1^o de outubro de 1848. Pará: Typ Santos & Filhos, 1848

Relatorio feito pelo exm.o sñr. conselheiro Jeronimo Francisco Coelho, presidente desta provincia, e entregue ao 1.o vice presidente em exercicio, o exm.o snr. dr. Angelo Custodio Corrêa, no dia 1.o de agosto de 1850. Pará, Typ. de Santos & filhos, 1850

Relatório feito pelo Exm. Senr. Dr. Angelo Custódio Correa, 1^o vice presidente desta província, por ocasião de dar posse da administração da mesma ao exm. sr. Conselheiro Sebastião do Rego Barros. Pará, 16 de novembro de 1853

Fala dirigida a Assembléia Legislativa Provincial do Amazonas, no dia 1^o de agosto de 1854, em que se abriu a sua 3^a sessão ordinária pelo Exm. Presidente da província do Amazonas o Snr. Conselheiro Herculano Ferreira Pena

Fala que o Exm. Snr. conselheiro Sebastião do Rego Barros, presidente desta província, dirigiu á Assembléia Legislativa provincial na abertura da mesma Assembléia no dia 15 de agosto de 1854. Pará: Typ. da Aurora Paraense, 1854.

Exposição apresentada pelo Exm Snr Dr João Maria de Moraes, vice-presidente da província do Pará, por ocasião de passar a administração da mesma província para o Exm Snr Coronel Miguel Antônio Pinto Guimarães. Pará: Typ de Santos e Filhos, 1855

Relatório apresentado á Assembléia Legislativa Provincial do Pará no dia 15 de agosto de 1856, por ocasião da abertura da primeira sessão da 10.a legislatura da mesma Assembléia, pelo presidente, Henrique de Beaurepaire-Rohan. Pará: Typ. de Santos & filhos, 1856

Relatório apresentado à Assembléia Legislativa Provincial do Pará no dia 15 de agosto de 1857, por ocasião da abertura da segunda sessão da 10ª legislatura da mesma Assembléia, pelo presidente Henrique de Beaurepaire Rohan. Pará: Typ Santos & Filhos, 1857

Relatório apresentado ao Ilm. e Exm. Senr. Dr. João da Silva Carrão, no ato de ser empossado da presidencia da província do Pará, por Henrique de Beaurepaire Rohan. Pará: Typ de Santos & Filhos, 27 de outubro de 1857

Relatório lido pelo exmo. sr vice-presidente da província, dr Ambrósio Leitão da Cunha, na abertura da primeira sessão ordinária da XI legislatura da Assembléia Legislativa Provincial no dia 15 de agosto de 1858. Pará: Typ Commercial de Antônio José Rabello Guimarães, 1858

Relatório do dia 8 de dezembro de 1858, pelo presidente da Província do Pará Leitão da Cunha. Pará: 1858

Fala dirigida à Assembléia Legislativa da província do Pará na segunda sessão da XI legislatura pelo exm. sr. tenente coronel Manoel de Frias e Vasconcellos, presidente da mesma província, em 1 de outubro de 1859. Pará: Typ Commercial de A. J. R. Guimarães, 1859.

Relatório dos negócios da província do Pará. Dr. Couto de Magalhães, presidente do Pará, 1864. Pará: Typ. de Frederico Rhossard, 1864

Relatório com que o Exm. Snr. Coronel Miguel Antonio Pinto Guimarães, segundo vice-presidente da província do Pará passou a administração da mesma ao Exm. Snr. primeiro vice-presidente Conego Manoel José de Siqueira Mendes. Pará: Typ do Diário do Gram-Pará, 1870

8. Referências Bibliográficas

Obras raras

APEP - Arquivo Público do Estado do Pará. Coleção das Leis da Província do Gram Pará do ano de 1880. Pará: Typ. do Diário de Notícias. Lei nº1028 de 05 de maio de 1880. Artigo 105

BAENA, Antônio L. M. *Ensaio Corográfico sobre a Província do Pará*. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2004, 432p.

BAENA, Antônio L. M. *Compêndio das Eras da Província do Pará*. Belém: Universidade Federal do Pará, 1969, 395p.

BARATA, Manuel de Melo Cardoso. *Formação histórica do Pará*; obras reunidas. Edição comemorativa do sesquicentenário da Adesão do Pará à Independência do Brasil. Belém: Universidade Federal do Pará, 1973

BARATA, Manoel. *Fastos Paraenses, as primeiras ruas de Belém*, in Revista do IHGB, tomo LXXVII, Parte I, Rio de Janeiro, 1915

BARATA, Manoel. *Formação histórica do Pará*. Belém: UFPA, 1973

BASTOS, A. C. Tavares. *A província*. Rio de Janeiro, 1870

BATES, Henry Walter. *Um naturalista no rio Amazonas*. São Paulo: EDUSP, 1979

BELLIDO, Remijio de. *Cartographia, catálogo dos mappas e cartas geographicas da Bibliotheca e Archivo Público do Pará*. Pará: Imprensa Oficial, 1910

BELLIDO, Remijio de. *Catálogo dos jornaes paraenses, 1822-1908*. Pará: Imprensa Oficial, 1908

BRAGA, Theodoro. *Noções de Chorographia do Estado do Pará*. Belém, Pará: Empreza Graphica Amazonia, 1919

BRAUM, João Vasco Manuel de. *Descrição chorográfica do Estado do Grão-Pará*. 1789. In Revista do IHGB tomo XXXVI, Parte I, Rio de Janeiro, 1873

CORDEIRO, Luíz. *O Estado do Pará, seu comércio e indústria de 1719 a 1920*. Belém, 1920

CRUZ, Ernesto. *As obras públicas no Pará*. Belém: Imprensa Oficial do Estado, 1967

CRUZ, Ernesto. *História de Belém*. Belém: UFPA, 1973

CRUZ, Ernesto. *História do Pará*. Belém: UFPA, 1973

CRUZ, Ernesto. *Ruas de Belém: significado histórico de suas denominações*. Belém: Cejup, 1992

GAMA ABREU, José Coelho. *A Amazonia, as provincias do Pará e Amazonas, e o governo central do Brazil*. Lisboa: Typ Minerva, 1883

GAMA ABREU, José Coelho. *As regiões amazônicas, estudos chorográficos dos estados do Grão-Pará e Amazonas*. Lisboa: L. da Silva, 1895, p.389

GAMA ABREU, José Coelho. *Do Amazonas ao Sena, Nilo, Bosphoro e Danúbio, apontamentos de viagem*. Tomo 1, 2 e 3 Lisboa: Typographia Universal, 1874

GAMA ABREU, José Coelho. *The state of Pará: notes from the exposition of Chicago*. New York: The Knickerbocker Press, 1883.

KIDDER, Daniel Parish (1815-1891). *Reminiscências de viagens e permanência nas províncias do norte do Brasil: compreendendo notícias históricas e geográficas do Império e das diversas províncias*. Trad. de Moacir N. Vasconcelos. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1980. Col. Reconquista do Brasil. V. 16.

LISBOA, João Francisco. *Crônica maranhense, estudos e documentos*. Rio de Janeiro, Museu Histórico Nacional, 1969, vol II

MARCOY, Paul. *Viagem pelo rio Amazonas*. Trad. Antonio Porro. Manaus: EDUA, 2001

MEIRA, Augusto. *Evolução histórica de Belém do Grão-Pará*. Belém: Grafisa, 1976

MOURA, Ignacio. *A exposição artística e industrial do Lyceu Benjamim Constant*. Estado do Pará, Belém: Impresso na typ. do Diário Oficial, 1895

PARÁ, Governo do Estado. *O Pará na Exposição Internacional de Paris em 1889*. Relatório do Presidente da Comissão, 1890.

VERÍSSIMO, José. *O século XIX*. Rio de Janeiro: Typ. Da Gazeta de Notícias, 1899

WALLACE, Alfred Russel (1823-1913). *Viagens pelo rio Amazonas e Negro*. Trad. de Eugênio Amado; apresentação de Mário Guimarães Ferri.- Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1979. Col. Reconquista do Brasil. V.50.

Obras

ALLEN, Robert C. *The British Industrial Revolution in global perspective*. New York: Cambridge University Press, 2009

ALMEIDA, Conceição. *Mulheres, violência e cidade: "demônios de saias" na Belém oitocentista*. ANPUH, Anais do XXII Simpósio Nacional de História. João Pessoa, 2003.

ANDREATTA, Verena. *Cidades quadras, paraísos circulares: os planos urbanísticos do Rio de Janeiro do século XIX*. Rio de Janeiro: Mauad, 2006

CANDIDO, Antônio. *Um funcionário da monarquia, ensaio sobre o segundo escalão*. Rio de Janeiro: Editora ouro sobre azul, 2002

ARAÚJO, Renata Malcher de. *As cidades da Amazônia no século XVIII*. Porto/Portugal: Instituto Português do Livro e das Bibliotecas: Ministério da Cultura: FAUP Publicações, 1998

ARGAN, Giulio Carlo. *Arte Moderna*. São Paulo: Companhia das letras, 1992

ARNAULD, Antoine, NICOLE, Pierre. *La logique ou l'art de penser*. Paris: Presses Universitaires de France, 1965

- AZÉMA, Jean-Pierre. *Jean Moulin*, Paris: Perrin, 2003
- BARATA, Carlos. *Dicionário das famílias brasileiras*. São Paulo: Originis - Sociedade de Pesquisa, 1999
- BARDET, G. *L'urbanisme*. Paris: PUF, 1959
- BARROS, Michelle. *Germes da grandeza: Antônio Ladislau Monteiro Baena e a descrição de uma província do norte durante a formação do Império brasileiro (1823-1850)*. Dissertação de Mestrado, UFPA, 2006
- BOURDIEU, Pierre. *L'illusion biographie*, Paris: Actes de la recherche en Sciences Sociales, pp. 62-63, 1986
- CAMPELLO, Maria de Fátima de Mello Barreto. *Enquadrando a cidade: Maceió na fotografia do século XIX*. /Apresentado no VII Seminário de História da Cidade e do Urbanismo, Salvador, 2002
- CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1988
- CHIAVENATO, Julio José. *Cabanagem: o povo no poder*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984
- CHOAY, Françoise. *A regra e o modelo*. São Paulo: Perspectiva, 2010
- CHOAY, Françoise. *Destinos da cidade europeia: séculos XIX e XX*. in: Rua, n. 6, Salvador, 1996
- CHOAY, Françoise. *Les mémoires d'Haussmann*. Paris: Seuil, 2000
- CHOAY, Françoise; *O Urbanismo: Utopia e realidades de uma antologia*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2003
- CHOAY, Françoise. *The Modern City: Planning in the 19th Century*. New York: George Braziller, 1969
- COHN, Dorrit. *Vies fictionnelles, vies historiques: limites et cas limites*. Paris: Littérature, n. 105, março 1997
- DI PAOLO, Pasquale. *Cabanagem: a revolução popular da Amazônia*. Belém: CEJUP, 1986
- DOSSE, François. *O desafio biográfico*. trad. Gilson César Cardoso de Souza, São Paulo: Edusp, 2009
- FEBVRE, Lucien. *Leur histoire et la nôtre*. Annales d'Histoire Economique et Soiale. Paris: A. Colin, 1953
- FLEURY, Jorge Nassar. *Muralhas invisíveis*. Dissertação de mestrado, Programa de Pós-graduação em História Social da Amazônia (PPHIST), Universidade Federal do Pará, 2009
- FREUND, Gisèle. *Fotografia e sociedade*. Lisboa, Veja. 1995
- GATES, Charles. *Ancient cities: the archeology of urban life in the ancient near east and Egypt, Greece and Rome*. New York: Routledges, 2011

- GIOVANNONI, Gustavo. *Vecchie Città ed Edilizia Nuova*. Nuova Antologia. Milão, n. 995, 1913
- GOUVÊA, Maria de Fátima Silva. *O império das províncias: Rio de Janeiro, 1822-1889*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, FAPERJ, 2008.
- GRAHAM, Richard. *Brazil from the middle of nineteenth century of Paraguayan War*. In: BETHELL, Leslie (org.). *The Cambridge History of Latin America*. Cambridge University Press, 1985, vol. III, p.745-794
- HAUSSMANN, Georges. *Mémoires*. Paris: V. Harvard, 1890-1893
- HETZEL, Bia, NEGREIROS, Silvia (org.). *Glaziou e as raízes do paisagismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Manati, 2011
- IGLÉSIAS, Francisco. *Vida política, 1848-1866*. In.: História geral da civilização brasileira. Tomo II O Brasil monárquico - 3º volume Reações e Transações. Dir Sérgio Buarque de Holanda. 5ed. São Paulo: Difel, 1985
- JOHNSON, Steve. *O mapa fantasma: como a luta de dois homens mudou o destino de nossas metrópoles*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008
- JOUHAUD, Christian. *La main de Richelieu*. Col. L'Un et l'Autre. Paris: Gallimard, 1991
- LEJEUNE, Philippe. *Je est un autre*. Paris: Seuil, 1980
- LEJEUNE, Philippe. *Le pacte autobiographique*. Paris: Seuil, 1975
- LÉVI-STRAUSS, C. *Tristes trópicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996
- LIMA, Alexandre Martins. *Pelos trilhos dos tramways: modernidade e urbanidade em Belém do Pará de 1869 a 1947*. NAEA - Núcleo de Altos Estudos Amazônicos. Belém: UFPA, 2008
- MADELÉNAT, Daniel. *La biographie*. Paris: PUF, 1984
- MATTOS, Ilmar R. de. *O tempo Saquarema, a formação do Brasil imperial*. São Paulo: Hucitec, 1987
- MAUROIS, André. *Aspects de la biographie*. Paris: Grasset, 1932
- MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. *Rumo a uma "História Visual"*. In: MARTINS, José de Souza; ECKERT, Cornélia; NOVAES, Silvia Caiuby, orgs. (2005). *O imaginário e o poético nas ciências sociais*. Bauru, Edusc. 2005.
- MORAES, Tarcísio Cardoso. *Geografia do poder: círculos intelectuais, natureza e historiografia na República paraense*. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História - ANPUH - São Paulo, 2011
- MOURÃO, Leila. *Memória da indústria paraense*. Belém: Fiepa, 1989
- MORRIS, Neil. *The Industrial Revolution*. Chicago: Heinemann Library, 2010
- OLIVEIRA, Domingos Sávio de Castro. *Capela Pombo, Belém-PA, interpretação e perspectivas*. Monografia de especialização. Belém: Faculdade de Arquitetura - Universidade Federal do Pará (FAU-UFPA), 2008
- OUTMAN, James L. *Industrial Revolution: biographies*. Detroit: UXL, 2003
- PANOFSKY, Erwin. *Architecture gothique et pensée scolastique*. Paris: Minuit, 1967

- PEREIRA, Margareth da Silva. *Rio de Janeiro: L'ephemere et la perennite - histoire de la ville au XIXeme siècle*. Tese de doutoramento, 1887
- PINHEIRO, Luís Balkar Sá Peixoto. *Visões da cabanagem: uma revista popular e suas representações na historiografia*. Manaus: Valer, 2001
- PINTO, Augusto Correa. *Antônio Lemos*. Rio de Janeiro: s/d
- PIRENNE, Henri. *Medieval cities: their origins and the revival of trade*. New Jersey: Princeton University Press, 1952.
- REIS, Marcos. *Cabanos: a história*. Pará: Maguen, 2011
- RICOEUR, Paul. *Temps et récit, III, Le temps raconté*. Paris: Seuil, 1985
- ROCQUE, Carlos. *Antônio Lemos e sua época*. Belém: Cejup, s/d
- ROCQUE, Carlos. *História geral de Belém do Grão-Pará*. Belém: Distribel, 2001
- SAALMAN, Howard. *Medieval cities*. New York: Braziller, 1968
- SALLES, Vicente. *Memorial da Cabanagem: esboço do pensamento político revolucionário no Grão-Pará*. Belém: CEJUP, 1992
- SARGES, Maria de Nazaré. *Belém, riquezas produzindo a Belle-Époque*. Belém: Paka-Tatu, 2002
- SILVA, G. *Arquitetura de ferro no Brasil*. 2 ed. São Paulo: Nobel, 1987
- VASQUEZ, Pedro Karp. *Postaes do Brazil. 1893 – 1930*. São Paulo, Metalivros. 2002
- VIDAL, Laurent, LUCA, Tania Regina de. *Franceses no Brasil, séculos XIX e XX*. São Paulo: EDUNESP, 2009
- WEBBER, Max. *Explorations into urban structure*. Philadelphia: The University of Philadelphia Press, 1967